

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA ANTUNES VILLANOVA

**O “MÉTODO ELITE” DE ADELIA PARRON ALVAREZ: O ENSINO DE CORTE E
COSTURA NA ACADEMIA NOSSA SENHORA APARECIDA (CURITIBA-PR)**

CURITIBA

2023

CAMILA ANTUNES VILLANOVA

O “MÉTODO ELITE” DE ADELIA PARRON ALVAREZ: O ENSINO DE CORTE E COSTURA NA ACADEMIA NOSSA SENHORA APARECIDA (CURITIBA-PR)

The “Elite Method” by Adelia Parron Alvarez: the teaching of cutting and sewing at Academia Nossa Senhora Aparecida (Curitiba-PR)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, linha Mediações e Culturas, no Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Profa. Dra. Marinês Ribeiro dos Santos.

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



CAMILA ANTUNES VILLANOVA

**O MÉTODO ELITE DE ADELIA PARRON ALVAREZ: O ENSINO DE CORTE E COSTURA NA ACADEMIA
NOSSA SENHORA APARECIDA (CURITIBA-PR)**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 24 de Novembro de 2022

Dra. Marines Ribeiro Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Ana Caroline De Bassi Padilha, Doutorado - Centro Universitário Internacional Uninter

Dr. Ronaldo De Oliveira Correa, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Valeria Faria Dos Santos Tessari, Doutorado - Revista Dobras/Abepem

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 24/11/2022.

Agradeço as mãos que me afagaram, os braços que me abraçaram, as bocas que dialogaram e os corpos que me apoiaram neste sinuoso caminho. *Muito obrigada.*

RESUMO

Nesta pesquisa tenho como objetivo discutir alguns aspectos ligados às estratégias de sistematização do “Método Elite de corte e costura”, criado por Adelia Parron Alvarez, para a Academia Nossa Senhora Aparecida (ANSA). O Método Elite é resultante dos estudos e da prática de Adelia como costureira e professora. Ele foi criado a partir dos anos 1960 para apoiar o ensino de corte e costura de roupas femininas, masculinas e infantis na ANSA, que desde a década de 1970 tem sede em Curitiba, Paraná. Ao longo da trajetória da escola foram publicadas sete edições do Método Elite, sendo a mais recente de 2014. A discussão sobre a sistematização do método considera a relação entre mulheres e a prática da costura, tanto como tarefa cotidiana quanto como uma oportunidade de profissionalização feminina. Para tanto, a entrevista realizada com a fundadora da escola, a partir da perspectiva da história oral; o caderno de estudos de Adelia; a segunda, quarta, quinta e sétima edições dos livros de ensino de corte e costura do Método Elite, bem como fotografias digitalizadas do acervo da ANSA, constituem o *corpus* de pesquisa. Entendendo que o Método Elite propôs e organizou um conjunto de procedimentos relacionados à modelagem das peças, compreendo que esta metodologia possibilitou uma maior especialização na elaboração das roupas. Isto ocorreu mediante lições que aumentam o grau de dificuldade sequencialmente, pela definição de peças-chave para ensinar como fazer a modelagem, além de indicações de costura, possibilitando combinar lições para criar um conjunto mais amplo de peças. A fundadora da ANSA também criou os esquadros Elite para facilitar o traçado de curvas e três tabelas com simplificações matemáticas utilizadas para a confecção de decotes, cavas e ganchos. Com isso, a ANSA vem desenvolvendo sua maneira de profissionalizar mulheres ao longo dos últimos 60 anos.

Palavras-chave: corte e costura; profissionalização feminina; sistematização do ensino.

ABSTRACT

In this research I aim to discuss some aspects related to the systematization strategies of the “Elite Cut and Sewing Method” created by Adelia Parron Alvarez for Academia Nossa Senhora Aparecida (ANSA). The Elite Method is the result of Adelia's studies and practice as a seamstress and teacher. It was created in the 1960s to support the teaching of cutting and sewing women's, men's and children's clothing at ANSA, which since the 1970s has been based in Curitiba, Paraná. Throughout the school's history, seven editions of the Elite Method were published, the most recent of which was in 2014. The discussion on the method's systematization considers the relationship between women and the practice of sewing, both as a daily task and as an opportunity for female professionalization. Therefore, an interview with the founder of the school from the perspective of oral history, Adelia's study notebook, the second, fourth, fifth and seventh editions of the Elite Method's cutting and sewing teaching books, as well as as digitized photographs from the ANSA collection constitute the research *corpus*. Understanding that the Elite Method proposed and organized a set of procedures related to the modeling of the pieces, I argue that it made possible a greater specialization in the elaboration of the clothes. This occurred through lessons that sequentially increase the degree of difficulty, by defining key pieces to teach how to make the model, in addition to sewing instructions, making it possible to combine lessons to create a broader set of pieces. The founder of ANSA also created the Elite squares to facilitate the tracing of curves and three charts with mathematical simplifications used for making necklines, armholes and crotchs. With this, ANSA has been developing its way of professionalizing women over the last 60 years.

Keywords: cutting and sewing; female professionalization; systematization of teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Edições analisadas do Método Elite.....	31
Figura 2 – Adelia na sua formatura na Escola Profissionalizante Carlos de Campos – 1961	65
Figura 3 – Alunas da ANSA, Adelia e dois meninos – 1963, Terra Boa	66
Figura 4 – Alunas da ANSA, Adelia e um bebê – 1964, Terra Boa	66
Figura 5 – Alunas da ANSA e Adelia na sala de aula – 1965, Terra Boa.....	69
Figura 6 – Alunas da ANSA e Adelia na sala de aula – 1965, Terra Boa.....	69
Figura 7 – Alunas da ANSA e Adelia – 1965, Terra Boa	70
Figura 8 – Foto de formatura da ANSA – 1967, Cianorte.....	73
Figura 9 – Foto de formatura da ANSA da primeira turma do Método Elite – 1967, Cianorte.....	73
Figura 10 – Foto de formatura da ANSA – 1971, Curitiba	76
Figura 11 – Fotografias na parede da secretaria da ANSA – 2019, Curitiba...	80
Figura 12 – Montagem das saias do caderno de Adelia.....	88
Figura 13 – Montagem das saias da segunda edição do Método Elite	89
Figura 14 – Montagem das saias da quarta edição do Método Elite	90
Figura 15 – Montagem das saias da quinta edição do Método Elite	92
Figura 16 – Montagem das saias da sétima edição do Método Elite.....	94
Figura 17 – Montagem das dedicatórias presentes nas diferentes edições do Método Elite. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: segunda, quarta, quinta e sétima edições.....	98
Figura 18 – Montagem dos documentos imagéticos e textuais presentes na segunda edição do Método Elite	101
Figura 19 – Montagem dos documentos imagéticos e textuais presentes na quarta edição do Método Elite.....	102

Figura 20 – À esquerda clichê da capa do livro de 1979 e à direita a quarta edição impressa	103
Figura 21 – Documento imagético presente nas páginas iniciais do Método Elite. À esquerda página da segunda edição e à direita página da quarta edição ..	104
Figura 22 – Comparação das imagens da lição saia godê em tecido listrado. À esquerda imagem do caderno de Adelia, no centro imagem da segunda edição e à direita imagem da quarta edição	105
Figura 23 – À esquerda, imagem dos documentos textuais presentes na quinta edição do Método Elite e à direita, imagem da apresentação de Adelia Parron na sétima edição	107
Figura 24 – Imagens da lição saia godê em tecido listrado. Acima imagem da quinta edição e abaixo imagem da sétima edição.....	109
Figura 25 – Régua do Método Elite de 1987. À esquerda lado 2, à direita lado 1	111
Figura 26 – Esquadros Elite de 2014	111

SUMÁRIO

1. ESBOÇO – Primeiros traços.....	10
2. TECIDO – Base da pesquisa.....	19
2.1. Entrevista e análise das imagens.....	19
2.2. Revisão bibliográfica	25
2.3. Sistematização do Método Elite	29
3. LINHAS – Costura como prática feminina.....	33
3.1. Educação de mulheres.....	33
3.1.1. Magistério	37
3.1.2. O ensino técnico e as escolas femininas	39
3.2. Trabalho feminino da costura	46
3.3. Costura e cotidiano	52
4. MÉTODO ELITE – Uma agulha na caixinha de costura.....	61
4.1. Adelia, a ANSA e o Método Elite.....	61
4.2. Análise do Método Elite.....	81
4.2.1. Descrição do conteúdo e particularidades das edições	83
4.2.2. As saias	87
4.2.3. Divisão do Método Elite	97
4.2.3.1. Primeiro momento	98
4.2.3.2. Segundo momento	106
5. ARREMATES – Últimos detalhes	112
REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICE A – Fichas técnicas Método Elite – Sumário	122
APÊNDICE B – Fichas técnicas Método Elite – Lição	133
ANEXO A – Dedicatórias	275
ANEXO B – Introduções da primeira, segunda e quarta edições	276
ANEXO C – Documentos imagéticos e textuais da segunda edição.....	277
ANEXO D – Documentos imagéticos e textuais da quarta edição	278
ANEXO E – Encerramento da segunda e quarta edições	279
ANEXO F – Apresentações da quinta e sétima edições	280
ANEXO G – Documentos textuais da quinta edição	281
ANEXO H – Apresentação de Adelia Parron na sétima edição	282

1. ESBOÇO – Primeiros traços

Esta pesquisa iniciou-se muito antes de eu perceber que já era um projeto de mestrado, a partir da somatória de pequenas coisas. Meu interesse pela costura surgiu durante a realização do meu trabalho de conclusão de curso em Design de Produto, na Universidade Federal do Paraná, em 2016, chamado ÓKI – Coleção Cápsula de Vestível e Joias Contemporâneas. Neste projeto entrei em contato com três mulheres com mais de oitenta anos para ouvir algumas histórias de suas vidas que gostariam de compartilhar comigo. No decorrer da pesquisa, defini um conceito para cada senhora – o olhar cristalino de Elma, o olhar velado de Larissa e o olhar caleidoscópico de Oksana. Com limitação de tempo, tive que optar por um único conceito e fiquei com o olhar caleidoscópico de uma mulher ucraniana, professora de história e uma pessoa muito bem-humorada. Como éramos vizinhas de apartamento, as paredes azuis cheias de quadros, pratos e adornos sempre me alegravam quando as cortinas estavam abertas e este foi o ponto de partida do conceito: muitos elementos, cores vibrantes e referências à sua origem. Mesmo sem estar familiarizada com protocolos de entrevista, realizei gravações de áudio, as entrevistei em suas casas com algumas perguntas para guiar a conversa, além de, posteriormente, fazer a transcrição da entrevista e colocar trechos das narrativas relatadas a mim no documento do projeto. Naquele momento, meu referencial teórico era bem menos abrangente do que de uma dissertação e o principal objetivo era materializar ideias, resultando em uma peça vestível, lenços e broches. A experiência foi muito valiosa para mim ao ouvir histórias, observar objetos pessoais preciosos, ver fotos de familiares e eventos especiais de pessoas que tantas vezes são vistas como menos capazes ou desinteressantes por sua idade.

Finalizada a graduação, em 2018, tive vontade de aprender a costurar, pois o vestível feito no trabalho de conclusão de curso foi idealizado por mim, mas não costurado, visto que eu não dominava mais do que algumas linhas tortas em uma máquina de costura doméstica. Assim, após uma pesquisa no Google sobre cursos de corte e costura em Curitiba, me deparei com uma matéria *online* recente do jornal Gazeta do Povo, que tinha a foto de Adelia Parron Alvarez estampada com o título “Costureira mais antiga de Curitiba já formou cerca de vinte e cinco mil alunos em sua escola”. Também havia pedido indicações a colegas sobre escolas de corte e costura, e a Academia Nossa Senhora Aparecida – ANSA Cursos de Moda –, fundada por

Adelia, apareceu como uma das sugestões. Fui conhecer a ANSA alguns dias depois, próximo à hora do almoço e neste horário encontrei Adelia de saída, segurando a versão física da Gazeta do Povo na qual havia sua foto estampada e que ela me mostrou com muito orgulho. Falei que queria conhecer a escola para saber mais sobre o curso de corte e costura e, algumas semanas depois, estava matriculada.

Em suma, o meu entusiasmo pela costura vem de uma prática que comecei a tatear em abril de 2018 com aulas de corte e costura na Academia Nossa Senhora Aparecida, por vontade de costurar minhas próprias roupas; e me fez ir dos tecidos, agulhas e linhas para os livros, papéis e palavras, alinhando esta dissertação. O que me interessa na costura é sua presença cotidiana tão forte que parece trivial, mas que se revela um saber cheio de detalhes, minúcias e estratégias carregadas de conhecimento.

Na Academia Nossa Senhora Aparecida, tive aulas com Lúcia Pieri, nora de Adelia e principal professora da escola. Durante pouco mais de um ano fiz aulas na ANSA, onde aprendi sobre corte e costura, modelagem de roupas e interpretação de moldes a partir da sétima edição do livro feminino de corte e costura do Método Elite. Nas primeiras aulas fiz testes com diferentes pontos costurando linhas (quase) retas na máquina doméstica, fiz miniaturas de saias em papel kraft e a primeira peça modelada e costurada por mim, foi uma saia reta verde escuro, com cós estruturado e zíper, que levei muitas semanas para finalizar e nunca a usei.

Em 2019, entrei no mestrado no PPGTE – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ano em que cursei as disciplinas, além de participar de seminários, grupos de estudos e eventos diversos. Para estar em contato com o universo da pesquisa, pedi à Ana Valéria – neta de Adelia, filha de Lúcia e secretária administrativa da escola – acesso ao vídeo comemorativo relativo aos sessenta anos da ANSA de 2017, do qual já tinha ouvido falar durante as aulas de costura. O vídeo, composto por cento e vinte e seis imagens, em sua grande maioria fotografias digitalizadas (com exceção das fotografias tiradas a partir dos anos 2000) retrata a rotina da ANSA, datas comemorativas, formaturas e outros eventos, e dá um destaque muito grande para as décadas de 1960 e 1980, que juntas somam setenta e três fotos. Descobri, ao longo da pesquisa, serem períodos muito importantes na constituição do Método Elite: os anos 1960, por ser a década em que o método criado por Adelia foi publicado pela primeira vez; e os anos 1980, mais especificamente 1987, por ser o ano em que a

quinta edição do Método Elite foi lançada e onde ocorreram importantes mudanças na forma de ensino. Este material fotográfico serviu como base para trabalhos das disciplinas de Imagem e Tecnologia, Gênero e Representações Culturais, uma apresentação no Colóquio de Moda em 2020 e outra no VIII Eneimagem em 2021.

Em nossas conversas durante a entrevista que concedeu para este trabalho, a fundadora da ANSA me contou que sua mãe costurava para os filhos e marido em casa e era Adelia quem cuidava da manutenção das roupas dos irmãos e do pai. Foi nesse processo que ela aprendeu o básico da costura. Nascida em 1931, em Borborema, interior de São Paulo, a professora de costura fez um curso técnico de corte e costura em Novo Horizonte, São Paulo, no início dos anos 1940, mas não tinha todos os materiais necessários para um aprendizado mais completo (lá foi ensinada sobre anatomia e a fazer moldes em miniatura pois só tinha acesso a régua de 30 cm). Em busca de maior especialização foi estudar aos finais de semana na Escola Carlos de Campos em São Paulo, em 1960, para aprender técnicas mais elaboradas de corte e costura. Neste interim surgiu a ANSA, uma escola de corte e costura fundada em 1957, na casa de Adelia. Na década de 1960 a escola esteve situada em Terra Boa e Cianorte, duas cidades do noroeste do Paraná; até que em 1970 a Academia Nossa Senhora Aparecida se estabeleceu em Curitiba.

Foi difícil achar o fio mais adequado para juntar os temas da pesquisa, já que o corte e costura é tratado como tema de fundo, ou como entretela – espécie de tecido ou papel infundado pelo ferro de passar roupa no tecido para dar estrutura a ele, comumente usado em golas e punhos de camisa, por exemplo – para muitos outros assuntos relacionados à moda. As minhas leituras incluíam artigos, dissertações, teses, livros que abordavam a costura a partir da indústria têxtil e do vestuário no Brasil, focando na mudança de hábitos e acesso de peças únicas para a produção em larga escala, sobre as transformações nos processos produtivos das vestimentas; sobre a moda, tantas vezes relacionada à alta costura ou nomes famosos de estilistas e marcas; sobre as escolas técnicas femininas no século XX no Brasil, muitas vezes tratando de disciplinas ministradas exclusivamente para moças. Percebi que ainda há poucos trabalhos que abordam o corte e costura em casos que se encontram nas bordas, como escolas de costuras de importância regional e de costureiras profissionais e domésticas visto que, de modo geral, essas pessoas não possuem registros ou possuem materiais em acervos particulares que acabam sendo pouco divulgados (FRASQUETE; SIMILLI, 2017). Ou como afirma Wanda Maleronka (2007,

p. 49): “as lacunas documentais evidenciam a percepção do valor que a sociedade reservava” e ainda reserva “para atividades tão rotineiramente desenvolvidas pelas mulheres”.

Assim, a partir de reflexões referente às fotografias da Academia Nossa Senhora Aparecida presentes no vídeo de sessenta anos da escola e do que eu conhecia da trajetória de Adelia, surgiram algumas possibilidades de problemas de pesquisa. Entre eles, era possível fazer a análise das imagens do vídeo comemorativo da ANSA, buscando entender a importância das formaturas do Método Elite; entrevistar alunas e alunos recentes da Academia Nossa Senhora Aparecida e entender os sentidos da prática da costura no contexto contemporâneo; estudar a importância do Método Elite para a contribuição da indústria de moda no Paraná, especialmente no período em que a escola de costura se localizava em Cianorte. Mas, por fim, o que mais me chamou a atenção sobre a ANSA foi a falta de registros de uma metodologia do corte e costura criada por uma mulher na década de 1960 e que segue sendo ensinada há mais de meio século. Desta forma, a pergunta que esta pesquisa busca responder é: *como foi feita a sistematização do ensino de corte e costura através do Método Elite criado por Adelia Parron Alvarez?*

Nas primeiras edições do Método Elite, os livros possuíam lições de roupas femininas, masculinas e infantis e tabelas de medidas variando de acordo com a edição. Atualmente, Adelia possui quatro livros de ensino publicados pelo Método Elite: *Corte e Costura – Feminino*, *Corte e Costura – Infantil*, *Corte e Costura – Masculino*, o livro de Modelagem industrial, além do conjunto de quatro esquadros Elite. Os livros de corte e costura se encontram atualmente na sétima edição, enquanto o de modelagem industrial possui três edições, pois foi idealizado mais tarde.

No fim de 2019, realizei uma entrevista com Adelia para saber mais sobre a ANSA e o Método Elite, como e quando surgiram, de que maneira o método de ensino foi pensado e acerca das diferentes edições. Nesta conversa, feita a partir de entrevista semiestruturada, levantei questões referentes a seu aprendizado e interesse pela costura, de que forma Adelia iniciou seu percurso como professora, para quem ela ensinava, em quais cidades a Academia Nossa Senhora Aparecida se estabeleceu, o porquê de fazer um livro de costura, quais as diferenças entre o livro de modelagem industrial e o de corte e costura, etc.

A partir do meu interesse pela costura e de perceber nas aulas da ANSA uma predominância de mulheres de faixas etárias diversas, acreditei ser importante realizar esta pesquisa através do viés de gênero, mais ainda, em uma perspectiva interseccional, problematizando não só diferenças entre mulheres e homens, mas levando em conta outros fatores que são relevantes no contexto social (como classe, raça, sexualidade, religião, etc). Optei por não abordar a cultura material nesta pesquisa pois minha atenção estava voltada para as relações de gênero.

Os recortes temporal e geográfico da pesquisa dizem respeito a metade do século XX no Brasil, especialmente a década de 1960, por ser o período em que a primeira edição do Método Elite foi publicada. Outro ponto a se destacar diz respeito às cidades do interior: assim como a base do ensino de Adelia se deu em Novo Horizonte, São Paulo, o início de sua trajetória como professora também foi em cidades interioranas (Terra Boa e Cianorte, no Paraná).

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é identificar e discutir as estratégias de profissionalização da costura na ANSA em articulação com a trajetória de Adelia Parron Alvarez, mediante a sistematização do Método Elite. E, com isso, meus objetivos específicos são:

- Compreender o contexto de criação do Método Elite em relação à educação de mulheres, ao trabalho feminino da costura e a presença do corte e costura no cotidiano na metade do século XX no Brasil;
- Caracterizar a ANSA e a trajetória de Adelia a partir da entrevista realizada com a fundadora da escola e de imagens do acervo da Academia Nossa Senhora Aparecida;
- Analisar as alterações e atualizações das estratégias de ensino do Método Elite a partir do caderno de Adelia de 1966, da segunda edição de 1969, da quarta edição de 1979, da quinta edição de 1987 e da sétima edição de 2014 dos livros de ensino;

Assim, o caderno de Adelia e os livros do Método Elite, a entrevista com a fundadora da escola e as fotografias digitalizadas do acervo da ANSA constituem o *corpus* de pesquisa.

A memória foi um conceito importante na abordagem do processo, já que esta dissertação lida diretamente com as lembranças de uma mulher mais velha. Para isto, me apoiei nas ideias de Ecléa Bosi (2004; 2006) sobre a memória hábito, visto que a

psicóloga social trabalhou com as lembranças de velhos operários de São Paulo, nascidos entre o fim do século XIX e início do século XX.

A história oral, abordagem utilizada na entrevista com Adelia, é um método que se propõe a ouvir a versão da história através dos próprios atores sociais tratando-os como colaboradores e não como objetos de pesquisa ou informantes, a partir do conceito de José Carlos Sebe Bom Meihy (2005). Assim, a entrevista foi realizada em dezembro de 2019 e tanto sua negociação prévia como o retorno posterior ao dia da conversa foram feitos de acordo com os preceitos desta metodologia. De acordo com Meihy (2005), as etapas da história oral dizem respeito a entrevista, a transcrição do material, a conferência feita pela colaboradora e o arquivamento. A negociação da entrevista foi realizada com Lúcia por mensagens via *Facebook* e *WhatsApp*, pois preferi que ela conversasse pessoalmente com Adelia para que a fundadora da ANSA não dependesse das mediações tecnológicas que poderiam atrapalhar o processo. Desta forma, optamos por realizar a entrevista na escola de costura por ser um lugar familiar a minha colaboradora. Semanas depois da conversa, foi feita a transcrição das falas e enviei o documento pelo *Facebook* de Lúcia. Fiz também uma cópia e entreguei pessoalmente uma versão impressa, quando fui fazer o registro dos livros do Método Elite. Alguns meses depois, recebi o documento com algumas alterações, pois pela história oral, a pessoa que colaborou com a pesquisa tem autonomia para reescrever o que foi dito e retirar o que lhe for sensível.

As fotografias selecionadas para serem analisadas se relacionam com os temas tratados na revisão bibliográfica (as práticas de costura, os estudos, o trabalho e profissionalização feminina na metade do século XX) e permitem ver detalhes que as palavras nem sempre podem alcançar. A série de imagens diz respeito a dez fotografias, sendo nove do acervo da ANSA apresentadas digitalizadas no evento de sessenta anos da escola de costura, em 2017, e uma foto que eu fiz na secretaria da escola, no dia da entrevista, em 2019. Para a análise, foi utilizada a proposta de Ana Maria Mauad (2005) de abordagem histórico-semiótica, que sugere examinar o conjunto imagético a partir de suas semelhanças e diferenças, levando em conta o cruzamento com outros documentos que possam contribuir na construção das interpretações. Desta forma, apresento a leitura das imagens a partir da descrição do conteúdo e da forma de expressão – considerando o conjunto de pessoas registrado, os objetos, os lugares, o enquadramento, a iluminação, as cores e a definição da

imagem – em diálogo com trechos da entrevista, convergindo ou confrontando aspectos tratados na revisão bibliográfica.

Por se tratar de uma pesquisa realizada durante a pandemia de COVID-19, vale considerar os contratempos que este período impôs. A ANSA ficou fechada por cerca de seis meses e em setembro de 2020 consegui entrar em contato com Lúcia, para que eu pudesse fazer registros fotográficos das edições iniciais do Método Elite. Neste período a escola mudou de endereço retornando à Rua Clotário Portugal, nº 81, no bairro São Francisco, local já ocupado pela escola nos anos 1980 em Curitiba – PR. Assim, vestindo máscara e mantendo o distanciamento sugerido pela Organização Mundial de Saúde, pude registrar o caderno de Adelia, a segunda, quarta e quinta edições dos livros do Método Elite através de fotografias. As imagens da sétima edição do livro feminino foram feitas em casa, pois eu já possuía este material desde que fui aluna da ANSA.

A sistematização do Método Elite partiu da realização de fichas técnicas com base na pesquisa de Valéria Tessari (2014). Foram feitos dois modelos de fichas, as fichas técnicas Método Elite – Sumário (FTME-S) e as fichas técnicas Método Elite – Lição (FTME-L). A primeira diz respeito ao sumário de cada edição estudada, organizando a sequência de lições propostas, apresentando o nome da lição e a página correspondente. A segunda diz respeito às lições individuais de forma mais detalhada, contendo: ano, nome da lição/título, página, se possui ou não croqui e a quantidade, quais medidas do corpo são necessárias para o feitiço da peça, se possuiu ou não tabela de medidas, se há uma legenda com explicação dos pontos definidos para a confecção dos moldes, a quantidade de desenhos técnicos/moldes referente à lição, a transcrição do texto e a fotografia do material.

Sobre o recorte da pesquisa, selecionei as peças femininas por terem sido as roupas que Adelia aprendeu no curso profissionalizante realizado em Novo Horizonte e no curso de aperfeiçoamento na Escola Carlos de Campos. Porém, este recorte ainda estava muito abrangente, resultando em duzentas e cinquenta e cinco lições de roupas femininas entre o caderno e os livros do Método Elite fotografados. Assim, optei por realizar a análise das saias por serem as peças iniciais propostas pela sétima edição do Método Elite, que servem como porta de entrada para a aprendizagem dos processos de modelagem e costura. Também foram feitas outras fichas técnicas, como dos moldes base, das tabelas de medidas e outras lições relevantes a cada edição, totalizando em noventa e sete fichas técnicas Método Elite – Lição e cinco

fichas técnicas Método Elite – Sumário. Os moldes base dizem respeito a modelagens de peças chave (blusa, camisa, saia, vestido e calça) apresentadas de maneira detalhada podendo gerar variações através de pences, comprimentos e recortes nos tecidos, além da combinação de diferentes mangas, colarinhos, punhos, etc.

Esta dissertação possui cinco capítulos: o primeiro é “Esboço – Primeiros traços” e refere-se à introdução; o segundo é “Tecido – A base da pesquisa”, capítulo metodológico; o terceiro, “Linhas – Costura como prática feminina”, apresenta a revisão bibliográfica; o quarto, “Método Elite – Uma agulha na caixinha de costura” trata da trajetória de Adelia e da ANSA, além da análise do Método Elite; e o quinto, “Arremates – Últimos detalhes” traz as considerações finais.

Descrevendo a estrutura de forma mais detalhada, pontuo que no segundo capítulo, que trata da metodologia da pesquisa, apresento os preceitos que fundamentam a realização da entrevista com a fundadora da Academia Nossa Senhora Aparecida a partir da história oral. Também são apresentados os fundamentos e protocolos adotados para as análises das imagens do acervo da ANSA. A revisão bibliográfica se deu a partir de assuntos recorrentes pontuados por Adelia fundamentada por uma perspectiva de gênero, buscando problematizar não só as diferenças entre homens e mulheres, mas também observando diferenças de raça, classe, sexualidade. Em relação ao processo de sistematização do Método Elite, explico como foram feitas as fichas técnicas e quais os elementos a compõe para a posterior análise da metodologia de ensino criada por Adelia Parron Alvarez.

O terceiro capítulo refere-se à revisão bibliográfica relacionada à pesquisa discutindo a costura como uma prática feminina. A primeira parte trata da diferença da educação de mulheres e homens na metade do século XX, apontando os objetivos do ensino técnico e das escolas femininas no período, além do processo de feminização do magistério no Brasil. Na segunda parte discorro sobre o trabalho feminino da costura nos diferentes ambientes (fábricas, ateliês, comércios, domicílios) para além do entendimento dos trabalhos manuais como não sendo produtivos. A terceira parte aborda a relação entre a costura e o cotidiano das mulheres, discutindo as diferentes nomenclaturas de quem trabalha com tecidos de acordo com divisões de gênero, até chegar na imprensa feminina e sua ligação com as manualidades. Guacira Lopes Louro (2003; 2004), Susan Besse (1999) e Wanda Maleronka (2007) são as principais autoras que trago para estas discussões.

O quarto capítulo diz respeito à trajetória de Adelia, da ANSA e de sua metodologia de ensino com maior foco na década de 1960, relacionando a entrevista com as imagens e os temas da revisão bibliográfica. Na segunda parte do capítulo há a análise do Método Elite buscando entender o processo de sistematização do conhecimento feito por Adelia a partir de seu caderno de estudos e dos livros editados ao longo da sua trajetória na ANSA, observando as semelhanças e diferenças entre eles; as estratégias de organizar as informações e construir sentidos (em relação ao texto e às imagens); e as lições que foram acrescentadas, as que se mantiveram e as que foram modificadas com o passar do tempo, com atenção especial às saias.

O quinto capítulo foi reservado para as considerações finais desta dissertação, apontando os resultados alcançados, as limitações da investigação e as lacunas que possibilitam desdobramentos para futuras pesquisas.

Desta forma, gostaria de desenrolar o fio ao compartilhar aspectos sobre parte da trajetória de Adelia Parron Alvarez como professora de corte e costura da ANSA e de sua metodologia de ensino, o Método Elite.

2. TECIDO – A base da pesquisa

Na sequência, apresento as escolhas teórico metodológicas da pesquisa: os pressupostos que fundamentam a entrevista realizada com a fundadora da ANSA a partir da história oral e a metodologia utilizada para a análise das imagens; os temas que fazem parte da revisão bibliográfica que será articulada com os dados oriundos da investigação empírica ao longo da dissertação (em especial no capítulo 4.1), com base na abordagem de gênero em uma perspectiva interseccional; e a configuração das fichas técnicas como estratégia para compreender a organização do Método Elite.

2.1. Entrevista e análise das imagens

Em relação à entrevista realizada com a fundadora da ANSA, Adelia Parron Alvarez, foi utilizada a abordagem da história oral que busca reconhecer a voz de grupos ou pessoas excluídas da versão oficial da história hegemônica pois, assim como afirma Ecléa Bosi (2004, p. 15), “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Em concordância com este argumento, Meihy (2005, p. 36), afirma que:

Por ter sido sempre um recurso novo, validado pelos grupos oprimidos, a história oral acabou por ser identificada como uma “história vista de baixo” ou “uma outra história”. Isso se deveu principalmente ao fato de ela oferecer uma alternativa documental diversa da alternativa da tradição comum, feita sempre pelos detentores das escritas, dos arquivos e das bibliotecas.

Segundo Meihy (2005, p. 29), na história oral “desde que o oral seja vertido para o escrito, ele também ganha foros de documento”, o que significa que a partir do momento em que a oralidade da entrevista gravada com permissão da(s) colaboradora(s) e/ou colaborador(es) é transformada em palavra escrita, ao seguir certos procedimentos, ela é validada como documento. Desta forma é importante destacar que os documentos são gerados pelos grupos ou pessoas entrevistadas a partir de suas próprias percepções e opiniões, e não análises indiretas feitas por pesquisadora(s) ou pesquisador(es) a partir de documentos oficiais.

Para a história oral deve-se considerar os sujeitos narradores como colaboradores pois “tratá-los como ‘objetos de pesquisa’, ‘atores sociais’, ‘informantes’

muitas vezes rebaixará os entrevistados à condição de temas de estudo, desvalorizando-os, assim, como pessoas” (Meihy, 2005, p. 40). É preciso tratar a alteridade como um sujeito e não como “o outro”. Sendo assim, Bosi (2006) refere-se aos seus entrevistados como memorialistas.

Segui as etapas da história oral sugeridas por Meihy (2005, p. 179-186), sendo elas: 1. Entrevista; 2. Transcrição; 3. Conferência e 4. Arquivamento. A primeira etapa, correspondente à entrevista se subdivide em pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. A pré-entrevista é o momento preparatório para o encontro, com conhecimento prévio do projeto pelas pessoas que vão colaborar com a entrevista além da estruturação das perguntas. A entrevista é o momento do encontro propriamente dito, com gravação de voz seguindo ou não um roteiro de perguntas. O pós-entrevista é um contato de agradecimento pela participação para a continuidade do processo. A etapa da transcrição pode ser dividida em três momentos. O primeiro trata da transcrição absoluta das falas, com as interjeições, vícios de linguagem, reticências, ruídos do ambiente, etc. O segundo é a textualização na qual “o texto passa, pois, a ser predominantemente do narrador, que surge como figura única por assumir o exclusivismo da primeira pessoa” (MEIHY, 2005, p. 184), já que nesta etapa boa parte das perguntas são suprimidas quando as respostas dão conta de explicitar o contexto. O terceiro passo é a transcrição, na qual o texto é recriado em sua plenitude obedecendo aos acordos entre pesquisadora(s)/pesquisador(es) e colaboradora(s)/colaborador(es). Já a etapa da conferência diz respeito ao momento em que o texto é encaminhado para a(s) pessoa(s) entrevistada(s) para que se certifiquem de que estão satisfeitos e confortáveis com as informações compartilhadas havendo a possibilidade de remover quaisquer informações que lhes sejam sensíveis. A última etapa da história oral aponta o cuidado com o arquivamento do material. Devem ser feitas diferentes cópias da gravação de áudio, além de mais de uma cópia da transcrição, física ou digital. Importante pontuar a necessidade da carta de cessão da entrevista, que deve ser clara e pessoal e da responsabilidade da(s)/do(s) pesquisadora(s)/ pesquisador(es) com as/os oralista(s) de respeitá-los como colaboradores da pesquisa.

A negociação da entrevista com Adelia foi feita com Lúcia tanto por *Facebook* como por *WhatsApp*, por eu já possuir essa proximidade com ela. Desta forma, Lúcia conversou pessoalmente com Adelia sobre as datas e outros detalhes da entrevista e após algumas trocas de mensagens optamos por realizar nosso encontro na própria

Academia Nossa Senhora Aparecida, por ser um ambiente familiar no qual Adelia se sentiria confortável.

Assim, a entrevista foi marcada para depois do fim do ano letivo de 2019, dia 03 de dezembro, uma tarde fria e ensolarada em Curitiba. A conversa aconteceu na ANSA, às 14h, horário em que as aulas da tarde começam. Mais da metade da conversa se deu na sala da secretaria e a outra parte foi na sala dos fundos da escola, onde ficava localizado o “museu” – uma estante de madeira com pertences afetivos e algumas edições antigas dos livros do Método Elite, o acervo pessoal de Adelia. Por segurança utilizei simultaneamente o gravador do celular e do tablet, caso ocorresse qualquer imprevisto com algum dos aparelhos. Ao final, a entrevista durou quase duas horas e houve dois instantes de interrupção: o telefone que tocou e uma aluna que foi entregar um presente de fim de ano à Adelia, além de alguns momentos em que Lúcia também interagiu conosco.

Ponto que algumas falas de Adelia muito valiosas foram ditas quando estávamos na sala dos fundos da escola (epígrafe da sessão 3.1). Eu já havia desligado o gravador do tablet, mas o gravador do celular ainda estava funcionando e registrou este momento. Segundo Meihy (2005), não é incomum que participantes digam coisas relevantes após desligar o gravador ou através de conversas paralelas de/com outras pessoas. Como o documento da história oral é a entrevista e não a gravação “pode-se colocar no texto o que foi ocultado ou não dito na gravação. A legitimação garantida pela autorização neutraliza esses ‘desvios’” (MEIHY, 2005, p. 207) deixando claro para as pessoas colaboradoras o que aconteceu. A respeito disto, Bosi comenta acerca do processo de entrevista, dos espaços e limitações como pesquisadora(s)/ pesquisador(es):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 2006, p. 39).

Segundo Meihy (2005, p. 62-63), “a memória é um suporte para as narrativas de história oral” pois “é a dinâmica da oralidade que separa a história da memória”, enquanto a primeira se baseia em documentos escritos a segunda quase sempre é

elaborada a partir de transmissões orais. Bosi (2004) afirma a importância de histórias do passado recente que podem usar a memória oral como um instrumento na constituição das crônicas cotidianas, que dizem respeito às histórias pequenas e corriqueiras, mas não menos importantes. Para isto, as memórias dos mais velhos podem ser esta mediação entre o presente e passado para além dos documentos e registros oficiais. Sobre isso, Meihy (2005) declara:

A história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva (MEIHY, 2005, p. 25).

No livro *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, Ecléa Bosi (2006, p. 37) inicia sua tese de doutorado dizendo ser “um estudo sobre memória de velhos” com o objetivo de “registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos”, marcando seu sensível interesse de pesquisa. Bem como Bosi, esta pesquisa trata de parte da história de uma mulher de 91 anos e de seu trabalho, da escola de costura que fundou e do seu próprio método de ensino. Por isto, tive a intenção de aprender com a minha colaboradora e ouvir o que ela tinha para compartilhar, ao invés de estar em busca de uma história linear e de superação.

Um dos pontos centrais da história oral é o “fato de ela abrigar possibilidades de enganos, mentiras, distorções e variações dos fatos registrados e conferidos por outros documentos” (MEIHY, 2005, p. 126) o que vai ao encontro de Bosi quando ela diz que “a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”, visto que “nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 2006, p. 37). Sendo assim, a memória é um conceito importante ao se trabalhar com entrevistas, especialmente se tratando de lembranças de pessoas mais velhas. Este também é um conceito complexo e bastante amplo, analisado por estudiosas(os) de áreas diversas, e a psicóloga social se apoia nas ideias do filósofo Henri Bergson e do sociólogo Maurice Halbwachs.

De acordo com Bosi (2004), Bergson traça uma distinção entre a memória-hábito e a lembrança pura. A memória-hábito diz respeito à memória dos mecanismos motores, a repetição de um mesmo esforço, movimento das mãos e posturas;

enquanto a lembrança pura traz à tona da consciência um momento único e singular da vida (BOSI, 2004; BOSI, 2006). Ela explica que, para Bergson, a memória é uma atividade do espírito e não apenas um repositório de lembranças. Acredito que a memória-hábito pode ser relacionada com a prática do corte e costura, pelo manusear das agulhas ao fazer pontos manuais, pelos gestos repetitivos das mãos ao cortar os tecidos, pelas posturas dos corpos ao utilizar uma máquina de costura, pelas maneiras de segurar uma fita métrica e pendurá-la no pescoço depois de usá-la para medir um tecido, pelo movimento das agulhas que entram e saem dos tecidos em distâncias iguais, pelos pés que pisam nos pedais com certa intensidade em costuras retas e dançam na velocidade das mãos ao guiar os tecidos pelas curvas dos traçados.

Ao entrevistar a fundadora da ANSA, ouvi uma intersecção de memórias individuais e coletivas, dizendo respeito ao que Adelia contou de sua vida pessoal, a partir de fatos que aconteceram na sociedade através do seu ponto de vista, das pessoas com quem convivia, dos espaços em que circulava, etc. É preciso pontuar que quando a professora respondeu as minhas perguntas ela não estava revivendo sua história ou memórias, mas sim, vivendo um momento presente no qual discorria sobre um tempo passado:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 2006, p. 55).

Assim, Ecléa Bosi (2004) resume parte de suas reflexões dizendo que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto” (BOSI, 2004, p. 16) tal como a memória-hábito, mas que a memória é também “um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2004, p. 53) que flui de forma diferente para cada pessoa, classe social e sociedade. Desta forma, a psicóloga social completa dizendo:

Se a memória não é passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo (BOSI, 2004, p. 56).

A entrevista foi um momento que me ajudou a entender mais a respeito da ANSA e da história de Adelia, ao compreender e por vezes confrontar o cenário da

metade do século XX para além da revisão bibliográfica que encontrei nos livros, teses, dissertações e artigos consultados. Dito isso, o principal objetivo foi me aproximar mais do contexto de criação do Método Elite para posteriormente juntar pistas afim de entender de que maneira foi feita a sistematização do conhecimento de Adelia sobre corte e costura.

Em relação às fotografias, é possível entender, de acordo com Peter Burke, que as “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica” (2004, p.17) pois “capturam aspectos da cultura material que seriam muito difíceis de serem reconstituídos de outra forma” (Burke, 2004, p.112). Burke (2004) afirma que as imagens são muito valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns e isto se deve ao fato de que a documentação de aspectos rotineiros da vida não foi uma preocupação de muitos ao longo do tempo, mas as fotografias nos permitem acessar dados de coisas que não existem mais (sejam habitações, vestimentas, celebrações, etc.). Assim, o historiador inglês declara que as fotografias também são documentos.

Utilizo a metodologia proposta por Ana Maria Mauad (2005) de abordagem histórico-semiótica para a análise de nove fotografias apresentadas no evento de comemoração dos sessenta anos da escola e uma foto registrada por mim na secretaria da escola no dia da entrevista em articulação com dados da entrevista realizada com a fundadora da ANSA.

Mauad (2005) fala de três premissas para o tratamento crítico das imagens fotográficas: a noção de série ou coleção; o princípio da intertextualidade; e o trabalho transdisciplinar. A primeira diz respeito à necessidade da análise de imagens a partir de um conjunto que possua semelhanças, não esquecendo de definir suas diferenças em relação à produção, circulação e consumo. A segunda fala da importância de outros textos (escritos ou imagéticos) que a precedem e adicionam outra camada de significado às fotografias. A terceira se relaciona com a necessidade da história se aproximar de procedimentos teórico-metodológicos de outras disciplinas das ciências sociais como a antropologia e a sociologia, além da semiótica.

Em um segundo momento, se os critérios anteriores são seguidos, deve-se pensar a fotografia como resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: a autoria, o texto propriamente dito e o leitor (Mauad, 2005). A autoria refere-se a quem fez a fotografia; o texto diz respeito a mensagem representada através da expressão (enquadramento, iluminação,

definição da imagem, contraste, cor, etc. - escolhas técnicas e estéticas) e conteúdo (conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõe a fotografia), estes dois segmentos que só podem ser separados no momento da análise; o leitor é quem tem a competência de dar significados à imagem a partir de regras culturais, não se limitando a um processo individual.

2.2. Revisão bibliográfica

No livro intitulado “Tecnologia – Artes e Ofícios Femininos”, publicação voltada para o ensino das artes manuais na Escola Profissional Feminina Carlos de Campos e importante manual impresso na metade do século XX, a autora Maria Vitorina de Freitas e professora de Tecnologia na instituição citada entre as décadas de 1940 e 1960 afirma que:

Tecnologia é a ciência das artes e ofícios em geral. Tem por finalidade ilustrar o educando e o aprendiz por um método racional, descrevendo, resumindo, traçando a história e a técnica das artes e ofícios, analisando os processos e particularidades empregados nas indústrias em geral; desde a origem das matérias primas até a sua transformação em artefatos – utensílios em geral, ferramentas, materiais de construção, iluminação, higiene, tecidos, etc. (FREITAS, 1954, p.11).

Freitas (1954, p. 11) complementa seus argumentos dizendo que “o artista e o artífice utilizam-se de ferramentas, instrumentos e matérias primas, e praticam operações próprias, que requerem condições especiais chamadas conhecimentos técnicos”. Trago a definição de tecnologia de Maria Vitorina de Freitas visto que ela foi professora de Adelia no curso de aperfeiçoamento de costura, realizado em São Paulo, e seu livro foi referência de ensino de vários cursos femininos da época.

Entendendo que o conceito de tecnologia de Freitas (1954) está alinhado à perspectiva de sistematização da técnica, a proposta de Adelia de criar uma metodologia própria do ensino do corte e costura é uma maneira de organizar, registrar e compartilhar seu conhecimento, tornando possível a replicação do saber por suas alunas e alunos. Podemos considerar que a fundadora da ANSA buscou incorporar práticas tradicionais ensinadas por mulheres – os trabalhos de agulhas (conforme será apresentado no capítulo 3, especialmente no tópico 3.2) – em um método de ensino.

A partir da entrevista com Adelia alguns assuntos ganharam relevância por aparecerem de forma recorrente nas falas de Adelia, sendo eles: mulheres no Brasil nos anos 1940 a 1960, a relação entre ensino, trabalho e profissionalização feminina – período no qual a criadora da ANSA aprendeu a costurar na escola técnica, passando pelo curso de aperfeiçoamento, até o lançamento da primeira edição do Método Elite – além das formas de aprendizagem do corte e costura no período proposto. Estas questões serão exploradas ao longo da dissertação, com destaque para o capítulo 3.

Sobre a relação entre mulheres e a costura, somada a minha vivência na ANSA majoritariamente feminina – como já dito anteriormente – aponto, na sequência, as conexões entre os conceitos de gênero e interseccionalidade que foram relevantes para esta pesquisa.

Guacira Lopes Louro, no livro “Gênero, Sexualidade e Educação” (2003), localiza o emprego do conceito de gênero nos estudos feministas contemporâneos. A partir da segunda onda do feminismo, que se ganha impulso a partir dos anos 1960, militantes acadêmicas dão início a um campo de pesquisa denominado estudos da mulher que tinha como objetivo tornar as mulheres sujeitos de seus próprios estudos, e não mais objeto de pesquisa. “Assim, os estudos iniciais se constituem, muitas vezes, em descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços” (LOURO, 2003, p. 17). Para Louro é preciso reconhecer a importância destes primeiros estudos pois eles deram protagonismo às mulheres em meio a tantos trabalhos que nem se quer se preocupavam em citá-las. Em contrapartida, estas pesquisas:

Levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. Fizeram tudo isso, geralmente com paixão, e esse foi mais um argumento para que tais estudos fossem vistos com reservas. Eles, decididamente, não eram neutros (LOURO, 2003, p. 19).

Para a historiadora e doutora em educação, gênero é, ao mesmo tempo, uma ferramenta analítica e política e deve ser entendida como constituinte das identidades dos sujeitos nas relações sociais. Para isso é preciso pensar de modo plural e situado, tanto as representações de homens como de mulheres:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2003, p. 22).

Ao conceber gênero como constitutivo da identidade dos sujeitos, é preciso entender também o que Guacira Lopes Louro quer dizer por identidade. A partir dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais “compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2003, p. 24) pois “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 2003, p. 27).

Assim como raça/etnia, classe e nacionalidade, por exemplo, gênero também é parte integrante da identidade dos sujeitos. As identidades sexuais e de gênero são inter-relacionais e são sempre construídas, não havendo a possibilidade de dizer que em determinado momento a identidade de gênero seja estabelecida. As instituições, as práticas e os espaços sociais dos quais as pessoas fazem parte estão, continuamente, operando na produção de diferenças de gênero. Neste processo, os sujeitos podem se constituir como femininos, masculinos, não binários; heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuais; cisgêneros, transgêneros, etc. Segundo Louro (2003), as identidades sexuais, por mais normativas que sejam, não são automáticas e não existem sem negociações e, dessa forma:

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo com masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (LOURO, 2003, p. 28).

Desta maneira é possível reconhecer que os sujeitos possuem múltiplas identidades que se articulam e podem mudar com o passar do tempo, sendo capazes, inclusive, de se contradizerem.

No artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, Joan Scott (1995) parte de duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é um dos principais modos de significar relações de poder. Há também quatro elementos inter-relacionados que podem ou não operar em conjunto: 1. os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; 2. os conceitos normativos (expressos nas doutrinas religiosas, regras sociais, científicas, políticas) que reforçam as interpretações e significados dos símbolos; 3. as noções políticas, institucionais e referências às organizações sociais; e, por fim, 4. a identidade subjetiva de quem pesquisa. Em uma entrevista realizada pelas pesquisadoras Miriam Pillar Grossi, Maria Luiza Heilborn e Carmen Rial, Joan Scott explica que:

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. [...] Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ela não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade (SCOTT, 1998, p. 115).

Louro (2003, p. 31) examina o artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” de Joan Scott, no qual a historiadora estadunidense pontua que o pensamento dualista e polarizado sobre os gêneros é recorrente na compreensão das sociedades dentro de uma lógica de dominação *versus* submissão e afirma que seria necessário distanciar-se desta concepção generalista. Para isto, a historiadora brasileira sugere a desconstrução da polaridade dos gêneros, o que significa “problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 2003, p. 31), visto que esta oposição é construída e não inerente, pois deve-se levar em conta que o poder é exercido de variadas formas pelos sujeitos nas múltiplas situações:

A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita. [...] [A lógica dicotômica] supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções (LOURO, 2003, p. 32-33).

A partir do exercício de historicizar os sujeitos, seria possível compreender e considerar diferentes formas de masculinidades e feminilidades para além das oposições binárias. Nessa perspectiva, ganha relevo o conceito de interseccionalidade proposto por Kimberlé Crenshaw (2002), que adiciona mais uma camada de complexidade à questão de gênero, pois este “intersecta-se com uma gama de outras identidades” e é preciso que se dê atenção “ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos”, especialmente de mulheres não brancas (CRENSHAW, 2002, p. 174).

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

É importante pontuar que a interseccionalidade não trata apenas de mulheres, pois pessoas de certas classes, castas, raças, cores, etnias, religiões, nacionalidades e sexualidades também podem sofrer de um conjunto de discriminações múltiplas em determinadas situações. Acredito que este conceito é fundamental para ser entendido juntamente com gênero para permitir uma compreensão mais ampla de fatores que, articulados, geram discriminações ou apontam certas resistências. Ao longo do capítulo 3, no qual trato da costura como uma prática feminina, busco pontuar a relação das mulheres negras, brasileiras e de classe trabalhadora quanto a educação e as oportunidades de trabalho em contrapartida às mulheres brancas, imigrantes e de classe média e alta, as quais tiveram diferentes oportunidades e permissões de acesso a certos lugares, do ensino ao trabalho. Já no capítulo 4 apresento fotografias com alunas da ANSA pontuando a não hegemonia em relação às mulheres registradas nas imagens.

2.3. Sistematização do Método Elite

Ao longo do primeiro ano do mestrado meu interesse em estudar o método de corte e costura criado por Adelia foi ficando mais nítido e após a entrevista percebi a

importância de me aproximar dos materiais impressos do Método Elite. Até o ano de 2019, Adelia estava presente quase todas as tardes na ANSA, cuidando da secretaria, conversando com as alunas e dando sugestões de como fazer as peças que estavam sendo modeladas e costuradas, rotina que teve que ser modificada com a pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Em setembro deste mesmo ano, entrei em contato com Lúcia para que eu pudesse fazer os registros fotográficos dos materiais. A escola ficou fechada por alguns meses e mudou de endereço, retornando ao local já ocupado pela escola nos anos 1980 em Curitiba. Como a mudança tinha acontecido recentemente não tive acesso a todas as edições dos livros de ensino do Método Elite. Neste momento segui os protocolos de segurança sanitários, utilizando máscara e álcool em gel, além de respeitar o distanciamento social sugerido pela OMS.

Os registros fotográficos foram feitos com a câmera do meu celular em uma pequena mesa com tampo claro e luz natural. Não foram feitos ajustes nas fotos, portanto a luminosidade encontra-se diferente com o passar das horas. Ao total, tirei quatrocentas e trinta e seis fotografias das edições já citadas, alguns clichês que encontrei, os livros de Modelagem Industrial e o de Desenho de Modas e alguns documentos como um panfleto de propaganda do curso e uma carteirinha que validava a pessoa a lecionar o curso de corte e costura pelo Método Elite por um ano. Os registros fotográficos da sétima edição, como dito anteriormente, foram feitos em casa e somaram quarenta e cinco fotografias utilizando uma mesa com tampo branco e iluminação natural, também sem retoques ou ajustes posteriores. Em algumas lições há anotações a lápis que eu realizei durante as aulas.

Com a entrevista e quatrocentas e setenta e três fotografias referentes ao material do Método Elite, o universo da pesquisa estava bastante amplo e era preciso recortar. O primeiro ponto foi focar nas peças femininas pois, assim como Adelia afirmou elas foram as roupas de entrada no mundo da costura no curso profissionalizante que fez quando menina. Assim, foi definido que esta dissertação seria sobre o processo de sistematização do Método Elite a partir das peças femininas, com destaque para as saias – peças iniciais no método de corte e costura criado por Adelia.

Os materiais analisados foram o caderno de Adelia de 1966 e os livros do Método Elite Segunda Edição, de 1969; Método Elite Quarta Edição, de 1979; Método Elite Quinta Edição – Roupas Femininas, de 1987 e Método Elite Sétima Edição – Feminino, de 2014, respectivamente, mostrados na sequência (figura 1).

Figura 1: Edições analisadas do Método Elite.



Fonte: da autora, 2022.

A partir do recorte definido de analisar a modelagem feminina, foram elaborados dois tipos de fichas técnicas para o estudo do Método Elite seguindo a metodologia proposta por Valeria Tessari (2014). O primeiro diz respeito ao sumário do caderno e livros de ensino e o segundo é uma ficha referente a cada lição. Para uma melhor organização devido ao volume expressivo de fichas técnicas elas foram nomeadas e numeradas: as fichas do sumário foram denominadas como “ficha técnica Método Elite – Sumário (FTME-S)” seguida de um número de um a cinco, relativo aos materiais que acessei; já as fichas referentes às lições foram nomeadas como “ficha técnica Método Elite – Lição (FTME-L)” seguida de um número de um a noventa e sete; totalizando cento e duas fichas, sendo cinco fichas técnicas Método Elite – Sumário e noventa e sete fichas técnicas Método Elite – Lição sobre as lições individuais.

Apesar do número significativo de fichas técnicas elas não dizem respeito a todas as lições femininas das edições citadas. Foram feitas as fichas dos moldes base (da blusa, da camisa, da saia, do vestido, da calça), das lições das saias e das tabelas de medidas. Estas lições são mais detalhadas, muitas vezes possuindo mais páginas e são marcos relevantes para aprender a costurar um tipo de roupa. As tabelas de medidas são importantes de registrar pois, com o tempo, Adelia propôs simplificações matemáticas criando suas próprias tabelas. Além destas lições há ainda outras fichas de peças que apareceram em uma só edição ou outros conteúdos relevantes para a análise.

As noventa e sete fichas técnicas Método Elite – Lição (FTME-L) podem ser separadas por edição. O caderno de Adelia possui oitenta e quatro lições no total, sendo quarenta e quatro de roupas femininas, resultando em onze fichas técnicas. A

Segunda Edição também possui oitenta e quatro lições, sendo quarenta e quatro de roupas femininas, resultando em dezesseis fichas técnicas. A Quarta Edição possui noventa e duas lições, sendo quarenta e cinco de roupas femininas, resultando em vinte e duas fichas técnicas. A partir da Quinta Edição há a separação dos livros em modelagem feminina, masculina e infantil. A Quinta Edição – Roupas Femininas possui cinquenta e oito lições, resultando em vinte e cinco fichas técnicas. E, por fim, a Sétima Edição – Feminina possui sessenta e quatro lições, resultando em vinte e quatro fichas técnicas.

Assim como o nome sugere, as fichas técnicas Método Elite – Sumário (FTME-S) contém o número da página e a lição a que faz referência, enquanto a ficha técnica Método Elite – Lição (FTME-L) é mais detalhada. Esta, foi pensada a partir da sequência de informações contidas nas páginas, sendo elas: ano, nome da lição/título, página, se possui ou não croqui e a quantidade, quais as medidas do corpo são necessárias para a referente lição, se possui ou não tabela de medidas; se há uma legenda com a explicação dos pontos para a confecção dos moldes; a quantidade de desenhos técnicos/moldes referente à lição, transcrição do texto e a foto do material. Por acreditar ser importante em termos de conteúdo eu fiz uma separação entre as figuras (denominadas ilustrações pelo próprio Método Elite): o croqui é o desenho com representação humana que ilustra a forma final e caimento da roupa, enquanto o desenho técnico/molde diz respeito aos traçados da peça que servirão para o feitiço do molde.

3. LINHAS – Costura como uma prática feminina

Este capítulo trata da relação das mulheres com a educação, o trabalho e a prática da costura do início à metade do século XX no Brasil. Acredito ser importante localizar as práticas consideradas e legitimadas como femininas no período para entender o contexto que Adelia estava inserida ao iniciar a ANSA. Estes três temas podem ser entrelaçados e fortalecem a relevância da Academia Nossa Senhora Aparecida como uma escola que formou muitas mulheres para o exercício do corte e costura.

3.1. Educação de mulheres

Adelia – Nem sei como que eu estou aqui porque eu fiz só curso primário. Meus irmãos fizeram ginásio e curso profissionalizante daquilo que eles queriam fazer, mas mulher não precisava... Mas eu ralei e Nossa Senhora me ajudou! (ALVAREZ, 2019).

Considerando as relações de gênero como parte constitutiva das pedagogias empregadas no ensino formal, Guacira Lopes Louro (2003), nos convida a pensar sobre aspectos da dimensão simbólica que organiza o ambiente escolar, seja através das roupas, da arquitetura, dos móveis, dos adornos e/ou dos códigos verbais e gestuais que se dão nestes espaços:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, [...] fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente (LOURO, 2003, p. 61).

Tratar da educação feminina na metade do século XX é falar de construção de diferenças: as moças tinham uma formação voltada à família e eram desencorajadas a buscar realização profissional através dos estudos, enquanto os rapazes possuíam um currículo mais amplo no ensino primário e muitas vezes eram incentivados a seguir estudando. Susan Besse (1999) fala sobre o ensino das moças no início dos anos 1900:

A meta do sistema educacional não era fomentar a emancipação intelectual, econômica ou social feminina, mas mobilizar eficientemente as mulheres para promover a saúde física, a prosperidade econômica nacional e a estabilidade social e política. Com essa finalidade, as escolas colaboravam tanto para manter fora do alcance das mulheres o conhecimento e a experiência "inadequados" quanto para pôr a seu alcance o conhecimento e a experiência "adequados". Como mediadora entre o velho e o novo a educação feminina associava grandes doses de educação moral e de disciplina social à instrução em conhecimentos e habilidades básicas. A tarefa atribuída à mulher era "civilizar", "elevar" e "redimir" o mundo, não transformá-lo (BESSE, 1999, p. 142).

Nas primeiras décadas do século XX, as novas elites econômicas que surgiram (industriais, comerciantes e empresários), médicos, juristas, religiosos, professores e demais autoridades se uniram para enquadrar e delimitar o "lugar da mulher" digna de respeito social, ligadas a questões de moralidade: as mulheres estavam destinadas ao casamento e à maternidade, sendo o cuidado com a família e o lar os temas centrais nas suas vidas. Esta visão normativa da categoria não permitia ver a pluralidade das formas de "ser mulher", deixando de lado as diferenças de raça, classe e sexualidade resumindo a experiência feminina a uma única possibilidade – a de servir de ferramenta para manter a ordem das famílias e, conseqüentemente, do país, independente dos desejos e aspirações individuais das moças. Silvia Arend pontua sobre algumas barreiras, em relação aos estudos, enfrentadas pelas jovens no Brasil:

Paulatinamente, o saber escolar deixou de ser um privilégio dos meninos. Porém, enquanto vários desses meninos continuavam seus estudos até galgarem o diploma universitário, um número significativo de jovens mulheres até os anos de 1950 mal conseguia concluir o curso secundário. As que seguiam em frente nos estudos quase sempre optavam pelas carreiras profissionais consideradas femininas, ou seja, o Magistério e a Enfermagem. (ARENDA, 2012, p.72)

Segundo June Habner (2012, p. 58), mesmo para mulheres das classes altas os estudos de nível superior não eram encorajados já que "no século XX, a educação superior servia para preparar homens para as profissões de maior prestígio, especialmente o Direito e a Medicina" enquanto "as mulheres tirariam maior benefício do estudo de línguas estrangeiras e de música, o que as valorizaria como candidatas ao casamento".

Até a década de 1960 o sistema de ensino brasileiro era composto por três níveis: primário, secundário e superior. O ensino primário era alfabetizador e dividia-se em "fundamental", para crianças de 7 a 12 anos e "supletivo", para jovens e adultos, podendo ser cursado em escolas regulares ou profissionalizantes. Já o ensino

secundário referia-se ao preparatório para o ensino superior. Esta divisão entre o ensino primário e secundário “funcionava para manter as hierarquias de gênero, bem como as de classe” (BESSE, 1999, p. 128) já que “a educação que a maioria das mulheres recebia era ajustada para manter suas aspirações sob controle” (BESSE, 1999, p. 141). A historiadora afirma que na prática “muito poucas mulheres frequentaram as escolas secundárias preparatórias para a universidade” pois as moças de classes populares estudavam nas escolas de artes e ofícios enquanto as jovens de classes mais altas “frequentavam escolas comerciais e técnicas para aprender datilografia e estenografia ou escolas normais para formar-se para o magistério” (BESSE, 1999, p. 136).

Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2012), Silvia Arend (2012), Susan Besse (1999) e Wanda Maleronka (2007) afirmam que as barreiras para o exercício profissional feminino foram muitas, sempre se opondo menos a profissões relacionadas, de alguma forma, aos cuidados com o outro ou a áreas entendidas como mais próximas das mulheres – como a obstetrícia, ginecologia e pediatria no caso da medicina; a enfermagem, a farmácia, a odontologia e o magistério.

No início do século XX os argumentos favoráveis à instrução das mulheres cresceram baseados nas premissas do positivismo difundido durante o período inicial da República no Brasil. Assim, de acordo com Carla Bassanezi Pinsky, “responsabilizava as mães pelo progresso da nação e a força do Estado, encarregando-as de formar moralmente as novas gerações, inculcando-lhes virtudes cívicas” (2012, p. 492). Estes discursos foram frequentemente relacionados à educação das filhas e filhos para que fosse possível a “construção da ordem e do progresso”, a “modernização da sociedade”, a “higienização da família” e a “formação dos jovens cidadãos” (LOURO, 2003, p. 96) pelas futuras mães. O positivismo levou a uma expansão do sistema educacional brasileiro com a intenção de que estas meninas tivessem instrução necessária para que, quando crescessem, garantissem não só a saúde física, mas também moral e intelectual de suas filhas e filhos. Para a historiadora Susan Besse (1999, p. 122) o ensino primário feminino no início do século XX se tornou “uma necessidade prática tanto para as mulheres urbanas quanto para a sociedade do Brasil em processo de rápida urbanização e industrialização” diferentemente do acesso restrito aos estudos que apenas uma pequena parcela da elite do século XIX usufruiu.

As escolas priorizavam dar às meninas uma educação voltada para a vida doméstica e familiar e estes ensinamentos também serviam como uma forma socialmente aceita de ganhar a vida caso isto se tornasse necessário. As famílias de classes médias urbanas passaram a dar mais valor ao ensino das meninas como forma de as prepararem para as contingências da vida devido as recentes mudanças nas paisagens e hábitos que se estabeleciam nas cidades quanto em relação as novas formas de produção e consumo. Desta maneira, Besse (1999, p. 132) afirma que “o ensino de princípios intelectuais abstratos era considerado não só irrelevante para a vida da maioria das mulheres como também ameaçador por seu potencial para ‘masculinizar’” as moças ao distanciá-las das atividades domésticas. Sobre o currículo da educação primária feminina, Besse (1999) descreve:

As inúmeras escolas mantidas por ordens religiosas, quer para meninas ricas, quer para meninas pobres, davam ênfase particularmente forte à educação moral e doméstica. [...] Depois de uma instrução muito elementar, essas meninas aprendiam trabalhos manuais e princípios de higiene que se consideravam necessários para prepará-las para se tornarem boas mães e donas-de-casa (BESSE, 1999, p. 133).

Assim sendo, Susan Besse (1999, p. 138) reforça que as ideias propagadas por intelectuais brasileiros durante a República direcionavam o destino das jovens ao matrimônio, pois aquelas “que conseguissem segurança econômica e status social mediante o casamento poderiam aplicar as habilidades que haviam aprendido e os traços de caráter que haviam adquirido” nos seus estudos à sua condição de esposa e mãe.

Por fim, Fúlvia Rosemberg (2012) faz um breve resumo do processo que permitiu às moças o acesso irrestrito à educação escolar, levando em conta que foi somente na década de 1970 que o governo brasileiro atribuiu equivalência entre os cursos secundários feminino e masculino:

Várias amarras à educação formal e pública das mulheres foram sendo rompidas no transcórre desse acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua “missão” de mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para as jovens brasileiras (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

Se por um lado a educação feminina básica passou a ser mais valorizada, permanecia a ideia de que as mulheres não deveriam ter a ambição de se igualarem aos homens. Com currículos diferentes, as moças cursavam economia doméstica, tinham aulas de culinária, costura e bordado, enquanto aos rapazes, dependendo de sua classe social, havia a possibilidade de escolha de carreiras públicas e de prestígio.

Para entender mais sobre a diferença entre a educação de meninas e meninos, moças e moços, é preciso considerar o processo de feminização do magistério no Brasil e buscar compreender os objetivos das escolas técnicas e das escolas femininas no país. Apesar das escolas técnicas não serem o foco desta dissertação, trago alguns dados do curso de corte e costura da Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná para entender como eram as práticas de um curso feminino ginásial na metade do século XX no Brasil. Assim, imagino que tanto este curso como o que Adelia realizou em Novo Horizonte – SP, estavam vinculados com as diretrizes políticas do governo de Getúlio Vargas e, portanto, seguiam a mesma proposta.

3.1.1. Magistério

Conforme Guacira Louro (2004, p. 449) “a atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens – aqui, por religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759” e somente a partir de algumas transformações sociais nos séculos XIX e XX que as mulheres passam a comandar as salas de aula:

O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar (LOURO, 2003, p. 95).

No século XIX a educação de mulheres era precária e rudimentar, já que não havia professoras suficientes para ensinar as meninas em todo território nacional e foi só na década de 1880 “que a educação primária feminina começou a expandir-se de maneira significativa”, data em que “as escolas normais mistas foram instituídas de maneira ampla e definitiva para formar professores primários e secundários” (BESSE, 1999, p. 125). As escolas normais foram criadas para a formação de docentes e a pretensão sempre foi a de formar homens para ensinar os rapazes e “senhoras honestas” para dar aulas às moças pois “não se julgava apropriado que homens

dessem aulas a meninas” (BESSE, 1999, p. 125). Com o passar dos anos o número de mulheres inscritas nestas escolas foi se tornando cada vez maior, assim como Susan Besse aponta:

O magistério primário – que proporcionara uma das únicas fontes de emprego para mulheres instruídas e de “boas” famílias durante o século XIX – também foi um campo que se expandiu com rapidez e passou a ser dominado quase totalmente pelas mulheres. Em 1920, 75% dos professores primários da cidade de São Paulo e 81% dos da cidade do Rio de Janeiro eram mulheres. (BESSE, 1999, p. 163).

Segundo Louro (2004, p. 449) a feminização do magistério é um “fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens”. Isto ocorreu com o aumento “das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas” (LOURO, 2004, p.449), mudanças estas que acabaram por produzir novos sujeitos sociais a partir de 1850. A presença de imigrantes no Brasil com diferentes práticas educativas, oportunidades de trabalho e expectativas contribuiu para que um novo estatuto de escola fosse instituído no país justificando “a saída dos homens das salas de aula – dedicados agora a outras ocupações, muitas vezes mais rendosas – e legitimava a entrada das mulheres nas escolas” (LOURO, 2004, p. 450).

Uma característica das escolas normais no século XX é que, além da preparação para o magistério, era enfatizado o ensino das artes femininas, como coser, bordar e os demais trabalhos manuais (MALERONKA, 2007, p. 60), visto que nenhuma profissão deveria se sobrepor as obrigações domésticas. Desta forma, a relação entre as mulheres e à docência vai se aproximar da ideia da maternidade, inclusive para as moças que não desejavam ou não tinham filhos:

As mulheres professoras – ou para que as mulheres possam ser professoras – precisam ser compreendidas como “mães espirituais”. O trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades. [...] Assim, as mulheres que vão se dedicar ao magistério serão, a princípio, principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas. Nos primeiros tempos, quem vai, efetivamente, exercer a profissão são as mulheres “sós” (LOURO, 2003, p. 104).

É neste contexto que o magistério primário ou de primeiro grau vai “tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor,

a sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente” (LOURO, 2003, p. 96) para as mulheres:

A partir de então, passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deveria ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão” (LOURO, 2004, p. 450).

O magistério se manteve como uma das únicas possibilidades profissionais para as mulheres de elite e classe média até os anos 1930. Já na década de 1950 o aumento do número de alunos e alunas ampliou a necessidade de docentes, popularizando a profissão e abrindo a área para outras classes sociais (MATOS; BORELLI, 2012). Para Besse (1999, p. 163) a “convicção amplamente compartilhada de que ‘a função máxima da mulher depois da maternidade é a educadora’ tornou o ensino primário uma profissão muito respeitável e procurada por mulheres de classe média” apesar da sua baixa remuneração e status.

Ao associar características femininas à docência, como o cuidado, a doação e a minuciosidade, somada às novas possibilidades de trabalhos mais bem remunerados ou de maior prestígio para os homens, as mulheres passaram a ocupar as salas de aula do ensino primário, reforçando a ideia positivista da mulher como “mãe espiritual” responsável pela formação das jovens cidadãs e dos jovens cidadãos.

3.1.2. O ensino técnico e as escolas femininas

O ensino técnico-profissional que havia entre o período colonial até o início do século XX no Brasil foi bastante restrito. Seu objetivo era de atender às classes populares, servindo muito mais como um plano assistencial do que de fato um programa educacional (BARRETO, 2013). Apesar de esforços da sociedade civil em organizar escolas para trabalhadores aperfeiçoarem suas práticas no século XIX, como o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo – fundado em 1882 e voltado ao ensino das artes e ofícios, do comércio, lavoura e indústrias –, os exemplos são bastante pontuais, não havendo uma preocupação com a educação técnico-profissional por todo território brasileiro.

A abolição da escravidão, o crescimento econômico brasileiro, a industrialização e a imigração acarretaram um crescimento urbano desordenado nas

principais capitais do país nas décadas iniciais do século XX, causando desabastecimento de alimentos, falta de moradias, condições sanitárias precárias, desemprego, aumento de epidemias e intensificação da miséria. Segundo Gilson Leandro Queluz (2010), as classes dominantes, tomadas pelos ideais do positivismo difundido pelo governo republicano brasileiro, relacionaram a pobreza não apenas à carência de recursos, mas também à criminalidade e ao desregramento moral.

Neste contexto, a noção de infância foi um marco importante construído no início dos anos 1900, ao considerar pessoas entre 0 e 18 anos como “seres em formação” do ponto de vista corporal e psicológico. De acordo com Silvia Arend (2012, p. 70-71) “a infância seria o momento fundamental dos processos de socialização para o ingresso no mundo adulto e estaria balizada, sobretudo, pelo saber escolar” onde a escola era entendida “como o local por excelência para a educação formal das crianças e jovens”.

No Brasil, este ideal de infância foi difundido por diferentes meios com destaque para a imprensa, as escolas e o operariado, que exigiu a realocação dos meninos menos favorecidos das fábricas para as escolas (QUELUZ, 2010). Isto não impediu alguns desvios no caminho, tanto das crianças, como de industriais. Já em relação ao que as autoridades pregavam sobre as crianças, Queluz (2010, p. 42) diz que:

A preocupação com a preservação da infância coincide com o momento de constituição do mercado livre de trabalho no Brasil. Preocupados com os altos índices de mortalidade infantil e com a situação da infância carente, especialmente dos menores abandonados e delinquentes, os médicos e educadores procuram defender a ideia, para a sociedade e o Estado, da criança como corpo produtivo, futura riqueza da nação.

O Estado foi responsável por criar instituições para formar o caráter das crianças a partir dos valores burgueses e dentro da ética do trabalho. Era defendido pelas autoridades “o aprendizado profissional que não somente preparasse o menor para a atividade produtiva, mas também moralizasse sua alma e higienizasse seu corpo” (QUELUZ, 2010, p. 42-43), distanciando os pequenos cidadãos de atividades criminosas. Sendo assim, o governo propôs uma alternativa para a educação dos meninos de classes mais baixas: estudar para servir de mão de obra para a indústria. Desta forma, a “ordem” que as autoridades tanto pregavam, partia da disciplina, do rigor e da produtividade, o que levaria ao “progresso” da nação.

Nas primeiras décadas do século XX houve debates dos membros da elite nacional pelo interesse do ensino aos moldes europeus, e a partir de 1909 foram criadas dezenove Escolas de Aprendizes e Artífices no Brasil por Nilo Peçanha, com o objetivo de ofertar um ensino técnico profissional primário e gratuito aos meninos menos afortunados:

A criação das Escolas de Aprendizes e Artífices brasileiras aconteceu em 23 de setembro pelo então presidente Nilo Peçanha. O decreto elaborado determinava que em cada capital de estado fosse instalada uma escola em edifícios pertencentes à União ou cedidos pelos governos locais. De acordo com o documento, o ensino, primário e gratuito, seria ofertado a meninos com idade mínima de 10 e máxima de 13 anos, que não apresentassem doenças infectocontagiosas ou algum tipo de deficiência que comprometesse o aprendizado (PADILHA, 2019, p.66).

Em 1911, dois anos após a inauguração das Escolas de Aprendizes e Artífices, foram fundadas as duas primeiras Escolas Profissionais de Artes e Ofícios em São Paulo: a Escola Profissional Masculina e a Escola Profissional Feminina. O estado de São Paulo foi o que mais cresceu nas primeiras décadas da República Velha, aumentando em cinco vezes sua população e expandindo o número de indústrias com processos produtivos em maior escala. Estas duas instituições tinham o intuito de profissionalizar jovens para o uso de novos equipamentos e ferramentas (MALERONKA, 2007, p. 71). Enquanto o ensino aos meninos era muito voltado às indústrias metalúrgicas, grande parcela das meninas se especializava para trabalhar no setor têxtil e em confecções.

Não temos dúvidas, porém de que, conduzida com firmeza e a continuidade que os paulistas põem sempre no trato das questões educacionais e apoiada na vontade esclarecida dos nossos industriais, a nova Escola Technica Profissional crescerá rapidamente e dará em breve á nossa terra os mais promissores resultados [...]

Do contacto que tivemos com os chefes das mais importantes industrias de São Paulo, notadamente as do ramo metallurgico, recolhemos uma profunda impressão sobre o lamentavel estado de deficiencia technica em que se encontra a quasi totalidade dos nossos obreiros.

[...] Outras vezes méros principiantes, que mal aprenderam seu officio por um estagio de poucos mezes junto a velhos operarios dominados pela rotina, são encarregados da execução de tarefas delicadas, exigindo, ás vezes, o manejo de custosos machinarios.

[...] Medida de largo alcance, não só humanitario e social como economico e politico, é facultar o Estado a esses milhares de obreiros a posse da technica de que precisam para tirar do seu trabalho os fructos a que têm direito. Essa é uma das finalidades da nova Escola Technica Profissional (SILVEIRA, 1937, p. 20-23).

A citação destacada acima foi retirada do livro “O Ensino Técnico-Profissional em São Paulo – Escola Técnica Profissional anexa ao Instituto Profissional Masculino”, de 1937, escrito por Horácio Augusto da Silveira, diretor da Escola Profissional Feminina da Capital de 1923 a 1938. Por suas declarações, pode-se entender o momento em que as indústrias e os operários – em seu texto chamados de “obreiros” – se encontravam: com pouca ou nenhuma instrução formal e trabalhadores iniciantes aprendendo o manejo de máquinas nas próprias fábricas com os mais experientes, reforçando a importância do ensino técnico como solução para a falta de mão de obra especializada.

O Instituto Profissional Feminino, localizado no Brás, um bairro operário e de imigrantes, tinha como objetivo tornar as filhas dos trabalhadores mão-de-obra para o trabalho fabril. A instituição aceitava meninas maiores de 12 anos, com diploma escolar ou equivalente e atestado médico. Ao ingressar na instituição, as alunas tinham “aulas teóricas de Português, Aritmética, Geografia e Desenho Geométrico, entre outras disciplinas, e participavam das atividades práticas nas oficinas” (MORAES; ALVES, 2002, p. 22). Os cursos mais procurados eram “Confecção, que fornecia aprendizagem geral de costura, seguida pela de Rendas e Bordados e de Flores e Chapéus” (MORAES; ALVES, 2002, p. 22).

Segundo Louro (2003, p. 62) “as escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens ‘prendadas’, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura”. Maleronka (2007, p. 50-51) afirma que o trabalho com as mãos era um recurso disciplinador ao qual as meninas eram submetidas para incorporar ritmos e movimentos como forma de manter as mãos e mentes ocupadas. E é justamente através de alguns gestos ou palavras, segundo Guacira Louro (2003), que era possível reconhecer onde uma moça ou um rapaz havia estudado:

As marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. Por vezes isso se fazia de formas tão densas e particulares que permitia – a partir de mínimos traços, de pequenos indícios, de um jeito de andar ou falar – dizer, quase com segurança, que determinada jovem foi normalista, que um rapaz cursou o colégio militar ou que um outro estudou num seminário (LOURO, 2003, p. 62).

A educação doméstica passou a ser uma matéria obrigatória nas escolas profissionais femininas a partir de 1934, mesmo que o foco destas instituições fosse

a qualificação de operárias para a indústria. Esta disciplina compreendia noções de higiene alimentar, puericultura, contabilidade e economia doméstica e tinha como finalidade treinar as moças para os deveres de esposa e mãe: “a organização dos cursos oferecidos pelas escolas profissionais tinha por função capacitar as alunas para um ofício, mas este sempre estava acompanhado de conhecimentos referentes ao lar” (MALERONKA, 2007, p. 72), legitimando as concepções defendidas pelo Estado de que a mulher deveria se dedicar em primeiro lugar à família. Sobre isso, Susan Besse (1999) aponta:

Até mesmo a escola profissional era concebida de modo a evitar conflito com o objetivo primordial de preparar as mulheres para o casamento e a maternidade. A Escola Profissional Feminina de São Paulo, escola gratuita instituída por legislatura estadual em 1911, proporcionava um "preparo racional" às meninas de classe operária para que se tornassem trabalhadoras "vigorosas, saudáveis e úteis" nos ofícios adequados de desenho, confecção, trabalhos de agulha, confecção de flores e chapelaria. [...] Na medida em que esse tipo de educação profissional incluía mais do que simples treino manual, a educação doméstica e moral logo se sobrepunha à educação "intelectual" (BESSE, 1999, p. 135).

De acordo com Carolina Barreto (2007), a Escola Profissional Feminina da Capital foi tendo maior procura com o passar do tempo, de forma que o ensino foi ampliado e os cursos desdobrados, acompanhando as modificações da legislação às demandas da sociedade, com cursos profissionalizantes, regulares e livres, além de cursos de aperfeiçoamento ou formação de mestres. Na sequência Carmem Moraes e Júlia Alves citam alguns dos cursos disponíveis, ao longo dos anos, na Escola Profissional Carlos de Campos:

Enquanto escola feminina, ela ofereceu, em diferentes momentos, os seguintes cursos: Vocacional; Educação Doméstica; Aperfeiçoamento para Mestras; Formação de Mestras em Educação Doméstica; Dietética para Donas de Casa e Auxiliares em Alimentação; Dietética; Dietética Profissional; Confecções; Bordados; Roupas Brancas; Desenho e Pinturas; Economia Doméstica; Prendas Manuais.

A partir dos anos setenta, organizou novos cursos, mais voltados para as exigências da cidade, transformada em grande centro de produção industrial: Desenho de Comunicação; Decoração; Enfermagem; Nutrição e Dietética. (MORAES; ALVES, 2002, p.23).

Além de uma grande variedade de cursos a escola teve muitos nomes ao longo das décadas, entre eles Escola Profissional Feminina (da Capital) em 1911 e Escola Profissional Feminina Carlos de Campos em 1927, como homenagem ao governador

do estado. No transcorrer destas transformações a escola se tornou mista, atendendo meninas e meninos.

Com o fim da República Velha, Getúlio Vargas passou a ocupar a presidência do Brasil em 1930 e as transformações econômicas e sociais que vinham ocorrendo nas últimas décadas se acentuaram. Na terceira década do século XX o Estado criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e transformou outros órgãos estatais para “tratar da questão do ensino profissional” o que demonstrava a “preocupação, por parte do governo Vargas, em atuar no sentido de ter um controle cada vez maior sobre esse ramo do ensino” (AMORIM, 2010, p. 172) para fornecer mão-de-obra mais qualificada e especializada aos empresários:

A conjuntura marca o predomínio das ideias de racionalização para todas as esferas sociais. Disciplinar para o trabalho e pelo trabalho: eis a palavra de ordem, veiculada, a princípio, como o discurso de uma elite ilustrada, que acabará tomando conta do todo social. A difusão dos pressupostos de racionalização científica, tanto no setor fabril como no educacional, principalmente o ensino profissional, é uma marca desse tempo (AMORIM, 2010, p. 171).

No Paraná, a inserção de um curso voltado para as moças se deu apenas na década de 1940 em Curitiba, pois desde a inauguração da Escola de Aprendizes e Artífices toda a formação foi exclusivamente voltada aos rapazes.

A Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná foi inaugurada em 1910 e até 1935 ficou localizada na praça Carlos Gomes, centro de Curitiba. Os ofícios oferecidos deveriam atender preferencialmente as especialidades das indústrias da região. Assim, Gilson Queluz (2010, p. 52) afirma que “a escolha das oficinas demonstra o estado mesmo da economia local, onde a predominância da indústria do mate e da madeira era complementada por uma grande quantidade de pequenas oficinas de cunho artesanal”. Durante a primeira década, as oficinas de alfaiataria, marcenaria, sapataria, serralheria mecânica e selaria tapeceira contavam com recursos bastante limitados e o aprendizado dos ofícios tinham bases artesanais por falta de maquinários automatizados e até mesmo pela dificuldade de reposição de ferramentas (QUELUZ, 2010). Em 1930 a instituição recebeu a doação do governador paranaense Afonso Camargo de um terreno para a construção de uma nova sede que foi inaugurada em 1936 e ampliada em 1957, com maior oferta de cursos e novas oficinas.

Foi apenas no ano de 1943 que o curso de Corte e Costura foi instaurado na instituição, a única opção de ensino profissionalizante feminino na Escola Técnica de

Curitiba. Segundo Ana Padilha (2019, p. 104-105) o curso ginásial industrial tinha duração de quatro anos em período integral, sendo as manhãs dedicadas para as disciplinas de “cultura geral” – Português, Matemática, Ciências físicas e naturais, Geografia e História do Brasil – e as tardes para as disciplinas de “cultura técnica” – aulas de Desenho, Tecnologia e prática de costura e bordado e Artes Industriais – além das “práticas educativas”, referentes a Economia doméstica, Educação física e Canto orfeônico. O currículo era semelhante aos cursos do Instituto Profissional Feminino de São Paulo. As docentes eram mulheres de classes médias e altas que haviam frequentado escolas particulares, reforçando a proposta do ensino republicano a partir dos discursos das classes dominantes.

Mesmo três décadas após a implantação da Escola de Aprendizes e Artífices em Curitiba, as moças que ingressaram no curso de Corte e Costura tinham pais que trabalhavam em atividades relacionadas ao contexto local principalmente como marceneiros, comerciantes e mecânicos (PADILHA, 2019). Já as mães, em sua grande maioria, eram donas de casa. Esse perfil indica a manutenção do objetivo da escola em atender às classes trabalhadoras. Segundo Ana Padilha (2019), os ensinamentos do curso de Corte e Costura estavam muito ligados à domesticidade, o que ampliava a possibilidade das jovens possuírem melhores condições de vida através da esfera privada ou do aprendizado de um ofício.

Com a expansão na indústria do vestuário ocorrida no início do século XX no país, muitas mulheres foram aprender a costurar para tornarem-se trabalhadoras fabris e, como consequência, muitas escolas de costura surgiram neste período. Na impossibilidade de estudar em uma escola formal profissional ou frequentar cursos particulares de corte e costura, as oficinas e os ateliês de costura eram onde se aprendia sobre o ofício e ocorria a inserção feminina no mundo do trabalho (MALERONKA, 2007). Porém, segundo Wanda Maleronka (2007, p. 79), muitas destas instituições “funcionavam de forma precária; assim, uma maior especialização tinha de ser adquirida à custa dos próprios esforços e da aprendizagem prática nas oficinas”. Nestes espaços, o trabalho das aprendizes era árduo, longo e repetitivo, em jornadas de dez a doze horas de serviço diário.

Em relação ao governo dois decretos foram editados criando o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – e a Lei Orgânica do Ensino Industrial, em 1942, que tinha como finalidade a organização do ensino industrial no país:

O SENAI atuaria de acordo com os interesses empresariais, visando a uma formação de curta duração e desenvolvimento de habilidades específicas dos trabalhadores, enquanto os Liceus Industriais, rebatizados como Escolas Industriais ou Escolas Técnicas, dependendo do grau de ensino que passassem a ministrar, seriam responsáveis pela qualificação de prazo mais longo e formação mais completa de seus alunos (AMORIM, 2010, p. 175).

Através da Confederação Nacional da Indústria, o SENAI criou cursos em diversas regiões do Brasil para ter mão-de-obra qualificada de modo sistemático para o aprendizado industrial (MALERONKA, 2007). Em relação ao curso de confecção de roupas, este admitia jovens de 12 a 18 anos e o processo de aprendizagem era fragmentado em funções e tarefas, havendo a especialização de cada uma passando a se preocupar com a racionalização dos movimentos, modificando os gestos, a sequência de trabalho e a distribuição dentro do espaço fabril (MALERONKA, 2007, p. 85).

Por fim, a educação feminina nas primeiras décadas do século XX não visava emancipar as mulheres, mas torná-las apenas instruídas o suficiente para serem boas mães e donas de casa. As escolas femininas e cursos voltados às jovens nas escolas técnicas foram criados para atender às classes trabalhadoras ao ensinar ofícios entendidos como adequados as mulheres caso necessitassem trabalhar fora de casa. Mas, até mesmo as moças que frequentaram estas instituições tiveram aulas de educação doméstica propagando o ideal feminino da época.

3.2. Trabalho feminino da costura

Camila – Qual era a idade das suas alunas em Cianorte?

Adelia – No Sindicato Rural eles mandavam moças de 12 anos pra cima. E elas se saíam bem! Veja, eu aprendi a costurar com 10 anos... Olha o meu dedo torto! De tanto cortar, costurar – sempre na mesma posição – e escrever (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Quando se fala em “trabalho feminino” os significados são polissêmicos: há quem entenda como as funções domésticas, há os que entendem como atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio ou a participação das mulheres no mercado de trabalho. Se o último sentido é passível de discussão pelas mulheres deixarem de exercer suas “funções naturais”, não se pode negar que sempre trabalharam, mas muitas vezes seu labor foi tido como um ofício coletivo ou familiar (MATOS; BORELLI, 2012).

Durante o século XIX o ofício da costura era um dos poucos trabalhos vistos como honestos às mulheres de classes mais baixas. Já para as moças mais abastadas, o ensino da costura e do bordado era estimulado desde pequenas para que adquirissem “refinamento nos gestos e respeitabilidade” ao incentivar o gosto por estas manualidades e “tinham o propósito de não desviar das funções familiares e das competências femininas” (MALERONKA, 2007, p.47). Wanda Maleronka (2007, p. 58) afirma que mesmo com as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XIX, as jovens de famílias abastadas deveriam exercitar as artes e ofícios femininos pois “o aprendizado nos trabalhos manuais era um sinal de refinamento e beleza nos gestos” para desenvolver boas maneiras pela educação gestual materializadas em peças produzidas por estas moças para ornamentação e decoração de suas casas.

Como dito anteriormente, na última década de 1800 houve uma intensificação no processo de modernização do Brasil com o fim da escravidão e do regime monárquico somado à crescente urbanização, imigração, migrações internas e industrialização. Estas mudanças geraram um novo perfil populacional com considerável aumento demográfico em um curto espaço de tempo, caracterizando uma maioria da população brasileira com alimentação inadequada, vivendo em habitações precárias e com pouco ou nenhum acesso aos cuidados de saúde (BESSE, 1999). Neste contexto a necessidade econômica foi o argumento mais forte para o ingresso feminino no mercado de trabalho. Assim, as mulheres se inseriram em atividades que foram sendo progressivamente desprestigiadas e desvalorizadas – financeira e socialmente – e eram, em geral, tarefas rotineiras, monótonas, repetitivas e que exigiam menor grau de qualificação, além de muitas vezes serem trabalhos descartados pelos homens:

O emprego das mulheres justificava-se com base na necessidade econômica, quanto na utilidade social. As mulheres solteiras e viúvas que ganhavam o sustento próprio e dos membros dependentes da família, bem como as mulheres casadas que suplementavam a renda de seus maridos, estariam não só garantindo seu bem-estar pessoal e familiar como também aumentando a riqueza nacional e promovendo o progresso econômico. [...] Porém, a grande maioria dos críticos sociais continuava considerando o emprego das mulheres um mal necessário, imposto pelas contingências da vida moderna. [...] Em suma, se era para as mulheres trabalharem por salário, isso deveria ser temporário e incidental, e não central em sua vida e em seu pensamento (BESSE, 1999, p. 147).

Ana Scott (2012) declara que o ideal burguês de família moderna propagado no início do século XX, onde a casa era entendida como lugar de proteção, aconchego

e higiene, muitas vezes não era atingido devido às diferenças de raça, classe e região em que se morava. Como o parâmetro burguês da época era considerado o mais civilizado, quem não podia alcançá-lo deveria servir de mão de obra “adequada e disciplinada” para a indústria. Desta forma, algumas mulheres precisavam complementar a renda do marido, outros arranjos familiares tornavam as mulheres provedoras da família, sem contar com as viúvas ou órfãs, e, de qualquer forma, dependia delas conciliarem seus afazeres do lar com seu(s) outro(s) trabalho(s) remunerado(s).

De acordo com Besse (1999, p. 145) o emprego feminino não deveria permitir que as mulheres deixassem de lado seus papéis familiares e ainda deveria manter os “estereótipos que vinculavam a feminilidade à delicadeza, à virtude, e ao altruísmo”. O trabalho feminino tinha que ser entendido como complementar ao masculino para manter os baixos custos de mão-de-obra dos empregadores e como forma de manter a estabilidade familiar e social. Susan Besse (1999) pontua ainda outras características do trabalho feminino:

Se eram óbvias as vantagens econômicas da segmentação por sexo no local de trabalho, as vantagens sociais não eram menos importantes. Em geral, os cargos “femininos” não contestavam os estereótipos da natureza feminina, nem colocavam as mulheres em competição com (ou em postos de autoridade sobre) os homens, nem lhes ofereciam oportunidades de progresso social ou de realização intelectual, nem lhes proporcionavam renda e status adequados para serem confortavelmente auto-suficientes (BESSE, 1999, p. 167).

Roseli Boschilia no livro “Entre fitas, bolachas e caixas de fósforo – A mulher no espaço fabril curitibano (1940 - 1960)”, 2010, analisa as mulheres operárias na cidade de Curitiba na metade do século XX e suas relações com o trabalho. A autora trata de operárias em três fábricas distintas da cidade: a Fábrica de Fitas Venske, a Fábrica Lucinda e a Fiat Lux, empresas de diferentes portes e com diferentes perfis sociais, econômicos e raciais de trabalhadoras. A primeira, como o nome sugere, era uma fábrica de fitas; a segunda, uma fábrica de bolachas; e a terceira, uma fábrica de fósforos.

Boschilia (2010) afirma que a experiência do trabalho formal era muito comum entre as famílias de imigrantes nas quais moças a partir dos 14 anos buscavam uma ocupação temporária – período que separava a infância da idade adulta – sendo entendido pelas operárias como uma etapa transitória na qual a autoridade do pai

seria substituída pela do marido. Se as mulheres imigrantes eram vistas como mais trabalhadoras, as brasileiras e negras eram as que tinham maiores dificuldades de conseguir empregos com bons salários. Das fábricas citadas, a Fiat Lux, a maior das três, era a que possuía o perfil mais heterogêneo, com funcionários negros, de nível socioeconômico mais baixo e que habitavam as áreas mais distantes do centro da cidade. A maioria da mão de obra era composta por mulheres e menores de idade, mas os cargos de chefia eram masculinos e geralmente ocupados por estrangeiros.

Apesar de ter ocorrido uma diminuição das mulheres nas fábricas entre 1920 e 1940 devido a transformações no processo de industrialização de setores tradicionalmente tidos como masculinos (como o metalúrgico, o siderúrgico e o mecânico) somado a ações públicas, médicas e do movimento operário contra o trabalho feminino, muitas mulheres se mantiveram no mercado de trabalho especialmente no setor têxtil e de confecção (MATOS; BORELLI, 2012). Sobre isso, Besse (1999, p. 157) pontua:

A indústria têxtil do Brasil foi a única que desde o seu início, em meados do século XX, empregou mais mulheres do que homens; mas as mulheres também eram empregadas na fabricação de roupas, chapéus, sapatos e outros produtos de consumo não-durável, tais como produtos alimentícios e bebidas, cigarros, vassouras e cestas, velas, sabão e fósforos, bem como diversos produtos de luxo.

Em relação aos salários, como as mulheres possuíam menos opções de trabalho que os homens elas “tinham menor poder de barganha e, por isso, precisavam trabalhar por remuneração consideravelmente menor do que a dos homens de mesmo nível educacional”, sendo assim, a mão de obra feminina industrial costumava receber “entre metade e dois terços dos salários recebidos pelos homens” (BESSE, 1999, p. 166). Porém, é preciso levar em conta que “as mulheres se concentravam em indústrias e ocupações que pagavam menos” então “a diferença real de salário entre operários e operárias era significativamente maior” (BESSE, 1999, p. 166).

Na década de 1930 surgiram as primeiras políticas públicas de massa voltadas para as populações urbanas com o objetivo de desenvolver o mercado interno e o setor urbano-industrial, sendo elas: a consolidação de leis trabalhistas, a criação da carteira de trabalho, a implantação do salário-mínimo e a permissão do voto feminino. Porém, até a década de 1940, menos de um terço da população vivia em áreas

urbanas e mais da metade era analfabeta (SCOTT, 2012), dados que comprovam a situação precária da população brasileira. Neste período, o crescimento populacional urbano fez com que atividades comerciais e de abastecimento de pequeno e médio porte aumentassem e nelas a presença feminina foi determinante. O comércio de rua dos mais variados tipos de alimentos (doces, salgados, verduras, carnes, leite, pão) e o trabalho domiciliar pago por peça eram alternativas de renda para as mulheres sem deixar de lado suas obrigações com o cuidado da família e da casa (MATOS; BORELLI, 2012). De acordo com Maria Matos e Andrea Borelli (2012) as mulheres também passaram a ocupar cargos menos visíveis e estáveis nos setores burocráticos de bancos, comércios e escritórios como telégrafas, telefonistas, secretárias e datilógrafas, sempre em posições menos valorizadas que os homens:

As mudanças mais significativas no padrão de emprego feminino ocorreram no setor de serviços. O desenvolvimento de novas tecnologias e a expansão de órgãos do governo, empresas comerciais, serviços financeiros e comunicações proporcionou um número crescente de cargos de escritório de bom nível para mulheres com instrução, da classe média e da classe baixa ascendente (BESSE, 1999, p. 162-163).

Com o crescimento das cidades, a industrialização e conseqüente desenvolvimento capitalista, houve um aumento na qualidade de vida de parte da população fazendo com que a classe média se expandisse. De acordo com Pinsky (2012, p. 488), na década de 1950 a ideia de modernidade atrelada ao uso de utensílios domésticos e a novos bens de consumo foi propagada para a classe média brasileira, reforçando o ideal feminino da mulher como boa esposa e boa mãe, uma dona de casa ideal. Mas, ao invés das facilidades de a vida moderna reduzirem o trabalho feminino dentro do lar dando mais tempo livre às mulheres – com o uso de eletrodomésticos como a geladeira e a lavadora de roupas, por exemplo –, o desempenho das donas de casa passou a ser avaliado de acordo com a aparência dos interiores domésticos como símbolo de status da família (PINSKY, 2012). Independente da classe social, as meninas eram ensinadas a cuidar da casa, pois mesmo o trabalho doméstico não sendo considerado produtivo e não tendo valor econômico reconhecido, era uma importante moeda no mercado matrimonial. Enquanto nas classes baixas as meninas já trabalhavam para auxiliar na renda da família, nas classes mais abastadas as moças aprendiam tais prendas pois assim

saberiam supervisionar e/ou dividir os afazeres domésticos com uma empregada (PINSKY, 2012).

Segundo Matos e Borelli (2012, p. 131) “muitas mulheres reproduziam no mercado de trabalho suas ocupações nos quadros domésticos – como lavar, passar e engomar – num esforço de ganho extra ou mesmo para tentar sustentar a família”. Neste cenário é importante destacar que as mulheres negras em regiões com grande presença de imigrantes ocupavam postos menos valorizados e pior remunerados como lavadeiras e catadoras de restolho devido ao preconceito racial (BESSE, 1999; BOSCHILIA, 2010; MATOS; BORELLI, 2012).

Nas famílias pobres, além das mulheres trabalharem, permanecia a necessidade de os filhos também auxiliarem na renda familiar. Como a mão de obra infanto-juvenil no setor industrial recebeu muitas críticas do movimento operário, os meninos seguiram em atividades comerciais nas cidades como ambulantes, leiteiros, engraxates e vendedores de jornais (AREND, 2012, p. 75). Já às meninas restou o trabalho como babás e empregadas domésticas e, devido às muitas horas empregadas no labor, poucas seguiam com os estudos. Nas cidades, havia também as meninas que trabalhavam nas zonas de meretrício e nos cabarés, assim como em ofícios mais especializados que exigiam prática, como a costura e os bordados.

Segundo Maleronka (2007) as relações de trabalho de mulheres costureiras se davam de três formas: as costureiras autônomas (artesãs independentes que trabalhavam em casa ou na casa do cliente), as costureiras como trabalhadoras assalariadas (trabalhavam para as fábricas, oficinas e ateliês através de um empregador intermediário e recebiam por peça) e as costureiras como diaristas sazonais (trabalhavam por dia na casa dos patrões e eram pagas ao fim da jornada). Entre os trabalhos domiciliares, estava o “trabalho de agulha”, termo utilizado para se referir a trabalhos manuais aprendidos através do processo de socialização e educação com outras mulheres a partir de habilidades adquiridas ao longo da vida praticadas no espaço doméstico (FRASQUETE; SIMILLI, 2017; MALERONKA, 2007; MATOS; BORELLI, 2012).

No final do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX os trabalhos de agulha tiveram grande importância na rotina feminina visto que o ensino da costura era um “círculo de relações entre mulheres” (MALERONKA, 2007, p. 50) no qual filhas, mães e vizinhas tinham o objetivo de desenvolver as habilidades manuais e o dever de passar seus conhecimentos às próximas gerações. Pode-se citar a técnica, a

repetição e a precisão como características importantes para esses trabalhos que dizem respeito aos bordados, rendas, costura, tricô, crochê, manufatura de flores, ornamentos e chapéus, elaboração de enxovais de cama e mesa, lingerie e chinelos. Os trabalhos de agulha referidos são entendidos como constituintes das artes e ofícios femininos, que dizem respeito a um “conjunto de habilidades que requeriam adoção de gestos e expressões corporais, exigiam treinamento rigoroso da postura do corpo e do movimento das mãos e fixavam-se no objetivo de alcançar destreza, firmeza, agilidade e beleza” (MALERONKA, 2007, p. 46).

A costura, o bordado e as atividades têxteis foram alguns dos principais ofícios ocupados pelas mulheres entre o início e a metade do século XX no Brasil. Assim como mostra a epígrafe desta sessão – que tem a fala de Adelia pedindo para que eu reparasse em seu dedo torto de tanto costurar – a prática da costura marca e se inscreve no corpo de quem lidou com tecidos e agulhas por décadas, revelando que esta prática constrói e adentra corpos e feminilidades.

3.3. Costura e cotidiano

Camila – Em termos de alunos e alunas, a senhora acha que teve um número mais ou menos igual de homens e mulheres?

Adelia – Sempre mais mulheres... e uns 10% de homem. Porque a mulher sempre procurou mais. E depois eles acham ruim que as mulheres estão tomando conta de tudo! [risadas] (ALVAREZ, entrevista, 2019).

A costura e o cotidiano são dois temas que possuem muitas relações. Esta prática esteve – e ainda se mantém presente – no dia a dia de muitas formas, seja em uma roupa que precisa ser ajustada, nas revistas que estampam atrizes e atores com os modelos da moda ou nas fotos diárias de famosos e anônimos postadas nas redes sociais. A prática da costura no Brasil tem uma trajetória bastante longa, e vale pontuar algumas questões importantes sobre.

Segundo Wanda Maleronka (2007), no período da colonização, foi necessário criar uma pequena indústria doméstica de fiação, tecelagem e costura no país devido à distância entre Brasil e Portugal. Esta indústria usava mão de obra de escravizados hábeis, especialmente de mulheres.

Apesar de haver poucos estudos sobre a importação e fabricação do vestuário em maior escala no Brasil anterior ao século XX, Luis Prado (2019, p. 133) pontua que “há indicações consistentes, contudo, de que nossas mais remotas manufaturas de roupas prontas produziram vestuário rústico destinado a escravos”. Os tecidos

rústicos de algodão serviam tanto para a fabricação de roupas para pessoas escravizadas e trabalhadores nativos livres como para ensacar produtos que seriam exportados, como o açúcar, o algodão e o cacau (PRADO, 2019). Com estes tecidos eram produzidas calças e camisas para os homens e vestidos, saias e camisas para as mulheres, provavelmente de tamanho único e com cordas para os ajustes necessários.

O predomínio do trabalho escravizado, a indústria caseira e a escassez de artífices livres trouxeram efeitos para a organização de ofícios no país. Os mestres se estabeleceram de forma autônoma nos centros urbanos de maior prestígio, mas como a maior parte da mão de obra disponível era servil não houve o legado do ensinamento do mestre ao jovem aprendiz – prática comum em outras sociedades – devido ao preconceito com o trabalho manual, tarefa entendida como destinada às pessoas escravizadas (MALERONKA, 2007).

No período anterior à instalação da Corte no Brasil, havia restrições rigorosas em relação à ornamentação do vestuário para impedir o contrabando de metais e o desenvolvimento da manufatura de tecidos e bordados da colônia. As regras eram ainda mais rigorosas para a população negra:

A produção histórica brasileira [do vestuário] circunscreve o século XIX – mais precisamente um período que iria de 1800 a 1929 – ao contexto do Ciclo do Café, período em que predominou na economia nacional a monocultura latifundiária baseada, ainda, na mão de obra escrava, alinhada à produção do grão para atender a demandas, em maior parte, europeias (PRADO, 2019, p. 47).

Neste período, a maior parte dos habitantes do país vivia em áreas rurais e a preocupação com as vestimentas importadas cabia à população mais abastada formada pelos proprietários rurais, burguesia mercantil e pessoas do alto escalão da corte, principalmente em recepções, bailes e eventos. Os trajes europeus não eram adaptados aos usos e clima tropical, mesmo assim eram divulgados pela imprensa da capital do Império, o Rio de Janeiro, e imitados pelo resto do país:

Foi, portanto, nos anos 1800, com a abertura dos portos e a chegada de muitos estrangeiros, especialmente de franceses ligados aos ofícios do vestuário, que se aprimorou a elegância no vestir, estimulada pela instalação de inúmeras lojas – as casas de *nouveautés* – na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro (MALERONKA, 2007, p. 93)

Outro fator relevante para mudar a relação das roupas com a forma de fazê-las e o tempo de produção foi o acesso às máquinas de costura:

A introdução da máquina de costura por volta de 1850 (entre outras maquinarias) e a disseminação dos moldes em escalas de tamanho que facilitavam a cópia permitiram que se expandissem os ateliês de costura, muitos oferecendo produtos seriados prontos (como roupas de baixo, uniformes, roupas de trabalho e masculinas etc.), além de acessórios (calçados, bolsas, bengalas, luvas, chapéus etc.), ainda que as peças mais complexas (caso das femininas) continuassem a ser, em maior parte, feitas artesanalmente, sob medida, por costureiras, modistas, alfaiates ou pelas próprias donas de casa (PRADO, 2019, p. 48-49).

Wanda Maleronka (2007) reflete sobre a divisão marcada por gênero do trabalho relacionado às roupas durante o século XIX, afirmando que as regras eram baseadas na regulamentação corporativa que colocava restrições às atividades femininas. Desta forma, havia diferenças entre as denominações das trabalhadoras e trabalhadores da indumentária. Enquanto aos alfaiates era permitido costurar trajes tanto masculinos quanto femininos, as costureiras cosiam peças da indumentária feminina, calças masculinas, roupa pessoal e de uso da casa:

A definição de *alfaiate* indicava o indivíduo que se ocupava em fazer roupas de homem e de mulher; *costureira* referia-se à mulher que cosia vestidos, fazia toucas e sabia cortar e coser roupa branca; *modista* indicava a pessoa que tinha por ofício fazer, adornar ou vender trajes segundo a última moda (MALERONKA, 2007, p. 27-28).

As modistas são um caso à parte. Este era um termo muito utilizado para as profissionais da costura que faziam e ornamentavam peças de luxo às mulheres das camadas mais abastadas da população. De acordo com Wanda Maleronka (2007) a percepção acerca das modistas está muito ligada a um imaginário de moças, de maioria francesas, que lidavam não só com os trajes e a aparência feminina, mas também levavam a fama de mulheres com ideias permissivas e de comportamento lascivo, que afrontavam os limites socialmente aceitos. Mas, na prática, ser uma modista exigia variadas competências: “ganhar fama, conquistar clientes, manter o padrão da casa, empregar e treinar trabalhadoras de bom nível e, ao mesmo tempo, fazer o negócio prosperar” (MALERONKA, 2007, p. 109) o que demandava habilidades para além da costura.

Conforme Maleronka (2007, p. 128), “a partilha do ofício entre homens e mulheres estimulava a concorrência e as disputas no mundo do trabalho” da costura.

O discurso da época acabava por enaltecer os alfaiates pelas técnicas e instrumentos utilizados:

As peças do vestuário masculino e feminino comumente executadas pelos alfaiates eram o terno (calça, colete e paletó), o *tailleur* (saia e casaco), o mantô e o sobretudo. Considerava-se a costura dessas peças um trabalho complexo, pois requeria bons conhecimentos de corte e ainda perfeição na costura, que incluía a confecção de forros, entretelas, golas, caseados, bolsos e mangas (MALERONKA, 2007, p. 128).

Porém, é preciso pontuar as assimetrias no ensino dos meninos e meninas que lidavam com os tecidos. O processo de aprendizado dos jovens aspirantes à alfaiates iniciava a partir da prática em alfaiatarias, adquirindo uma qualificação profissional gradual e boa remuneração (MALERONKA, 2007). Por outro lado, o saber feminino da costura era comumente ensinado pelas mulheres mais velhas da família e só algumas vezes era possível acessar um curso de corte e costura. De modo geral, as meninas acabavam aprendendo o ofício na prática, nas oficinas e ateliês, com tarefas exaustivas, repetitivas e baixos salários.

Segundo Wanda Maleronka (2007), outro ponto marcante que diferenciava as mulheres e homens no ofício da costura estava relacionado ao espaço de trabalho. A maioria das costureiras trabalhava nas suas próprias casas e, vivendo em construções populares, não possuíam um cômodo exclusivo ao ofício. Assim, cortavam os tecidos em cima da própria cama, usavam a única mesa da casa para dispor os moldes e aviamentos e a máquina de costura, quando não estava sendo utilizada, servia de móvel decorativo. Por outro lado, um pequeno percentual de costureiras possuía uma sala mobiliada para este fim, por vezes incluindo um quarto para provas e espelho. Já os alfaiates, mesmo os que trabalhavam na própria residência, costumavam ter um aposento exclusivo para o labor. Com o passar do tempo e com ganho de reconhecimento, alguns alfaiates se estabeleciam em pontos comerciais valorizados, almejando chegar ao centro comercial da cidade – considerado o ápice da carreira e local que atraía os clientes com maior poder aquisitivo. O centro também era a região em que as costureiras e modistas mais famosas almejavam se instalar.

Apesar das diferenças entre costureiras e alfaiates, necessitava-se que as pessoas dedicadas à costura adquirissem uma ampla cultura técnica:

Em primeiro lugar, era imprescindível possuir destreza e agilidade nos dedos, bem como sensibilidade motora, que permitiam rapidez na costura. Também

era preciso dominar conhecimentos de geometria e desenho, para fazer moldes. Além disso, fazia-se necessário conhecer todas as etapas do trabalho, assim como discriminar a variedade de tecidos e aviamentos. Constituíam ainda essa cultura técnica as noções comerciais que possibilitavam administrar um pequeno capital de giro, comprar aviamentos e dispor de bases sólidas para elaborar um orçamento com precisão. Finalmente, era fundamental desenvolver laços de amizade com a freguesia, saber seus gostos, sugerir modelos para que seu trabalho fosse reconhecido, o que propiciava conquistar boa reputação e manter uma freguesia fixa (MALERONKA, 2007, p. 129-130).

Desta forma, é possível afirmar que o exercício do ofício da costura “condicionava os alfaiates e as costureiras à execução de operações rápidas e precisas, acumuladas com as práticas de trabalho que modelavam os gestos e o comportamento dos trabalhadores” (MALERONKA, 2007, p. 130), a memória-hábito definida por Ecléa Bosi (2006).

No início do século XX, quase todo o guarda-roupa familiar era feito por alfaiates e costureiras que trabalhavam de forma autônoma. Já durante a República Velha, conforme Maleronka (2007), as atividades industriais e comerciais na cidade de São Paulo cresceram massivamente. Com o aumento da população, começou a haver uma procura por roupas com custos mais baixos. Sobre a ampliação da população no estado paulista, Carolina Barreto (2013) comenta:

No período que vai de 1887 a 1930 entraram no país 3,8 milhões de estrangeiros, o que fez do Brasil um dos principais receptores de imigrantes [...]. A maioria dos imigrantes veio para o Estado de São Paulo, em razão não só das facilidades concedidas pelo governo como também, atraída pela maior oferta de trabalho propiciada pela expansão da cafeicultura, especialmente quando já não se podia contar com os escravos. [...] Em 1920, o Estado de São Paulo passou à condição de maior produtor industrial do país, com 31% do valor da produção nacional. A fabricação de tecidos era a atividade industrial-manufatureira mais importante, seguida dos produtos alimentícios, das bebidas e do vestuário (BARRETO, 2013, p. 186-187).

Acerca dos imigrantes na cidade de São Paulo, Maleronka (2007) cita alguns dados relevantes ligados ao comércio e à costura. Os sírios e libaneses começaram a atuar no comércio informal vendendo roupas, tecidos e quinquilharias e assim muitos conquistaram certo capital e freguesia, distanciando-se das condições operárias nos primeiros anos do século XX. Na década de 1940 foram os que mais investiram em indústrias de roupas feitas, ficando somente atrás dos italianos. Os judeus eram bons artesãos nos seus países de origem e conquistaram boa reputação comercial. Com o tempo, expandiram seus negócios e obtiveram êxito pelo baixo

custo de instalação das oficinas de costura, uso de mão-de-obra feminina e seu modo de vida austero e laborioso.

Nas primeiras décadas do século XX, as mulheres de todas as classes tinham um papel importante como encarregadas de providenciar o vestuário e as roupas de cama e mesa dos membros da família (BESSE, 1999). Isto envolvia a escolha de tecidos que virariam roupas e guarnições da casa. As opções de lojas e magazines mais famosos da época eram “A Brasileira, O Barateiro, Casa Colombo, Casa Raunier e Parc Royal do Rio de Janeiro, e Casa Allemã e Mappin Stores de São Paulo” (PRADO, 2019, p. 58) que ofereciam tecidos, aviamentos e roupas prontas importadas. O acesso aos produtos comercializados por estas lojas – em especial a moda pronta feminina europeia – era cara, já que estas peças eram itens de valor. Enquanto as famílias mais abastadas faziam compras em Paris, a burguesia em ascensão procurava incorporar o gosto distinto das classes altas e, para isso, o comércio de São Paulo foi ampliando e dispondo de opções mais requintadas (MALERONKA, 2007).

De acordo com Prado (2019, p. 59), durante o período entreguerras, além do expressivo crescimento da indústria têxtil, “a imprensa feminina também se desenvolveu no Brasil, ganhando cor e mais ilustrações (a exemplo do Jornal das Moças, do Figurino Moderno, d’A Cigarra, de Fon-Fon etc.)” somado ainda ao aumento da importação da alta costura francesa. Neste período, as casas de alta costura se multiplicaram pelas maiores capitais do país, inicialmente importando modelos prontos e, a partir de 1929, vendendo peças feitas no Brasil através de moldes de roupas vendidos pelas próprias lojas estrangeiras:

Para as mulheres de classe média, restava copiar, imitar ou adaptar os modelos da moda francesa a partir dos croquis divulgados para a imprensa internacional pelas *maisons* francesas ou desenhados por brasileiros, reproduzidos em revistas (ou seções de revistas) voltadas ao público feminino. Entre os desenhistas de moda que se destacaram no período, tivemos o mineiro Alceu Penna, que passou a ter seção na semanal O Cruzeiro e o carioca J. Luiz (José Luiz Teixeira, [1907?–1972?]), que produziu croquis para a revista Fon-Fon, entre fins dos anos de 1930 e o início da década de 1960. Publicações de moda de todo o mundo eram alimentadas por farto material fotográfico e, também, por croquis originais de moda enviados de Paris, num esforço de difusão e preservação da hegemonia francesa no campo. Os desenhistas locais se limitavam, portanto, a reproduzir os modelos (como fazia Alceu), indicando o criador original da peça (PRADO, 2019, p. 60).

Foi na década de 1950 que a compra de roupas prontas se tornou mais acessível a um maior número de consumidores, devido aos novos métodos de racionalização do trabalho das grandes indústrias. Isto ocorreu no período pós guerra, juntamente com a expansão das pequenas confecções brasileiras (MALERONKA, 2007).

Tania Regina de Luca (2012) trata da imprensa feminina no texto “Mulher em revista”, assegurando que os periódicos são o termômetro dos costumes de uma época, ao tratar dos temas, ênfases e expectativas do período publicado. O Jornal das moças (1914 - 1965) e O Cruzeiro (1928 - 1975) são exemplos de periódicos que expunham as expectativas em relação aos papéis femininos nas décadas de 1920 a 1960, retratando as mulheres muito atadas à esfera privada, a submissão e à domesticidade (LUCA, 2012).

Pode-se dizer que o papel da mulher brasileira esteve influenciado pelo discurso ideológico da “costura” como “coisa de mulher”, que permeado por ideias educacionais rígidas reafirmavam os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar, a quem a atuação profissional consistia em trabalhos que poderiam ser realizados no seio do lar, como maneira de servir aos filhos e marido e em último caso, de complementar a renda da família. Partindo dessa ideia às mulheres eram destinados serviços como costurar e bordar, conhecidos como prendas domésticas e que eram práticas ensinadas tanto de mãe para filha, como por cursos presenciais ou por correspondência, tendo sido amplamente difundidas pelas revistas femininas veiculadas no período, que apresentavam em seus fascículos cadernos com dicas de moda e de construção de moldes (FRASQUETE; SIMILLI, 2017, p. 270).

Até a década de 1960, a imprensa feminina abordava temas tidos como naturalmente constitutivos do universo feminino como beleza, casa, culinária, cuidado com os filhos e moda, borrando cada vez mais a linha entre conteúdo jornalístico e publicitário:

A relação das mulheres com o mercado de moda se abre portanto a duas faces: a do consumo e a da produção, nas quais essas estiveram envolvidas. Fazer roupa para se vestir e fazer roupa para sobreviver, duas faces visíveis no mercado de produção e de consumo nos anos 1950 e 1960. Com o mercado da moda brasileira em expansão no período, havia o incentivo ao consumo e a produção de moda pelas mulheres, e para tanto revistas como Jornal das Moças e Manequim davam grande contribuição (FRASQUETE; SIMILLI, 2017, p. 274).

Dois eventos foram importantes para impulsionar a indústria de vestuário no Brasil: o lançamento das fibras têxteis sintéticas – como o nylon e o tergal – pela Cia Brasileira Rhodiaceta (Rhodia) a partir de 1955; e a Fenit (Feira Internacional da

Indústria Têxtil), evento anual criado em 1958 para exibir as novidades de maquinário, matéria-prima, serviços e produtos do setor do vestuário (LUCA, 2012; PRADO, 2019). A Editora Abril, atenta aos novos nichos de mercado, lançou em 1959 a *Manequim*, “revista consagrada tão somente à moda e cujo atrativo estava em substituir os desenhos por moldes, que explicavam passo a passo o processo de confecção da roupa” (LUCA, 2012, p. 456).

Na teoria do consumo [...] o processo de difusão e propagação do consumo do que seria considerado necessidade básica, se fundamenta principalmente por questões culturais enraizadas na sociedade. Nesse sentido, nota-se que uma dessas necessidades difundidas pelas mídias do período como básica a qualquer mulher era o cortar e costurar, considerado indispensável à imagem feminina e de feminilidade (FRASQUETE; SIMILLI, 2017, p. 274).

Mais do que um trabalho, os saberes manuais dos bordados, corte e costura eram primeiramente difundidos como essenciais às mulheres pelas mídias do período. Essas práticas estavam presentes cotidianamente e eram passadas de geração em geração, independente da vontade das moças.

Ainda sobre as mídias da metade do século XX, Wanda Maleronka (2007, p. 80) afirma que “a forte influência dos meios de comunicação, especialmente as revistas femininas e o rádio” “reforçavam a importância em adquirir esses conhecimentos”. Assim, contribuíam para a aceitação da costura como habilidade necessária pois “a imprensa feminina procurava chamar a atenção das jovens para as vantagens que poderiam auferir costurando em casa” (MALERONKA, 2007, p.123).

Ao aprender corte e costura, às mulheres era possível uma escolha. O ofício poderia ser executado como trabalho doméstico, que mantinha a imagem feminina de “rainha do lar”, ou com objetivo de realizar-se profissionalmente fora do espaço privado, que desenhava novas funções como operárias fabris ou costureiras do *prêt-à-porter*. Como as mulheres eram educadas, pelas escolas, revistas femininas e cursos de corte e costura por correspondência à acompanhar a moda, desde a criação de vestimentas, até que a peça estivesse pronta para vestir, agregando à elas toques de qualidade e criatividade, esses conhecimentos, aliados ao desenvolvimento e a modernização da moda, auxiliaram a inserção feminina em um ambiente social anteriormente masculino, ou seja, o espaço público e do trabalho (FRASQUETE; SIMILLI, 2017, p. 278).

Por fim, é interessante notar que o corte e costura, difundido pelas mídias da metade do século XX como uma prática essencial a toda e qualquer mulher, foi também um caminho que possibilitou uma maior independência e ocupação de outros espaços que não só o doméstico, seja como operária, costureira profissional ou

professora. Esta elaboração talvez se relacione com a epígrafe que inicia este subtópico no qual Adelia afirma que “as mulheres estão tomando conta de tudo”. Esta frase me faz ver as resistências, mesmo em panoramas que parecem apenas reproduzir certas práticas – como a ideia de uma mulher costurar e se tornar professora de corte e costura, que cria seu próprio método de ensino além de passar este saber a tantas outras pessoas, em sua grande maioria, outras mulheres.

4. MÉTODO ELITE – Uma agulha na caixinha de costura

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte contempla parte da história de Adelia e sua relação com a ANSA e o Método Elite, tendo a entrevista e fotografias do acervo da ANSA como disparadoras dos temas discutidos no capítulo anterior. A segunda parte consiste na análise do Método Elite, buscando identificar as semelhanças e diferenças entre as edições, o que foi acrescentado e o que foi retirado ao longo do tempo, com atenção especial às lições das saias.

4.1. Adelia, a ANSA e o Método Elite

Neste subtópico trago trechos da transcrição da entrevista com Adelia e também faço uso de fotografias que foram apresentadas no evento de sessenta anos da ANSA em 2017. Certamente que em uma entrevista de quase duas horas não é possível dar conta de abordar mais de meio século de existência da escola e da trajetória de Adelia, mas busco costurar pontos que me pareceram interessantes sobre a escola, o Método Elite e a fundadora para localizar a pesquisa.

Adelia Parron Alvarez, a mais nova de doze irmãos, é filha de Antônio Parron Vasquez e Maria Hernandez Cespedez, imigrantes espanhóis. A fundadora da ANSA nasceu em Borborema, interior paulista, em 1931, e com dois anos de idade se mudou com a família para o sítio Santa Adelia em Novo Horizonte, SP, onde seu pai plantava café. Diferente de seus irmãos, que cursaram o primário e ginásio, a professora e fundadora da ANSA fez apenas o primário e curso profissionalizante de corte e costura no interior de São Paulo. O início do aprendizado de Adelia relativo à costura se deu da seguinte forma:

A – Primeiro eu aprendi a costurar com a minha mãe e depois numa escola profissionalizante. Com dez anos eu já ajudava minha mãe com as roupas e fazia medindo em outras roupas pronta. Então, por exemplo, ela ia fazer camisa, media a largura das costas e o comprimento e cortava o retângulo. A manga, a mesma coisa. E ela media e depois eu que cortava tudo. Eu fazia do jeito que minha mãe me ensinava, cortando por outra roupa.

[...]

A – Eu aprendi a costurar na escola profissionalizante de Novo Horizonte. Fui aprender porque eu não sabia fazer molde. Lá ensinaram só roupas femininas. Anatomia era a primeira coisa que a gente aprendia, pra aí fazer modelo e depois saber como cortar.

[...]

A – Na escola profissionalizante lá de Novo Horizonte, onde eu aprendi inicialmente, funcionava assim: durante o dia, tinha o curso primário e à noite,

o profissionalizante. Ficávamos duas em cada carteira, com o tinteiro no meio. A professora ensinava anatomia primeiro. Aplicava o modelo, depois explicava como se riscava e se fazia aquele molde – metade do busto pelo comprimento, e tal... aquela coisa toda – mas não tínhamos réguas, nem máquina de costura na escola, então era um curso de desenho. Daí a gente fazia num caderno de cartolina grande. A gente desenhava o modelo, como se riscava, como se corta, com régua de 30cm dividindo na oitava parte tudo (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Em relação ao curso profissionalizante de corte e costura que fez nos anos 1940, a fundadora da ANSA me relatou que lá aprendeu sobre anatomia e esquemas acerca de como fazer moldes de peças femininas, mas não tinha acesso a réguas grandes nem à máquina de costura. Adelia casou-se com Antônio Alvarez aos 20 anos e permaneceram morando em Novo Horizonte, SP, por mais um tempo. Tiveram três filhos: Valdir, Vanderlei e Vagner. Nesta cidade foi onde se deu o começo da ANSA, com a professora dando aulas em casa, a partir de 1957. Na sequência, Adelia fez um curso de corte e costura em São Paulo, capital, no ano de 1960.

A – Minha colega – era colega, mas também já era minha aluna – falou: “vamos estudar na Escola Carlos de Campos em São Paulo? Fazer um aperfeiçoamento?” [...] E sabe como que a gente ia? Todo fim de semana pegava o trem, ia pra São Paulo, sempre conferindo: cinco crianças e quatro malas, porque eu tinha dois filhos e ela tinha três, e a gente deixava na casa dos pais dela que morava em São Paulo e ia pra escola. Na Escola Carlos de Campos, a minha professora foi Maria Vitorina de Freitas. Então, lá, ela nos ensinou somente vestidos de festa. Eu tinha minha máquina em casa e lá na Escola Carlos de Campos tinha máquinas pra gente aprender e fazer o modelo do dia. Esse modelo a gente não escolhia, era curso coletivo. Quem faz o curso coletivo sempre demora mais. Mas é bom pra quem já sabe costurar. Eu já sabia costurar e fazer aquelas miniaturas pra mim... Então lá eu aprendi como fazer a modelagem, o encaixe, enfesto e a ficha técnica pra saber vender ou pra saber o quanto cobrar. [...] No dia que era pra termos os exames gerais, o Presidente Jânio Quadros renunciou. E tivemos que voltar para Novo Horizonte. Tanto meu marido, quanto o marido da Deise, minha colega que estava se formando comigo, comprava o Diário Oficial todos os dias pra saber que dia ia ser o exame (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Adelia foi aluna do curso de aperfeiçoamento na Escola Profissionalizante Carlos de Campos em 1960, localizada no bairro operário do Brás, em São Paulo. Lá teve aulas com Maria Vitorina de Freitas, professora que escreveu o livro “Tecnologia: Artes e Ofícios Femininos”. Neste curso, Adelia foi ensinada sobre os moldes e acabamentos de vestidos de festa, além de ter aprendido a fazer fichas técnicas, encaixe das peças para otimização do tecido e enfesto (operação na qual o tecido é estendido em camadas, planas e alinhadas, a fim de serem cortados em pilhas; utilizado na fabricação em série).

O movimento de estudos que Adelia realizou é interessante: ela aprendeu primeiro com sua mãe e no interior, na Escola Profissionalizante de Novo Horizonte – SP; se aprimorou na capital, na Escola Profissionalizante Carlos de Campos, São Paulo capital; e foi ensinar novamente no interior, em Terra Boa e Cianorte – PR, aperfeiçoando o que lhe foi ensinado até criar uma metodologia própria de ensino.

Durante as pesquisas na Biblioteca Pública do Paraná sobre Adelia e o Método Elite, descobri um outro livro escrito por Adelia Parron Alvarez, chamado “A Família Parron Hernandes no Brasil” (2010), no qual a autora relata lembranças de infância, lugares importantes para a família, apresenta fotografias além de fazer uma ampla árvore genealógica com profissão e número de telefone de familiares. Neste livro, tive acesso a alguns fatos e curiosidades sobre a fundadora da ANSA. Adelia (ALVAREZ, 2010, p. 37) relata que quando jovem, para manter-se informada, lia os jornais O Estado de São Paulo e a Gazeta de Novo Horizonte, os periódicos O Jornal das Moças, onde via a sessão de moda e as histórias em quadrinho; O Cruzeiro, onde se informava sobre a sociedade e admirava as garotas de Alceu Pena e a Revista Capricho, pois somente na década de 1950 teve acesso ao rádio. Assim, podemos dizer que esses periódicos fizeram parte da constituição de Adelia como uma mulher que buscava se enquadrar nos padrões da época, consumindo revistas e jornais dirigidos ao público feminino.

A – E aqui as minhas relíquias de 1900 e antigamente.

C – A senhora via muita revista pra pegar inspiração?

A – Ah, eu comprava sempre a Manequim... Ela começou na década de 1950. Quando eles anunciaram que ia sair eu fui a primeira que fui buscar na livraria... [risadas] (ALVAREZ, entrevista, 2019).

A partir do trecho acima da entrevista, percebemos que as revistas da fundadora da ANSA relacionadas ao corte e costura, muitas guardadas por cerca de 60 anos, seguem sendo importantes para ela e são tratadas como “relíquias”. Mais do que isso, o cuidado de Adelia com esse material comprova a afirmação de Wanda Maleronka (2007) sobre a influência das revistas femininas e a relevância das mulheres saberem costurar na metade do século XX

O início da trajetória de Adelia como professora se deu em Novo Horizonte, recém-casada:

A – Quando me casei, meu marido tinha um armazém, eu comecei a costurar e ele vendia... Eu costurava, pendurava na porta e ele vendia. Daí as vizinhas começaram a pedir e eu comecei a ensinar. Então eu comecei a dar aulas em 1957, em Novo Horizonte. Tinha uma lá que só queria aprender camisa. Daí eu ensinei camisa e todo mundo que perguntava pra ela onde ela tinha aprendido – porque ela fazia muito bem-feita as camisas... de lã, de algodão bom, de linho – daí ela indicava que era eu que ensinava. E quando eu vi já estava com dez, doze alunas dentro de casa, ensinando... Elas queriam aprender a costurar, não comprar pronto. E eu só tinha uma máquina de costura, e era de pedal, motor não tinha [risadas]. Mas elas tinham máquina em casa e eu ensinava pra elas como trabalhava na máquina, como fazer modelagem e como cortar.

[...]

A – Meu marido gostava de plantação de café. Ele vendeu o armazém e comprou uma no Engenheiro Beltrão, no Paraná. Nossa, eu não queria mudar de jeito nenhum. Porque eu não conhecia o Paraná. [...] Aí eu falei --- eu só fui uma vez naquele sítio ver, estava chovendo terra roxa tudo no calçado aí eu falei ou compra num lugar de terra arenosa como Novo Horizonte onde eu estava senão eu estava voltando [risadas]. Aí entre Terra Boa e Cianorte, eu fiquei 10 anos. (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Assim, o começo da ANSA se deu de forma não planejada, a partir de roupas que Adelia costurava e vendia no armazém de seu marido, Antônio Alvarez, em Novo Horizonte. Com o interesse de vizinhas, passou a dar aulas na sala de sua própria casa em 1957 e em 1960 fez o curso de aprimoramento na Escola Carlos de Campos, um grande diferencial na época em que muitas mulheres sequer concluíam o curso primário. Em 1961 Adelia e sua família mudaram-se para Terra Boa, interior do Paraná, e em 1966 para Cianorte, cidade onde ficaram até 1970. Pelo que a fundadora da ANSA me relatou, acredito que esta dinâmica não tenha sido intencional, mas possibilitada pelas condições materiais que seu casamento com um comerciante – e posteriormente dono de uma fazenda de café, assim como seu pai – lhe proporcionaram.

Assim como Wanda Maleronka (2007), Debora Frasquete e Ivana Similli (2017) se referem aos trabalhos de agulha como práticas realizadas pelas meninas, aprendidas com mulheres da família e de convívio próximo no espaço doméstico, Adelia teve seu primeiro contato com corte e costura através de sua mãe. A partir do discurso positivista propagado entre o início e a metade do século XX de educar as moças para a vida doméstica e familiar (BESSE, 1999; MALERONKA, 2007; MATOS; BORELLI, 2012; PINKSKY, 2012), o que incluía aprender a costurar e bordar, a professora da ANSA teve a possibilidade de aprimorar seus conhecimentos sobre os tecidos ao fazer um curso em São Paulo e viu a oportunidade de também compartilhar seu conhecimento dando aulas a suas vizinhas. Desta forma, Adelia também passou

a contribuir para este círculo de relações entre mulheres pautado nos trabalhos de agulha.

Figura 2: Adelia na sua formatura na Escola Profissionalizante Carlos de Campos – 1961



Fonte: Acervo da ANSA.

A figura 2, em preto e branco, apresenta uma mulher jovem branca em um retrato da cintura para cima vestindo uma beca. A pessoa fotografada é Adelia que tem o cabelo escuro e curto, usa um capelo, brinco e aparece com expressão séria. O fundo da fotografia possui uma textura leve e cor acinzentada. A fotografia da professora de corte e costura na sua formatura da Escola Carlos de Campos é a segunda imagem presente no vídeo de comemoração dos sessenta anos da ANSA e acredito que seja um retrato muito valioso para a fundadora pois valida a importância de seus estudos. Na sequência apresento outras imagens da Academia Nossa Senhora Aparecida da década de 1960 com a fundadora e suas alunas.

Figura 3: Alunas da ANSA, Adelia e dois meninos – 1963, Terra Boa.



Fonte: Acervo da ANSA.

Figura 4: Alunas da ANSA, Adelia e um bebê – 1964, Terra Boa.



Fonte: Acervo da ANSA.

A figura 3, em preto e branco, apresenta vinte e oito moças, Adelia, uma criança e um bebê dispostas em diferentes degraus de uma escadaria de pedra. A criança aparece sentada no centro inferior da imagem segurando o bebê no colo, próximo de Adelia, que está um degrau acima e no centro da imagem. A professora usa um vestido claro com decote v e mangas curtas. As meninas estão simetricamente dispostas ao lado de Adelia, quatro de cada lado, dez na fila do meio e dez na fila de trás. A foto, tirada ao ar livre retrata moças jovens vestindo saias de pregas escuras

abaixo do joelho, camisas brancas de manga curta e sapatos baixos. Há uma moça negra e três que aparentam ter ascendência asiática. No fundo da imagem se vê o telhado de uma construção, duas árvores e parte de duas outras casas e seus telhados.

A figura 4, em preto e branco, mostra dez moças, Adelia e um bebê. A foto foi tirada em ambiente interno e está um pouco escura. Adelia usa um vestido escuro de decote redondo com mangas até a altura dos cotovelos. A professora aparece sentada em uma cadeira no centro da imagem com um bebê em seu colo. Há cinco moças de cada lado de Adelia, sendo que no seu lado direito uma delas usa uma faixa escrita “Princesa” e à sua esquerda uma moça usa uma coroa, um cetro e uma faixa, que diz “Rainha da Escola”. Todas usam vestidos claros, formais, na altura dos joelhos, sapatos de salto e algumas usam penteados volumosos. Cinco moças aparentam ter ascendência asiática. Acima delas há duas cordas com bandeirinhas penduradas no teto, uma de cada lado da fotografia e uma porta escura quase no centro da parede.

Tanto em fotos cotidianas como de eventos formais da ANSA fica evidente o papel de Adelia não apenas como professora e mestre, mas como mãe, uma mulher dedicada à família. A posição central no enquadramento das duas fotografias reforça o lugar de importância da fundadora, sem deixar de estar próxima de seus filhos. Acredito que os meninos retratados nas imagens 2 e 3 sejam seu filho do meio e filho mais novo, visto que seus três filhos nasceram em 1952, 1957 e 1964.

Sobre a criação do Método Elite seguem algumas informações:

C – Pensando mais no método de ensino Elite que a senhora desenvolveu, como foi a adaptação pra ensinar outras pessoas a costurarem?

A – Ah, eu já sabia costurar, né? Então eu fui escrevendo tudo. Eu tinha o meu caderno, que era só com desenhos, ele ensinava a fazer moldes. Mas muita coisa eu arrumei também porque não era mesmo aquele molde, sabe? [Mexe em uma gaveta e pega um livro de ensino] tem muita coisa que eu arrumei e que não tinha. Porque a gente vê quando não fica bem no corpo... Eu vou te mostrar [folheando o livro].

A camisa também, essa dá pra ver... aqui tá fazendo as grades da indústria, encaixe, enfesto. Vou pegar um vestido aqui. Por exemplo... essa parte de cima aqui não tinha. Do jeito que é aqui, o decote era aqui, mas daí o ombro caía pra trás. Daí eu inventei de subir aqui, fui melhorando, tá? Fazia pence por causa do busto, mas ficava curto, curto na frente. Então eu aumentei ali, aumentei aqui, que quando fecha aqui sobe aqui e sobe ali. Isso daí não tinha quando eu aprendi.

C – Mas então isso foi uma adaptação que a senhora já fazia nas suas roupas e ensinou de outro jeito?

A – Sim! O que eu via que não ficava bem eu fui arrumando. Muita coisa, gancho de calça, essas coisas, nossa...! Tudo é coisa minha.

[...]

A – Ó lá que eu falei pra você que o desenho não tinha pence e era na mesma altura o decote na frente e atrás. E não ficava bom. E tudo isso eu fui arrumando (ALVAREZ, entrevista, 2019).

A partir do caderno do curso profissionalizante de corte e costura de Novo Horizonte somado aos aprendizados na Escola Profissionalizante Carlos de Campos, Adelia refez os desenhos e escreveu o passo-a-passo de como fazer o molde de cada peça de roupa. A data marcada na capa indica “Cianorte 7 de novembro de 1966” (ALVAREZ, 1966). O caderno de Adelia possui 84 lições, sendo 44 de roupas femininas, 30 de roupas para crianças, 10 de roupas masculinas e 9 tabelas de medida. Com o tempo as outras edições do Método Elite mudaram o formato, assim como alteraram a forma de encadernação, as apresentações e introduções foram modificadas, além dos desenhos e da forma de explicar o passo a passo. Adelia, muito espirituosa, contou sobre o nome da metodologia criada por ela:

A – Essa foi a primeira edição do livro que eu fiz. Não fui eu que fiz a capa, lá na gráfica que fizeram. “Corte Elite, Adelia”. Eu não sabia que nome que ia dá, daí procurei no dicionário – que a gente naquela época usava muito o dicionário – e daí vi que o nome elite era “ser o melhor”. “Então vai ser Elite!” [risadas]. E ficou (ALVAREZ, entrevista, 2019).

O Método Elite é um material que foi criado de forma a complementar o ensino de corte e costura por Adelia Parron Alvarez nos anos 1960. Os primeiros livros de ensino possuem lições de modelagem feminina, infantil e masculina com um croqui da peça, desenhos técnicos e texto para auxiliar na confecção dos moldes, servindo de material de apoio aos seus alunos. Em relação a impressão dos primeiros livros de ensino, seguem alguns trechos da entrevista:

A – Eu refiz o caderno quando eu fui levar pra mimeografar – imagina, tudo escrito à mão – e eu refiz todinho. Eu tinha um caderno de cartografia desenhado e eu queria tirar cópias pra ensinar os alunos. Aí eu fui numa gráfica e o moço falou “nossa, porque que a senhora não faz um livro?” e eu falei assim “e onde que eu faço?” e ele “eu faço!”. Foi lá na Editora Max Rosner que eles fizeram o primeiro livro.

[...]

A – Eu tinha deixado os clichês na Max Rosner – eram clichês na época – mas aí eu falei “não conheço ninguém aqui em Curitiba, não posso deixar os clichês pra fazer o livro porque não tenho fiador”. Já era mais uma edição de livros que ele estava fazendo e falou assim “eu posso ser teu fiador”. E por 10 anos ele foi meu fiador! [risadas]. Aí o Max Rosner que fez os dois primeiros livros. (ALVAREZ, entrevista, 2019).

As imagens a seguir retratam o trabalho feminino da costura ao mostrar o cotidiano de Adelia como professora e das moças como alunas do ofício da corte e costura, se entrelaçando com a educação e profissionalização de mulheres.

Figura 5: Alunas da ANSA e Adelia na sala de aula – 1965, Terra Boa.



Fonte: Acervo da ANSA.

Figura 6: Alunas da ANSA e Adelia na sala de aula – 1965, Terra Boa.



Fonte: Acervo da ANSA.

Figura 7: Alunas da ANSA e Adelia – 1965, Terra Boa.



Fonte: Acervo da ANSA.

A figura 5, interna, mostra em primeiro plano uma diagonal direita para o centro-esquerda, alunas da ANSA utilizando uma mesa alta para traçar os moldes em papel usando lápis e régua. Uma das meninas sorri e outra olha para quem registrou a imagem. No segundo plano, à esquerda, há três meninas vistas de lado sentadas em cadeiras de madeira e é possível ver parte de uma máquina de costura, o que dá a entender que as outras garotas também estão costurando. Adelia aparece no terço esquerdo da fotografia olhando para a mesa e usa um vestido de cor clara com decote v um pouco abaixo dos joelhos, botões e manga curta, além de um sapato de salto escuro. No canto superior direito há uma janela aberta onde é possível ver dois rostos sendo um deles parcialmente coberto pelo cabelo de uma das meninas. Ao lado da janela há um quadro de giz pendurado na parede com anotações escritas. No terceiro plano, no lado esquerdo da imagem há o rosto de duas garotas: uma delas olha para baixo, para a máquina de costura, e a outra, olha para a câmera, provavelmente também está costurando. Na parte central da imagem, um pouco à esquerda e ao fundo, há uma janela basculante grande que ilumina o ambiente.

A figura 6 apresenta em primeiro plano, desfocadas, duas meninas de costas para a fotografia usando as máquinas de costura e uma menina em pé vista de lado. No segundo plano as moças à esquerda utilizam a bancada para desenhar moldes em papel com régua e lápis, duas jovens à direita também costumam em máquinas e uma outra menina, com a cadeira mais próxima da parede, provavelmente também

está costurando. O foco da imagem está em Adelia no fundo da sala olhando para as alunas. A professora usa um vestido claro com decote v, um pouco abaixo dos joelhos e sapato de salto escuro. A fotografia é interna e é possível ver o chão de cerâmica ou de tacos de madeira e paredes de madeira. Ao fundo e no centro há uma janela que ilumina a sala.

A figura 7, externa, retrata trinta e seis alunas, três meninos e Adelia. Há três filas de garotas, sendo a primeira delas mostrando as meninas sentadas em cadeiras e as duas outras duas filas de garotas atrás estão em pé. No lado esquerdo da fotografia os meninos também aparecem em pé e um deles se mostra parcialmente. O menor dos meninos está de mãos dadas com uma das alunas sentada na primeira fila. Adelia aparece no centro da fotografia também sentada em uma cadeira usando um vestido claro de decote v e mangas curtas cobrindo os joelhos, além de um sapato escuro. Atrás da última fila de alunas há uma cerca de madeira, e em segundo plano se vê telhados de três casas e algumas árvores. No terço esquerdo da foto há um telhado com duas quedas, provavelmente a entrada da escola. Pela luz e sombra da foto fica difícil apontar o número de alunas negras, mas acredito que haviam quatro e uma de ascendência asiática. Acredito que os dois garotos retratados de corpo inteiro eram filhos da fundadora da escola de costura pelo que vi em outras fotografias (figuras 3 e 4).

Este conjunto imagético (figuras 5, 6 e 7) em preto e branco é de 1965, e pelo vestido e sapatos que Adelia usa, todas as fotografias parecem ter sido tiradas no mesmo dia, em Terra Boa. Também é possível reconhecer as alunas da ANSA pelos uniformes que utilizam: saias escuras na altura dos joelhos e camisas claras de botão (figuras 5, 6 e 7). Mais uma vez o foco das fotografias na professora nas imagens 4 e 5 e sua centralidade na imagem 6 reforça sua posição de destaque.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas (LOURO, 2003, p. 59).

A citação de Guacira Louro (2003) se relaciona com as três imagens apresentadas anteriormente pois sugere que se atente às sutilezas presentes no cotidiano das salas de aula e nas diferenças entre alunas e professora. Adelia circula pela sala para tirar dúvidas, analisar se as meninas entenderam o que deve ser feito, enquanto as aprendizes se dividem em diferentes etapas do corte e costura – o feitiço do molde e o uso da máquina – em atividades individuais e com diferentes posições em relação ao aprendizado, estando algumas mais descontraídas sorrindo, outras sérias, algumas concentradas e outras interessadas mesmo na foto.

No conjunto imagético das cento e vinte e seis fotografias apresentadas no evento comemorativo de sessenta anos da ANSA há muitas que fazem referência a formaturas. Na década de 1960, vinte e seis das trinta e seis imagens retratam formandas ou formaturas, o momento de celebração da conclusão do curso.

C – Como eram as formaturas?

A – Formatura a gente sempre fazia a entrega de diplomas. Eu gostava mais de fazer a formatura fora da escola. Teve um ano que eu entreguei na Igreja porque eu não achava lugar pra tanta gente. Ah, quando foi 25 anos da ANSA que os diplomas foram entregues na Igreja. E daí o paraninfo – que eu falei pra você que era vereador e era o diretor da escola da irmã Maria – ele arrumou pra fazer o coquetel no Palácio Garibaldi! A comemoração foi lá duas vezes, quando a escola fez 25 anos e agora que fez 60!

[...]

A – Lá em Cianorte cada uma das alunas escolhia o modelo de vestido que queria usar e costuravam elas mesmas a roupa da formatura. Mas todos tinham que ser brancos. [...] Acho que foi mais de 100 alunos que eu formei lá, no dia da festa. Daí teve a entrega de diplomas e depois teve o baile (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Figura 8: Foto de formatura da ANSA – 1967, Cianorte.



Fonte: Acervo da ANSA.

Figura 9: Foto de formatura da ANSA da primeira turma do Método Elite – 1967, Cianorte.



Fonte: Acervo da ANSA.

A figura 8, em preto e branco, apresenta dezenove mulheres e um homem. As moças e o rapaz seguram os canudos nas mãos e aparecem distribuídos ordenadamente em três filas. As garotas da primeira fila estão sentadas em um banco,

na segunda fila elas estão em pé e na terceira fila elas estão mais altas, possivelmente em cima de outro banco. No centro da imagem aparece Adelia usando um vestido escuro de gola v junto de uma outra mulher com um vestido de estampa geométrica, provavelmente outra professora da ANSA. As formandas usam camisas claras de manga curta por dentro das saias na altura dos joelhos. Apesar do foco e brilho da imagem dificultar a leitura, é possível ler “ANSA” no lado direito das camisas das meninas. O único rapaz presente na imagem aparece na ponta esquerda da última fila e usa um blazer, camisa clara e gravata. Apesar de também ser um formando ele está um pouco afastado das outras moças. A fotografia é interna onde se pode ver o chão de cerâmica, uma parede de cor clara no fundo e cortinas florais preenchendo o fundo do terço superior da imagem.

A figura 9, em preto e branco, retrata trinta e uma mulheres e um homem. No primeiro plano aparecem seis pessoas sentadas em cadeiras, sendo duas formandas nas pontas segurando os canudos; uma mulher de vestido de mangas longas, broche e óculos escuros; um homem de terno claro, camisa, gravata e óculos de grau; uma mulher em trajes de freira no centro da imagem também usando óculos de grau e Adelia usando um vestido escuro de gola padre sem mangas. Estas quatro pessoas estão com as mãos apoiadas uma sobre a outra posicionadas sobre as pernas. No canto direito da fotografia uma formanda em pé segura uma placa com os dizeres “Salve a 1ª turma do Método Elite Cianorte 16-12-67”. O texto da placa foi confirmado por outras imagens que aparecerem no vídeo dos sessenta anos da Academia Nossa Senhora Aparecida e que não foram analisadas neste trabalho. Além das três formandas já citadas, outras vinte e cinco moças estão distribuídas em pé em três filas atrás da linha de pessoas sentadas. As formandas vestem camisas claras de manga comprida por dentro das saias escuras na altura dos joelhos, laços no colarinho e seguram os canudos. A fotografia é interna onde é possível ver uma cortina fechada no canto esquerdo superior, ao lado de uma janela com grades em “x” uma coluna no lado direito da imagem e uma pintura na parede ao fundo remetendo a uma cortina.

As imagens de 1967 retratam duas formaturas distintas, apesar de serem no mesmo ano, por alguns detalhes: em uma das celebrações as formandas usam camisas de manga curta enquanto na outra as moças vestem camisas de manga longa e laços no colarinho; na figura 7 há um formando e na imagem 8 só há formandas; o decote do vestido de Adelia é diferente nas figuras 8 e 9. O ano de 1967 é um marco para a ANSA pois foi a data em que a professora lançou o Método Elite e

teve sua primeira turma de formandas através de sua metodologia publicada. A possibilidade de terem ocorrido duas formaturas em um mesmo ano confirma a fala de Adelia de que ela possuía muitas alunas em Cianorte e para isso tinha outros professores auxiliando-a com o ensino do corte e costura:

A – Cada bairro tinha uma igreja, e o Sindicato Rural comprava máquinas e mandava as alunas que queriam aprender comigo e eu ensinava. Em Cianorte deixei três professoras e uma em Terra Boa.

[...]

A – Depois de um tempo eu chamei uma das professoras que eu deixei lá em Cianorte pra me ajudar aqui em Curitiba, a Luzia Zocante Ascêncio. Ela tava na segunda turma de formandas de Cianorte. [...] Ela era doméstica, vinha todas as tardes pra aula. Terminava o serviço e vinha pra escola. Depois de anos ela virou costureira fina aqui em Curitiba (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Com tamanha procura pelo curso a fundadora da Academia Nossa Senhora Aparecida teve a possibilidade de se dedicar ao ensino da costura e como lhe sobrava pouco tempo para realizar os afazeres domésticos, Adelia contratou uma trabalhadora doméstica para tomar conta dos filhos e realizar os afazeres da casa.

A – Quando eu queria registrar a escola na Secretaria da Educação eu fiquei um mês aqui em Curitiba resolvendo as coisas! Nesse tempo eu peguei uma empregada muito boa, inclusive ela deu aula de costura depois numa instituição lá em São Paulo. [...] Ela se casou na minha casa... eu fiz a roupa de noiva dela, tudo. Ela é um amor de pessoa! Ela foi a mãe do meu filho menor [risada], porque ó, com dois aninhos, eu deixei meus filhos pra ela cuidar e vim ficar um mês aqui em Curitiba (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Se para algumas mulheres na metade do século XX a costura era entendida como uma obrigação feminina, para outras, aprender a costurar virou uma opção de trabalho remunerado que permitia às moças que trabalhassem em casa e cuidassem das atividades domésticas e da família. Já para Adelia, a escola de costura se tornou seu principal trabalho de forma a ocupar muito de seu tempo, fazendo com que a fundadora da ANSA recorresse a outra mulher para auxiliá-la com os afazeres domésticos e cuidado de seus filhos. Outro exemplo em relação aos diferentes caminhos traçados por quem aprendeu a prática do corte e costura é o caso da professora da escola que Adelia formou em Cianorte. Luzia era trabalhadora doméstica e ia para as aulas de costura depois de trabalhar. Após concluir os estudos na ANSA se tornou professora do ofício e, com o passar dos anos, virou “costureira fina” ou de alta costura, fazendo vestidos de festas, o que certamente era mais rendoso e com melhor status que o trabalho doméstico.

Em Curitiba as formaturas mantiveram sua importância, mas algumas diferenças ficam perceptíveis pela imagem da década de 1970:

Figura 10: Foto de formatura da ANSA – 1971, Curitiba.



Fonte: Acervo da ANSA.

A figura 10, em preto e branco, retrata dezesseis mulheres e um homem. A fotografia apresenta grânulos, portanto não está com o foco bem ajustado e a iluminação está um pouco escura. Há duas filas de pessoas: na frente, um homem e sete mulheres sentadas e atrás nove mulheres em pé. No primeiro plano há uma mesa com uma toalha escura e um arranjo de flores centralizado. Nas cadeiras há duas formandas, seguidas por uma mulher com roupas de freira; um homem com paletó escuro, camisa e gravata usando óculos; Adelia com uma blusa estampada clara com decote redondo e manga na altura dos cotovelos e três outras formandas sentadas. As moças seguram os canudos e muitas delas sorriem para a foto. As roupas das mulheres variam bastante, não havendo unidade de cor ou tipo de peça de roupa, sendo que três delas vestem calças e blusas. Há também variadas padronagens nas roupas. A fotografia é interna e ao fundo se vê uma parede pintada de duas cores e uma janela no lado esquerdo da imagem. Acredito que a mulher com trajes de freira e o senhor de terno são a irmã Maria e o diretor da escola; afirmo isso pelo período em que a fotografia foi tirada e por Adelia ter dado aulas no início dos anos 1970 na escola dirigida por eles. Quatro das formandas parecem ter ascendência asiática.

Em relação as formaturas da ANSA, quatro das fotografias apresentadas retratam cerimônias da entrega de diplomas (figuras 4, 8, 9 e 10). Entre as quatro

formaturas mostradas, há sessenta e nove formandas e um formando, reforçando a ideia da costura como uma prática feminina na metade do século XX no Brasil. Nos anos 1960, as alunas aparentavam ser bem jovens, assim como Adelia afirmou que ensinava a garotas a partir de doze anos pelo Sindicato Rural. Já na década de 1970 as moças não aparentam ser tão novas, mas a prática da costura se manteve como uma opção difundida para as mulheres. Sobre as alunas da ANSA em Terra Boa e Cianorte (figuras 3, 4, 7, 8 e 9), nove aparentam ter ascendência asiática, assim como o rapaz, além de haver cinco moças negras. A região noroeste do Paraná atraiu muitos imigrantes japoneses, o que pode ser um dos motivos da presença de pessoas com ascendência asiática nas fotografias. Já em relação à Curitiba (figura 10), quatro das formandas parecem ter ascendência asiática e uma das mulheres não é branca.

Sobre a mudança de Adelia e sua família para Curitiba, seguem mais informações:

A – Mudando pra Curitiba, aluguei uma casa grande logo depois da Ponte Preta ali na mesma rua, João Negrão número 1909. Mas a Secretaria de Educação não aceitou. Tinha que ser ou escola ou residência. E eu já tinha arrumado até uma empregada pra cuidar das crianças. [...] Aí eu fui numa creche que tinha uma quadra pra cima ali na rua Brasílio Itiberê. A irmã da creche me atendeu muito bem, e eu contei pra ela a história, que eu estava procurando lugar pra escola e ela disse: “ah, eu tenho uma casa que é creche e eu ensino mobral” – porque tinha muitos alunos que não tinham nem terminado o curso primário e tinha que ter o primário completo pra registrar os diplomas na Secretaria de Educação. Tanto que lá em Cianorte o meu filho mais velho já ensinava o Mobral quando ele ainda estava no colégio.

[...]

A – Lá na creche a irmã falou assim “você pode fazer a escola de costura aqui que eu só tenho...” – como é que ela disse... – que ela tinha o mobral e a arte culinária e uma sala grande que estava desocupada. Então a irmã disse “vamos combinar: eu gostei da ideia de você com o corte e costura. Eu tenho 20 crianças que estão começando também aqui e as mães vão se interessar. Eu vou querer que elas aprendam. Você ensina de graça as minhas alunas em vez de você pagar aluguel. E aquelas que podem pagar, você ensina por sua conta e você recebe”. Daí eu peguei a sala e a Secretaria de Educação aceitou ali, porque era tudo curso. [...] Então eu tinha metade de alunas que pagava e metade dela e fiquei lá quase 5 anos. Depois eu aluguei uma casa na avenida Manoel Ribas pra morar, e como eu tinha que pegar dois ônibus pra vir de lá, eu aluguei uma sala no Edifício Demeterco, 7º andar.

Adelia recorrentemente fala da importância de ter sua escola reconhecida pela Secretaria de Educação do Paraná, o que reforça sua visão da costura como uma prática que vai além dos ensinamentos de mãe para filha. Mas mesmo assim a professora seguiu ensinando muitas mulheres que aprendiam sobre corte e costura enquanto seus filhos ficavam na creche como forma de possuírem uma renda extra ou de costurar para a família.

A – Eu fui com meu filho na Escola Técnica Federal, hoje CEFET, pra fazer matrícula. Fui com meu primeiro livro que já tinha lançado em Cianorte me informar como funcionava a Escola e daí o coordenador dos cursos se interessou e gostou do livro. Ele falou “nossa, você tem um livro de corte e costura?” e não sei o quê, e falou “puxa, eu estou precisando de uma professora de corte e costura porque a nossa professora sofreu um acidente e vai ficar uns seis meses fora”. Eu falei assim “se for à noite, eu venho porque é aqui perto pra mim”. Daí lecionei lá no ano de 1970. Eu fiquei seis meses na Escola Técnica até a outra professora voltar e fiquei dando aula lá com a irmã Maria, uns bons anos. [...] E depois, quando eu me mudei de casa para as Mercês, eu mandei uma ex-aluna para me substituir. Mas a freira não gostou porque ela era espanhola e falava tudo meio enrolado [risadas] (ALVAREZ, entrevista, 2019).

E assim, além de instalar a ANSA na escola comandada pela irmã Maria, Adelia também foi professora de corte e costura na Escola Técnica de Curitiba por seis meses do ano de 1970. Outro ponto interessante sobre a Academia Nossa Senhora Aparecida diz respeito aos diferentes perfis de pessoas que fizeram o curso de corte e costura ao longo das décadas:

C – Quem foram as pessoas que passaram pela escola?
A – Teve de tudo. Tinha muitos que já sabiam um pouco de costura, mas vinham aprender porque muitas vezes as pessoas fazem cursos aqui e ali, mas não terminam direito ou usam métodos diferentes. E as pessoas que já costuravam se interessaram mais, porque podia acompanhar pelo livro. [...] O marido da Luzia, por exemplo, ele já costurava, mas veio aprender modelagem porque ele costurava calça, costurava paletó, costurava camisa, costurava tudo na alfaiataria, mas o alfaiate não ensinou a fazer os moldes (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Houve interesse pelo curso por pessoas que trabalhavam para confecções, quem buscava o Método Elite para fazer roupas para si mesma, para vender, para dar de presente, e também para costurar para a família; quem já sabia o básico, quem tinha aprendido a costura por outro método, quem queria se aperfeiçoar ou aprender mais sobre modelagem; mas é certo caracterizar que a grande maioria de estudantes da ANSA, cerca de 90%, foram mulheres. Outro ponto que vale ressaltar diz respeito à procura de homens por um método de ensino de corte e costura especialmente para praticar a modelagem masculina, pois, segundo Adelia, mesmo alguns alunos tendo sido ensinados por alfaiates, estes não tinham o costume de instruir sobre a confecção dos moldes, apenas a etapa da costura.

C – Qual livro foi feito primeiro: o de corte e costura ou o de modelagem industrial?

A – Primeiro eu fiz só o feminino de corte e costura. Aí eu fiz o infantil, porque toda mãe quer fazer pro filho... E depois vinha homens pra fazer o curso daí eu fiz o livro masculino mais completo. Eu nunca fiz curso pra aprender a modelagem masculina, mas depois de um tempo eu fiz o livro. Porque eu via minha mãe costurando roupa pros meus 4 irmãos e pro meu pai, aí eu aprendi com ela o modo de fazer as peças e tirar as medidas. O modo de fazer a modelagem é igual, só que roupa de mulher é mais detalhado de fazer e tal. De homem é igual de criança, tudo reto, não precisa cinturar. Por isso que aprendendo bem a modelagem feminina e tendo o livro infantil e o masculino a pessoa sabe fazer, porque é mais simples a modelagem.

C – Então a senhora acha que as roupas femininas são mais difíceis?

A – Claro, claro! Porque a mulher é cheia de curvas... e uma pior que a outra... [risadas]

C – Ou melhor, dona Adelia! [risadas] (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Luís Prado (2019) afirma que em meados de 1850, quando as máquinas de costura se tornaram mais populares, as peças de roupas femininas sob medida eram mais complexas de serem feitas, indo ao encontro da opinião de Adelia, mais de um século e meio depois, de que a indumentária feminina é a mais difícil de ser feita.

Na década de 1980 Adelia lançou a primeira edição do livro de modelagem industrial, o livro de desenho de modas em 1984 e a quinta edição dos livros de ensino do Método Elite em 1987, desta vez separado em modelagem feminina, infantil e masculina e com os desenhos refeitos por Branca, quem assina todas as ilustrações destes cinco livros.

A – A Branca, uma portuguesa que estava fazendo faculdade de Belas Artes, viu que eu ensinava modelagem industrial e veio aprender comigo. Como ela desenhava bem ela dava o curso de desenho de moda aqui na escola. Ela ensinava as bonequinhas e depois estamparia. (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Os anos 1980 também marcam o início de uma parceria importante, a de Adelia e Lúcia. Lúcia Pieri é nora de Adelia e foi convidada pela fundadora a aprender a costurar para auxiliá-la na ANSA em um período de muita procura pelos cursos. Ao longo dos anos, Lúcia se aprimorou em corte e costura e em ensino, graduou-se em moda pela Universidade Tuiuti e é a professora principal da escola atualmente. Ana Valéria Alvarez, neta de Adelia e filha de Lúcia e Vanderlei, é a secretária da escola e por alguns anos também deu aula de desenho de moda.

A – Na década de 1980 eu comprei uma casa antiga aqui na Rua Clotário Portugal. [...] E daí, quando meu marido faleceu, eu aluguei aqui na Cruz Machado porque eu queria vender a escola quando fizesse 50 anos, mas daí todo mundo reclamou e eu falei “então continua”. Sorte que a Lúcia continuou. Se as duas [Lúcia e Ana Valéria] não pegassem eu iria vender. (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Ao longo de sua trajetória, Adelia recebeu muitos prêmios pela Academia Nossa Senhora Aparecida, entre eles: Prêmio Master Tradição pelos 50 anos da ANSA, 2011; Troféu Imprensa do Paraná, 1989; Os melhores do Paraná, 1989; Os 3 mais do Paraná, em 1984; pendurados na parede da secretaria, ao lado de duas fotografias (imagem 10).

Figura 11: Fotografias na parede da secretaria da ANSA – 2019, Curitiba.



Fonte: da autora, 2019.

A figura 11 mostra duas fotografias emolduradas em uma parede. À esquerda, o retrato da formatura de Adelia em 1961, vertical, em preto e branco (figura 2). À direita uma foto de três mulheres sorrindo, em preto e branco, horizontal, alinhada pela parte superior com a outra fotografia. Esta imagem foi feita na festa de comemoração dos sessenta anos da ANSA em 2017 no Palácio Garibaldi. Nela se vê Lúcia, à esquerda, de óculos, brincos, cabelos lisos soltos e vestido escuro de decote v; ao centro, Adelia tem os cabelos brancos, usa óculos de grau, brincos, colar de pérolas e blazer escuro; à direita Ana Valéria usa vestido escuro com decote canoa e rendas, cabelo liso comprido preso em um rabo de cavalo, brincos redondos e maquiagem. O contraste entre a cor de fundo das imagens e a cor do cabelo de Adelia está presente em ambas imagens. Novamente Adelia aparece como a figura central na foto da direita.

O retrato de Adelia de 1961 pendurado ao lado da fotografia de 2017 das três mulheres que dirigem a ANSA materializa o argumento de Ecléa Bosi (2004; 2006)

sobre a memória ser a intersecção entre a memória-hábito, a lembrança pura e a memória coletiva. Por um lado, há a referência das fotografias de formatura presentes na memória coletiva, por outro há a imagem da formatura de Adelia e o que ela pode evocar de lembranças de um momento pontual e individual da professora da ANSA vivido a partir de décadas da prática da costura – o que traz consigo a memória-hábito de movimentos e inscrições no corpo. A lembrança não é fixa nem passiva, ela é construída junto com o tempo e pelo acúmulo de experiências e vivências, ao refletir sobre o passado.

A – Mas, olha, graças a Deus, eu sempre falei em Nossa Senhora Aparecida e sempre fui muito devota dela, eu consegui! Consegui, mesmo! O nome da escola é uma homenagem porque sempre foi tão difícil... e assim como eu me apeguei com Nossa Senhora pra me ajudar com meu filho, eu me apeguei a Nossa Senhora quando eu tive dificuldade de registrar a escola e tanta outra coisa, e ela está aí até hoje! (ALVAREZ, entrevista, 2019).

Ouvir Adelia falar da Academia Nossa Senhora Aparecida e observar os registros imagéticos de mais de 60 anos é entender a presença da sua família na escola de costura: do marido que pendurava as roupas costuradas pela esposa no lado de fora da mercearia para vender; dos filhos pequenos que viajavam de trem com Adelia para a capital de São Paulo para que ela pudesse fazer o curso de aperfeiçoamento ou dos registros fotográficos dos meninos no colo da mãe no interior do Paraná; do filho mais velho que ajudava a dar aulas do mobral para que tantas mulheres pudessem alcançar seus diplomas; do outro filho que passava nanquim nos desenhos à lápis da mãe para serem publicados nos livros de ensino; da nora, Lúcia, que foi incentivada por Adelia a aprender a costurar e se tornar professora da ANSA; da neta Ana Valéria que desde pequena se viu envolvida por linhas, botões e máquinas de costura; da própria Adelia e sua devoção por Nossa Senhora Aparecida. O fio que envolve a ANSA é o afeto de uma mulher que costurou linhas invisíveis que ligam centenas de mulheres através dos ensinamentos de corte e costura, das risadas, das histórias e da prática.

4.2. Análise do Método Elite

Este subcapítulo tem como objetivo discutir a sistematização do Método Elite de corte e costura de roupas femininas. Para isto, utilizei como base o caderno de

Adelia, a segunda, quarta, quinta e sétima edições do Método Elite, sendo as duas últimas referentes a modelagem feminina.

Em relação ao recorte da pesquisa optei por focar nas peças femininas pois estas foram as roupas que Adelia aprendeu nos cursos que fez. Como o recorte ainda estava bastante amplo devido a quantidade de edições e ao grande número de lições de roupas femininas selecionei as saias para uma análise mais criteriosa por serem as peças iniciais propostas pela sétima edição do Método Elite do qual fui aluna.

Foram feitos dois modelos de fichas técnicas: as fichas do sumário e as fichas relativas às lições. A primeira foi chamada de “ficha técnica Método Elite – Sumário” ou FTME-S e há uma para cada edição dos livros de ensino e caderno, totalizando cinco FTME-S (apêndice A). A segunda diz respeito a “ficha técnica Método Elite – Lição” ou FTME-L seguida de um número correspondente a lição analisada mais detalhadamente (apêndice B). A seguir esclareço a divisão de cada livro entre roupas femininas, infantis, masculinas, tabelas de medidas e a quantidade de fichas criadas para dar suporte às análises, de acordo com as edições:

Caderno

84 lições: 44 femininas, 30 infantis, 10 masculinas, 9 tabelas – 11 fichas

Segunda edição

84 lições: 44 femininas, 27 infantis, 13 masculinas, 10 tabelas – 16 fichas

Quarta edição

92 lições: 45 femininas, 27 infantis, 13 masculinas, 3 unissex, 7 tabelas – 22 fichas

Quinta edição

58 lições femininas, 4 tabelas – 25 fichas

Sétima edição

64 lições femininas, 3 tabelas – 24 fichas

Total

102 fichas: 97 fichas lições + 5 fichas sumário

Na sequência apresento a descrição do conteúdo e as particularidades de cada edição, seguida da análise comparativa das lições das saias de acordo com o ano, faço uma separação do Método Elite em dois momentos distintos e por fim traço uma conclusão sobre o material analisado.

4.2.1. Descrição do conteúdo e particularidades das edições

No **caderno**, as quatro primeiras lições dizem respeito a confecção do molde base da blusa, da manga, da saia e do vestido. Na sequência há trinta e seis lições, sendo dezesseis vestidos e três saias. Há uma lição de calça feminina, seguida de um short e uma saia calça, além de uma tabela de medidas. Há ainda quatro lições de roupas de dormir femininas, sendo uma camisola, um baby doll, um negligê e um pijama composto por camisa e calça de elástico. Em relação às roupas interiores, há uma lição de sutiã, uma de cinta modeladora e uma de combinação; além de uma lição de maiô e uma de avental. Ainda na parte de roupas femininas há uma lição sobre como colocar forro em sombrinhas. Por fim, há duas lições de casaco (sendo um com gola clássica e outro mais casual, a “japona”), uma lição de blusa e uma de frente única. O caderno termina com a lição “como tirar as medidas do vestido”. Apesar de haver a indicação de que o caderno possui nove tabelas de medidas, só há menção a duas tabelas na ficha técnica Método Elite – Sumário, já que as páginas 91 a 96 estavam faltando quando fui fotografar o material. Nenhuma dessas duas tabelas de medidas faz referência a peças femininas.

O caderno foi escrito à mão por Adelia, com nanquim e pena; além da autora ter feito os croquis e desenhos técnicos. Neste material, as figuras foram numeradas e o texto fazia referência direta às imagens. Há uma tabela chamada “tabela de altura” apresentada na **FTME-L09**, usada para o feitiço de calças. Apesar do caderno originalmente ser de espiral, devido a sua idade, ele é composto de folhas soltas. Esta edição tem formato A4, vertical e lombada com furos de espiral. Como a capa do caderno é na horizontal, a espiral ficava na lateral menor das folhas.

Na **segunda edição**, as quatro primeiras lições dizem respeito a confecção do molde base da blusa, da manga, da saia e do vestido, assim como no caderno. A sequência de lições se repete e inclui outras quatro: o “sapato Maria Mole” (que no caderno era a primeira lição das roupas masculinas), o “traçado básico do vestido quando o quadril é maior [que o busto]”, o “vestido calça com gola clássica e reto dos lados” e o “macacão inteiriço”. Esta edição possui 10 tabelas de medidas, sendo uma de calças femininas e uma tabela do manequim 32 ao 50. Além disso há uma página dedicada à relação entre as peças de roupa e quais medidas do corpo são necessárias denominada “medidas diversas”. No fim do livro há o índice numérico das lições.

A segunda edição possui correções ortográficas e de pontuação, áreas melhor delimitadas para texto e imagens além de hierarquia dos títulos escritos em negrito e

em caixa alta, quando comparados com o caderno. Antes de começarem as lições há a introdução da segunda edição, uma dedicatória, a introdução da primeira edição e documentos imagéticos e textuais. Aparecem duas tabelas propostas por Adelia: a tabela de décimos (usada para o traçado da manga) mostrada na **FTME-L14** e a tabela de altura (usada para calças e shorts) apresentada na **FTME-L21**, esta que já havia na edição anterior. Nas três últimas páginas há o índice numérico das lições. Esta edição tem formato A4, vertical e lombada costurada.

A **quarta edição** inicia com as tabelas criadas por Adelia junto de lições de roupas infantis, sendo elas: a tabela do decote (usada para a confecção de blusas), a tabela cava (também usada para a confecção de blusas) e a tabela divisória (usada para a confecção de calças e shorts), explicadas na sequência. A parte de roupas femininas começa com a confecção do molde base da blusa, da manga, da saia, do vestido e do vestido quando o quadril é maior que o busto, todos na sequência. Há dezoito lições de vestidos, três de saias e as outras quinze lições já citadas no caderno. Das lições adicionadas na segunda edição só o sapato Maria Mole se manteve e três outras foram incluídas: o blusão com gola clássica, a saia calça godê e uma página com explicações sobre os diferentes usos de pences. Nesta edição três peças localizadas na parte de roupas masculinas e denominadas “unissex” chamam a atenção: o colã, a calça sob medida e o macacão. Há sete tabelas de medidas, sendo duas de calça unissex, do manequim 30 ao 40 e do manequim 42 ao 60 e uma tabela de medidas do manequim 30 ao 54.

A quarta edição é a primeira a citar as três tabelas mais importantes do Método Elite: a tabela cava (**FTME-L29**), a tabela do decote (**FTME-L28**) e a tabela divisória (**FTME-L30**). A primeira é definida como “metade de um quarto do busto ou quadril”; a segunda não é explicitada de onde vêm os números; e a terceira é “um terço da tabela cava”. A tabela cava é utilizada para o molde de mangas, ganchos de calças, shorts e macacão; a tabela do decote é usada para blusas e vestidos e a tabela divisória para ganchos de calças, shorts e macacão. Há alterações no tempo verbal e algumas modificações na escrita quando comparados com a segunda edição, incluindo alguns passos a mais em algumas lições para tornar o feitiço dos moldes mais compreensível. Há também o uso de linguagem menos coloquial, evitando o uso de diminutivos.

Os nomes das lições têm pequenas diferenças se olhados no índice ou no título. No corpo do livro não há a indicação do início das lições masculinas, assim como há

nas roupas de infantis (“Primeira parte – Roupas de crianças”) e femininas (“Segunda parte – Roupas de senhoras”); já no sumário aparece esta marcação, mas com o numeral (“III parte – Roupas de homens”) ao invés de escrito por extenso. Desta forma, por haver algumas diferenças de palavras, optei por criar as fichas técnicas dos sumários conforme o nome exato das lições/título. Houve apenas uma exceção, a calça unissex, referente a **FTME-L42**, que em seu título aparece “a unissex sob medida” e na página 108 do índice está denominada “calça unissex sob medida”, acredito que por um equívoco no processo de impressão.

A lição “Colocação de pences e quando devemos usá-los” apresentada na **FTME-L44** explica diferentes formas de fazer pences em blusas dependendo do tipo de corpo e do modelo de roupa e possui um desenho técnico. A frase “obtemos estes detalhes, somente com a prática de alguns anos de serviço” marca o fim desta lição com mais de 20 anos da fundadora da ANSA se dedicando à prática do corte e costura.

A numeração das tabelas de medidas tem uma explicação na **FTME-L45** “os manequins correspondem à metade da medida do quadril – exemplo: quadril 80, manequim 40”, portanto neste livro há informações do manequim 30 ao 60. Esta edição tem formato A4, vertical e lombada costurada.

A **quinta edição** marca os 30 anos do Método Elite e há a separação dos livros em feminino, masculino e infantil, especializando as roupas. Apesar do livro analisado possuir apenas roupas para mulheres, ele possui mais páginas e mais lições que as edições anteriores. A sequência das lições é modificada, sendo que o livro inicia ensinando como tirar as medidas do vestido. A primeira peça apresentada é a saia justa (considerado como o molde base das saias) e seis outros modelos de saias, seguido do molde base de manga (curta e comprida e seus diferentes modelos), prosseguindo para o colarinho (esporte e social), chegando no molde base da blusa. Na sequência há o texto sobre os diferentes tipos de pences e três modelos de blusas, sucedido pelo molde base de camisa, a camisa com gola clássica e três modelos de blusão. Seguindo, há o molde base do vestido e o molde base do vestido quando o quadril é maior que o busto, três modelos de vestidos e um conjunto de saia e blusa. Um pouco depois da metade do livro, há a lição “como tirar medidas da calça”, seguida da calça jeans (considerada como o molde base da calça) e quatro outros modelos de calças, dois modelos de macacão, malha para ginástica e molde base para colã e maiô. Há ainda lições variadas entre as últimas páginas, sendo boa parte com moldes

de maior complexidade. Não há menção a roupas de dormir ou roupas interiores nesta edição, por outro lado, há duas peças específicas para grávidas (uma calça e um macacão). As tabelas cava, do decote e divisória se mantêm como estratégias para a confecção dos moldes. A edição acaba com seis tabelas de medidas do manequim 36 ao 50 e o índice alfabético das tarefas contidas no livro de ensino.

A quinta edição analisada é exclusivamente de roupas femininas. Nela há a reescrita de muitas lições e tantas outras são acrescentadas. A sequência passa a ser ainda mais importante apontando o grau de dificuldade/quantidade de passos necessários para a confecção dos moldes. As ilustrações não são mais feitas por Adelia e sim assinadas por Branca, uma aluna da ANSA que passou a dar aulas de desenho na escola. Os croquis e os desenhos técnicos não são mais numerados.

A **FTME-L64**, referente a lição “Colocação de pences” mantém o mesmo texto da edição anterior, mas possui quatro novos desenhos técnicos. Outro detalhe importante é que o texto sobre as pences está logo antes da lição “Camisa Feminina” presente na **FTME-L65**, sendo um conteúdo importante para a confecção de camisas.

Nesta edição as medidas do manequim já não correspondem à metade da medida do quadril. Na **FTME-L72**, tabela de medidas, o manequim 40 diz respeito a 96cm de quadril e 92cm de busto e as medidas femininas vão do manequim 36 ao 50.

Há a primeira referência ao uso da régua Elite, também criada por Adelia Parron Alvarez como um complemento às três tabelas principais do Método Elite já citadas anteriormente – a tabela cava, tabela do decote e tabela divisória. Esta é a única edição que tem o formato menor que as outras, A5, e a lombada com espiral, com isso as lições passaram a ocupar mais páginas.

A **sétima edição** segue a mesma sequência de lições do quinto livro, com pequenas modificações. As duas primeiras páginas ensinam como tirar as medidas do vestido e da calça, marcando a ordem de aprendizado das tarefas mais simples para as mais complexas. Não há mais separação entre a confecção do molde do vestido quando o quadril é maior que o busto, juntando as informações em uma lição única chamada “vestido básico”. Assim como na edição de 1987, nesta há mais possibilidades de combinar tipos de mangas e colarinhos para criar o modelo desejado de blusa, camisa ou casaco. A lição com explicações sobre os diferentes usos de pences possui mais um desenho técnico. Neste livro há cinco modelos de colã, peças que não haviam na edição anterior analisada.

A sétima edição analisada possui os esquadros Elite – antes chamados de régua – e sua versão em miniatura para o aprendizado de confecção dos moldes economizando material, devido a sua escala menor. Da quinta para a sétima edição houve mudanças no formato dos esquadros e com isso há a indicação de como posicioná-los no feitiço dos moldes, como pode ser visto na **FTME-L83**, **FTME-L88**, **FTME-L93**. Quanto às questões ortográficas há apenas a alteração de letras minúsculas para maiúsculas no início de frases quando comparadas com a quinta edição.

Nesta edição, há uma explicação mais detalhada sobre a relação entre as medidas das tabelas nas fichas **FTME-L84** (tabela cava), **FTME-L89** (tabela do decote) e **FTME-L94** (tabela divisória).

A lição “Colocação de pences” apresentada na **FTME-L90** possui mais um desenho técnico, totalizando seis. O texto se mantém o mesmo.

As medidas dos manequins tiveram pequenas alterações mais uma vez, com o manequim 40 correspondendo a 98cm de quadril, mas mantendo 92cm de busto. As medidas que mais se repetem nas lições analisadas são os manequins 36 e 48, aparecendo em 13 das 16 lições em que há tabelas de medidas – apesar da grade de tamanhos se manter entre 36 e 50.

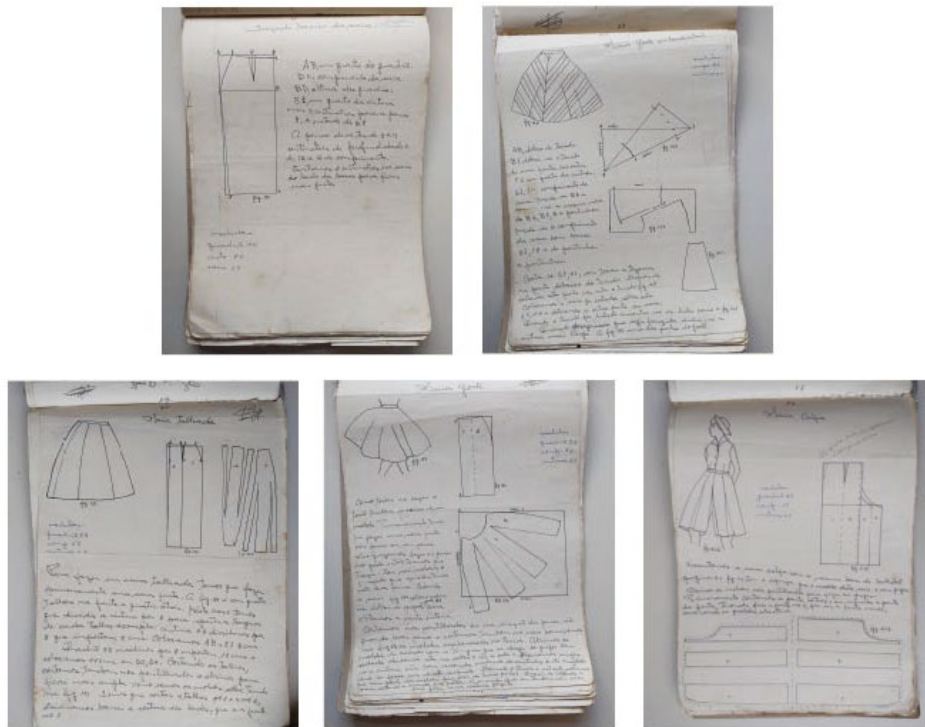
Outro ponto em relação ao livro de 2014 é que há a ficha catalográfica, sumário, índice alfabético e numérico, tornando o livro de ensino mais próximo de um livro dentro das normas de publicação. Isto também simplifica encontrar uma lição específica pelo índice alfabético ou vendo a sequência apresentada pelo índice numérico. Esta edição tem formato A4 e lombada colada. As lições são apresentadas em duas páginas, com figuras maiores, facilitando a leitura.

4.2.2. As saias

Neste tópico apresento em detalhes o material contido nas lições das saias do caderno de Adelia (figura 12), da segunda (figura 13), quarta (figura 14), quinta (figura 15) e sétima (figura 16) edições, pontuando o que se manteve e o que foi modificado, a partir das fichas técnicas do Método Elite.

A sequência das lições de saias apresentadas no caderno de Adelia é: traçado básico da saia, saia gode em tecido listado, saia talhada, saia godê e saia calça (figura 12).

Figura 12: Montagem das saias do caderno de Adelia.



Fonte: da autora.

A lição “**traçado básico da saia**” referente a **FTME-L03** contém um desenho técnico, legenda explicando os pontos para confecção do molde seguida de texto. As medidas indicadas para o feitiço da saia são “quadril, cinto, saia”, sendo que “cinto” se refere a medida da cintura e “saia” ao comprimento desejado.

A lição “**saia gode em tecido listado**” referente a **FTME-L05** contém um croqui, três desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para confecção do molde seguida de texto. As medidas indicadas para a confecção da saia são “comp, cintura”, sendo que “comp” se refere ao comprimento da saia.

A lição “**saia talhada**” referente a **FTME-L06** contém um croqui, dois desenhos técnicos, não possui legenda explicando os pontos, há a explicação do feitiço a partir de um exemplo no texto. As medidas indicadas para a confecção da saia são “quadril, comp., cintura”. Nesta lição, está indicado que para fazê-la é preciso primeiro desenhar o molde da “saia justa” – apesar de este ser o primeiro momento em que o “traçado básico da saia” é referido desta forma. A figura 172 não é mencionada no texto, apesar de se referir ao molde da saia justa.

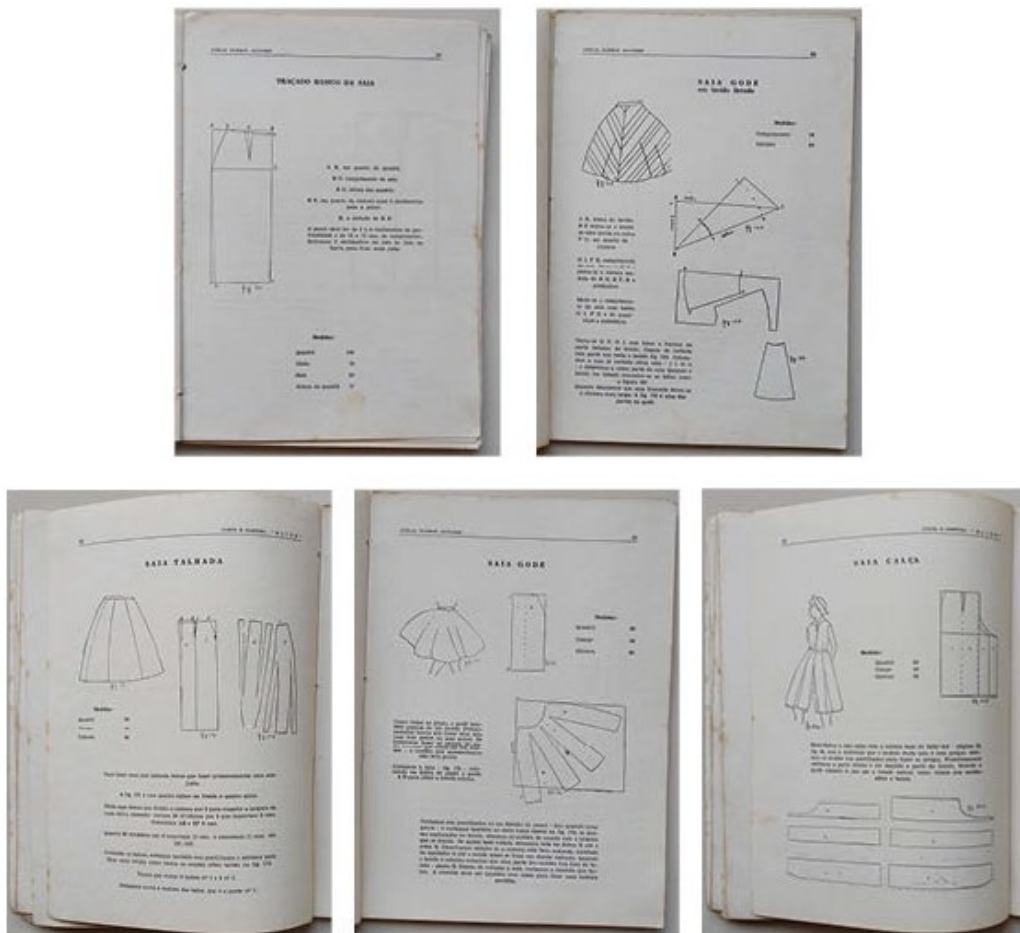
A lição “**saia godê**” referente a **FTME-L07** contém um croqui, dois desenhos técnicos, não há legenda explicando os pontos e há texto. As medidas indicadas para

a confecção da saia são “quadril, comp., cintura”. Nesta lição há a menção de que primeiramente é preciso fazer o molde da “saia justa com pence ou sem pence”, indicada na figura 175. O texto indica que é possível fazer uma saia godê com ou sem pences, mas tanto o texto como os desenhos técnicos referem-se a saia godê sem pence.

A lição “**saia calça**” referente a **FTME-L10** contém um croqui com modelo, um desenho técnico, não há legendas explicando os pontos e há texto. As medidas indicadas para a confecção da saia calça são “quadril, comp., cintura”. Esta lição deve ser feita a partir de outra não analisada, o “babydoll”.

A sequência das lições de saias apresentadas na segunda edição do livro é: traçado básico da saia, saia godê em tecido listado, saia talhada, saia godê e saia calça (figura 13).

Figura 13: Montagem das saias da segunda edição do Método Elite.



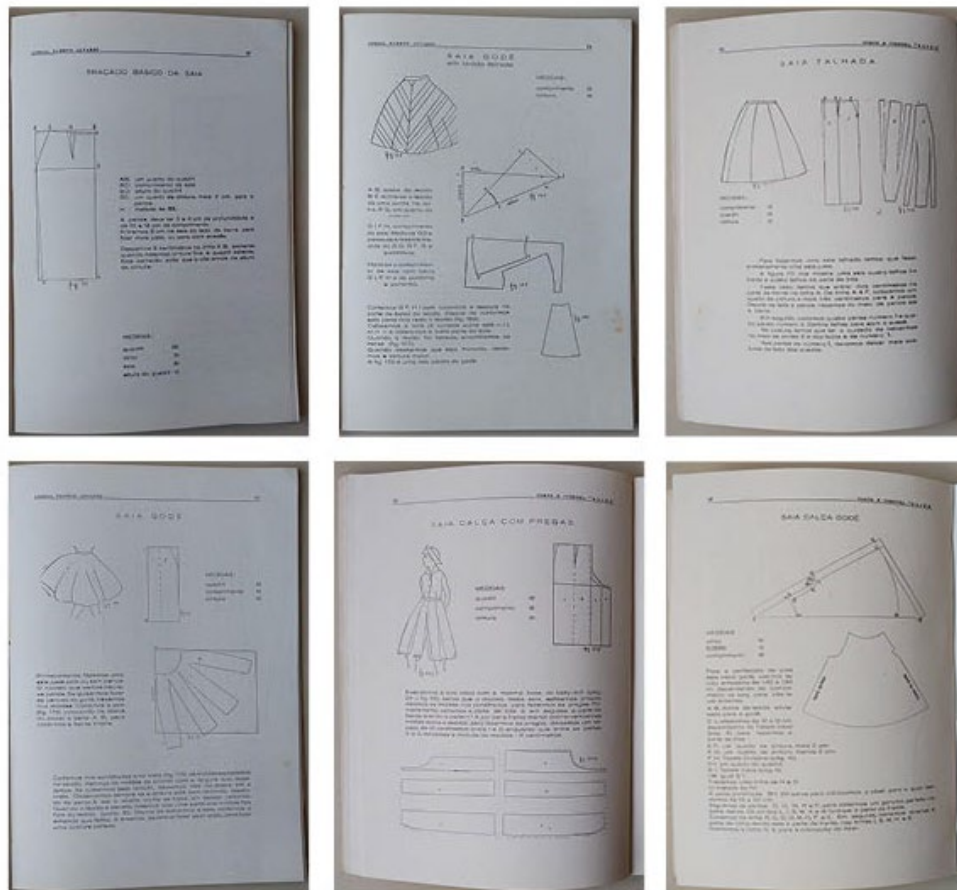
Fonte: da autora.

A lição “**traçado básico da saia**” é referente a **FTME-L15**. Há a medida “altura do quadril”. Em relação ao croqui, desenhos técnicos, legenda e texto, eles se mantêm como no caderno de Adelia.

A lição “**saia godê em tecido listado**” é referente a **FTME-L17**. A lição “**saia talhada**” é referente a **FTME-L18**. A lição “**saia godê**” é referente a **FTME-L19**. A lição “**saia calça**” é referente a **FTME-L22**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos, legenda e texto, eles se mantêm como no caderno de Adelia.

A sequência das lições de saias apresentadas na quarta edição do livro é: traçado básico da saia, saia godê em tecido listrado, saia talhada, saia godê, saia calça com pregas e saia calça godê (figura 14).

Figura 14: Montagem das saias da quarta edição do Método Elite.



Fonte: da autora.

A lição “**traçado básico da saia**” é referente a **FTME-L33**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como no caderno de Adelia. Há um acréscimo de informação textual “*Entramos 2cm na saia do lado da barra para*”

ficar mais justa ou para abrir evasê, além de um novo parágrafo: *“Descemos 2 centímetros na linha EB, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente. Esta correção evita que o cós enrole na altura da cintura”*.

A lição **“saia godê em tecido listrado”** é referente a **FTME-L36**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos, legenda e texto, eles se mantêm como no caderno de Adelia.

A lição **“saia talhada”** é referente a **FTME-L37**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como no caderno de Adelia. Há alterações no texto e não mais a explicação através do exemplo. Neste momento aparece a formula para fazer a saia talhada do tamanho desejado. Não há referência as figuras 172 ou 173.

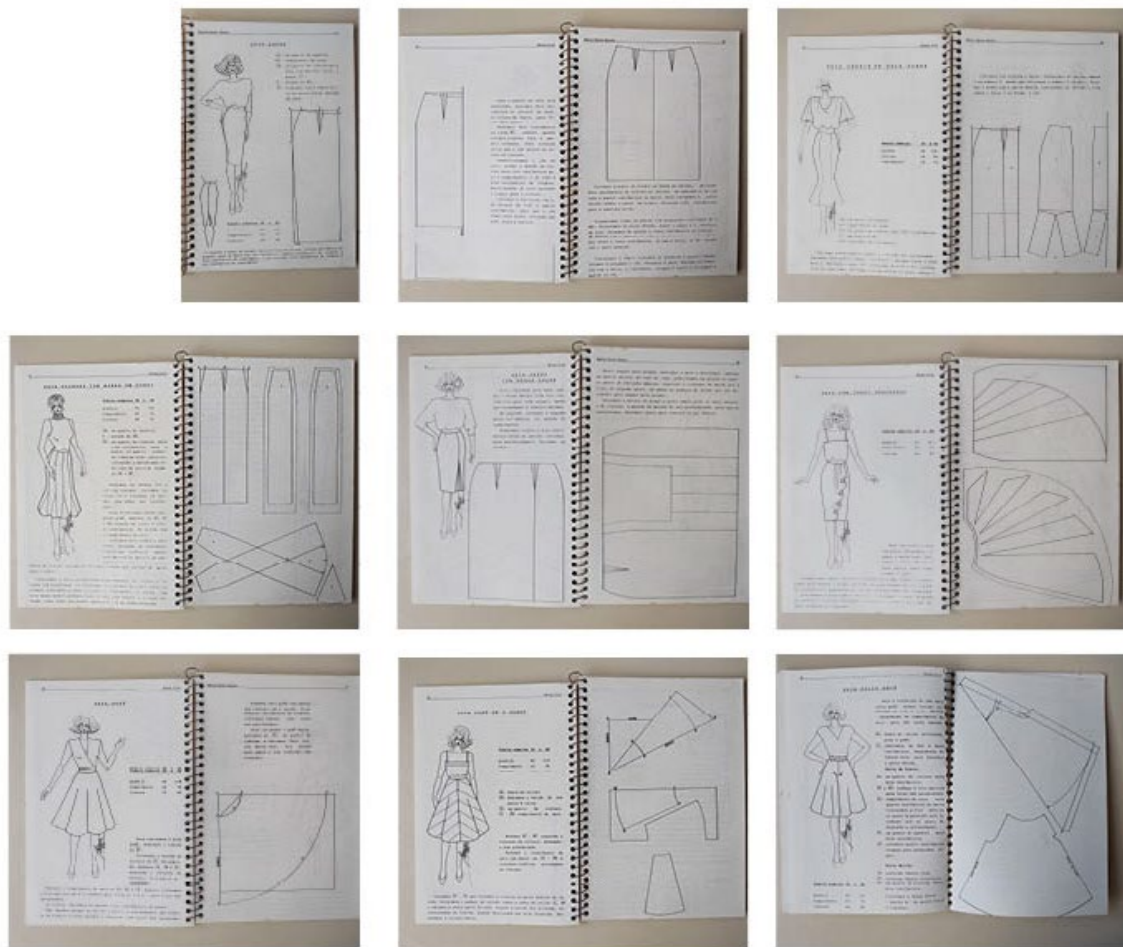
A lição **“saia godê”** é referente a **FTME-L38**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como no caderno de Adelia. Algumas frases são retiradas e outras são minimamente modificadas para um entendimento melhor.

A lição **“saia calça com pregas”** é referente a **FTME-L39**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como no caderno de Adelia. As mudanças em relação ao texto é que anteriormente esta saia era referida apenas como “saia calça”. Esta lição ainda tem como base o “baby-doll”, mas há novas informações que foram acrescentadas no final: *“para fazermos as pregas, deixamos um espaço de 12 centímetros entre 1 e 2; enquanto que entre as partes 2 e 3, deixamos metade da medida – 6 centímetros”*.

A lição **“saia calça godê”** é referente a **FTME-L40** não contém croqui, possui dois desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Esta lição não existia nas edições anteriores. As medidas indicadas para a confecção da saia calça godê são “cinto, quadril, comprimento”.

A sequência das lições de saias apresentadas na quinta edição do livro é: saia justa, saia sereia em seis panos, saia talhada com barra em cones, saia justa com prega leque, saia com panos drapeados, saia godê, saia godê em 4 panos e saia calça godê (figura 15).

Figura 15: Montagem das saias da quinta edição do Método Elite.



Fonte: da autora.

A lição “**saia justa**” referente a **FTME-L50** era antes denominada de “traçado básico da saia” e passa a ocupar 3 páginas. Possui dois croquis (sendo um maior visto de frente e um menor visto de costas), três desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. A legenda possui um asterisco na medida “BE” e uma nova medida “EF”, que indica o uso da Régua Elite para traçar a curva lateral da saia. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. A informação com asterisco é “*Fazemos a pence de acordo com a estatura da pessoa, cabendo aos números do quadril igual ou maior que cem centímetros: quatro centímetros de largura e doze centímetros de comprimento; e aos menores: três centímetros de largura e dez centímetros de comprimento*”. Nesta lição há a menção ao uso de entretela, zíper, ferro de passar e sugestões dos tipos de costura que de podem ser utilizados para arrematar o tecido – ziguezague, overloque ou costura à mão.

A lição “**saia sereia em seis panos**” referente a **FTME-L51** contém um croqui com modelo, dois desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Esta lição não existia nas edições anteriores. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 36 e 46 em relação ao tamanho do quadril, cintura e comprimento da saia.

A lição “**saia talhada com barra em cones**” referente a **FTME-L52** contém um croqui com modelo, três desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Esta lição não existia nas edições anteriores. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 38 e 50 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura.

A lição “**saia justa com prega leque**” referente a **FTME-L53** contém um croqui com modelo, dois desenhos técnicos, não há legenda explicando os pontos para confecção do molde e há texto. Esta lição não existia nas edições anteriores e não possui tabela de medidas. A saia justa com prega leque deve ser feita a partir do molde da saia justa.

A lição “**saia com panos drapeados**” referente a **FTME-L54** contém um croqui com modelo, dois desenhos técnicos, não há legenda explicando os pontos para a confecção do molde e há texto. Esta lição não existia nas edições anteriores. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 38 e 48 em relação ao tamanho do quadril, cintura e comprimento da saia. A saia com panos drapeados deve ser feita a partir do molde da saia justa.

A lição “**saia godê**” referente a **FTME-L55** contém um croqui com modelo, um desenho técnico e texto. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 40 e 46 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Apesar de não haver uma legenda explicando os pontos para a confecção da saia godê, o início do texto é descritivo e indica os pontos necessários e as medidas que devem ser usadas para o feitiço do molde. O texto e o modo de construir a saia godê foi modificado possuindo mais informações.

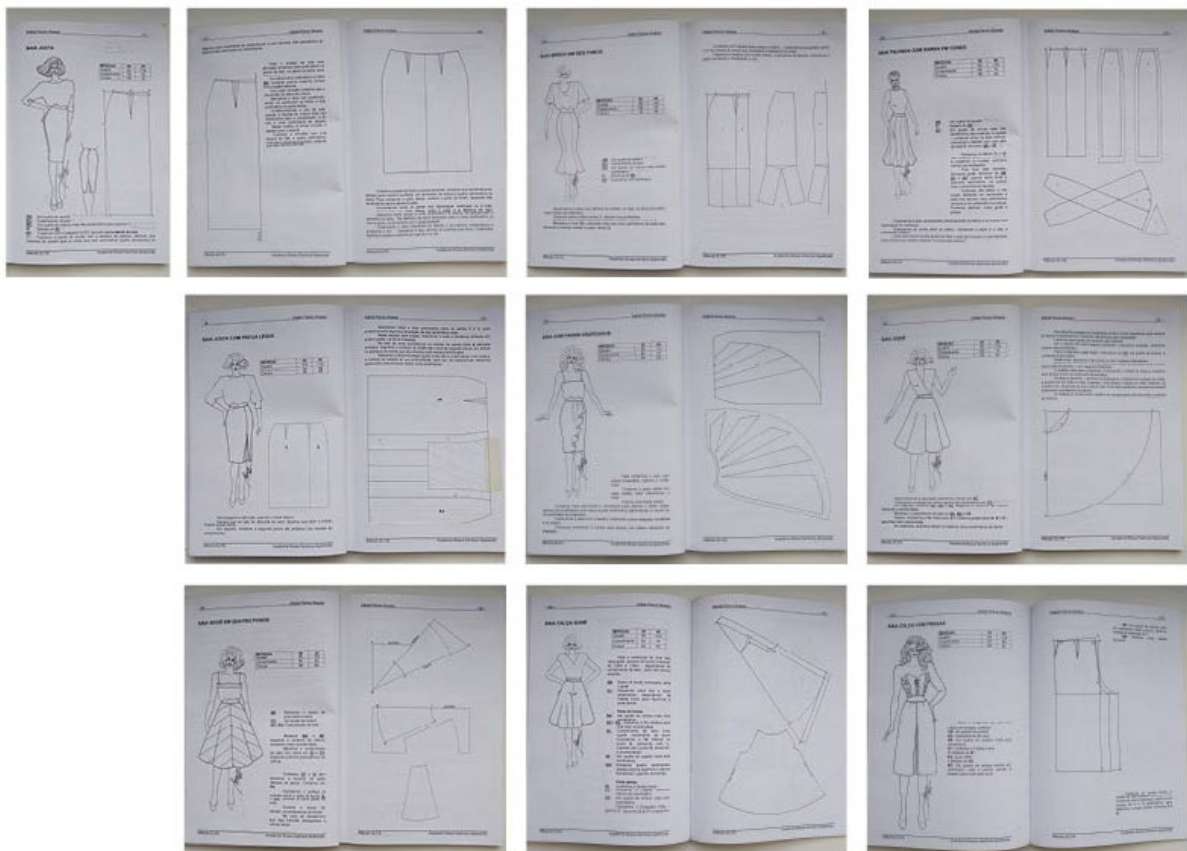
A lição “**saia godê em 4 panos**” referente a **FTME-L56** contém um croqui com modelo, três desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Esta lição era denominada “saia godê em tecido listrado” nas edições anteriores e tem pequenas modificações na escrita. Os três desenhos técnicos permanecem iguais as ilustrações

das edições mais antigas, porém uma das figuras já não faz mais muito sentido com o texto por não ser numerada nem mencionada no texto, a ilustração é a última da página 25 e até a quarta edição era definida no texto como uma das partes do godê.

A lição “**saia calça godê**” referente a **FTME-L71** contém um croqui com modelo, dois desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Há ainda uma tabela de medidas referente aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia calça e cintura. O texto foi modificado e há a separação em “*parte da frente*” e “*parte de trás*” da explicação do feito do molde, além de referência ao uso da Régua Elite.

A sequência das lições de saias apresentadas na sétima edição do livro é: saia justa, saia sereia em seis panos, saia talhada com barra em cones, saia justa com prega leque, saia com panos drapeados, saia godê, saia godê em 4 panos, saia calça godê e saia calça com pregas (figura 16).

Figura 16: Montagem das saias da sétima edição do Método Elite.



Fonte: da autora.

A lição “**saia justa**” é referente a **FTME-L76**. Em relação aos croquis, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Há a adição de uma frase no texto, logo após a indicação da correção que evita que o cós enrole na altura da cintura: “*Marcamos o meio com pontilhado, sendo um centímetro na frente e dois centímetros na parte atrás*”.

A lição “**saia sereia em seis panos**” é referente a **FTME-L77**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 40 e 44 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Há uma alteração na legenda “*BD: um quarto da cintura mais quatro centímetros*” e não mais três. O início do texto possui novas informações “*Desenhemos a altura que abrimos os moldes, ou seja, na altura do Joelho, como indica os pontilhados*”.

A lição “**saia talhada com barra em cones**” é referente a **FTME-L78**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Algumas informações foram alteradas: “*Para ficar bem redondo, formando godê, medimos de AB, AC e AD, usando entre trinta a quarenta centímetros, de acordo com o comprimento da saia. Cortamos oito talhos e oito cones, deixando um centímetro e meio nas laterais; dois centímetros na barra e um centímetro na cintura. Podemos também cortar godê e plissar*”.

A lição “**saia justa com prega leque**” é referente a **FTME-L79**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 46 e 50 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. No texto, após a primeira frase há a adição de uma informação “*Sempre que um lado for diferente do outro, teremos que abrir o molde, ficando a saia inteira*”, além de dois detalhes pontuais “*na altura desejada*” logo após “*marcamos o meio e dividimos embaixo em quatro partes*” e a explicação final entre parênteses “*deixemos apoio para costurá-la por dentro (vide pontilhados)*”.

A lição “**saia com panos drapeados**” é referente a **FTME-L80**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos, legenda e texto, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura.

A lição “**saia godê**” é referente a **FTME-L81**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Novas informações textuais foram acrescentadas: *“Depois de cortarmos o tecido, devemos deixar pendurado pela cintura, para soltar as pontas, e em seguida cortarmos. O melhor meio para cortarmos, é colocando o tecido na mesa e medindo sem esticar (como se estivesse pendurado). Podemos também, vestindo no manequim, colocarmos a régua no chão, e medirmos em toda a sua volta. Exemplo: Colocamos a régua no chão, partindo do número um, (supondo-se que a parte mais curta seja quarenta) marcamos sempre quarenta e recortamos as sobras. A medida do tecido para o godê é do comprimento da saia mais a metade da cintura”*.

A lição “**saia godê em 4 panos**” é referente a **FTME-L82**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos e legenda, eles se mantêm como na quinta edição. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 42 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia e cintura. Não há a informação referente aos pontos AB e há o acréscimo de outro dado “*Cortamos em FH*” logo depois de “*Cortamos GF e IH sem tocarmos a tesoura na parte debaixo do tecido*”.

A lição “**saia calça godê**” é referente a **FTME-L95**. Em relação ao croqui, desenhos técnicos, legenda e tabela de medidas, eles se mantêm como na quinta edição. Alguns detalhes são acrescentados no texto: “*GH: Entramos quatro centímetros (espaço para pregarmos o zíper e formarmos o gancho da frente)*” e “*HF: Conforme a Tabela Divisória menos um centímetro*”.

A lição “**saia calça com pregas**” é referente a **FTME-L96**. Ela contém um croqui com modelo, cinco desenhos técnicos, legenda explicando os pontos para a confecção do molde e texto. Esta lição não apareceu na quinta edição, mas estava presente no caderno, na segunda e quarta edições como “saia calça”. A tabela de medidas faz alusão aos manequins 36 e 48 em relação ao tamanho do quadril, comprimento da saia calça e cintura. Anteriormente esta saia calça era ensinada a partir de outra lição, o baby-doll, mas aqui ela é ensinada do início. Anteriormente havia dois desenhos técnicos e agora são apresentados cinco, tornando o passo a passo mais lógico.

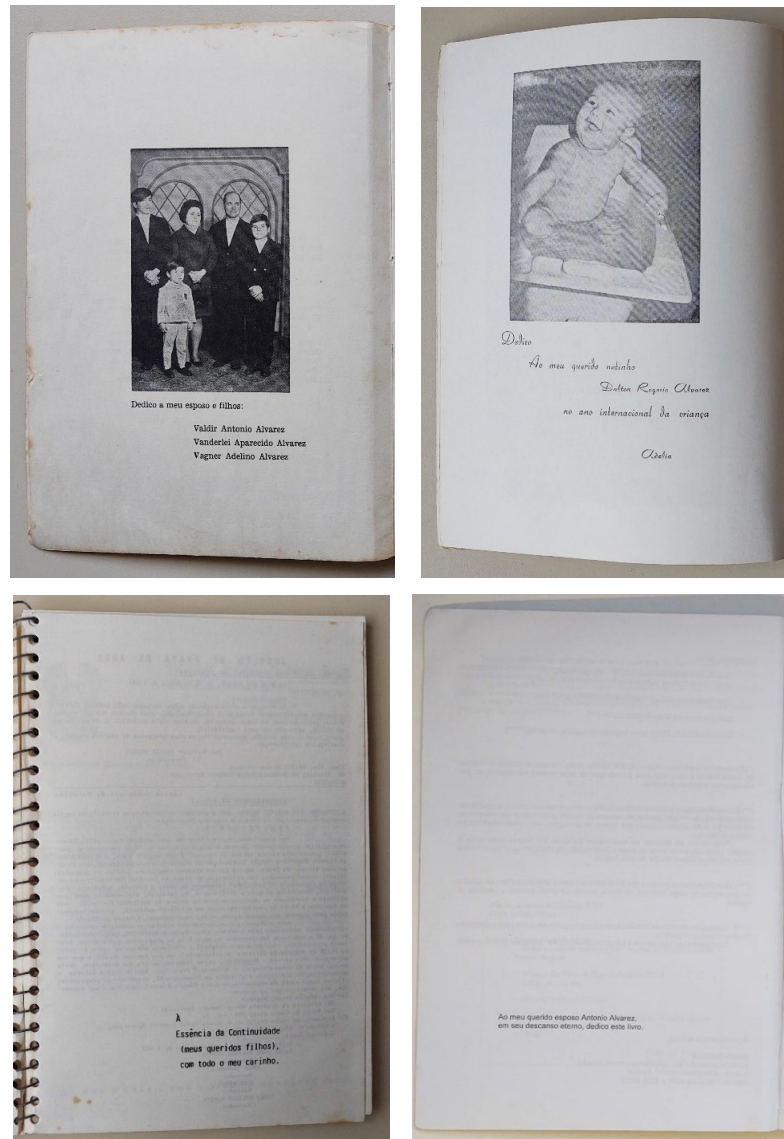
4.2.3. Divisão do Método Elite

É possível dividir o Método Elite em dois momentos: o primeiro que vai de 1966 até 1979, e o segundo que se inicia em 1987, a partir da quinta edição do Método Elite. Na sequência apresento as semelhanças entre o caderno, a segunda e quarta edições da metodologia criada por Adelia Parron e posteriormente mostro as semelhanças entre o quinto e sétimo livros do Método Elite, não deixando de pontuar suas diferenças.

Começo marcando a única coisa que todas as edições possuem em comum: uma dedicatória no início do livro voltada à família (figura 17). Na segunda edição aparecem os dizeres “Dedico a meu esposo e filhos: Valdir Antonio Alvarez, Vanderlei Aparecido Alvarez, Vagner Adelino Alvarez” (ALVAREZ, 1969) com uma fotografia da família. Na quarta edição se lê “Dedico ao meu querido netinho Dalton Rogerio Alvarez no ano internacional da criança Adelia” (ALVAREZ, 1979) junto de uma fotografia de um bebê. Na quinta edição está escrito “À essência da continuidade (meus queridos filhos), com todo o meu carinho” (ALVAREZ, 1987). Na sétima edição a dedicatória é “Ao meu querido esposo Antonio Alvarez, em seu descanso eterno, dedico este livro” (ALVAREZ, 2014) (anexo A).

Apesar de Adelia se ocupar com a criação e ampliação do Método Elite, além de ser professora de corte e costura da ANSA, a família aparece como prioridade ao dedicar os livros ao marido, aos filhos e ao neto. Assim, as homenagens textuais e imagéticas se relacionam com os ideais positivistas da mulher devota à família propagada durante a República no Brasil analisados por Susan Besse (1999) e Guacira Lopes Louro (2003).

Figura 17: Montagem das dedicatórias presentes nas diferentes edições do Método Elite. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: segunda, quarta, quinta e sétima edições.



Fonte: da autora.

4.2.3.1. Primeiro momento

No início da segunda e da quarta edições há introduções/prefácios escritos por Adelia acerca do Método Elite (anexo B). No segundo livro há a introdução tanto da segunda como da primeira edição. Em relação a esta, se lê:

A idéia de meu livro surgiu quando encontrei as primeiras dificuldades para bem cumprir o programa de corte e costura de roupas de homens, senhoras e crianças, então registrados na minha Academia. Entretanto confesso que foram dispendidos dois anos de estudo para reunir êste livro que agora apresento. O meu mais ardente desejo é que êste modesto método, que é o "CORTE ELITE", possa contribuir para suavizar as tarefas de minhas alunas e caras

colegas. Desejo também, que o seu manuseio seja útil às alunas, despertando-lhes o gosto e a admiração pela arte, no que ela tem de mais útil e interessante para a mulher moderna.

Entrego também ao julgamento de minhas caras patrícias e colegas este pequeno repositório de conhecimentos, dando-me por suficientemente recompensada se nêles for encontrado algo de proveitoso e agradável.

A todos os que me animaram e me permitiram contribuir com pequenina parcela de orientação para o êxito das tarefas de ensino, o calor da minha gratidão.

A Autora (ALVAREZ, 1969)

Há também a introdução do segundo livro do Método Elite:

A aceitação que teve o meu modesto trabalho, superou todas as minhas expectativas, por mais otimistas que tivessem sido.

A primeira edição esgotou-se tão rapidamente, que me surpreendeu desarmada para dar início à segunda.

Assim sendo apresento-o hoje com nova feição, procurando corrigir muitas falhas, e enriquecendo-o em muitos sentidos.

Oxalá a modificação tenha concorrido para melhorar este trabalho ao qual venho dedicando o melhor dos meus esforços. Confiando como sempre, entrego esta nova edição à proteção do Altíssimo e a rainha das rainhas 'Nossa Senhora da Conceição Aparecida', esperando que continuem sempre me dar sua proteção.

A Autora (ALVAREZ, 1969)

Na quarta edição há um prefácio com alguns parágrafos muito semelhantes a introdução da primeira edição, onde se lê:

É bom trazer à memória que em 1957, iniciei com muito orgulho a tarefa de ensinar a arte do bem vestir, continuando com o mesmo ânimo até hoje.

Não foi fácil principiar; tentar atingir uma meta, sem orientação, com poucos recursos monetários e conseguir uma escola com direitos reservados, etc. Sabia que tinha uma montanha para escalar. Com fé em Deus, em minha protetora Nossa Senhora Aparecida e em mim, creio que consegui.

A idéia de meu livro surgiu quando encontrei as primeiras dificuldades para bem cumprir o programa de Corte e Costura de roupas para homens, senhoras e crianças, então registrados na minha Academia.

Entretanto, confesso que foram dispendidos dois anos de pesquisas, para reunir este livro que agora apresento.

O meu mais ardente desejo é que este modesto método, que é o "CORTE E COSTURA ELITE", possa contribuir para suavizar as tarefas de meus alunos. Desejo também, que o seu manuseio seja útil aos aprendizes – despertando-lhes o gosto e a admiração pela arte – no que ela tem de mais útil e interessante para o homem moderno.

Tem sido intenso o meu contentamento, ao saber que muitos fizeram do Método Elite, suas profissões, tanto na costura como no ensino. Afinal, era exatamente o objetivo desejado. Labutando há tantos anos no ensino, tive oportunidade de entrar em contato com alunos e professores, mesmo em bancas examinadoras e em todas as ocasiões tenho observado, que são unânimes em reclamar a existência de um completo programa de ensino de Corte e Costura.

Esta edição foi melhorada e ampliada, com um completo e atualizado programa de ensino de Corte e Costura. Espero que sirva de estímulo a todos que se dedicam a este honroso ofício.

Entrego também, ao julgamento de meus caros alunos, este pequeno repertório de conhecimentos, dando-me por suficientemente recompensada se nele for encontrado algo de proveitoso e agradável.

A todos os que me incentivaram e me permitiram contribuir com pequenina parcela de orientação – para êxito das tarefas de ensino – o calor de minha gratidão.

Curitiba, 28 de fevereiro de 1979

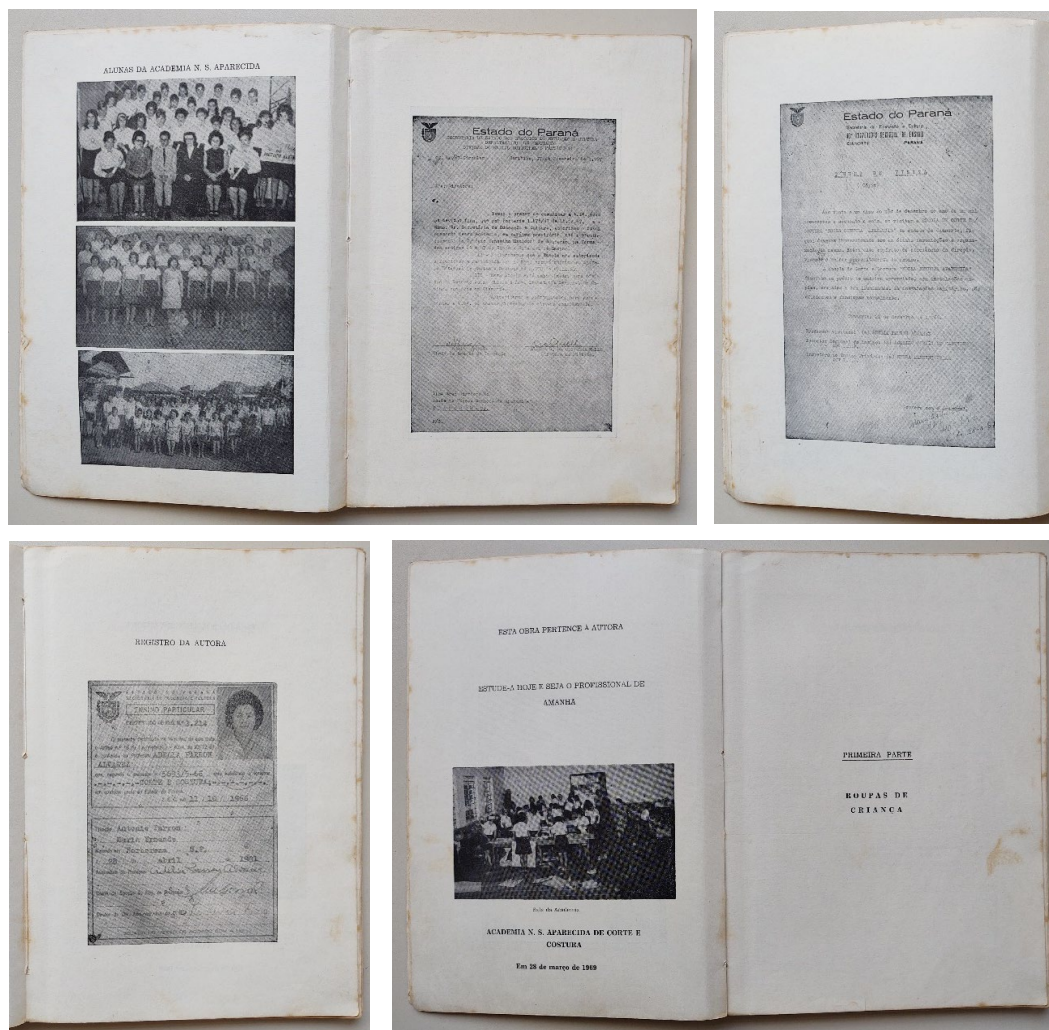
A Autora (ALVAREZ, 1979)

Assim como Guacira Louro (2003; 2004) fala das características relacionadas às mulheres dedicadas ao magistério primário no início do século XX, associando às moças atributos como a sensibilidade, a afetividade e um tom maternal de ensino, Adelia também o utiliza nas introduções/prefácio da primeira à quarta edição do Método Elite. Apesar de ter indicado que levou mais de dois anos para fazer o livro de ensino, além de reforçar a cada nova edição que o livro foi “melhorado e ampliado”, Adelia refere-se à criação do Método Elite como um “modesto trabalho” a quem vai dar-se “por suficientemente recompensada se nele for encontrado algo de proveitoso e agradável”.

Outro ponto a ser destacado é que na introdução da primeira edição Adelia refere-se às “alunas e caras colegas”, a “mulher moderna” enquanto na quarta edição ela fala aos “alunos”, aos “aprendizes” e aos “homens modernos”. Acredito que a diferença de tratamento se dê pelo período em que foi escrito. O primeiro livro foi publicado entre 1966 e 1967, enquanto a quarta edição foi impressa em 1979. Até o fim da década de 1960 Adelia e sua família moravam em Cianorte e ela dava aulas majoritariamente a moças jovens. Já na década seguinte, a professora muda-se para Curitiba e amplia as aulas na ANSA assim como a venda de seus livros, chegando agora também a outros públicos. A partir disso acredito que Adelia optou por referir-se a suas alunas e alunos de maneira mais ampla no masculino, notando que seu método despertava o interesse não só das donas de casa e costureiras, mas também de homens.

Nos livros de 1969 e 1979 há documentos imagéticos e textuais após as introduções/prefácio (figuras 18 e 19). Na edição da década de 1960 há fotografias de alunas da ANSA e Adelia, além da reprodução de documentos da Secretaria de Educação e Cultura, de 1966 e 1967, dando o alvará para o funcionamento da escola, junto com o registro de Adelia autorizando-a a lecionar Corte e Costura (anexo C).

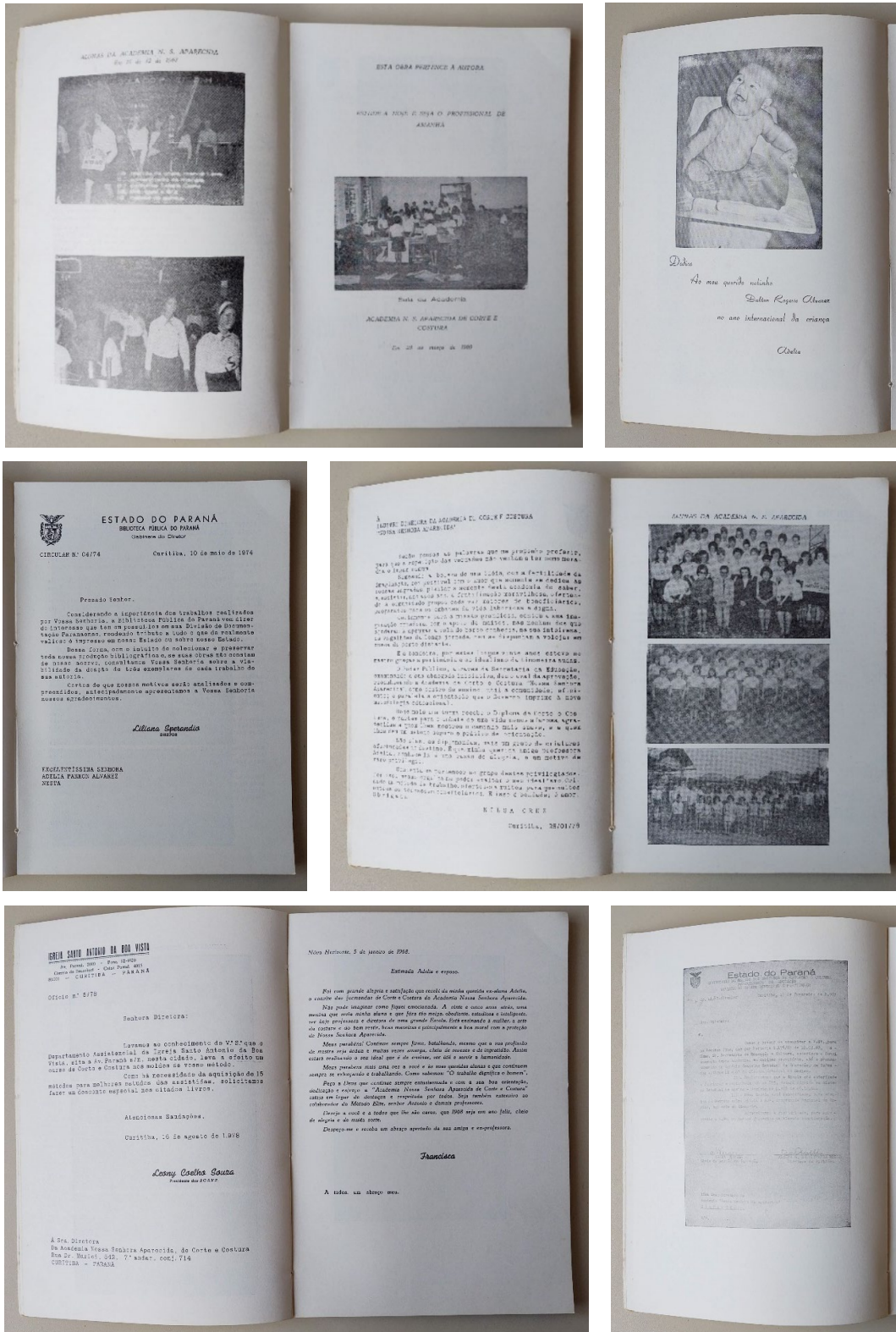
Figura 18: Montagem dos documentos imagéticos e textuais presentes na segunda edição do Método Elite.



Fonte: da autora.

Na edição da década de 1970 há as mesmas fotografias presentes no outro livro, além de duas outras imagens da primeira formatura do Método Elite em Cianorte. Aqui, somente se mantém um dos documentos da Secretaria de Educação e Cultura de 1967 e há novos documentos textuais: o primeiro da Biblioteca Pública do Paraná, de 1974, demonstrando interesse em possuir os livros do Método Elite na Divisão de Documentos Paranaenses; o discurso de Nilsa Cruz na formatura de uma nova turma de Corte e Costura em 1978 dedicado à Adelia; um documento da Igreja Santo Antonio da Boa Vista, de 1978 no qual informam que o departamento assistencial da igreja possui um curso de Corte e Costura a partir do Método Elite, desejando adquirir quinze livros com desconto; um documento de 1968 de Francisca, sua professora em Novo Horizonte, parabenizando Adelia pelas suas alunas e pela ANSA (anexo D).

Figura 19: Montagem dos documentos imagéticos e textuais presentes na quarta edição do Método Elite.

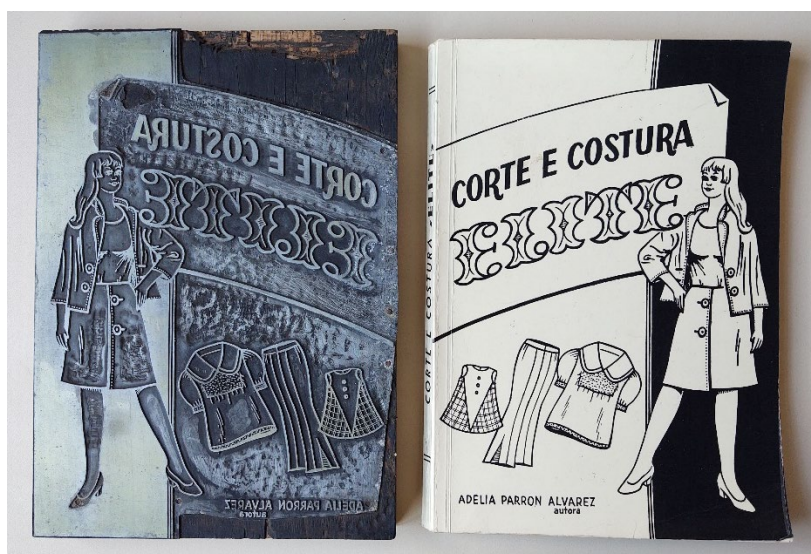


Fonte: da autora.

Os documentos textuais e imagéticos presentes na segunda e quarta edição do Método Elite são tanto uma forma de contar parte da história da ANSA como uma legitimação da escola. Os documentos da segunda edição são uma forma de validação do Método Elite pelas autoridades, mostrando documentos da Secretaria da Educação e Cultura e o registro da carteirinha de Adelia. Já os documentos da quarta edição são uma maneira de validação de outras instâncias importantes para a fundadora da escola: a Biblioteca Pública do Paraná, as formandas da ANSA, um curso de corte e costura de uma Igreja que ensina através do Método Elite e uma antiga professora de Adelia, comprovando os diferentes lugares e pessoas que a metodologia alcançou.

Até a quarta edição os livros foram feitos através da impressão tipográfica – também conhecida por *letterpress* – e clichês para as imagens (figura 20). De modo resumido a impressão tipográfica é uma tecnologia que usa pequenas peças de metal com letras em alto relevo possíveis de serem colocadas lado a lado formando palavras e textos. Os clichês são placas metálicas com desenho em relevo fixadas em peças de madeira e funcionam como carimbos, sendo necessário que as imagens estejam invertidas na parte metálica para que, quando impressas, saiam de forma correta (STELLING, 2021).

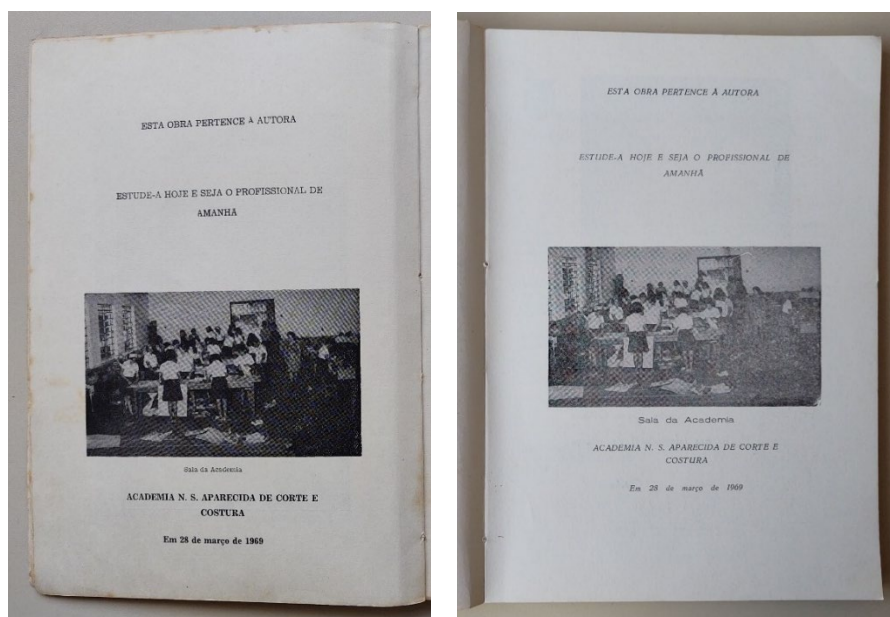
Figura 20: À esquerda clichê da capa do livro de 1979 e à direita a quarta edição impressa.



Fonte: da autora.

Os documentos imagéticos aparecem com menos resolução na quarta edição em comparação com a segunda (figura 21) o que acredito que se deve justamente pelo processo de impressão pois o clichê foi ficando desgastado tornando as imagens menos nítidas e com mais granulações com o tempo.

Figura 21: Documento imagético presente nas páginas iniciais do Método Elite. À esquerda página da segunda edição e à direita página da quarta edição.

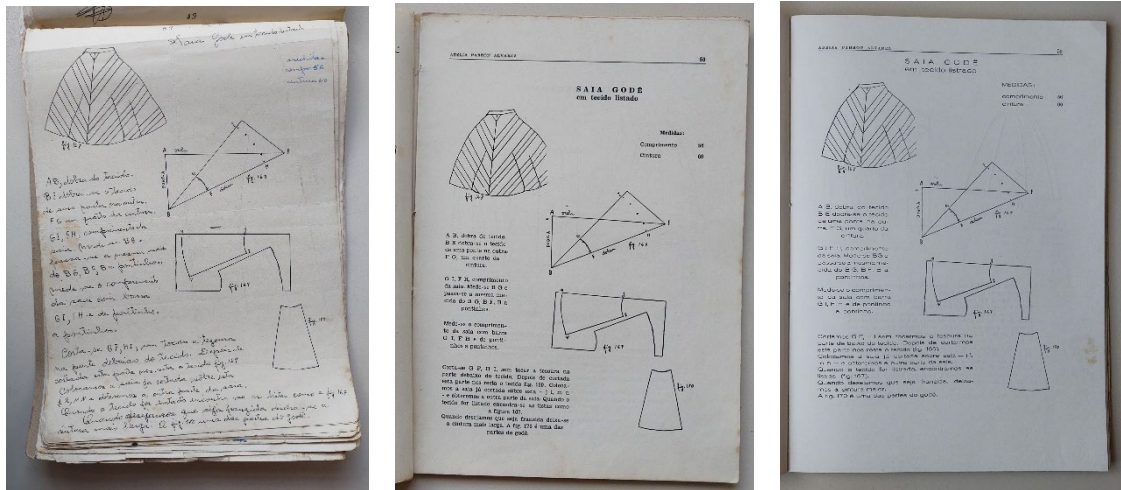


Fonte: da autora.

De acordo com Adelia, Max Roesner foi seu fiador por 10 anos e a primeira e segunda edições foram impressas em sua gráfica, como mostra a inscrição na última página do livro de 1969: “Composto e impresso na PAPELARIA MAX ROESNER LTDA. Rua São Francisco, 180/192 – Curitiba”. Como não tive acesso a terceira edição, não posso afirmar onde ela foi feita, mas a quarta edição provavelmente não foi impressa na Editora Max Roesner, pois não há nenhuma indicação de editora no início ou no fim da obra.

Todas as ilustrações (croquis e desenhos técnicos/molde) foram feitas por Adelia e se mantiveram as mesmas até 1979 (figura 22). Até a quarta edição as figuras eram numeradas e havia a menção no texto relacionando as imagens com a etapa de confecção do molde. Apesar de algumas pequenas mudanças no texto ao longo dos anos, as lições se mantiveram essencialmente as mesmas. De modo geral, elas ensinavam a fazer o molde das peças, e não necessariamente as etapas de corte e costura, como pode ser visto nas fichas **FTME-L05**, **FTME-L17** e **FTME-L36**.

Figura 22: Comparação das imagens da lição saia godê em tecido listrado. À esquerda imagem do caderno de Adelia, no centro imagem da segunda edição e à direita imagem da quarta edição.



Fonte: da autora.

Tanto a segunda como a quarta edição possuem uma página de encerramento ao final do livro (anexo E), logo antes do índice. No encerramento da segunda edição há as seguintes informações:

A mulher deve primar pela simplicidade, gosto e harmonia de seu vestuário, por isso deve adotar o
CORTE E COSTURA <<ELITE>>
de autoria da Profª Adelia Parron Alvarez.

Pedidos de livros, na Academia Nossa Senhora Aparecida de Corte e Costura, com a autora.
Cianorte – Paraná (ALVAREZ, 1969)

Na quarta edição, além das informações presentes no encerramento do segundo livro, há uma nota sobre o registro do livro na Biblioteca Pública do Paraná, onde se lê “Corte e Costura <Elite> Registrado na Biblioteca Pública do Paraná sob o numero 646-4 Alvarez Adelia Parron A-473”, o número do telefone e caixa postal para contato e a alteração da cidade para Curitiba.

Uma prática comum na metade do século XX era a de difundir e estimular as práticas manuais de bordados, corte e costura como necessidades básicas às mulheres. Assim, as revistas, os jornais, os livros e rádios incentivavam estas práticas às moças para completar o ideal feminino da época, assim como Wanda Maleronka (2007), Debora Frasquete e Ivana Simili (2017) afirmam. Na página de encerramento

do Método Elite, Adelia também pontuava as vantagens de aprender o corte e costura através do seu método, afirmando que as mulheres deveriam “primar pela simplicidade, gosto e harmonia de seu vestuário”, o que seria possível através do método “corte e costura Elite”.

4.2.3.2. Segundo momento

A quinta e sétima edições do Método Elite possuem uma página de apresentação sobre a metodologia criada por Adelia que se assemelha ao objetivo da introdução/prefácio da segunda e quarta edições: explicar à leitora e ao leitor do que se trata o livro (anexo F). No livro de 1987 se lê:

Extremamente orgulhosa com a resposta de nossos amigos e alunos às nossas edições anteriores e seus inúmeros pedidos para a divisão da obra em livros distintos para direcioná-la exclusivamente a cada interessado específico, nesta 5ª edição, no ano que completo trinta anos de ensino na ANSA – Academia Nossa Senhora Aparecida, após ampla revisão, ampliação e atualização, a lanço separada em:

Corte e Costura – Método Elite – Roupas Masculinas
Corte e Costura – Método Elite – Roupas Infantis; e este
Corte e Costura – Método Elite – Roupas Femininas.

Continuo nesta edição, a ministrar as técnicas de Corte e Costura em lições práticas, assim como venho ensinando em minha academia; e como procurei apresentar nas quatro edições anteriores. Espero que esta obra possa contribuir para suavizar as tarefas de meus alunos, tornando-se um valioso instrumento de aprendizado e consulta; e que sirva de estímulo a todos que se dedicam a este honroso ofício.

Curitiba, 21 de janeiro de 1987.
Adelia Parron Alvarez
Autora dos Métodos Elite (ALVAREZ, 1987)

Na sétima edição a apresentação é:

Venho apresentar a 7ª Edição do Método Elite de Corte e Costura: uma obra em constante aperfeiçoamento com a prática, ao longo de décadas de experiência na área da moda.

Espero que possa contribuir com o profissional ou mesmo o iniciante, para aperfeiçoar ou adquirir conhecimentos necessários para produzir qualquer modelo de roupa para todos os tipos físicos sob medida, ou utilizando-se de tabelas para confecção industrial, aprendendo a confeccionar não só os moldes dos modelos que estão nos livros, mas também poder interpretar ou criar qualquer modelo.

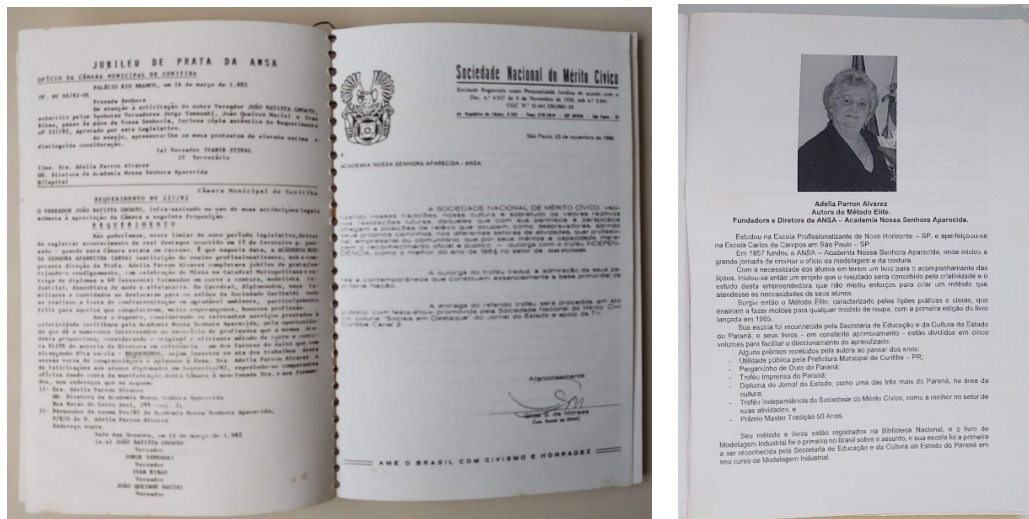
Continuo também na Ansa Cursos oferecendo consultas para esclarecimentos de dúvidas, através do sistema de aulas avulsas a distância.

Curitiba, 12 de outubro de 2014.
Adelia Parron Alvarez
Autora do Método Elite (ALVAREZ, 2014)

Diferentemente das primeiras edições, o quinto livro utiliza a apresentação do Método Elite para trazer as novidades: agora há três livros distintos para ensinar o Corte e Costura de acordo com o objetivo da aluna ou aluno, separado em roupas femininas, masculinas e infantis. A sétima edição traz informações novas, de que é possível criar os modelos desejados estando ou não no livro, a partir das tabelas de confecção ou sob medida. A informação de que a metodologia passou por “ampla revisão, ampliação e atualização” é constante. Outro dado reiterado é o tempo que Adelia tem se dedicado ao ensino, sendo trinta anos em 1987 e cinquenta e sete anos em 2014, já que a prática do corte e costura, assim como a atualização do Método Elite, exige “constante aperfeiçoamento” mesmo tendo “décadas de experiência na área da moda”.

Na quinta e na sétima edições não há mais os documentos imagéticos presentes nas primeiras páginas dos livros de ensino. Na edição da década de 1980, há apenas dois documentos textuais: o documento referente ao jubileu de prata da ANSA – prêmio concedido pela Câmara de Vereadores do Paraná quando a escola completou 25 anos – de 1982 e o documento referente ao prêmio da Sociedade Nacional do Mérito Cívico – prêmio vinculado ao Jornal do Estado e com apoio da TV Curitiba Canal 2 – de 1986 (anexo G). Na edição de 2014 não há mais estes documentos textuais, mas sim uma apresentação sobre Adelia Parron Alvarez com um breve resumo de sua trajetória profissional acompanhada de um retrato de Adelia (figura 23) (anexo H).

Figura 23: À esquerda, imagem dos documentos textuais presentes na quinta edição do Método Elite e à direita, imagem da apresentação de Adelia Parron Alvarez na sétima edição.



Fonte: da autora.

A apresentação da autora do Método Elite presente na sétima edição do livro de ensino é a seguinte:

Adelia Parron Alvarez
 Autora do Método Elite.
 Fundadora e Diretora da ANSA – Academia Nossa Senhora Aparecida.

Estudou na Escola Profissionalizante de Novo Horizonte – SP, e aperfeiçoou-se na Escola Carlos de Campos em São Paulo – SP.

Em 1957 fundou a ANSA – Academia Nossa Senhora Aparecida, onde iniciou a grande jornada de ensinar o ofício da modelagem e da costura.

Com a necessidade dos alunos em terem um livro para o acompanhamento das lições, iniciou-se então um projeto que o resultado seria concebido pela criatividade e o estudo desta empreendedora que não mediu esforços para criar um método que atendesse as necessidades de seus alunos.

Surgiu então o Método Elite, caracterizado pelas lições práticas e claras, que ensinam a fazer moldes para qualquer modelo de roupa, com a primeira edição do livro lançada em 1965.

Sua escola foi reconhecida pela Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Paraná, e seus livros – em constante aprimoramento – estão divididos em cinco volumes para facilitar o direcionamento do aprendizado.

Alguns prêmios recebidos pela autora ao passar dos anos:

- Utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Curitiba – PR;
- Pergaminho de Ouro do Paraná;
- Troféu Imprensa do Paraná;
- Diploma do Jornal do Estado, como uma das três mais do paraná, na área da cultura;
- Troféu Independência da Sociedade do Mérito Cívico, como a melhor no setor de suas atividades; e
- Prêmio Master Tradição 50 Anos.

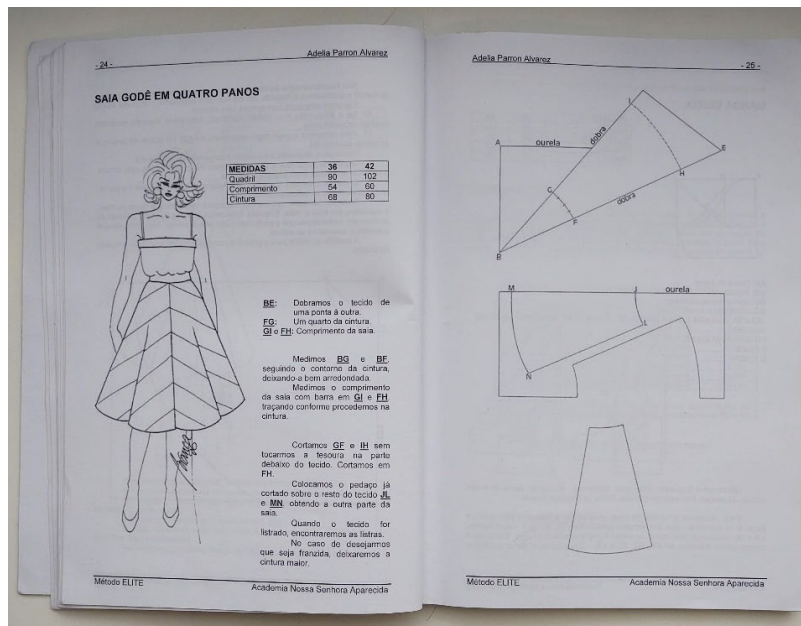
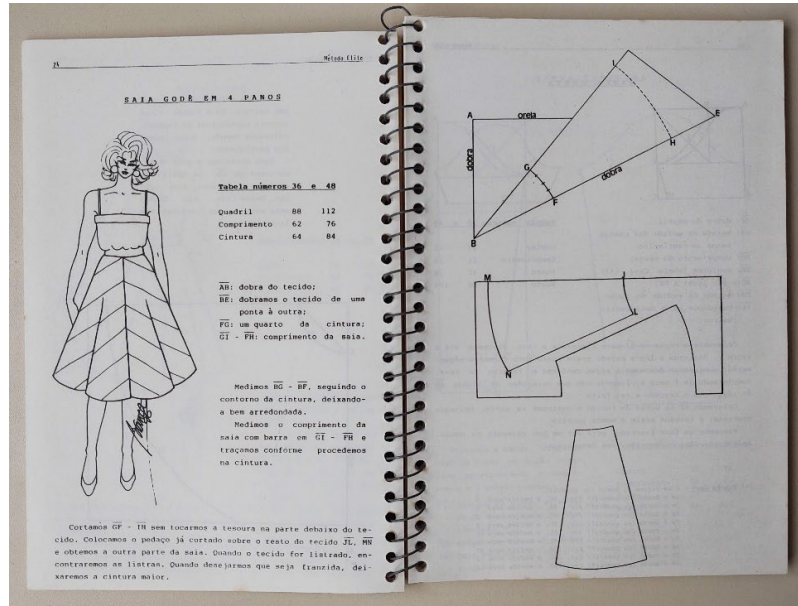
Seu método e livros estão registrados na Biblioteca Nacional, e o livro de Modelagem Industrial foi o primeiro no Brasil sobre o assunto, e sua escola foi a primeira a ser reconhecida pela Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Paraná em seu curso de Modelagem Industrial (ALVAREZ, 2014)

O objetivo dos documentos continua sendo o da validação do Método Elite. No quinto livro, há referência a dois prêmios, sendo um deles concedido pela Câmara de Vereadores do Paraná. Na sétima edição, apesar de outro formato, a apresentação da autora reforça sua história relacionada ao corte e costura em um tom empreendedor, apesar de ouvir relatos de Adelia de que o processo de fundar a Academia Nossa Senhora Aparecida e elaborar as edições do Método Elite não foi simples, linear ou planejado.

A partir de 1987 as ilustrações foram feitas e assinadas por Branca Aurora Ferreira Banha, aluna da ANSA na década de 1980 e estudante de Artes Plásticas. Os croquis quase sempre são vistos de frente, de corpo inteiro e com modelos vestindo as peças. Os volumes e cortes dos cabelos fazem referência aos anos 1980,

período em que foram desenhados, como pode ser visto nas lições da “saia godê em quatro panos” (figura 24).

Figura 24: Imagens da lição saia godê em tecido listrado. Acima imagem da quinta edição e abaixo imagem da sétima edição.



Fonte: da autora.

Foi a partir do quinto livro do Método Elite que o processo de ensino dos moldes e do corte e costura ficam mais evidentes. Há um aumento no número de páginas por lição, tanto por conter mais texto como para deixar as figuras em destaque. Há uma lógica na sequência das lições apresentadas, da mais simples para a mais complexa,

apresentando um “molde base” das peças chave logo antes de apresentar suas variações. Peças de roupa mais simples demandam menos operações de corte e costura, enquanto as mais complexas necessitam de mais etapas. As peças chave, em sequência, são: saia, blusa, camisa, vestido e calça. Na quinta edição dizem respeito as fichas **FTME-L50**, **FTME-L62**, **FTME-L65**, **FTME-L66**, **FTME-L67**, **FTME-L70**, já na sétima edição referem-se às fichas **FTME-L76**, **FTME-L88**, **FTME-L91**, **FTME-L92**, **FTME-L93**. Os moldes base tem suas lições mais extensas e detalhadas pois permitem que a partir delas, utilizando diferentes mangas, colarinhos, punhos, pences e comprimentos, se crie até peças de roupa que não estão entre as lições, assim como Adelia sugere na apresentação da sétima edição.

As tabelas cava, divisória e do decote aparecerem pela primeira vez no quarto livro, porém, elas foram explicadas mais detalhadamente na quinta e na sétima edição. As tabelas são simplificações matemáticas relacionadas as medidas do busto, quadril e costas. A tabela do decote é utilizada para blusas e camisas e “é um quinto da medida das costas” (ALVAREZ, 2014) como mostrado na **FTME-L89**. As informações a seguir são da tabela cava presentes na **FTME-L84**:

A Tabela Cava é baseada na oitava parte do busto ou quadril. Usamos a Tabela Cava para fazermos as cavas das mangas e ganchos das calças. Para confeccionarmos blusas, camisas, casacos, vestidos e colarinhos (a medida do busto usada na tabela não pode passar de 100), é usada a medida do busto. Para calças, bermudas, ou qualquer peça com gancho, usamos a medida do quadril.

A Tabela Cava é um oitavo da medida do busto (ou quadril) [...]

Exemplo: Usamos as medidas da Tabela Cava por aproximação. Se o busto medir entre 80 a 85, a medida será 10, mas se estiver entre 86 e 90, a medida será 11 (ALVAREZ, 2014)

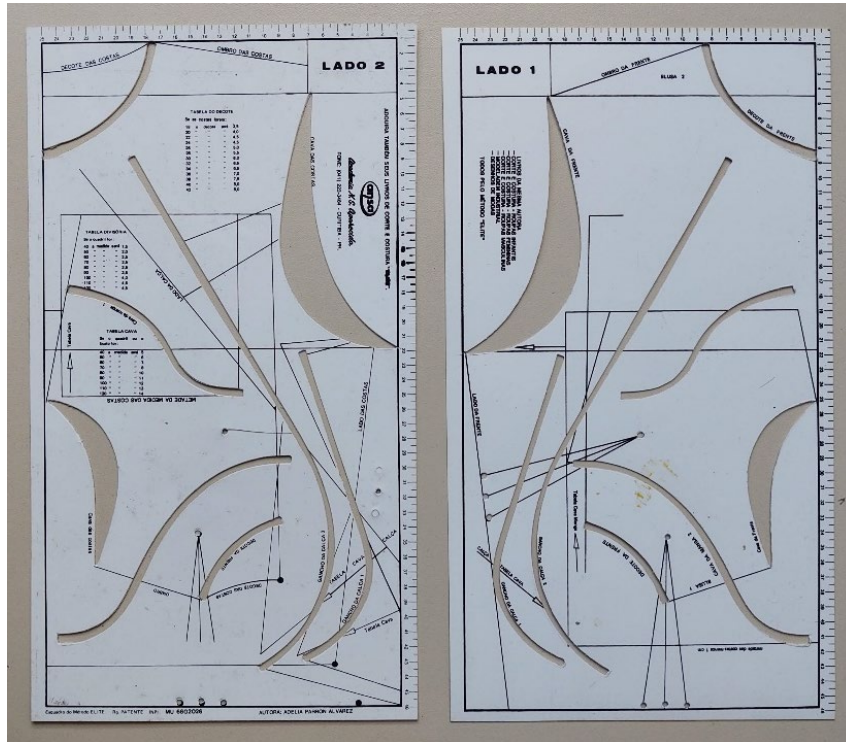
As informações sobre a tabela divisória presentes na **FTME-L69** são:

Para confeccionarmos calça, utilizaremos a Tabela Divisória, conforme veremos nas lições seguintes. Esta tabela foi elaborada para facilitar a verificação da medida, que também pode ser calculada, pois trata-se de um terço da Tabela Cava (que, como já sabemos, é um oitavo do busto ou quadril) (ALVAREZ, 1987).

A edição de 1987 é a primeira que faz referência às régua Elite, depois chamadas de esquadros Elite. Na década de 1980 há uma régua grande com marcações na frente e no verso (figura 25) e em 2014 há quatro esquadros, sendo

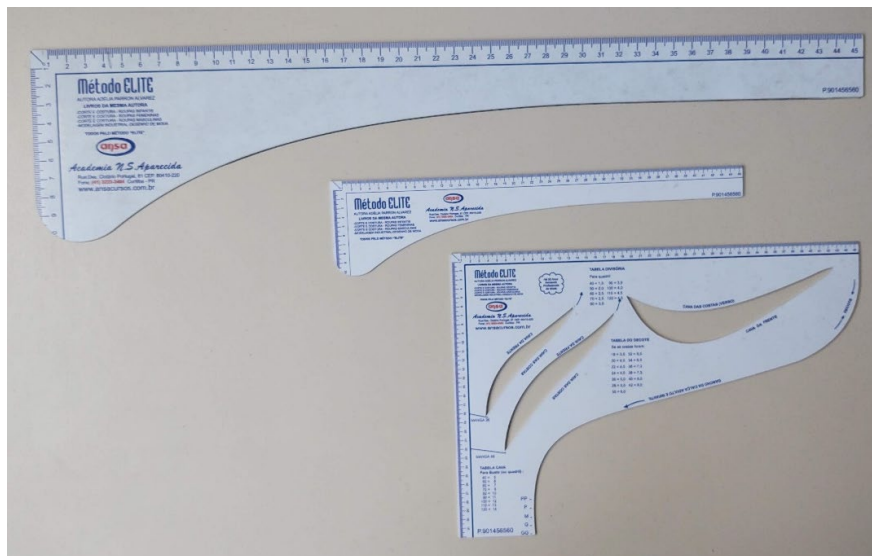
dois deles em miniatura (figura 26). Os esquadros simplificam o feito de curvas nas saias, decotes, cavas e ganchos de calças. A versão em miniatura dos esquadros Elite podem ser usadas para estudos de moldes, seja uma pessoa iniciante ou para testar novas modelagens, assim não se gasta muito material.

Figura 25: Régua do Método Elite de 1987. À esquerda lado 2 e à direita lado 1.



Fonte: da autora.

Figura 26: Esquadros Elite de 2014.



Fonte: da autora.

5. ARREMATES – Últimos detalhes

Meu objetivo nesta dissertação é discutir as estratégias de sistematização do ensino de corte e costura a partir do Método Elite criado por Adelia Parron Alvarez. Para isto, optei por realizar a pesquisa utilizando diferentes fontes: a entrevista com a fundadora da Academia Nossa Aparecida, o caderno de Adelia, as diferentes edições do Método Elite e fotografias do acervo da ANSA. Como forma de me aproximar do universo de pesquisa fiz uma revisão bibliográfica sobre assuntos relacionados a costura como uma prática feminina.

Sendo assim, discorri sobre a educação de mulheres no início do século XX, com destaque para o ensino desigual entre moças e rapazes e a dificuldade delas de se realizarem através dos estudos. Neste contexto, o magistério foi uma das poucas opções de trabalho remunerado fora de casa que as mulheres escolarizadas conquistaram, já que ele mantinha características relacionadas ao ideal de feminilidade da época. As escolas técnicas e as escolas femininas foram instrumentos importantes para formar mulheres e homens da classe trabalhadora para a indústria, mas é preciso pontuar que as moças, mesmo neste ambiente voltado ao ensino técnico-profissional, foram ensinadas sobre as obrigações femininas propagadas pelas elites.

Na sequência, tratei do trabalho feminino para além das tarefas domésticas não remuneradas. Até as primeiras décadas do século XX a costura e as artes ditas femininas foram algumas das únicas formas de sustento entendidas como decentes para as mulheres que precisavam contribuir com o orçamento da família. Com o fim da República Velha e o início da Era Vargas, a urbanização das cidades, os processos de imigração de diferentes povos para o Brasil, a migração do campo para as cidades e o processo de industrialização ocorrido nas primeiras décadas de 1900 acarretou grandes mudanças sociais e econômicas, fortalecendo a necessidade de as mulheres contribuírem para a renda das famílias trabalhando em fábricas e comércios. Porém, na maioria das vezes, as mulheres acabaram em funções com salários bem abaixo do salário dos homens, se distanciando da ideia de realização profissional ou independência financeira. Assim, muitas mulheres passaram a ocupar postos de trabalho mal remunerados em atividades entendidas como monótonas ou repetitivas em empregos onde se entendia que era preciso paciência e delicadeza, características ligadas ao ideal de feminilidade da época.

A relação da costura com o cotidiano era muito presente no início e metade do século XX no Brasil. Apesar de poucos registros, é sabido que as primeiras produções em larga escala do vestuário no período colonial no país foram sustentadas por mão de obra escravizada predominantemente feminina, empregando tecidos rústicos para fazer sacos de produtos para exportação e também roupas para pessoas escravizadas. Com o passar dos séculos, a relação das pessoas com a costura passou por mudanças; mas busco expor o quanto a divisão marcada pelo gênero de quem lida com tecidos e agulhas se manteve muito forte entre os alfaiates e as costureiras, estas que sempre tiveram menor status sendo menos valorizadas no seu ofício. Outro ponto que foi citado é em relação à imprensa dedicada às mulheres que abordava temas entendidos como naturalmente constitutivos do dito “universo feminino”, enfatizando as vantagens de saber costurar para ter uma boa vida familiar. Apesar das mídias do período difundirem a importância das prendas manuais para as mulheres alcançarem o ideal feminino da época, muitas mulheres encontraram outros caminhos para realização pessoal e maior independência como costureiras profissionais, operárias ou professoras, ocupando espaços além do doméstico.

Na sequência, dediquei um capítulo à história de Adelia, da ANSA e à análise da sua metodologia. Na primeira parte trouxe algumas informações sobre a vida da professora de costura, detalhes da formação da ANSA e do desenvolvimento do Método Elite tendo a entrevista com a minha colaboradora e as fotografias do acervo da Academia Nossa Senhora Aparecida como disparadora dos temas tratados anteriormente: a educação de mulheres, o trabalho feminino nas suas variadas instâncias e a presença das manualidades no dia a dia das mulheres da metade do século XX.

Através das fotografias e da revisão bibliográfica busquei refletir sobre a presença de moças negras nos trabalhos manuais e como isso estava ligado a menos oportunidades de trabalho e salários mais baixos. As mulheres negras possuíam menos opções de trabalho em regiões com grande presença de imigrantes, pois eram vistas como menos competentes por quem as contratava – na maioria das vezes homens – e, conseqüentemente, eram piores remuneradas. Muitas vezes estas moças acabavam em trabalhos de limpeza em fábricas e comércios ou em empregos de produtos alimentícios e bens não duráveis, como cigarros, velas, sabão e fósforos – atividades repetitivas e sem possibilidade de avanço na carreira. Em relação às fotografias, as moças retratadas nas imagens do acervo da ANSA da década de 1960

são jovens, majoritariamente brancas e de classe trabalhadora, o que dialoga com as questões de ideal feminino da metade do século XX no Brasil da importância das garotas e mulheres saberem prendas manuais para serem escolhidas por bons maridos e para terem mais conhecimento no feitiço de adornos para casa e roupas para os filhos. Mas foi também através dos registros imagéticos que pontuei a presença de moças de ascendência asiática nas fotografias da ANSA no Paraná, além de algumas garotas negras, pontuando que não é possível enquadrar as jovens como pertencentes a uma categoria universal de “mulher”.

Busquei apontar que o trabalho manual envolve uma dupla significação, como Ecléa Bosi (2006) sugere: os movimentos que o corpo aprende a realizar e uma posição subjetiva de sujeito. Em relação ao corpo, “há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois uma longa fase de práticas, que se acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo adulto” (BOSI, 2006, p. 471). Período este que se relaciona com a década de 1960, quando Adelia já sabia costurar, mas estava aprendendo a ensinar. Já em relação a segunda significação, ao trabalho como a inserção da pessoa no sistema de relações econômicas e sociais, “ele é um emprego, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de status” (BOSI, 2006, p. 471). Nas fotografias, isto pode ser observado pelo lugar ocupado por Adelia, tantas vezes aparecendo no centro das imagens devido ao seu destaque como professora e detentora de um saber, mas também por questões de faixa etária.

Nas análises sobre o Método Elite, o trabalho de realizar as fichas técnicas foi longo e exigiu muito cuidado na transcrição das lições. Primeiro foi necessário entender os critérios que seriam importantes analisar, visto que há uma diferença temporal muito grande entre 1966 e 2014, datas relativas ao caderno de Adelia e ao sétimo livro de ensino. Para isso, a sétima edição serviu como base para definir os elementos que virariam os critérios de análise. Tudo foi transcrito de acordo com a edição analisada e só depois comparada com as edições anteriores e posteriores. As fichas técnicas Método Elite – Sumário (FTME-S) me ajudaram na hora de descrever o conteúdo e as particularidades de cada edição enquanto as fichas técnicas Método Elite – Lição (FTME-L) foram importantes para a análise das saias e posterior divisão dos dois momentos do Método Elite.

Adelia iniciou seu caminho como professora de corte e costura em 1957 dando aulas na sala de casa ensinando vizinhas sobre a modelagem de peças e como utilizar

a máquina de costura. O Método Elite surgiu em 1967 como um material de apoio às alunas da ANSA quando Adelia dava aulas em Cianorte, Paraná, uma década após iniciar no ofício de educadora. Esta metodologia era um compilado das lições que a fundadora da Academia Nossa Senhora Aparecida havia aprendido no curso profissionalizante de Novo Horizonte e no curso de aperfeiçoamento na Escola Carlos de Campos. O material dizia respeito a peças de roupas femininas, infantis e masculinas e tinha como ênfase ensinar o feitio dos moldes de roupa. Até a quarta edição os livros mantiveram o conteúdo praticamente igual ao do caderno da fundadora da escola.

Quando Adelia completou trinta anos de ensino lançou a quinta edição do Método Elite em 1987 dividindo o livro em três: *Método Elite – modelagem feminina*, *Método Elite – modelagem masculina* e *Método Elite – modelagem infantil*. A quantidade de roupas para mulheres aumentou, passando de quarenta e cinco peças femininas na quarta edição para cinquenta e oito no quinto livro e sessenta e quatro na sétima edição. As lições propostas passaram a seguir uma sequência lógica do grau de dificuldade, desde a mais simples até a mais complexa conforme a pessoa vai se aproximando do fim do livro.

A partir da edição de 1987 há algumas peças que são consideradas peças-chave, ou moldes base, para a modelagem de um determinado tipo de roupa. Elas são: saia, blusa, camisa, vestido e calça. Os moldes base possuem lições maiores e explicadas mais detalhadamente, incluindo indicações de costuras e/ou pontos mais adequados, além de citar outros materiais necessários como zíper, botões, elásticos, etc. A vantagem de apresentar peças-chaves é que a partir da combinação dos moldes base com diferentes tipos de mangas, colarinhos, punhos, pences, comprimentos e recortes uma grande quantidade de novas peças pode ser modelada e costurada. Um ponto a ser destacado é que não há uma nomenclatura padrão como “saia base”, “blusa base”, “camisa base”, “vestido base” e “calça base”, assim, algumas lições que precisam de uma peça-chave podem se referir a ela de formas diferentes, como no caso da saia chamá-la de “saia reta” ou “saia justa” e no caso do vestido referir-se a ele como “vestido básico”, podendo confundir alguém desatento.

Desde o caderno há algumas tabelas propostas por Adelia, mas a partir da quarta edição a professora da ANSA criou três tabelas com simplificações matemáticas utilizadas para a confecção de cavas e ganchos: a tabela cava, tabela do decote e a tabela divisória. Junto às tabelas, a partir da edição da década de 1980,

surgem os esquadros Elite, régua com diferentes curvas para facilitar o traçado das cavas de blusas, camisas, casacos e vestidos e dos ganchos de calças, bermudas e macacões.

A partir da quinta edição os desenhos são refeitos, além de haver tabela de medidas em quase todas as lições e uma descrição do passo a passo mais detalhado para o feitiço da peça. Alguns nomes de peças são atualizados para o período, assim como o uso de termos mais técnicos. Outro ponto relevante foi a visualidade do Método Elite que ganhou mais destaque com figuras maiores.

Ainda ficaram muitas lacunas para possíveis pesquisas sobre a ANSA. Há os livros de corte e costura modelagem infantil e modelagem masculina, além do livro de modelagem industrial para serem estudados por completo. Há também as lições dos vestidos que eu não analisei, ou até mesmo algumas lições que eu fiz a ficha técnica, mas não analisei detalhadamente, como os moldes base ou as peças unissex da quarta edição. Também seria possível estudar outros aspectos da ANSA, como a relação que as alunas e os alunos atuais têm com o corte e costura; as fotografias de diferentes décadas da ANSA; outras escolas de costura e seus diferentes métodos de ensino no Paraná a partir da década de 1960. Ao invés de relacionar a costura às mulheres, outras pesquisas poderiam ser feitas sobre os homens que aprenderam a costurar pelo Método Elite, de onde vieram seus interesses pela costura, se eles costuram só peças masculinas, se é um hobby.

Se o corte e costura é uma atividade muito relacionada às mulheres, é preciso entender que esta prática também pode ser uma forma de resistência e de ocupar novos lugares sociais, como a importância que Adelia adquiriu ao se tornar professora deste ofício para mulheres e homens, de diferentes faixas etárias e com diferentes interesses.

A costura tem uma importância muito grande na minha vida e as manualidades também. Seja no tricô feito por minha vó Lourdes há décadas em forma de pantufas para o frio para todas as filhas, filhos, genros, noras, netas, netos, agregados e toda extensão familiar, como para doação. Seja no cuidado em cozinhar e fazer a carne assada mais gostosa que já comi por meu avô Alvim e que infelizmente há mais de dez anos não posso mais provar. As mãos são capazes de carregar delicadezas e materializar afetos nas suas variadas formas. Assim, as mãos que dedicam a vida a um saber têm suas marcas, destrezas, vícios e saberes. Talvez as mãos de pessoas velhas não tenham a mesma força física de quando eram jovens, mas aprenderam

gestos capazes de repetir tarefas até de olhos fechados, como o dedo torto de Adelia sugere.

Se eu entrei na ANSA buscando aprender a costurar linhas retas, nesta dissertação aprendi a desfazer tantas linhas e a costurar curvas tremidas com palavras. A trajetória da pesquisa foi bem distante de ter sido linear e deixou algumas fendas pelo caminho. Mas, por fim, vejo que as linhas tortas da escrita são possíveis de serem combinadas com o *afeto* do que nos marca e nos afeta construindo algo significativo.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Adelia Parron. **Caderno de Adelia**. Cianorte, 1966.

ALVAREZ, Adelia Parron. **Corte e Costura “Elite”**. 2 ed. Curitiba: Papelaria Max Rosner, 1969. 108p.

ALVAREZ, Adelia Parron. **Corte e Costura Elite**. Curitiba: [S. I], 1979. 108p.

ALVAREZ, Adelia Parron. **Corte e Costura Elite – Roupas Femininas**. Curitiba: [S. I], 1987. 102p.

ALVAREZ, Adelia Parron. **A Família Parron Hernandez no Brasil**. Curitiba: Independente, 2010.

ALVAREZ, Adelia Parron. **Corte e Costura Método Elite – Feminino**. Curitiba, [S.I.], 2014. 140p.

ALVAREZ, Adelia Parron. **Entrevista concedida a Camila Antunes Villanova**. Curitiba, 03 dez. 2019.

AMORIM, Mário Lopes. A Escola Técnica de Curitiba: escola técnica federal do paraná (1942-1965). **Tecnologia e Humanismo**, Curitiba, v. 24, n. 39, p. 169-212, jul. 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rth/article/view/6260/3911>. Acesso em: 03 nov. 2022.

AREND, S lvia Fávero. **Trabalho, escola e lazer**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). Nova história das mulheres no Brasil, São Paulo: Contexto, 2012. p. 65-83.

BARRETO, Carolina Marielli. **Ensino de arte e profissionaliza o feminina**: um diálogo com a escola profissional feminina de São Paulo. 2007. 241 f. Disserta o (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2007. Cap.2. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92398> Acesso em: 20 mar. 2021.

BARRETO, Carolina Marielli. Trabalhos Manuais e Artes Aplicadas: usos, educa o e trabalho. In: SÃO PAULO. MARIA LUCIA MENDES DE CARVALHO. (org.). **Patrim nio, Currículos e Processos Formativos**: memórias e história da educa o profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. p. 169-194. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/curriculos.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

BESSE, Susan K. Educa o sem emancipa o. In: BESSE, Susan K. **Modernizando a Desigualdade**: reestrutura o da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p. 122-142.

BESSE, Susan K. Redefini o do “Trabalho das Mulheres”. In: BESSE, Susan K. **Modernizando a Desigualdade**: reestrutura o da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p. 143-181

BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos**: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba: Artes & Textos, 2010.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 219 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 484 p.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004. Introdução e Cap. 5.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.

FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 267-283, mar. 2017. Quadrimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/60209>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/QwXwwvSkdRLNWF5mKGbz4nF/?lang=pt.>> Acesso em: 05 mar. 2021.

FREITAS, Maria Vitorina de. **Tecnologia**: artes e ofícios femininos. 2. ed. São Paulo: Linográfica Editora, 1954. 842 p.

HABNER, June. **Honra e distinção das famílias**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-64.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 180 p.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LUCA, Tania Regina de. **Mulher em revista**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468. MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950). SP: Estação das letras e cores, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de; BORELLI, Andrea. **Espaço feminino no mercado de trabalho**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). Nova história das mulheres no Brasil, São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século xx. **Anais do Museu**, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal.; ALVES, Júlia Falivene (Orgs.). **Escolas profissionais públicas do estado de São Paulo: uma história em imagens** (Álbum Fotográfico). São Paulo: Centro Paula Souza, 2002. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/imagens/albumfoto1104pb.pdf>. Acesso em: 13, abr, 2022.

PADILHA, Ana Caroline de Bassi. **Alinhavando Memórias: domesticidades e pedagogias de gênero no curso de corte e costura da escola técnica de Curitiba** (anos 1940 a 1960). 2019. 290 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

Paulista: História e Cultura Material, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 133-174, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-47142005000100005>.

PINSKY, Carla Bassanezi. **A era dos modelos rígidos**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512

PRADO, Luís André do. **Indústria do vestuário e moda no Brasil do século XIX a 1960: da cópia e adaptação à autonomização subordinada**. 2019. 433 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-16102019-145105. Acesso em: 25 mar. 2021

QUELUZ, Gilson Leandro. *Escola de aprendizes e artífices do Paraná (1909-1930)*. **Tecnologia e Humanismo**, Curitiba, v. 24, n. 39, p. 39-112, jul. 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rth/article/view/6258/3909>. Acesso em: 03 nov. 2022.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação: mulheres educadas e a educação de mulheres**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

SCOTT, Ana Silvia. **O caleidoscópio dos arranjos familiares**. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Joan Wallach. **Entrevista com Joan Wallach Scott: depoimento** [1998]. Entrevistadoras: GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. *Revista Estudos Feministas*. v. 6, n. 1, p. 114-124, 1º semestre, 1998.

SILVEIRA, Horácio Augusto da. **O Ensino Técnico-Profissional em São Paulo: escola técnica profissional anexa ao instituto profissional masculino**. 10. ed. São Paulo: [S.I.], 1937. 40 p. Disponível em: http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/problemas_educacao.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.

STELLING, Luiz Felipe. **O que é clichê?** 2021. Disponível em: <https://www.cacadoradeexlibris.com/post/o-que-%C3%A9-clich%C3%AA>. Acesso em: 31 out. 2022.

TESSARI, Valéria Faria dos Santos. **Fazer é Pensar, Pensar é Fazer:** o trabalho e os artefatos na Fábrica Zeferino, Novo Hamburgo, RS. 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/749>. Acesso em: 03 mai. 2022.

APÊNDICE A
Fichas Técnicas Método Elite – Sumário

Ficha técnica Método Elite – Sumário | FTME-S01 | Caderno | 1966

PRIMEIRA PARTE – ROUPA DE CRIANÇA

- 5 Conjuntinho de nenê
- 6 Manga e gola do paletosinho
- 7 Babador de nenê
- 8 Camisinha aberta do lado e presa com dois botões
- 9 Vestido tubinho com prega macho e recorte pespontado
- 10 Vestido com abertura na frente
- 11 Vestido tubinho com recorte em ponta
- 12 Vestido com decote quadrado e prega
- 13 Pijama de menino
- 14 Terninho de menino
- 15 Blusão de menino e calcinha
- 16 Calção | Tabela de altura (do quadril)
- 17 Calcinha de menino até 5 anos
- 18 Calcinha comprida de menino até 5 anos
- 19 Calçãozinho de crianças até 3 anos
- 20 Calção com peitinho
- 21 Macacãozinho de criança até 5 anos
- 22 Baby doll
- 23 Calcinha de menina
- 24 Calcinha do babydoll
- 25 Capinha de criança
- 26 Toucas
- 27 Sapatinho de nenê
- 29 Terninho de menino sem gola

- 30 Manga de duas folhas

- 31 Paletó de menino com gola

- 32 Calcinha de menino de 5 a 10 anos

SEGUNDA PARTE – ROUPAS DE SENHORAS

- 35 Traçado básico da blusa

- 36 Traçado básico da manga

- 37 Traçado básico da saia

- 38 Traçado básico do vestido

- 39 Blusa esporte

- 40 Casaco com gola clássica

- 41 Vestido tubinho talhado

- 42 Vestido com decote canoa

- 43 Vestido princeza

- 44 Vestido com penças laterais

- 45 Vestido decotado e cavado

- 46 Vestido com decote quadrado e mangas tres quartos

- 47 Vestido com manga japoneza

- 48 Vestido tubinho justo

- 49 Vestido com recortes e prega macho

- 50 Vestido com encaixe de pregas

- 51 Vestido trespasado com prega na saia

- 52 Vestido com recortes e decote em V

- 53 Vestido com recortes e penças

- 54 Vestido com manga raglan

- 55 Vestido de baile

- 57 Vestido com bolero
- 59 Saia gode em tecido listado
- 60 Saia talhada
- 61 Saia godê
- 62 Japona
- 63 Camizola
- 64 Baby-doll com pala franzida
- 65 Combinação
- 66 Meglige
- 67 Avental
- 68 Frente unica
- 69 Soutien
- 70 Calça comprida de mulher | Tabela de altura
- 71 Short de Senhora
- 72 Saia calça
- 73 Pijama de mulher
- 74 Cinta modeladora
- 75 Maillot
- 76 Como colocar forro em sombrinhas

TERCEIRA PARTE – ROUPAS DE HOMEM

- 78 Sapato Maria Mole
- 79 Camisa de homem
- 80 Manga comprida e curta de camisa
- 81 Colarinhos de camisa
- 82 Camisa com gola italiana sem pala e sem cintura
- 83 Pijama de homem
- 84 Calça de pijama de homem

- 85 Calça rancheira e de macacão
- 86 Camisa do macacão
- 87 Cuéca
- 88 Calça de homem
- 89 Mapa de medida de camisa e de paletó de pijama
- 90 Tabela de calça de homem
- 97 Medidas do vestido
- 98 Continuação da medida do vestido

Ficha técnica Método Elite – Sumário | FTME-S02 | Segunda edição | 1969

Introdução da 2ª edição
Dedicatória
Introdução da Primeira Edição
Documentos imagéticos e textuais
PRIMEIRA PARTE – ROUPAS DE CRIANÇA
5 Conjuntinho de nenê
6 Manga e gola do paletosinho
7 Babador de nenê
8 Camisinha aberta do lado e presa com dois botões
9 Vestido tubinho com prega macho e recorte pespontado
10 Vestido com abertura na frente
11 Vestido tubinho com recorte em ponta
12 Vestido com decote quadrado e prega
13 Pijama de menino
14 Terninho de menino
15 Blusão de menino e calcinha
16 Calção
17 Calcinha de menino até 5 anos
18 Calcinha comprida de menino até 5 anos
19 Calçãozinho de crianças até 3 anos
20 Calção com peitinho
21 Macacãozinho de criança até 5 anos
22 Baby doll
23 Calcinha de menina
24 Calcinha do babydoll

25 Capinha de criança
26 Toucas
27 Sapatinho de nenê
29 Terninho de menino sem gola
30 Manga de duas folhas
31 Paletó de menino com gola
32 Calcinha de menino de 5 a 10 anos
SEGUNDA PARTE – ROUPAS DE SENHORAS
34 Diploma do método “Elite”
35 Traçado básico da blusa
36 Traçado básico da manga Tabela de décimos
37 Traçado básico da saia
38 Traçado básico do vestido
39 Blusa esporte
40 Casaco com gola clássica
41 Vestido tubinho talhado
42 Vestido com decote canoa
43 Vestido princesa
44 Vestido com penças laterais
45 Vestido decontado e cavado
46 Vestido com decote quadrado e mangas três quartos
47 Vestido com manga japonesa
48 Vestido tubinho justo
49 Vestido com recortes e prega macho
50 Vestido com encaixe de pregas

51	Vestido trespassado com prega na saia
52	Vestido com recortes e decote em V
53	Vestido com recortes e penças
54	Vestido com manga raglan
55	Vestido de baile
57	Vestido com bolero
59	Saia gode em tecido listado
60L	Saia talhada
61	Saia godê
62	Japona
63	Camizola
64	Baby-doll com pala franzida
65	Combinação
66	Meglige
67	Avental
68	Frente unica
69	Soutien
70	Calça comprida de mulher Tabela de altura
71	Short de senhora
72	Saia calça
73	Pijama de mulher
74	Cinta modeladora
75	Maillot
76	Como colocar forro em sombrinhas
77	Sapato Maria Mole
78	Traçado básico do vestido quando o quadril é maior
79	Vestido calça com gola clássica e reto dos lados

80	Macacão Inteiriso
TERCEIRA PARTE – ROUPAS DE HOMEM	
82	Camisa de homem
83	Manga comprida e curta de camisa
84	Colarinhos de camisa
85	Camisa com colarinho italiano sem pala e sem cintura
86	Pijama de homem
87	Calça de pijama de homem
88	Calça rancheira e de macacão
89	Camisa do macacão
90	Cuéca
91	Calça de homem sob medida de outra
92	Calça de homem sobre medida
93	Paletó de homem
94	Manga de paletó de homem estilo alfaiate
95	Mapa de medidas de terno
96	Mapa de medidas de camisa e de paletó de pijama
97	Tabela de calça de homem
98	Tabela de calça de pijama homem Tabela de calça comprida mulher
99	Tabela de calção e cuéca homem Tabela de calção e calcinha criança
100	Medidas diversas
101	Tabela de medidas - desde o manequim 32 ao 50
102	Tabela de medidas para meninas de 5 a 12 anos
103	Tabela de crianças - ao nascer e até 4 anos
104	Como tirar medidas do vestido
105	Encerramento
106	Índice

Ficha técnica Método Elite – Sumário | FTME-S03 | Quarta edição | 1979

Prefácio
Dedicatória
Documentos imagéticos e textuais
PRIMEIRA PARTE – ROUPAS DE CRIANÇA
5 Conjuntinho de nenê Tabela do Decote
6 Manga e gola do paletozinho Tabela Cava
7 Babador de nenê
8 Camisinha aberta do lado e presa por 2 botões
9 Vestido tubinho com prega macho e recorte pespontado
10 Vestido com abertura na frente
11 Vestido tubinho com recorte em ponta
12 Vestido com decote quadrado e prega
13 Macacãozinho, até 2 anos
14 Calçãozinho de criança até 3 anos
15 Calção com peitinho
16 Calção Tabela Divisória
17 Calcinha de menino até 5 anos
18 Calcinha comprida de menino até 5 anos
19 Terninho de menino sem gola
20 Blusão de menino e calcinha
21 Pijama unissex
22 Baby-doll
23 Calcinha
24 Calcinha do baby-doll
25 Capinha de criança

26 Toucas
27 Sapatinho de nenê
29 Paletó de menino sem gola
31 Boné
30 Paletó de menino com gola
32 Calça curta ou bermuda
SEGUNDA PARTE – ROUPAS DE SENHORAS
34 Diploma do Método Elite
35 Traçado básico da blusa
36 Traçado básico da manga
37 Traçado básico da saia
38 Traçado básico do vestido
39 Traçado básico do vestido quando o quadril é maior
40 Vestido calça com gola clássica e reto dos lados
41 Vestido tubinho talhado
42 Vestido com decote canoa
43 Vestido princesa
44 Vestido com pences laterais
45 Vestido decotado e cavado
46 Vestido com decote quadrado e manga tres quartos
47 Vestido com manga japonesa
48 Vestido tubinho justo
49 Vestido com recortes e prega macho
50 Vestido com encaixe de pregas
51 Vestido trespessado com prega na saia

52 Vestido com recortes e decote em V

53 Vestido com recortes e pences

54 Vestido com manga raglan

55 Vestido com drapeados e panos soltos

57 Vestido com bolero

59 Saia gode em tecido listrado

60 Saia talhada

61 Saia godê

62 Japona

63 Camisola

64 Baby-doll com pala franzida

65 Combinação

66 Negligê

67 Avental

68 Frente única

69 Soutien

70 Blusa esporte

71 Short de senhora

72 Saia calça com pregas

73 Pijama de mulher

74 Cinta modeladora

75 Maillot

76 Como colocar pano em sombrinha

77 Sapato maria mole

78 Vestido com gola clássica

79 Blusão com gola clássica

80 Saia calça godê

81 Colocação de pences e quando devemos usa-los

TERCEIRA PARTE – ROUPAS DE HOMEM

82 Camisa de homem

83 Manga de camisa

84 Colarinhos de camisa

85 Camisa com colarinho italiano sem pala e sem cintura

86 Pijama de homem

87 Calça de pijama

88 Calça rancheira e de macacão

89 Camisa do macacão

90 Sunga

91 Colan unissex

92 Calça unissex sob medida

93 Paletó estilo jaleco

94 Manga de duas folhas

95 Paletó de homem estilo alfaiate

96 Macacão unissex

97 Cuéca

98 Tabela de medidas de calças unissex - manequim 30 aos 40

99 Tabela de calção adultos - 42 ao 60 | Tabela de calção criança - 30 ao 40

100 Tabela de medidas de camisa e de paletó de homem

101 Tabela de medidas de calças unissex - manequim 42 aos 60

102 Tabela de medidas - desde o manequim 30 ao 54

103 Tabela de crianças - ao nascer e até 4 anos

104 Como tirar medidas do vestido

105 Encerramento

106 Índice

Ficha técnica Método Elite – Sumário | FTME-S04 | Quinta edição | 1987

Dados de registro do livro	
Dedicatória	
Documentos textuais	
Apresentação	
9 Como tirar medidas do vestido	
11 Saia justa	
14 Saia sereia em seis panos	
16 Saia talhada com barra em cones	
18 Saia justa com prega leque	
20 Saia com panos drapeados	
22 Saia godê	
24 Saia godê em 4 panos	
26 Manga curta	
26 Tabela cava	
27 Manga comprida	
28 Modelos de mangas Manga curta e drapeada	
29 Manga princesa justa no braço	
30 Manga princesa justa no punho	
31 Manga com pregas	
32 Manga de duas folhas	
34 Colarinho esporte	
35 Colarinho social	
36 Blusa	
37 Tabela do decote	
38 Colocação de pences	
40 Blusa drapeada	
42 Blusa com manga raglã e pence no ombro	
43 Blusa com manga raglã simples	
44 Camisa feminina	
48 Camisa com gola clássica	
51 Blusão com abertura	
54 Blusão trespassado com pregas	
57 Blusão em pontas	
60 Traçado básico do vestido	
64 Traçado básico do vestido quando o quadril é maior	
66 Vestido com gola alta	
68 Conjunto de saia e blusão	
69 Vestido cáfita	
71 Vestido listrado godê	
74 Como tirar medidas da calça	
75 Tabela divisória	
75 Calça jeans	
81 Calça franzida	
82 Calça com bolso e drapeado nas laterais	
84 Calça com pregas e bolso	
87 Calça para gestante	
90 Macacão para gestante	
92 Macacão	
95 Malha para ginástica	
96 Saia calça godê	

Ficha técnica Método Elite – Sumário | FTME-S05 | Sétima edição | 2014

Ficha catalográfica
Dedicatória
Sobre a autora
Apresentação
Sumário
8 Como tirar medidas do vestido
10 Como tirar medidas da calça
11 Saia justa
14 Saia sereia em seis panos
16 Saia talhada com barra em cones
18 Saia justa com prega leque
20 Saia com panos drapeados
22 Saia godê
24 Saia godê em quatro panos
26 Manga curta
27 Tabela Cava
28 Manga comprida com punho
29 Manga com pence no cotovelo
30 Manga bufante Manga drapeada
31 Manga princesa justa no braço
32 Manga princesa justa no punho
33 Manga com pregas
34 Manga de duas folhas
36 Colarinho esporte
37 Colarinho social

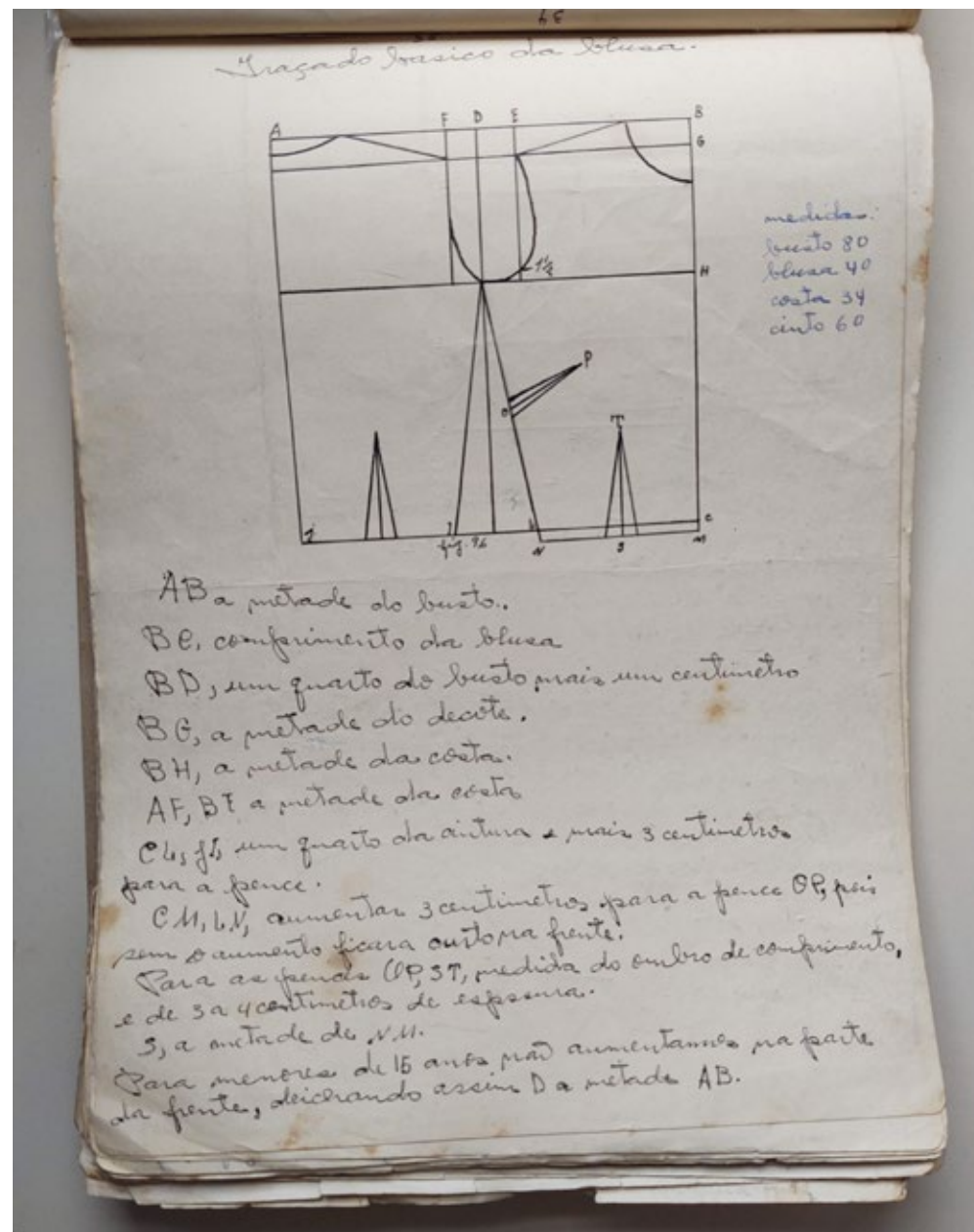
38 Blusa
39 Tabela do decote
40 Colocação de pences
42 Blusa drapeada
44 Blusa com manga raglã e pence no ombro
45 Blusa com manga raglã simples
46 Camisa feminina
50 Camisa com gola clássica
53 Blusão com abertura
56 Blusão transpassado com pregas
59 Blusão com gola drapeada
61 Conjunto de saia e blusão
62 Vestido básico
64 Vestido com gola alta
66 Vestido sereia
68 Vestido trespasado com prega
70 Fraque
73 Conjunto de saia e bolero
76 Vestido listrado godê
79 Vestido kaftan
81 Casaco com capuz formando gola
84 Pelerine com gola smoking
87 Capa godê drapeada
90 Calça
90 Tabela divisória

94	Calça com pregas e bolsos
97	Bermuda com bolso embutido
98	Calça para gestante
101	Macacão para gestante
103	Calça franzida
104	Calça com bolsos e drapeados nas laterais
106	Calça listrada
108	Macacão
111	Vestido calça com gola clássica
113	Vestido calça com colete
115	Malha para ginástica
116	Blusão com bustiê e bermuda
120	Saia calça godê
122	Saia calça com pregas
125	Jaqueta com capuz
128	Colã com gola rulê
130	Colã com gola drapeada
131	Colã com recorte e nó
132	Colã com recorte e laço
133	Luvas
134	Taier
138	Índice numérico
139	Índice alfabético
*	Esquadros Elite

APÊNDICE B
Fichas Técnicas Método Elite – Lição

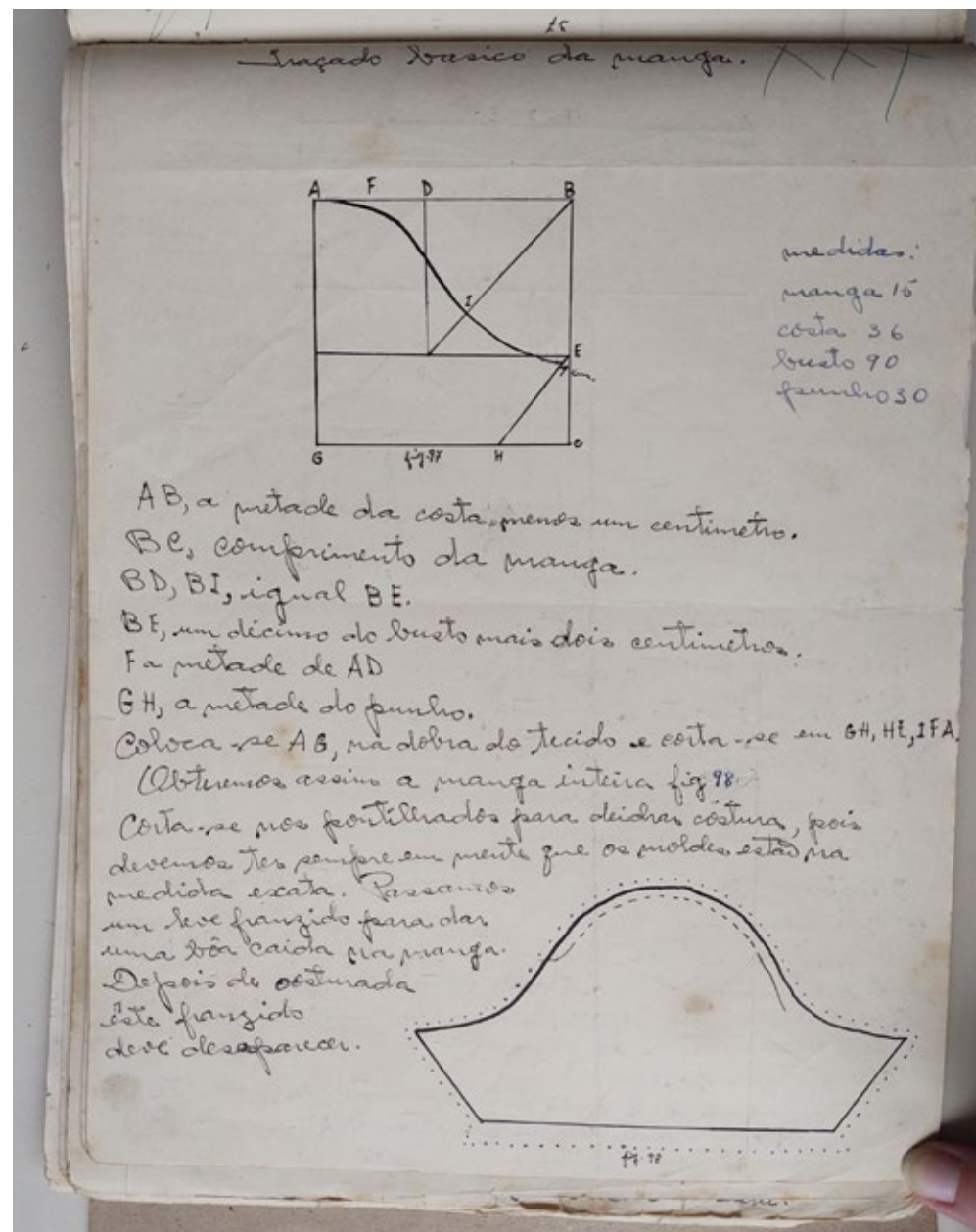
Ficha técnica Método Elite | FTME-L01

Ano	1966
Lição Título	Traçado básico da blusa
Página	35
Croqui	não possui
Medidas	busto, blusa, costa, cinto
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB a metade do busto. BC, comprimento da blusa BD, um quarto do busto mais um centímetro BG, a metade do decote. BH, a metade da costa. AF, BE a metade da costa CL, JI, um quarto da cintura e mais 3 centímetros para a pence. CM, LN, aumentar 3 centímetros para a pence OP, pois sem o aumento ficara curto na frente. Para as pences OP, ST, medida do ombro de comprimento, e de 3 a 4 centímetros de espessura. S, a metade de NM. Para menores de 15 anos não aumentamos na parte da frente, deixando assim D a metade AB.</p>



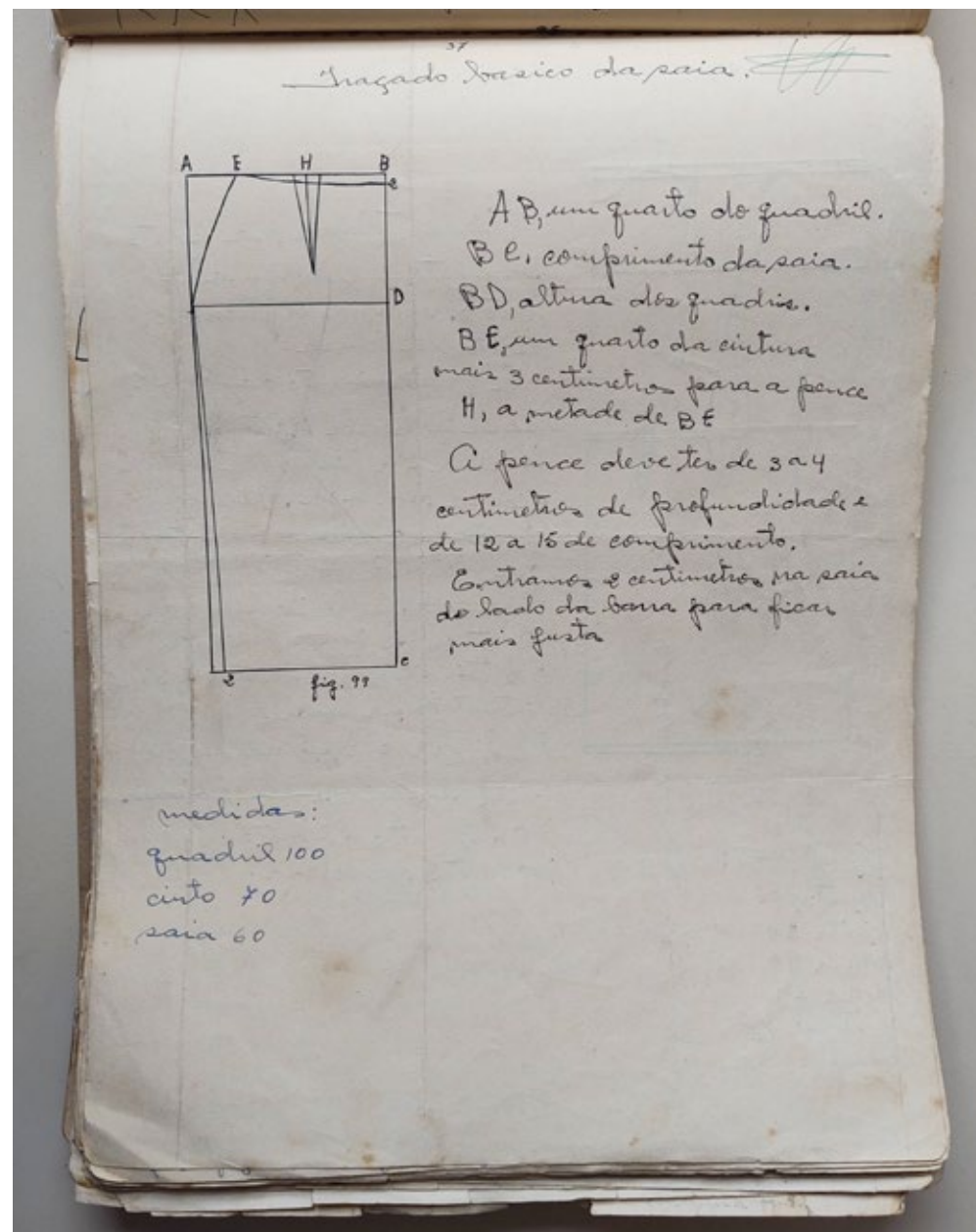
Ficha técnica Método Elite | FTME-L02

Ano	1966
Lição Título	Traçado básico da manga
Página	36
Croqui	não possui
Medidas	manga, costa, busto, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB, a metade da costa menos um centímetro. BC, comprimento da manga. BD, BI, igual BE. BE, um décimo do busto mais dois centímetros. F a metade de AD GH, a metade do punho.</p> <p>Coloca-se AB, na dobra do tecido e corta-se em GH, HE, IFA. Obteremos assim a manga inteira fig 98. Corta-se nos pontilhados para deíchar costura, pois devemos ter sempre em mente que os moldes estão na medida exata. Passamos um leve franzido para dar uma boa caída na manga. Depois de costurada este franzido deve desaparecer.</p>



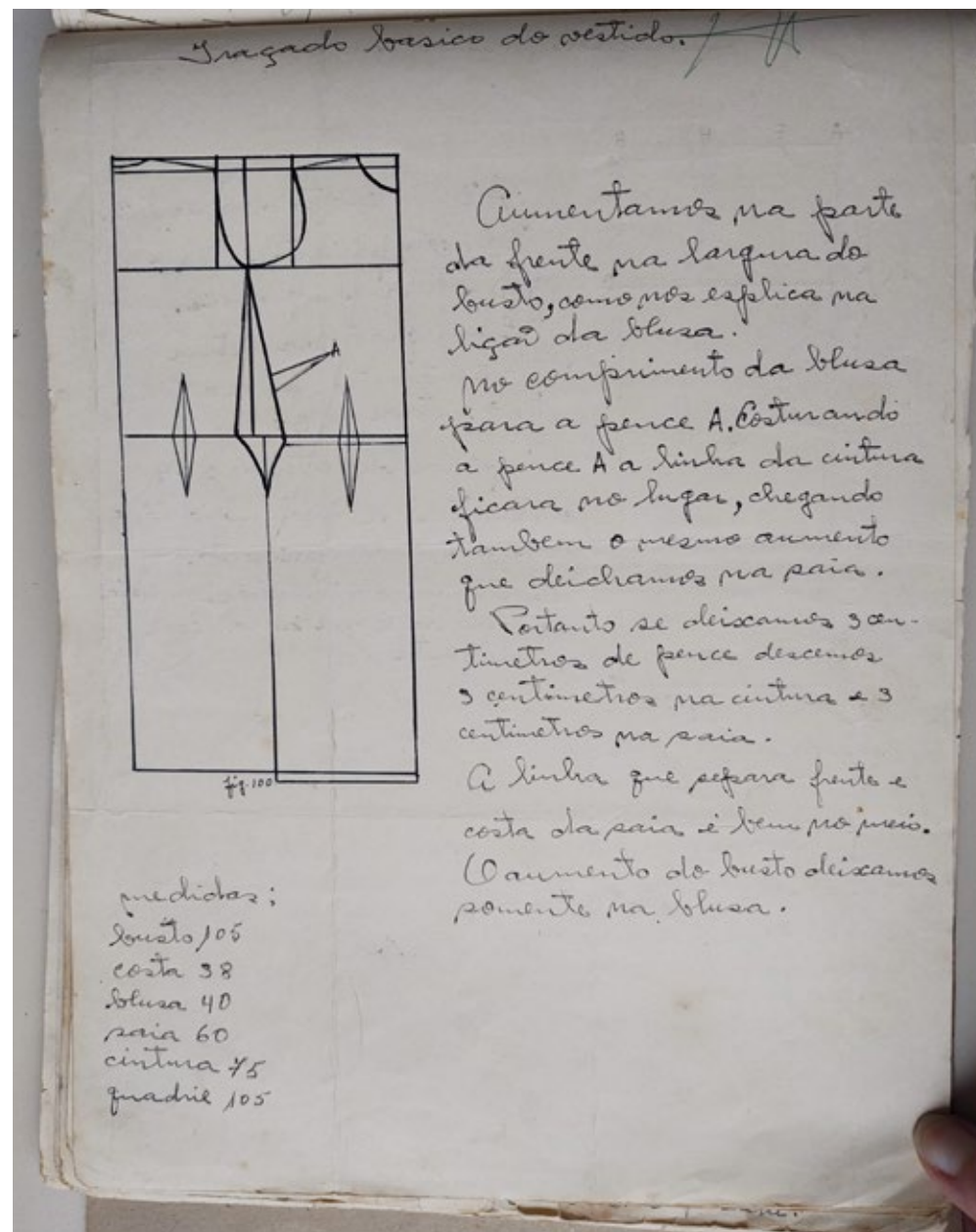
Ficha técnica Método Elite | FTME-L03

Ano	1966
Lição Título	Traçado básico da saia
Página	37
Croqui	não possui
Medidas	quadril, cinto, saia
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB, um quarto do quadril BC, comprimento da saia BD, altura dos quadris BE, um quarto da cintura mais 3 centímetros para a pence H, a metade de BE</p> <p>A pence deve ter de 3 a 4 centímetros de profundidade e de 12 a 15 de comprimento. Entramos 2 centímetros na saia do lado da barra para ficar mais justa.</p>



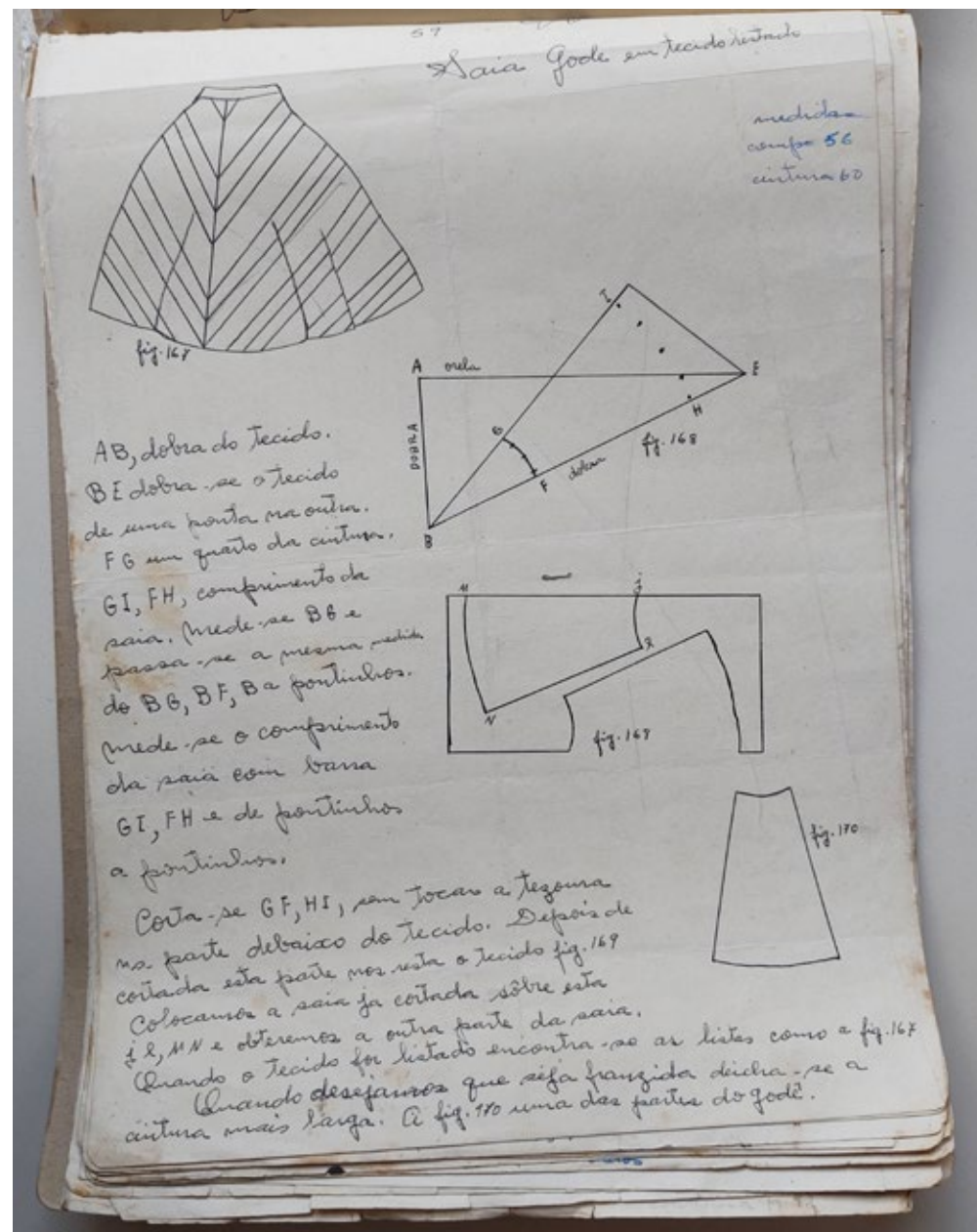
Ficha técnica Método Elite | FTME-L04

Ano	1966
Lição Título	Traçado básico do vestido
Página	38
Croqui	não possui
Medidas	busto, costa, blusa, saia, cintura, quadril
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Aumentamos na parte da frente na largura do busto, como nos explica na lição da blusa.</p> <p>No comprimento da blusa para a pence A. Costurando a pence A a linha da cintura ficara no lugar, chegando tambem o mesmo aumento que deixamos na saia.</p> <p>Portanto se deixamos 3 centímetros de pence descemos 3 centímetros na cintura e 3 centímetros na saia.</p> <p>A linha que separa frente e costa da saia é bem no meio.</p> <p>O aumento do busto deixamos somente na blusa.</p>



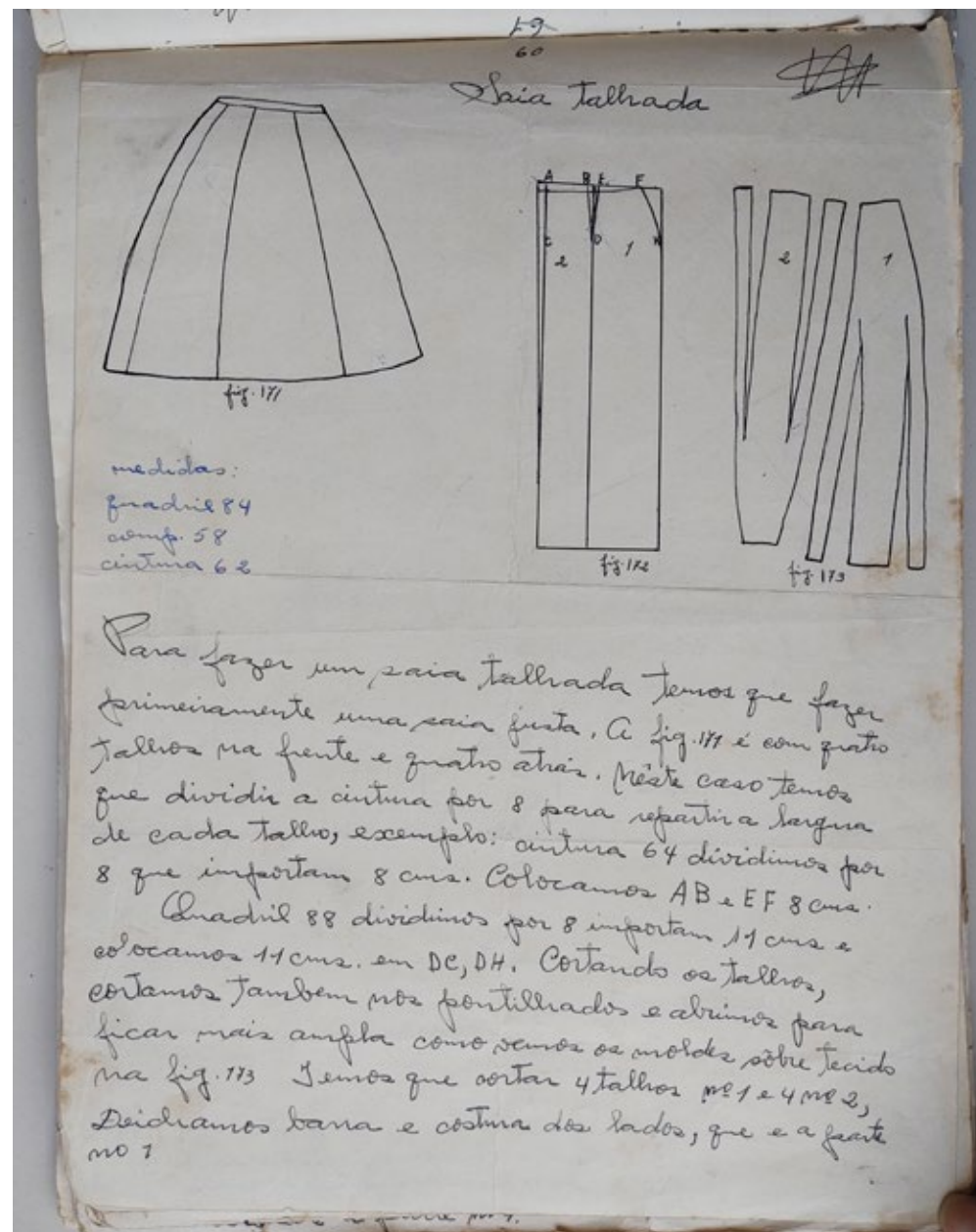
Ficha técnica Método Elite | FTME-L05

Ano	1966
Lição Título	Saia gode em tecido listado
Página	59
Croqui	1
Medidas	comp, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>AB, dobra do tecido BE dobra-se o tecido de uma ponta na outra. FG um quarto da cintura GI, FH, comprimento da saia. Mede-se BG e passa-se a mesma medida do BG, BF, B a pontinhos. Mede-se o comprimento da saia com barra GI, FH e de pontinhos a pontinhos. Corta-se GF, HI, sem tocar a tesoura na parte debaixo do tecido. Depois de cortada esta parte nos resta o tecido fig.169 Colocamos a saia ja cortada sôbre esta JL, MN e obteremos a outra parte da saia. Quando o tecido for listado encontra-se as listas como a fig.167 Quando desejamos que seja franzida deicha-se a cintura mais larga. A fig.170 uma das partes do godê.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L06

Ano	1966
Lição Título	Saia talhada
Página	60
Croqui	1
Medidas	quadril, comp., cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para fazer uma saia talhada temos que fazer primeiramente uma saia justa. A fig.171 é com quatro talhos na frente e quatro atrás. Neste caso temos que dividir a cintura por 8 para repartir a largura de cada talho, exemplo: cintura 64 dividimos por 8 que importam 8cms. Colocamos AB e EF 8cm.</p> <p>Quadril 88 dividimos por 8 importam 11cms e colocamos 11cms em DC, DH. Cortando os talhos, cortamos também nos pontilhados e abrimos para ficar mais ampla como vemos os moldes sobre tecido na fig.173. Temos que cortar 4 talhos nº1 e 4 nº2. Deixamos barra e costura dos lados, que e a parte nº1</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L07

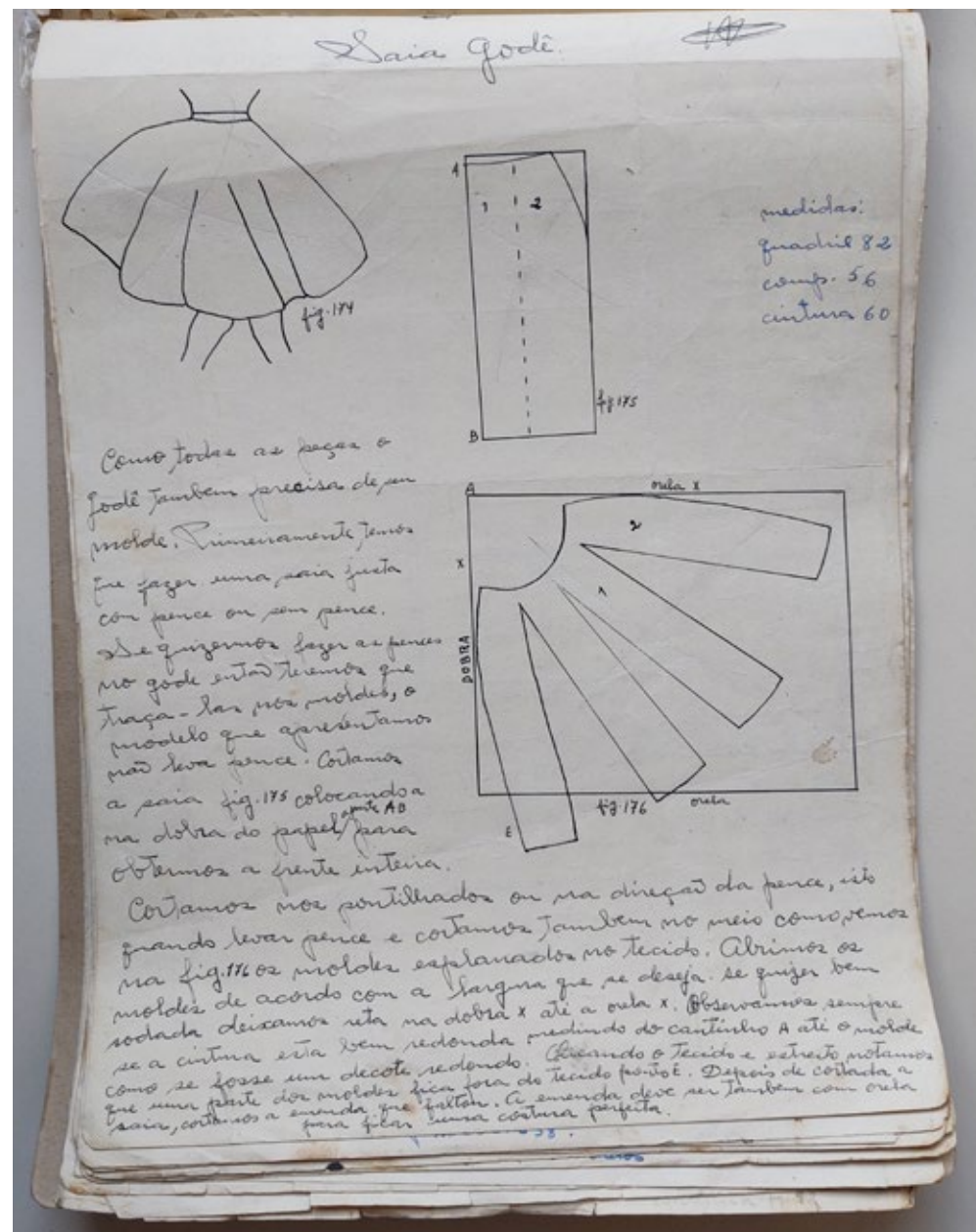
Ano	1966
Lição Título	Saia Godê
Página	61
Croqui	1
Medidas	quadril, comp., cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2

Texto

Como todas as peças o godê também precisa de um molde. Primeiramente temos que fazer uma saia justa com pence ou sem pence.

Se quisermos fazer as pences no gode então teremos que traça-las nos moldes, o modelo que apresentamos não leva pence. Cortamos a saia fig.175 colocando-a na dobra do papel a parte AB para obtermos a frente inteira.

Cortamos nos pontilhados ou na direção da pence, isto vemos na fig.176 os moldes esplanados no tecido. Abrimos os moldes de acordo com a largura que se deseja. Se quiser bem rodada deixamos reta na dobra x até a orela x. Observamos sempre se a cintura esta bem redonda medindo do cantinho A até o molde como se fosse um decote redondo. Quando o tecido é estreito notamos que uma parte dos moldes fica fora do tecido ponto E. Depois de cortada a saia, cortamos a emenda que faltou. A emenda deve ser também com orela para ficar uma costura perfeita.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L08

Ano	1966
Lição Título	Calça comprida de mulher
Página	70
Croqui	não possui
Medidas	quadril, comp., perna, barra, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1

Traçamos a calça diretamente no tecido, devendo ser dobrado para cortar duas partes da frente, e duas partes de trás.

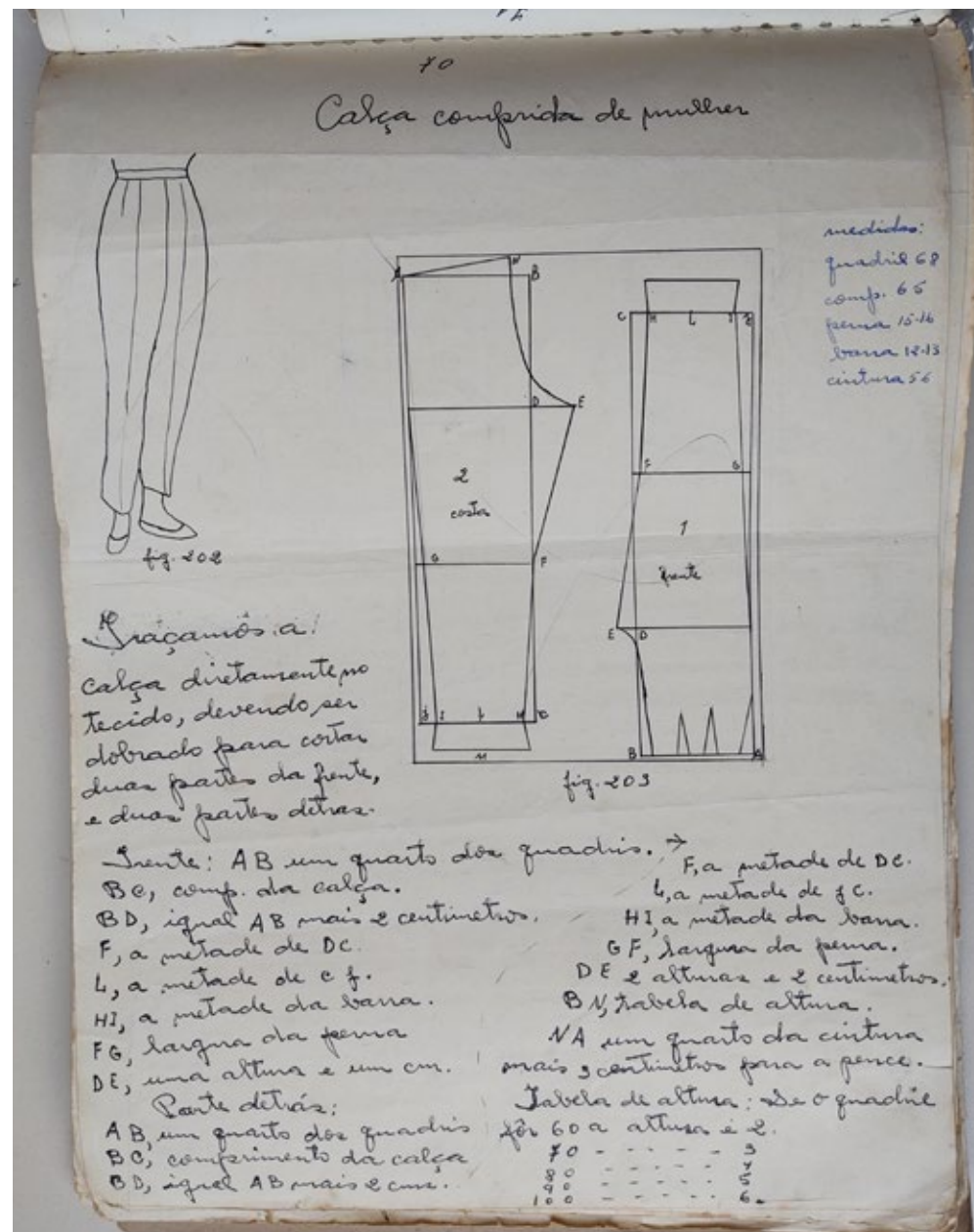
Frente:

- AB um quarto dos quadris.
- BC, comp. da calça.
- BD, igual AB mais 2 centímetros.
- F, a metade de DC.
- L, a metade de CJ.
- HI, a metade da barra.
- FG, largura da perna.
- DE, uma altura e um cm.

Texto

Parte de trás:

- AB, um quarto dos quadris
- BC, comprimento da calça
- BD, igual AB mais 2 cms.
- F, a metade de DC.
- L, a metade de JC.
- HI, a metade da barra.
- GF, largura da perna.
- DE 2 alturas e 2 centímetros.
- BN, tabela de altura.
- NA um quarto da cintura mais 3 centímetros para a pence.

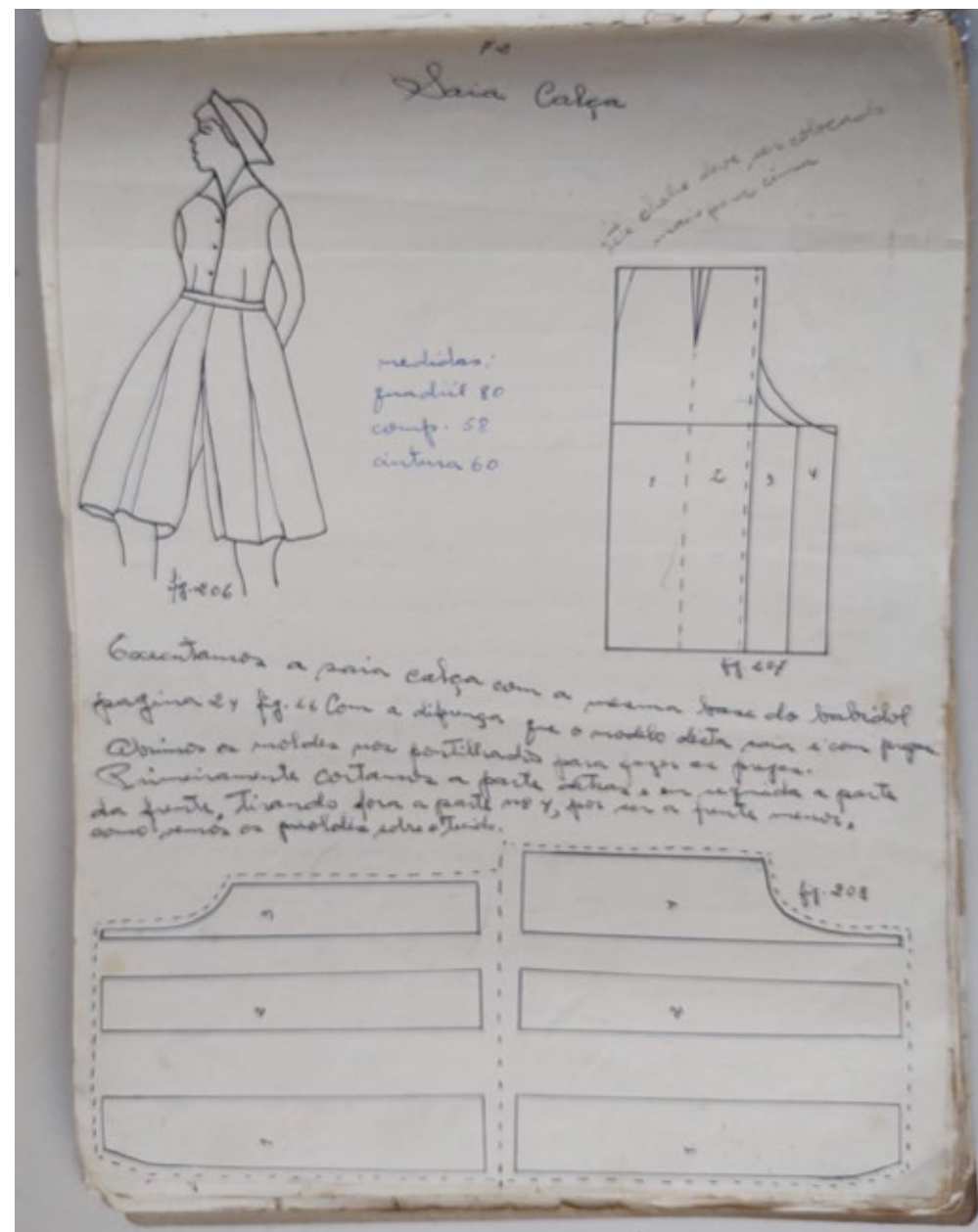


Ficha técnica Método Elite | FTME-L09

Ano	1966
Lição Título	Tabela de altura
Página	70
Croqui	
Medidas	
Tabela de medidas	
Legenda explicando pontos	
Desenho técnico molde	
Texto	Tabela de altura: Se o quadril for 60 a altura é 2. 70 ----- 3 80 ----- 4 90 ----- 5 100 ----- 6.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L10

Ano	1966
Lição Título	Saia calça
Página	72
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comp.W, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Executamos a saia calça com a mesma base do babido! pagina 24 fig.66. Com a diferença que o modelo desta saia é com pregas.</p> <p>Abrimos os moldes nos pontilhados para fazer as pregas. Primeiramente cortamos a parte de tras e em seguida a parte da frente, tirando fora a parte nº4, por ser a frente menor como vemos os moldes sobre o tecido.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L11

Ano	1966
Lição Título	Como tirar medidas do vestido
Página	97, 98
Croqui	2, um de frente (principal) e um de costas (menor)
Medidas	busto, costas, cintura, quadris, comprimento da blusa, comprimento da saia, comprimento da manga, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui

Texto

Busto: - A Obtém-se esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Esta medida, deve ter um acréscimo de 4 a 5 centímetros.

Costas: - B Esta medida deve ser tirada colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

Cintura: - C E como o próprio nome indica da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente ajustada.

Quadris: - D Obtem-se esta medida colocando-se a fita métrica sobre a parte mais saliente dos quadris mais ou menos 18 a 20 centímetros abaixo da cintura, medida que deve ser acrescentada cerca de 2 centímetros.

Comprimento da Blusa: - E Coloca-se a fita métrica na parte da frente junto ao pescoço na linha da costura do ombro até a cintura.

continua

Continuação da medida do vestido

Comprimento da Saia: - F Para obtenção desta medida colocamos a fita métrica na cintura e segue-se reta até o comprimento desejado.

Comprimento da Manga: - G Toma-se o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir, coloca-se a fita métrica na parte mais alta da cava, passando pelo cotovelo, até o fim do ante-braço quando se tratar de manga comprida.

Punho: - H Consegue-se a medida do punho tomando a circunferência do mesmo.

A mulher deve primar pela simplicidade gosto e harmonia de seu vestuário, por isso deve adotar o "Corte Elite" de autoria da profª Adelia Parron Alvarez.

Como tirar medidas do vestido

Antes de tomar as medidas é conveniente observar a ilustração para ter compreensão exata das maneiras de tirá-las.



Busto:—A Obtem-se esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Esta medida, deve ter um acréscimo de 4 a 5 centímetros.

Costas:—B Esta medida deve ser tirada colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

Cintura:—C Como o próprio nome indica da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente apertada.

Quadril:—D Obtem-se esta medida colocando-se a fita métrica sobre a parte mais saliente dos quadris mais ou menos 10 a 20 centímetros abaixo da cintura, medida que deve ser acrescentada cerca de 2 centímetros.

Comprimento da blusa:—E Coloca-se a fita métrica na parte da frente junto ao pescoço na linha da cintura do ombro

Continuação da medida do vestido

Comprimento da saia:—F Para obtenção desta medida colocando a fita métrica na cintura e segue-se esta até o comprimento desejado.

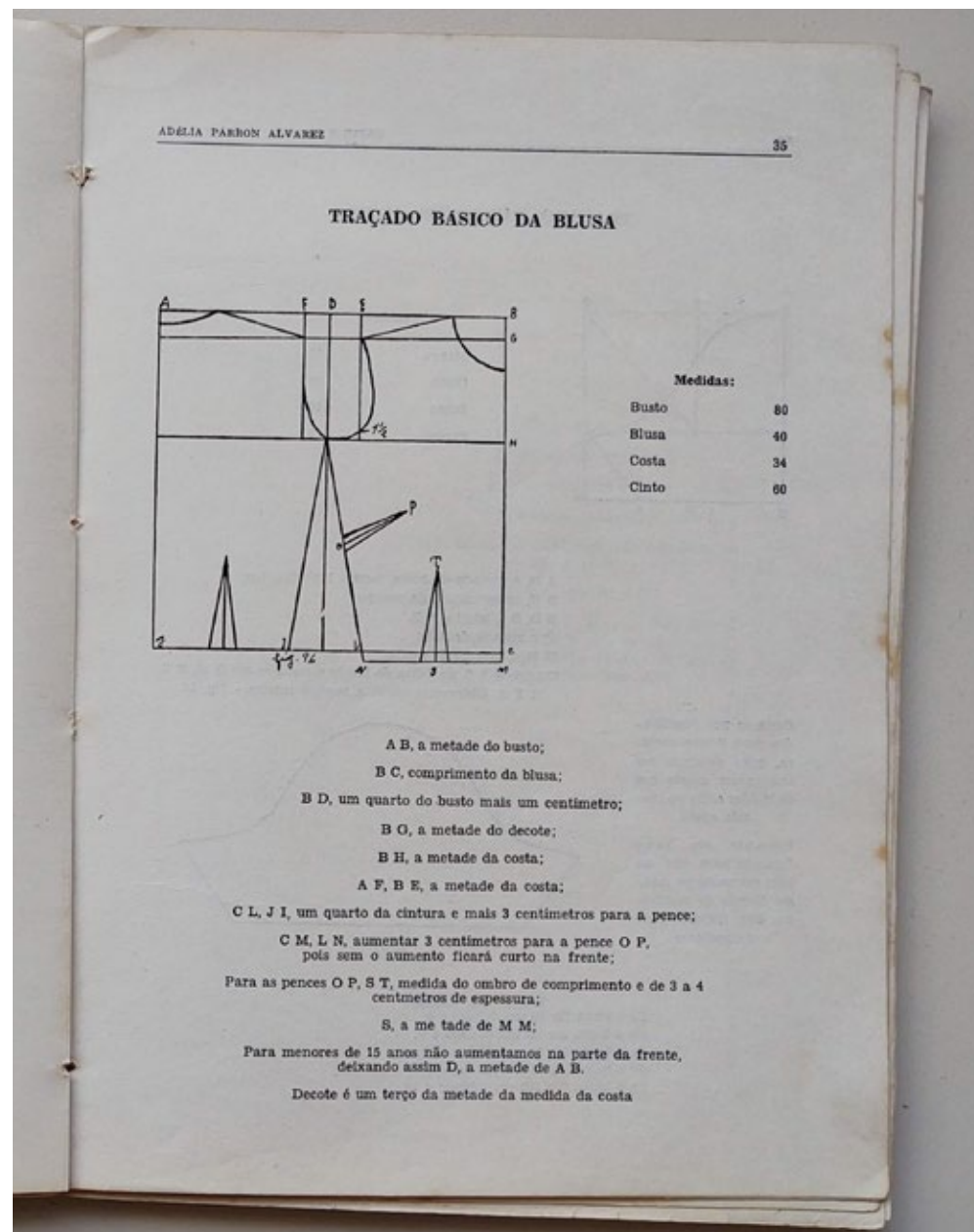
Comprimento da manga:—G Toma-se o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir coloca-se a fita métrica na parte mais alta da cava, passando pelo cotovelo, até o fim do ante-braço quando se trata de manga comprida.

Punho:—H Consegue-se a medida do punho tomando a circunferência do mesmo.

A mulher deve primar pela simplicidade, gosto e harmonia de seu vestuário, por isso deve adotar o "Corte Elite" de autoria da prof.^a Adélia Ranon Alvarez.

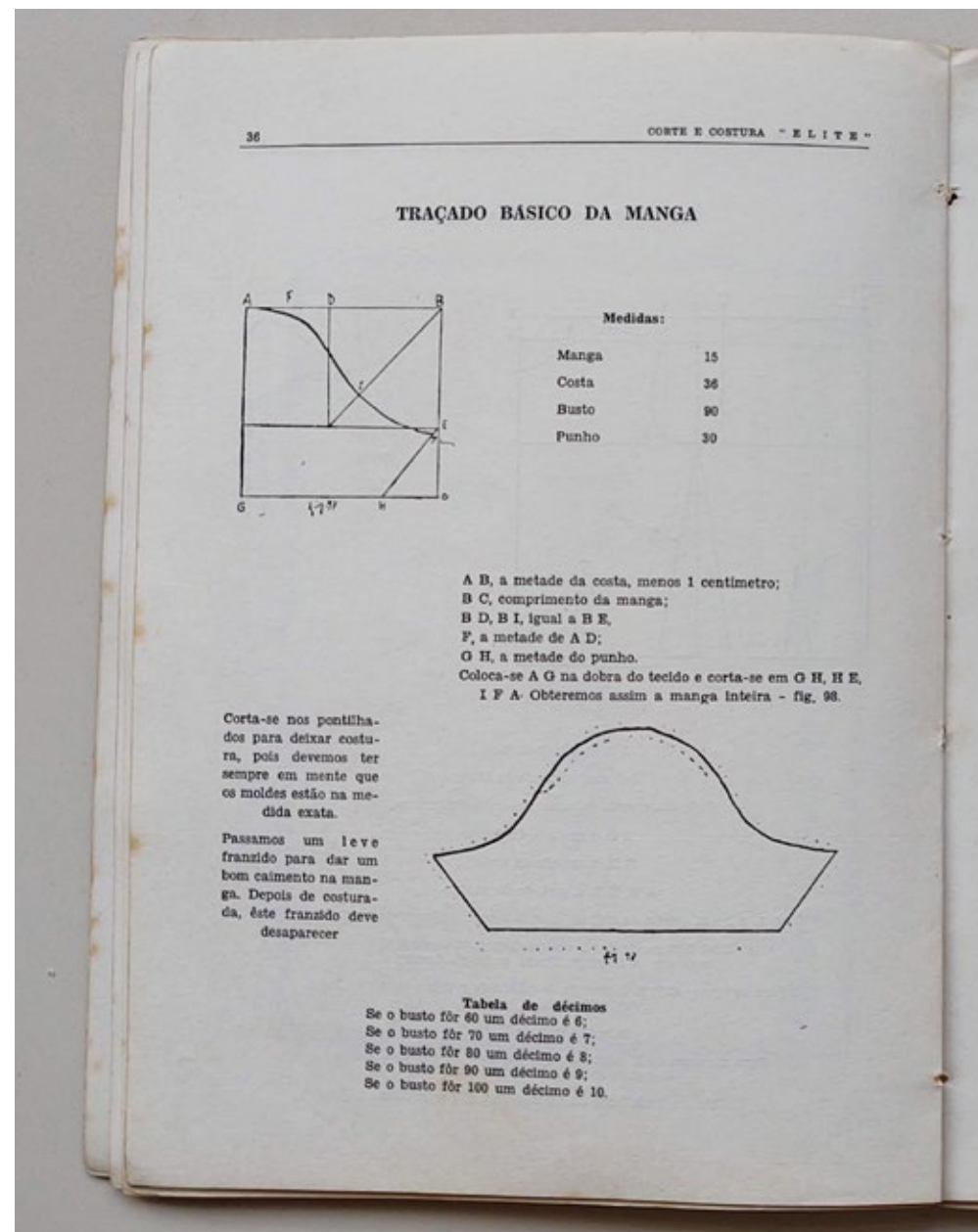
Ficha técnica Método Elite | FTME-L12

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA BLUSA
Página	35
Croqui	não possui
Medidas	busto, blusa, costa, cinto
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB, a metade do busto; BC, comprimento da blusa; BD, um quarto do busto mais um centímetro; BG, a metade do decote; BH: a metade da costa; AF, BE, a metade da costa; CL, JI, um quarto da cintura e mais 3 centímetros para a pence; CM, LN, aumentar 3 centímetros para a pence OP, pois sem o aumento ficará curto na frente; Para as pences OP, ST, medida do ombro de comprimento e de 3 a 4 centímetros de espessura; S, a metade de M M;</p> <p>Para menores de 15 anos não aumentamos na parte da frente, deixando assim D, a metade de AB. Decote é um terço da metade da medida da costa</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L13

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA MANGA
Página	36
Croqui	não possui
Medidas	manga, costa, busto, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB, a metade da costa, menos 1 centímetro; BC, comprimento da manga; BD, BI, igual a BE, F, a metade de AD; GH, a metade do punho.</p> <p>Coloca-se AG na dobra do tecido e corta-se em GH, HE, IFA. Obteremos assim a manga inteira - fig. 98.</p> <p>Corta-se nos pontilhados para deixar costura, pois devemos ter sempre em mente que os moldes estão na medida exata.</p> <p>Passamos um leve franzido para dar um bom caimento na manga. Depois de costurada, este franzido deve desaparecer</p>

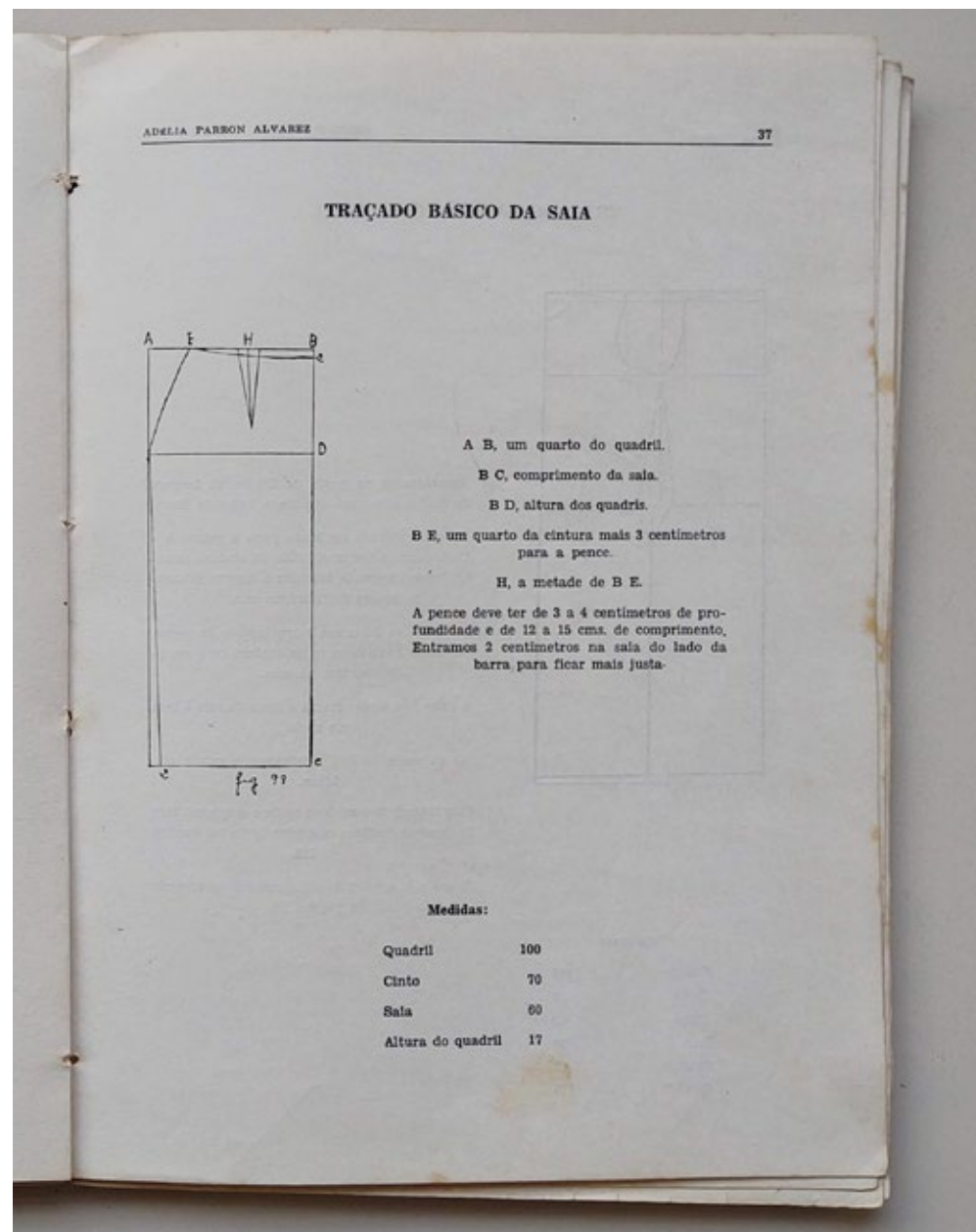


Ficha técnica Método Elite | FTME-L14

Ano	1969
Lição Título	TABELA DE DÉCIMOS
Página	36
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	Tabela de décimos: Se o busto fôr 60 um décimo é 6; Se o busto fôr 70 um décimo é 7; Se o busto fôr 80 um décimo é 8; Se o busto fôr 90 um décimo é 9; Se o busto fôr 100 um décimo é 10.

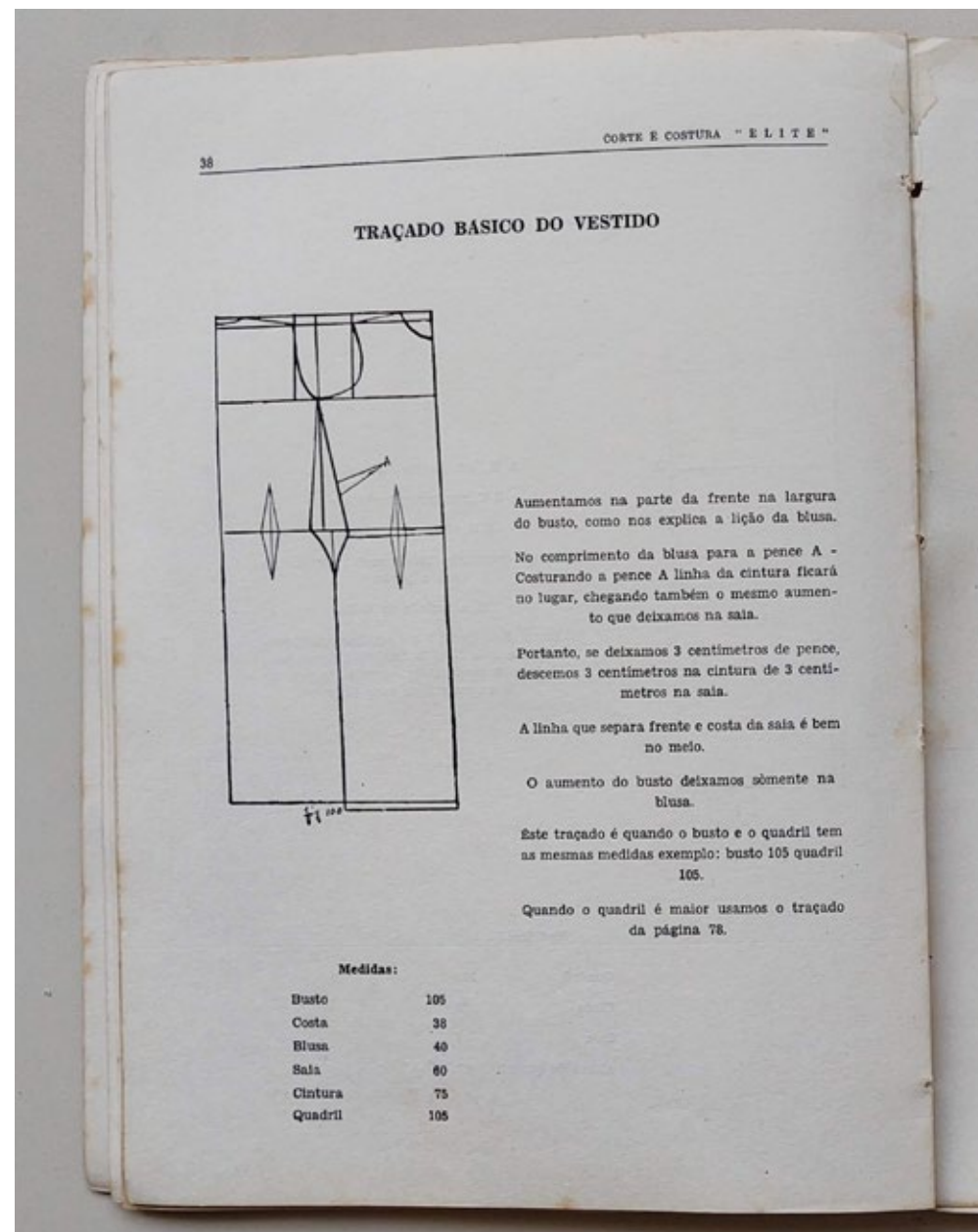
Ficha técnica Método Elite | FTME-L15

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA SAIA
Página	37
Croqui	não possui
Medidas	quadril, cinto, saia, altura do quadril
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB, um quarto do quadril. BC, comprimento da saia. BD, altura dos quadris. BE, um quarto da cintura mais 3 centímetros para a pence. H, a metade de BE.</p> <p>A pence deve ter de 3 a 4 centímetros de profundidade e de 12 a 15 cms. de comprimento. Entramos 2 centímetros na saia do lado da barra para ficar mais justa.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L16

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO
Página	38
Croqui	não possui
Medidas	busto, costa, blusa, saia, cintura, quadril
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Aumentamos na parte da frente na largura do busto, como nos explica a lição da blusa.</p> <p>No comprimento da blusa para a pence A - Costurando a pence A linha da cintura ficará no lugar, chegando também o mesmo aumento que deixamos na saia.</p> <p>Portanto se deixamos 3 centímetros de pence, descemos 3 centímetros na cintura de 3 centímetros na saia.</p> <p>A linha que separa frente e costa da saia é bem no meio.</p> <p>O aumento do busto deixamos somente na blusa.</p> <p>Este traçado é quando o busto e o quadril tem as mesmas medidas exemplo: busto 105 quadril 105.</p> <p>Quando o quadril é maior usamos o traçado da página 78.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L17

Ano	1969
Lição Título	SAIA GODÊ em tecido listado
Página	59
Croqui	1
Medidas	comprimento, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3

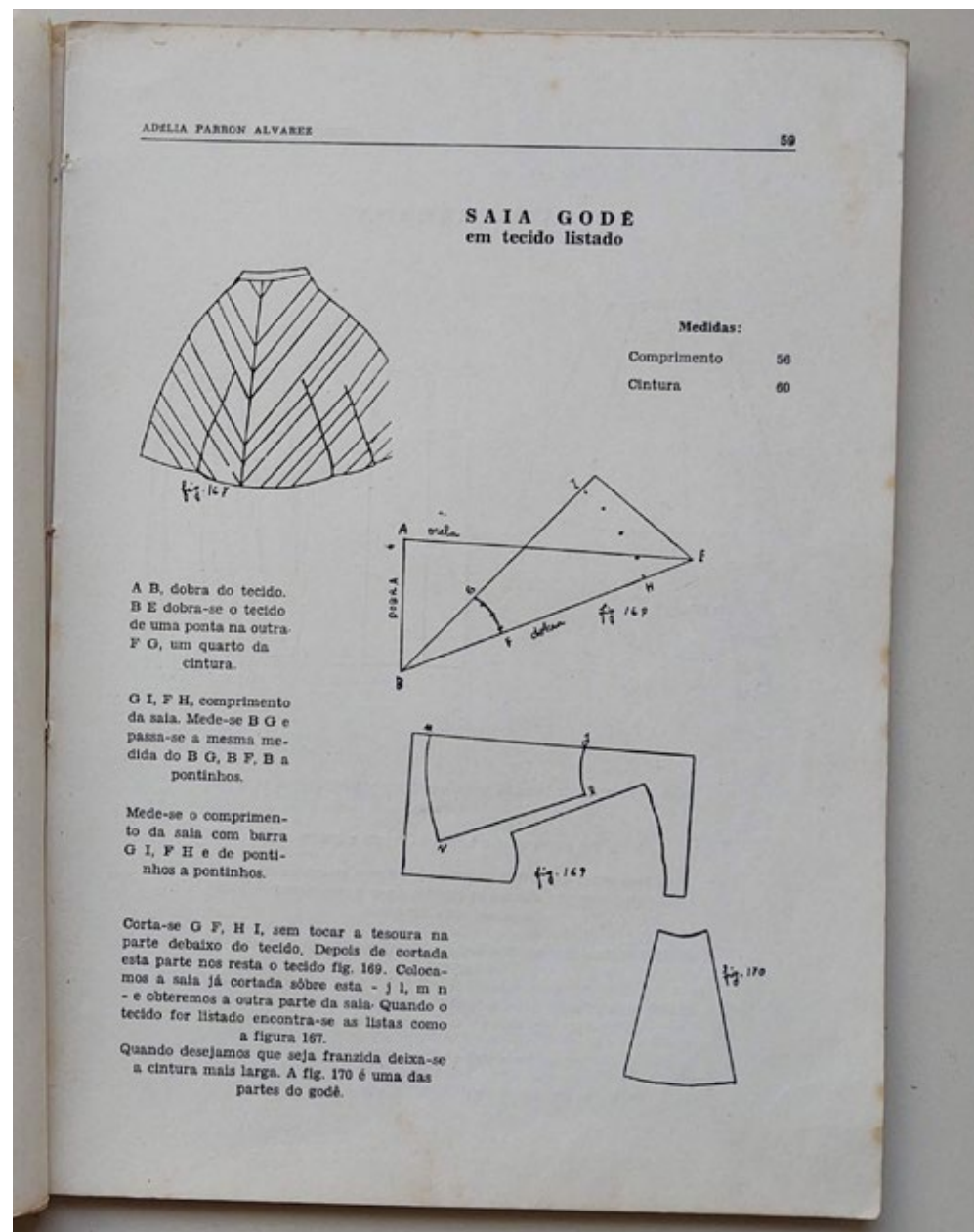
AB, dobra do tecido.
BE dobra-se o tecido de uma ponta na outra.
FG um quarto da cintura.

GI, FH, comprimento da saia. Mede-se BG e passa-se a mesma medida do BG, BF, B a pontinhos.

Mede-se o comprimento da saia com barra GI, FH e de pontinhos a pontinhos.

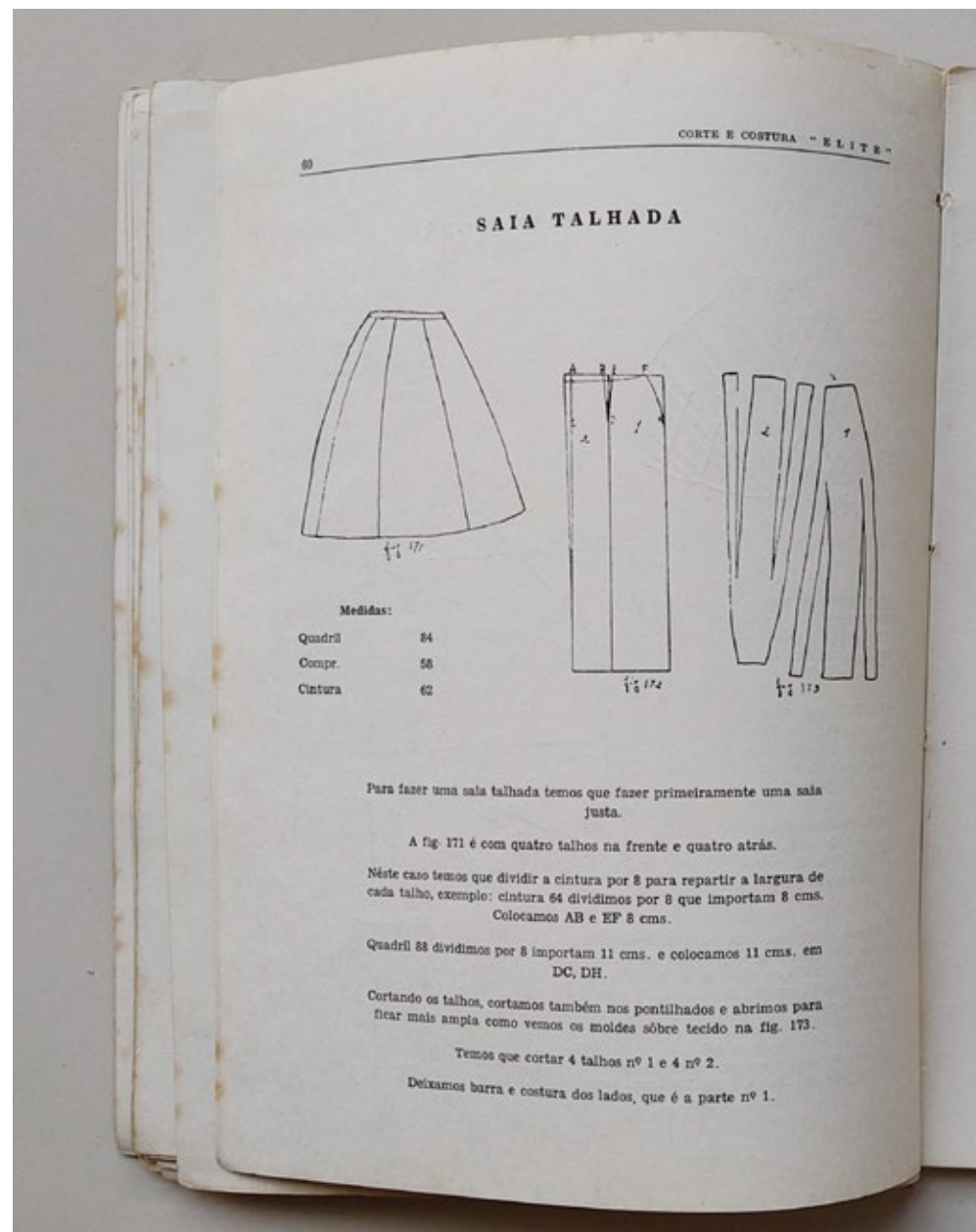
Corta-se GF, HI, sem tocar a tesoura na parte debaixo do tecido. Depois de cortada esta parte nos resta o tecido fig.169. Colocamos a saia já cortada sobre esta - JL, MN - e obteremos a outra parte da saia. Quando o tecido for listado encontra-se as listas como a figura 167.

Quando desejamos que seja franzida deixa-se a cintura mais larga. A fig.170 uma das partes do godê.



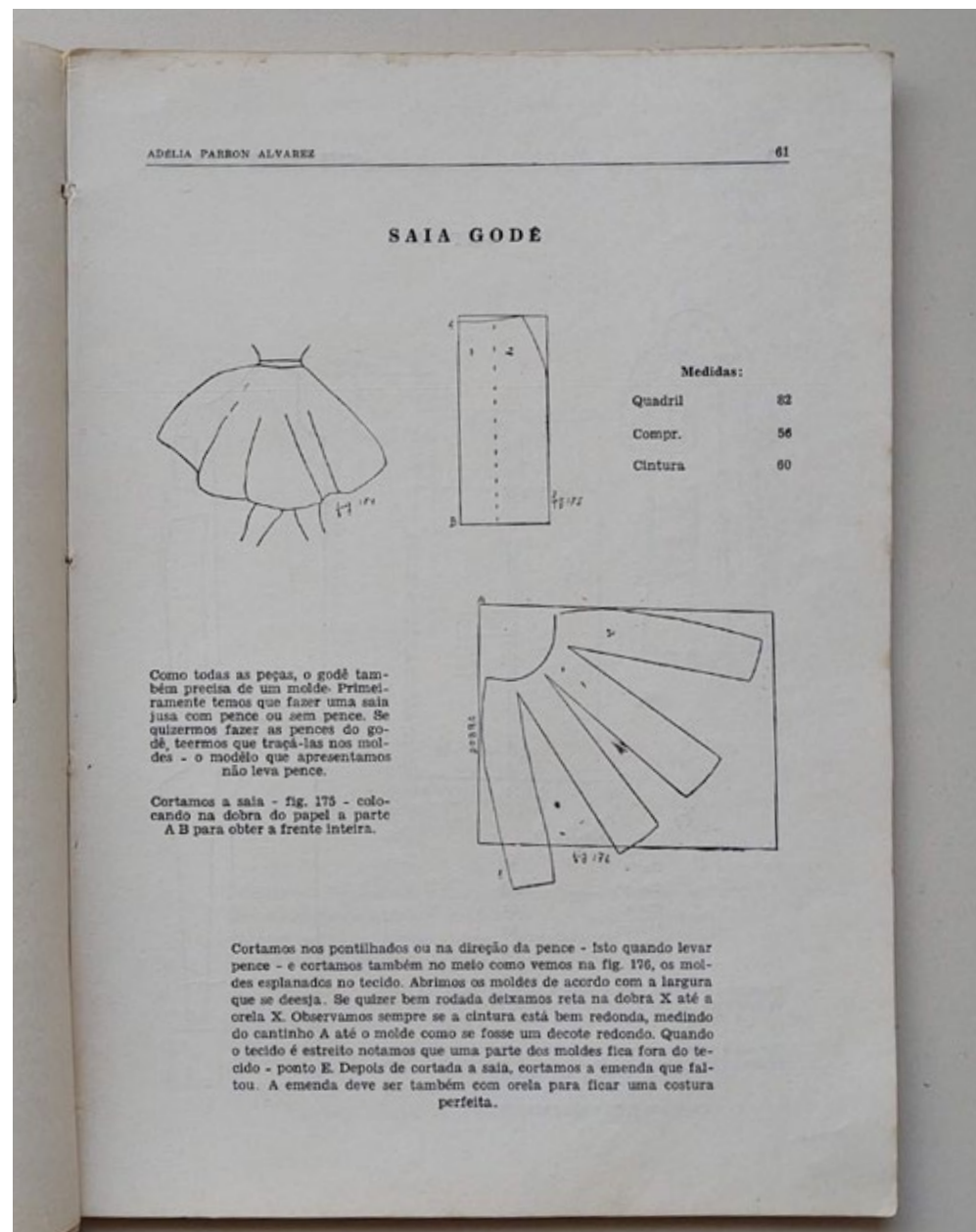
Ficha técnica Método Elite | FTME-L18

Ano	1969
Lição Título	SAIA TALHADA
Página	60
Croqui	1
Medidas	quadril, compr., cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
	<p>Para fazer uma saia talhada temos que fazer primeiramente uma saia justa.</p> <p>A fig.171 é com quatro talhos na frente e quatro atrás.</p> <p>Nêste caso temos que dividir a cintura por 8 para repartir a largura de cada talho, exemplo: cintura 64 dividimos por 8 que importam 8cms. Colocamos AB e EF 8cms.</p> <p>Texto Quadril 88 dividimos por 8 importam 11cms e colocamos 11cms em DC, DH.</p> <p>Cortando os talhos, cortamos também nos pontilhados e abrimos para ficar mais ampla como vemos os moldes sôbre tecido na fig.173.</p> <p>Temos que cortar 4 talhos nº1 e 4 nº2.</p> <p>Deixamos barra e costura dos lados, que é a parte nº1</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L19

Ano	1969
Lição Título	SAIA GODÊ
Página	61
Croqui	1
Medidas	quadril, compr., cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Como todas as peças o godê também precisa de um molde. Primeiramente temos que fazer uma saia justa com pence ou sem pence. Se quisermos fazer as pences do godê, termos que traçá-las nos moldes - o modelo que apresentamos não leva pence.</p> <p>Cortamos a saia - fig.175 - colocando na dobra do papel a parte AB para obter a frente inteira.</p> <p>Cortamos nos pontilhados ou na direção da pence - isto quando levar pence - e cortamos também no meio como vemos na fig.176, os moldes esplanados no tecido. Abrimos os moldes de acordo com a largura que se deesja. Se quiser bem rodada deixamos reta na dobra X até a orela X. Observamos sempre se a cintura está bem redonda, medindo do cantinho A até o molde como se fosse um decote redondo. Quando o tecido é estreito notamos que uma parte dos moldes fica fora do tecido - ponto E. Depois de cortada a saia, cortamos a emenda que faltou. A emenda deve ser também com orela para ficar uma costura perfeita.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L20

Ano	1969
Lição Título	CALÇA COMPRIDA DE MULHER
Página	70
Croqui	1
Medidas	quadril, compr., perna, barra, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1

Parte de trás:
AB um quarto dos quadris;
BC comprimento da calça;
BD igual AB mais 2 cms.;
F a metade de DC.;
L a metade de JC.;
HI a metade da barra;
GF largura da perna;
DE 2 alturas e 2 cms.;
BN tabela de altura;;
NA um quarto da cintura mais 3 centímetros para a pence.

Texto Traçamos a calça diretamente no tecido, que deve ser dobrado, para cortar duas partes da frente, e duas de trás.

Parte da frente:
AB um quarto dos quadris;
BC igual a AB mais 2 cms.;
BD igual AB mais 2 cms.;
F a metade de DC;
L a metade de CJ;
HI a metade da barra
FG largura da perna;
DE uma altura e 1 cm.

Temos a acrescentar que quando tiramos as medidas de barra e perna na calça feita, são duas como nesta medida. Quando tiramos a medida na pessoa, nesta medida deve ser perna: 31; barra: 25. Neste caso, colocamos em GF na parte detrás a metade da medida da perna mais 1 centímetro. Em GF da parte da frente, colocamos a metade da medida da perna menos 1 centímetro, ficando assim a parte detrás maior e a de frente menor, seguindo a mesma forma nas medidas da barra.

CALÇA COMPRIDA DE MULHER



fig. 202



fig. 203

Medidas:

Quadril	60
Compr.	65
Perna	15-16
Barra	12-13
Cintura	56

Parte de trás:

A B um quarto dos quadris;
 B C comprimento da calça;
 B D igual a AB mais 2 cms.;
 F a metade de DC;
 L a metade de JC;
 H I a metade da barra;
 G F largura da perna;
 D E 2 alturas e 2 cms.;
 B N tabela de altura;;
 N A um quarto da cintura mais
 3 centímetros para a pence.

Tabela de altura:

Se o quadril for	60	a altura é	2
" " " "	70	" " "	3
" " " "	80	" " "	4
" " " "	90	" " "	5
" " " "	100	" " "	6

Traçamos a calça diretamente no tecido, que deve ser dobrado, para cortar duas partes da frente e duas de trás.

Parte da frente:

A B um quarto dos quadris;
 B C igual a AB mais 2 cms.;
 B D igual a AB mais 2 cms.;
 F a metade de DC;
 L a metade de CJ;
 H I a metade da barra;
 F G largura da perna;
 D E uma altura e 1 cm.

Temos a acrescentar que quando tiramos as medidas de barra e perna na calça feita, são duas como nesta medida. Quando tiramos a medida na pessoa, nesta medida deve ser perna: 31; barra: 25. Neste caso, colocamos em G F na parte detrás a metade da medida da perna mais 1 centímetro.

Em G F da parte da frente, colocamos a metade da medida da perna menos 1 centímetro, ficando assim a parte detrás maior e a de frente menor, seguindo a mesma forma nas medidas da barra.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L21

Ano	1969
Lição Título	TABELA DE ALTURA
Página	70
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
	Tabela de altura:
Texto	Se o quadril for 60 a altura é 2
	“ “ “ “ 70 “ “ “ 3
	“ “ “ “ 80 “ “ “ 4
	“ “ “ “ 90 “ “ “ 5
	“ “ “ “ 100 ” “ “ 6

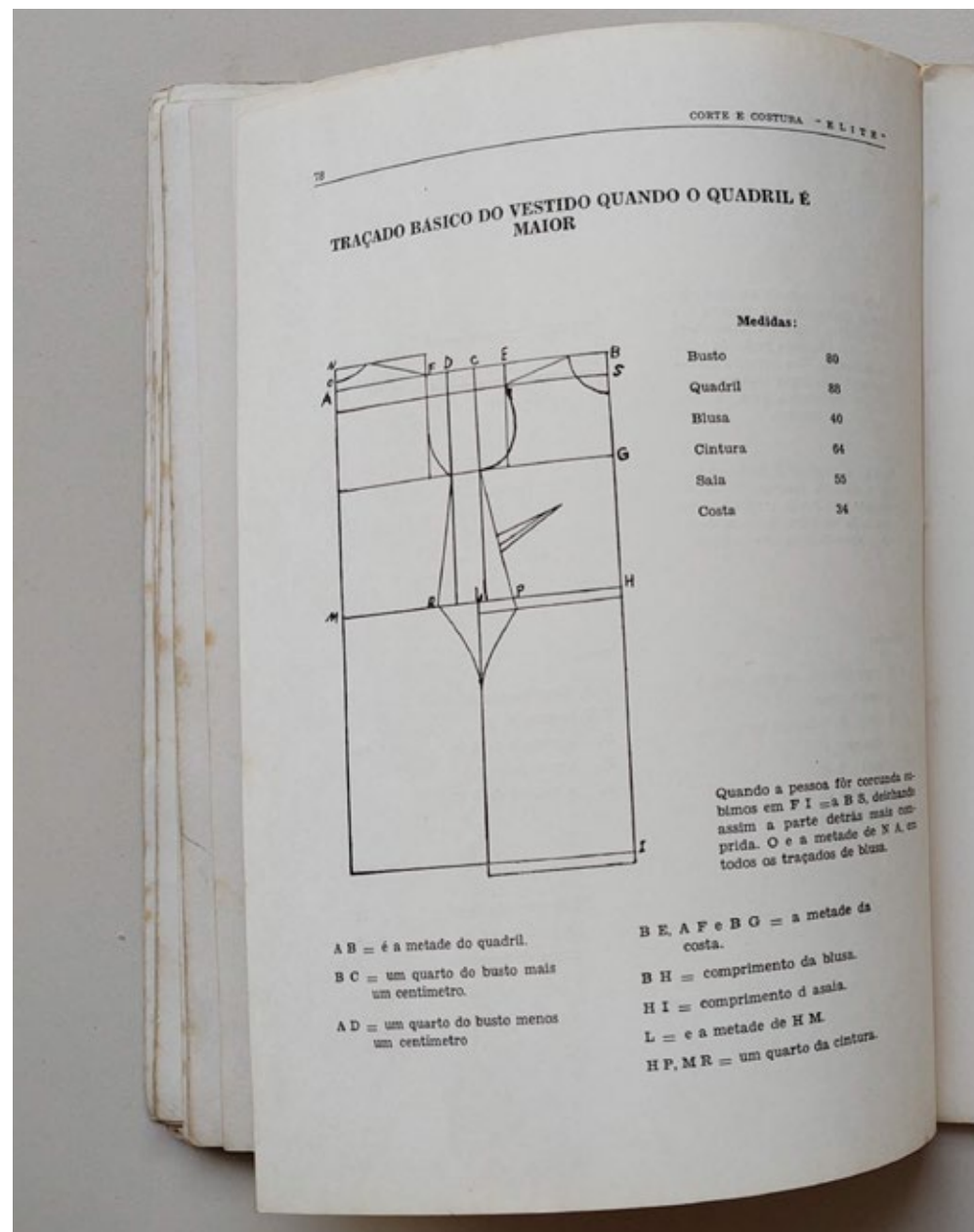
Ficha técnica Método Elite | FTME-L22

Ano	1969
Lição Título	SAIA CALÇA
Página	72
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, compr., cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	Executamos a saia calça com a mesma base do baby-dol - página 24, fig.66, com a diferença que o modelo desta saia é com pregas. Abrimos os moldes nos pontilhados para fazer as pregas. Primeiramente cortamos a parte detrás e em seguida a parte da frente, tirando a parte número 4, por ser a frente menor, como vemos nos moldes sôbre o tecido.



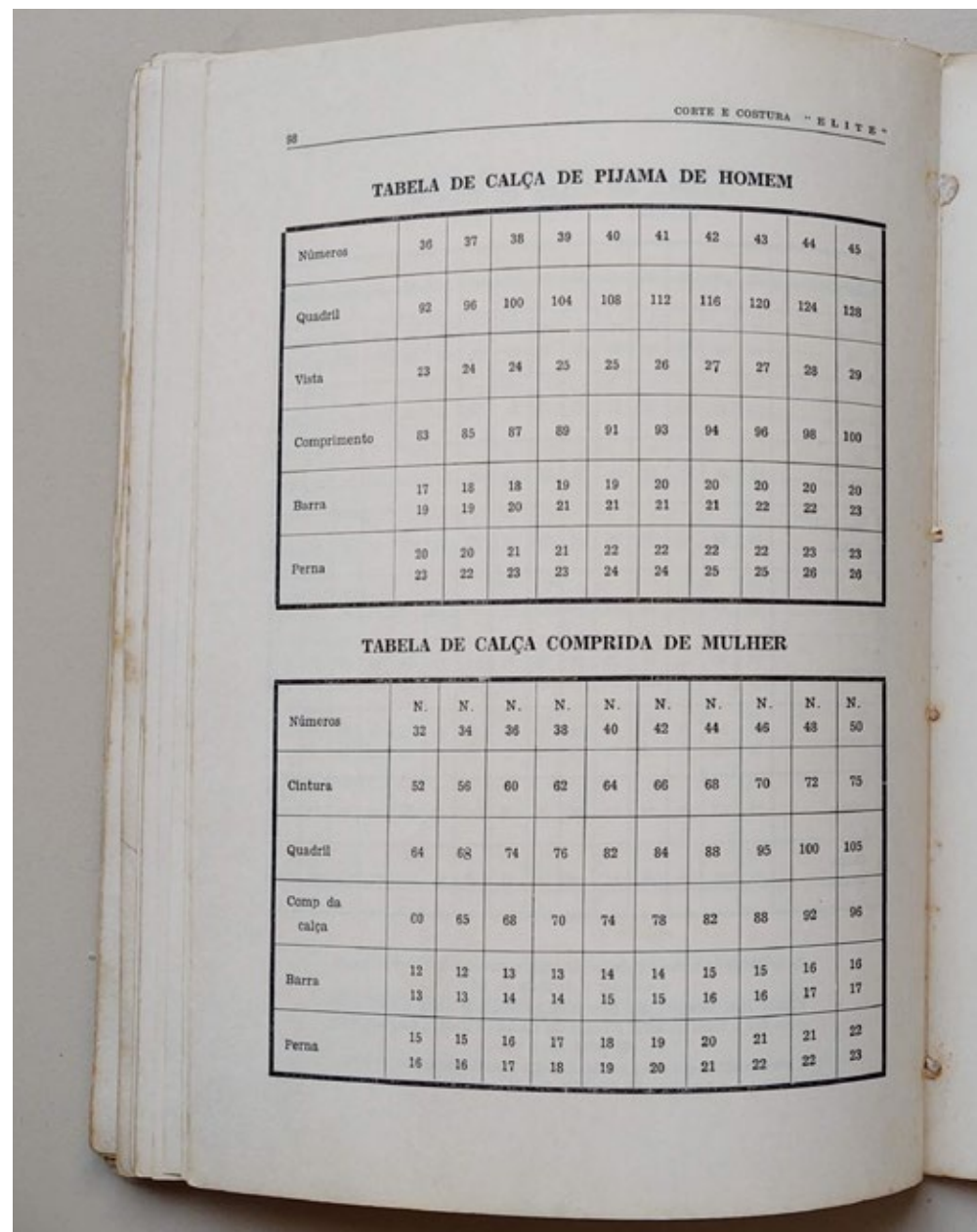
Ficha técnica Método Elite | FTME-L23

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO QUANDO O QUADRIL É MAIOR
Página	78
Croqui	não possui
Medidas	busto, quadril, blusa, cintura, saia, costa
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB = é metade do quadril. BC = um quarto do busto mais um centímetro. AD = um quarto do busto menos um centímetro</p> <p>Quando a pessoa for corcunda subimos em FI = a BS, desenhando assim a parte de trás mais comprida. O e a metade de NA, em todos os traçados de blusa.</p> <p>BE, AF e BG = a metade da costa. BH = comprimento da blusa. HI = comprimento da saia. L = e a metade de HM. HP, MR = um quarto da cintura.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L24

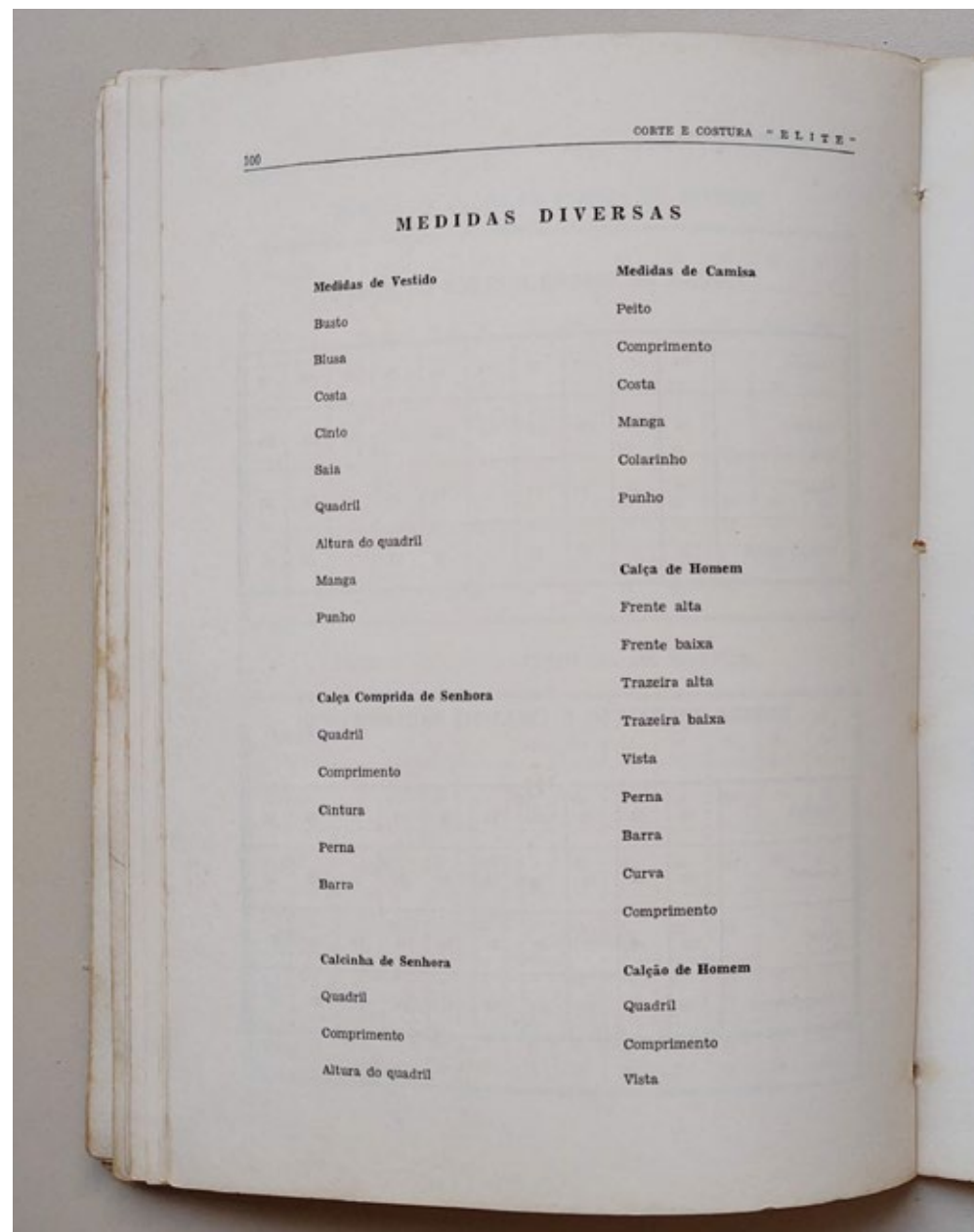
Ano	1969
Lição Título	TABELA DE CALÇA COMPRIDA DE MULHER
Página	98
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	-



Ficha técnica Método Elite | FTME-L25

Ano	1969
Lição Título	MEDIDAS DIVERSAS
Página	100
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-

	Medidas de Vestido Busto Blusa Costa Cinto Saia Quadril Altura do quadril Manga Punho	Medidas de Camisa Peito Comprimento Costa Manga Colarinho Punho
Texto	Calça comprida de Senhora Quadril Comprimento Cintura Perna Barra	Calça de Homem Frente alta Frente baixa Trazeira alta Trazeira baixa Vista Perna Barra Curva Comprimento
	Calcinha de Senhora Quadril Comprimento Altura do quadril	Calção de Homem Quadril Comprimento Vista



Ficha técnica Método Elite | FTME-L26

Ano	1969
Lição Título	TABELA DE MEDIDAS - DESDE O MANEQUIM 32 AO 50
Página	101
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	-

ADELIA PARRON ALVAREZ 101

TABELA DE MEDIDAS - DESDE O MANEQUIM 32 AO 50

MANEQUIM	32	34	36	38	40	42	44	46	48	50
Busto	64	68	72	76	80	84	88	96	100	106
Blusa	34	36	37	38	39	40	41	42	43	44
Costa	26	27	29	31	34	35	36	37	38	39
Cintura	48	52	60	62	64	65	66	68	70	73
Sala	42	45	47	49	49	51	54	58	60	62
Quadril	64	68	72	76	82	86	90	98	100	106
Manga comp. Manga Curta	42 10	43 11	45 11	46 12	48 12	50 13	54 14	58 15	60 15	61 16
Punho m. comprida m. curta	16 20	16 21	17 22	18 23	19 24	20 26	21 27	22 28	23 29	24 30
Aaltura do quadril	14	15	15	16	16	17	18	19	20	20
Comprimento da calcinha	20	22	23	24	26	27	28	30	32	34

Ficha técnica Método Elite | FTME-L27

Ano	1969
Lição Título	Como tirar medidas do vestido
Página	104
Croqui	2, um de frente (principal) e um de costas (menor)
Medidas	busto, costas, cintura, quadris, comprimento da blusa, comprimento da saia, comprimento da manga, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui

Texto

Antes de tomar as medidas é conveniente observar a ilustração para ter compreensão exata da maneira de tirá-las

Busto: - A - Obtém-se esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Esta medida deve ter um acréscimo de 4 a 5 centímetros.

Costas: - B - Esta medida deve ser tirada colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

Cintura: - C - É, como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente ajustada.

Quadris: - D - Obtém-se esta medida colocando-se a fita métrica sobre a parte mais saliente dos quadris, mais ou menos 18 a 20 centímetros abaixo da cintura, medida à qual deve-se acrescentar cerca de dois centímetros.

Comprimento da Blusa: E - Coloca-se a fita métrica na parte da frente junto ao pescoço na linha da costura do ombro até a cintura.

Comprimento da Saia: F - Para obter esta medida colocamos a fita métrica na cintura e segue-se em linha reta até o comprimento desejado.

Comprimento da Manga: G - Toma-se o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir coloca-se a fita métrica na parte mais alta da cava, passando pelo cotovelo, até o fim do ante-braço, quando se tratar de manga comprida.

Punho: H - Consegue-se a medida do punho tomando a circunferência do mesmo.

COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO

Antes de tomar as medidas é conveniente observar a ilustração para ter compreensão exata da maneira de tirá-las



Busto: - A - Obtém-se esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Esta medida deve ter um acréscimo de 4 a 5 centímetros.

Costas: - B - Esta medida deve ser tirada colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

Cintura: - C - É, como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente ajustada.

Quadril: - D - Obtém-se esta medida colocando-se a fita métrica sobre a parte mais saliente dos quadris, mais ou menos 18 a 20 centímetros abaixo da cintura, medida à qual deve-se acrescentar cerca de dois centímetros.

Comprimento da Blusa: E - Coloca-se a fita métrica na parte da frente junto ao pescoço na linha da costura do ombro até a cintura.

Comprimento da saia: F - Para obter esta medida colocamos a fita métrica na cintura e segue-se em linha reta até o comprimento desejado.

Comprimento da manga: G - Toma-se o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir coloca-se a fita métrica na parte mais alta da cava, passando pelo cotovelo, até o fim do ante-braço, quando se tratar de manga comprida.


Punho: H - Consegue-se a medida do punho tomando a circunferência do mesmo.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L28

Ano	1979																																																																	
Lição Título	TABELA DO DECOTE																																																																	
Página	5																																																																	
Croqui	-																																																																	
Medidas	-																																																																	
Tabela de medidas	-																																																																	
Legenda explicando pontos	-																																																																	
Desenho técnico molde	-																																																																	
Texto	<p>Se a costa for:</p> <table border="0"> <tr> <td>18</td> <td>o</td> <td>decote</td> <td>será</td> <td>3,5</td> </tr> <tr> <td>20</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>4,0</td> </tr> <tr> <td>22</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>4,5</td> </tr> <tr> <td>24</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>4,5</td> </tr> <tr> <td>26</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>5,0</td> </tr> <tr> <td>28</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>5,5</td> </tr> <tr> <td>30</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>6,0</td> </tr> <tr> <td>32</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>6,5</td> </tr> <tr> <td>34</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>6,5</td> </tr> <tr> <td>36</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>7,0</td> </tr> <tr> <td>38</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>7,5</td> </tr> <tr> <td>40</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>8,0</td> </tr> <tr> <td>42</td> <td>>></td> <td>>></td> <td>>></td> <td>8,0</td> </tr> </table>	18	o	decote	será	3,5	20	>>	>>	>>	4,0	22	>>	>>	>>	4,5	24	>>	>>	>>	4,5	26	>>	>>	>>	5,0	28	>>	>>	>>	5,5	30	>>	>>	>>	6,0	32	>>	>>	>>	6,5	34	>>	>>	>>	6,5	36	>>	>>	>>	7,0	38	>>	>>	>>	7,5	40	>>	>>	>>	8,0	42	>>	>>	>>	8,0
18	o	decote	será	3,5																																																														
20	>>	>>	>>	4,0																																																														
22	>>	>>	>>	4,5																																																														
24	>>	>>	>>	4,5																																																														
26	>>	>>	>>	5,0																																																														
28	>>	>>	>>	5,5																																																														
30	>>	>>	>>	6,0																																																														
32	>>	>>	>>	6,5																																																														
34	>>	>>	>>	6,5																																																														
36	>>	>>	>>	7,0																																																														
38	>>	>>	>>	7,5																																																														
40	>>	>>	>>	8,0																																																														
42	>>	>>	>>	8,0																																																														

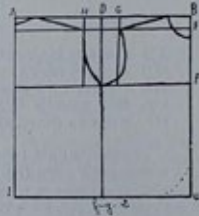
ADELIA PARRON ALVAREZ 5

CONJUNTINHO DE BEBÊ



AB: metade do busto;
 BC: comprimento da camisinha;
 D: metade de AB;
 BE: metade do decote;
 BF, BG, HA: metade da costa.
 Decote é um quinto da costa.

Para fazer o paletozinho aberto na frente, colocamos A I na dobra do tecido (fig. 4).



MEDIDAS,
 recém-nascidos:

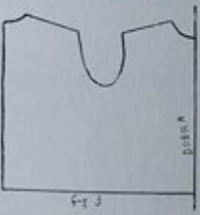
busto	44
manga	19
punho	12
comprimento	25
costa	18
decote	3,5

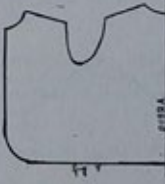
Para fazermos a camisinha aberta atrás e sem mangas, colocamos na dobra a parte BC (fig. 3).

Para fazermos o conjuntinho de nenê não aplicamos costuras dos lados.

TABELA DO DECOTE

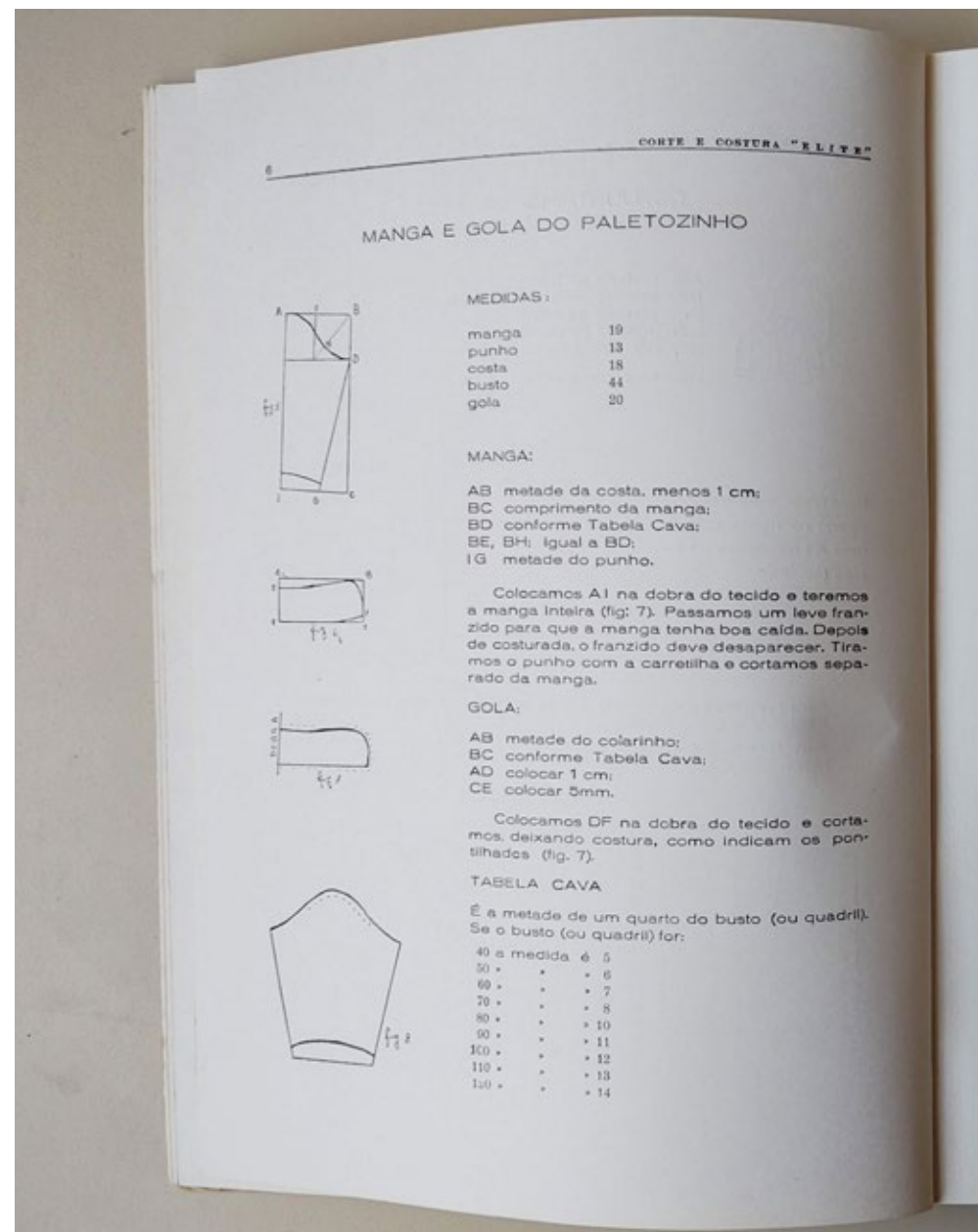
Se a costa for:	será	3,5
18	x	4,0
20	x	4,5
22	x	4,5
24	x	5,0
26	x	5,5
28	x	6,0
30	x	6,5
32	x	6,5
34	x	7,0
36	x	7,5
38	x	8,0
40	x	8,0
42	x	8,0





Ficha técnica Método Elite | FTME-L29

Ano	1979																		
Lição Título	TABELA CAVA																		
Página	6																		
Croqui	-																		
Medidas	-																		
Tabela de medidas	-																		
Legenda explicando pontos	-																		
Desenho técnico molde	-																		
Texto	<p>TABELA CAVA É a metade de um quarto do busto (ou quadril). Se o busto (ou quadril) for:</p> <table> <tr> <td>40 a medida é</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>50 >> >> >></td> <td>6</td> </tr> <tr> <td>60 >> >> >></td> <td>7</td> </tr> <tr> <td>70 >> >> >></td> <td>8</td> </tr> <tr> <td>80 >> >> >></td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>90 >> >> >></td> <td>11</td> </tr> <tr> <td>100 >> >> >></td> <td>12</td> </tr> <tr> <td>110 >> >> >></td> <td>13</td> </tr> <tr> <td>120 >> >> >></td> <td>14</td> </tr> </table>	40 a medida é	5	50 >> >> >>	6	60 >> >> >>	7	70 >> >> >>	8	80 >> >> >>	10	90 >> >> >>	11	100 >> >> >>	12	110 >> >> >>	13	120 >> >> >>	14
40 a medida é	5																		
50 >> >> >>	6																		
60 >> >> >>	7																		
70 >> >> >>	8																		
80 >> >> >>	10																		
90 >> >> >>	11																		
100 >> >> >>	12																		
110 >> >> >>	13																		
120 >> >> >>	14																		



Ficha técnica Método Elite | FTME-L30

Ano	1979																		
Lição Título	TABELA DIVISÓRIA																		
Página	16																		
Croqui	-																		
Medidas	-																		
Tabela de medidas	-																		
Legenda explicando pontos	-																		
Desenho técnico molde	-																		
Texto	<p>TABELA DIVISÓRIA é um terço da Tabela Cava. Se o quadril for:</p> <table border="1"> <tr> <td>40 a medida é</td> <td>1,5</td> </tr> <tr> <td>50 " " "</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>60 " " "</td> <td>2,5</td> </tr> <tr> <td>70 " " "</td> <td>2,5</td> </tr> <tr> <td>80 " " "</td> <td>3,5</td> </tr> <tr> <td>90 " " "</td> <td>3,5</td> </tr> <tr> <td>100 " " "</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>110 " " "</td> <td>4,5</td> </tr> <tr> <td>120 " " "</td> <td>4,5</td> </tr> </table>	40 a medida é	1,5	50 " " "	2	60 " " "	2,5	70 " " "	2,5	80 " " "	3,5	90 " " "	3,5	100 " " "	4	110 " " "	4,5	120 " " "	4,5
40 a medida é	1,5																		
50 " " "	2																		
60 " " "	2,5																		
70 " " "	2,5																		
80 " " "	3,5																		
90 " " "	3,5																		
100 " " "	4																		
110 " " "	4,5																		
120 " " "	4,5																		

CORTE E COSTURA "ELITE"

CALÇÃO

AB: metade do quadril;
 BC: comprimento do calção;
 BD: comprimento da vista;
 GI, BH, HF: conforme Tabela Divisória;
 DE: conforme Tabela Cava;
 CF: metade de D E;
 L: metade de H A;
 A medida da vista corresponde à um quarto do quadril.

Medidas, 12 anos

Quadril	82
Comprimento	28
Vista	20
Barra	46

TABELA CAVA — vide pág. 6

TABELA DIVISÓRIA ,
 é um terço da Tabela Cava.
 Se o quadril for:

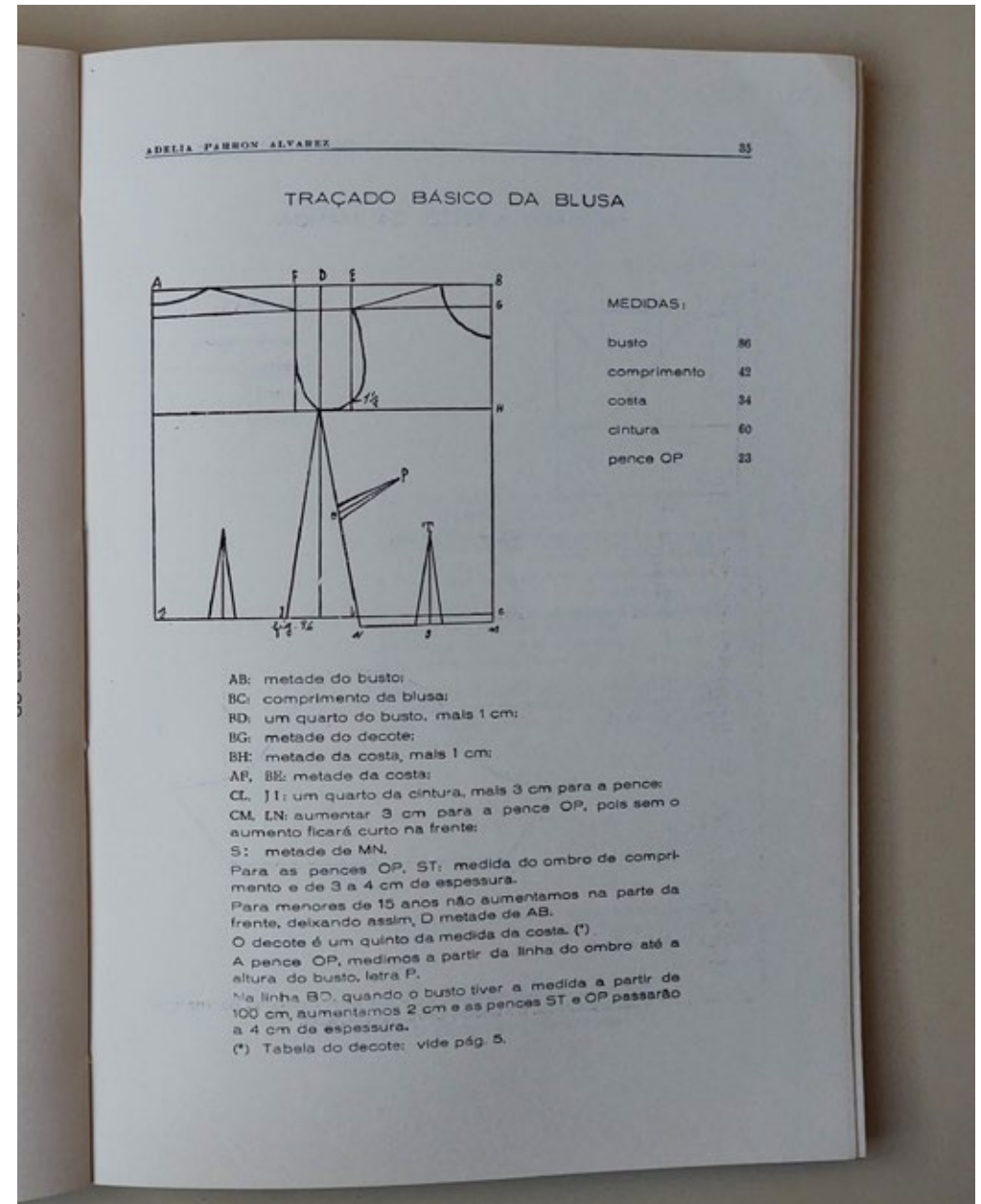
40 a medida é	1,5
50 " " "	2
60 " " "	2,5
70 " " "	2,5
80 " " "	3,5
90 " " "	3,5
100 " " "	4
110 " " "	4,5
120 " " "	4,5

f1 38

* TABELA DIVISÓRIA É UM TERÇO DA TABELA CAVA.

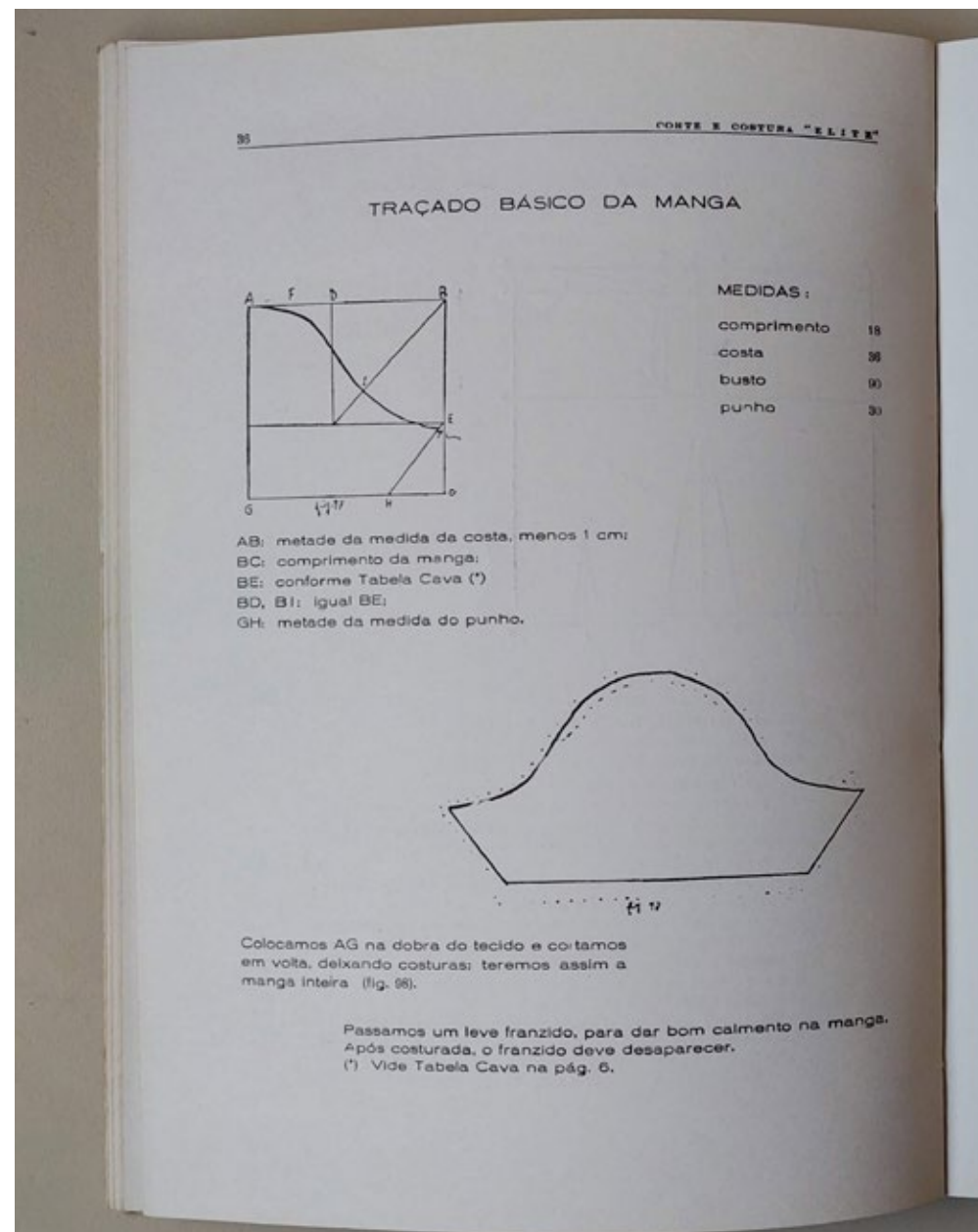
Ficha técnica Método Elite | FTME-L31

Ano	1979
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA BLUSA
Página	35
Croqui	não possui
Medidas	busto, comprimento, costa, cintura, pence OP
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB: metade do busto; BC: comprimento da blusa; BD: um quarto do busto mais 1cm; BG: metade do decote; BH: metade da costa, mais 1cm; AF, BE: metade da costa; CL, JI: um quarto da cintura, mais 3 cm para a pence; CM, LN: aumentar 3 cm para a pence OP, pois sem o aumento ficará curto na frente; S: metade de MN.</p> <p>Para as pences OP, ST: medida do ombro de comprimento e de 3 a 4 cm de espessura. O decote é um quinto da medida da costa. (*) A pence OP, medimos a partir da linha do ombro até a altura do busto, letra P. Na linha BD, quando o busto tiver a medida a partir de 100 cm, aumentamos 2 cm e as pences ST e OP passarão a 4 cm de espessura. (*) Tabela do decote: vide pág. 5.</p>



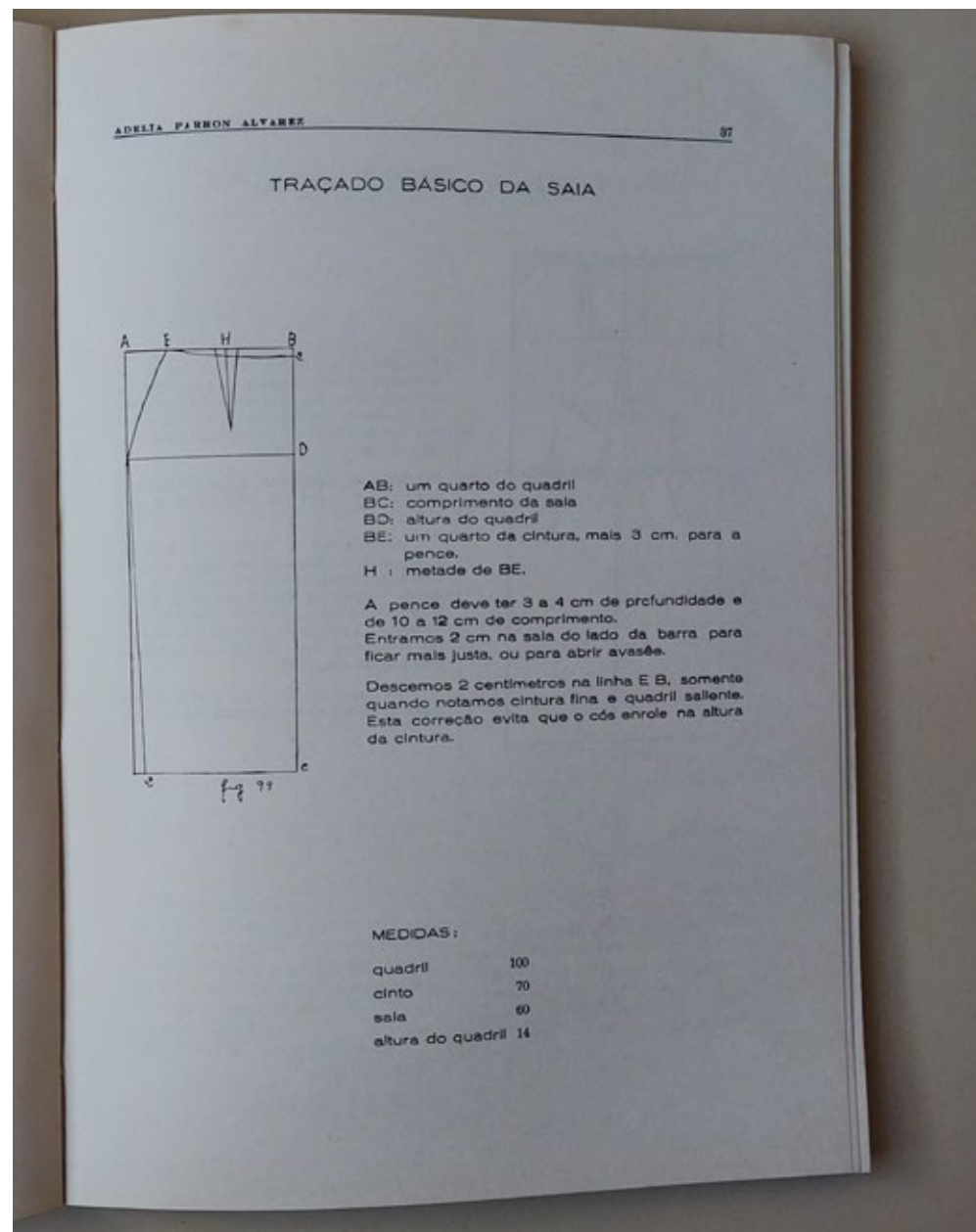
Ficha técnica Método Elite | FTME-L32

Ano	1979
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA MANGA
Página	36
Croqui	não possui
Medidas	comprimento, costa, busto, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: metade da medida da costa, menos 1 cm; BC: comprimento da manga; BE: conforme Tabela Cava (*) BD, BI: igual BE; GH: metade da medida do punho.</p> <p>Colocamos AG na dobra do tecido e cortamos em volta, deixando costuras; teremos assim a manga inteira (fig. 98).</p> <p>Passamos um leve franzido, para dar um bom caimento na manga. Após costurada, o franzido deve desaparecer. (*) Vide Tabela Cava na pág. 6.</p>



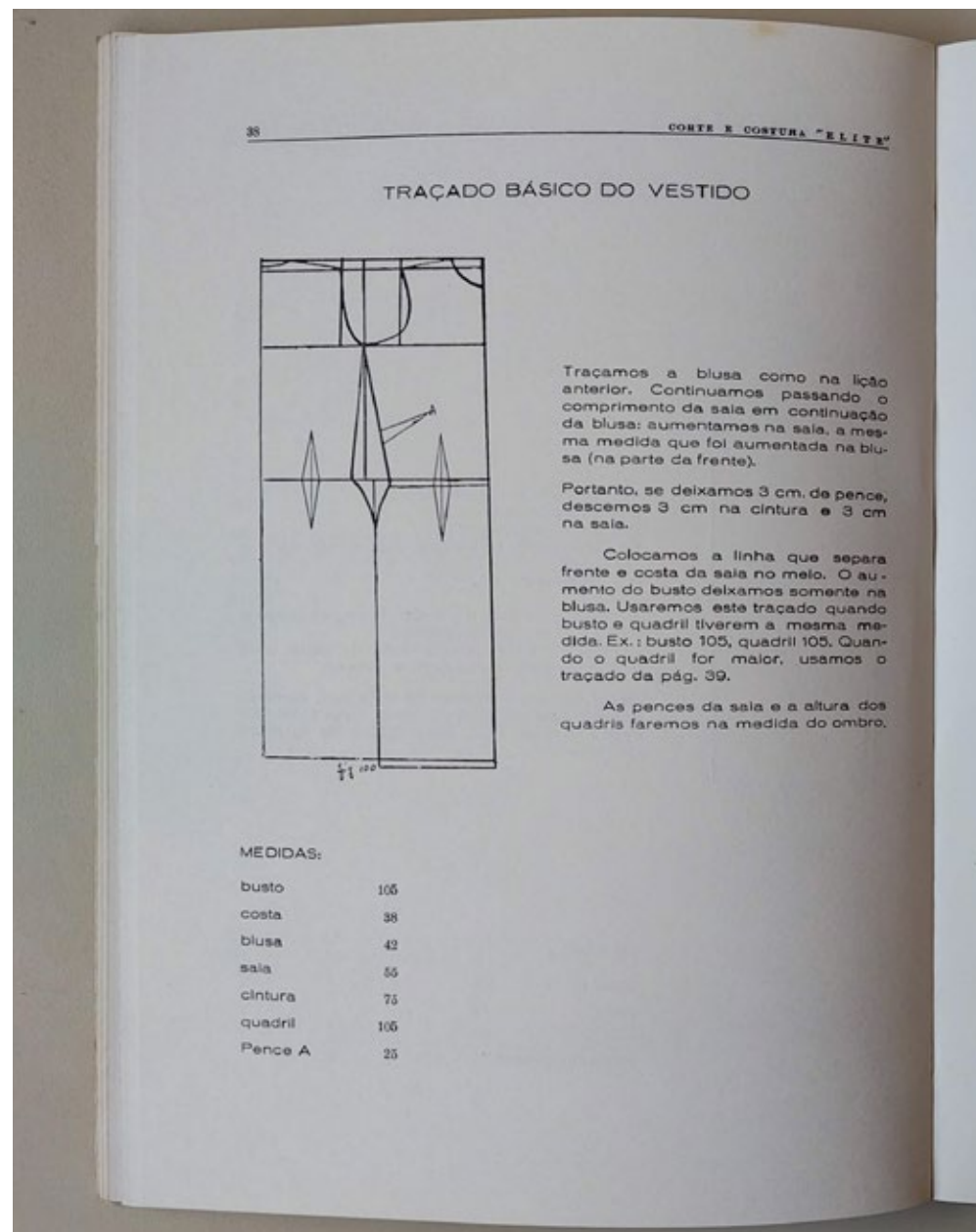
Ficha técnica Método Elite | FTME-L33

Ano	1979
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DA SAIA
Página	37
Croqui	não possui
Medidas	quadril, cinto, saia, altura do quadril
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB: um quarto do quadril. BC: comprimento da saia. BD: altura do quadril. BE: um quarto da cintura, mais 3 cm para a pence. H: metade de BE.</p> <p>A pence deve ter 3 a 4 cm de profundidade e de 12 a 15 cm de comprimento. Entramos 2 cm na saia do lado da barra para ficar mais justa, ou para abrir evasêe.</p> <p>Descemos 2 centímetros na linha E B, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente. Esta correção evita que o cóis enrole na altura da cintura.</p>



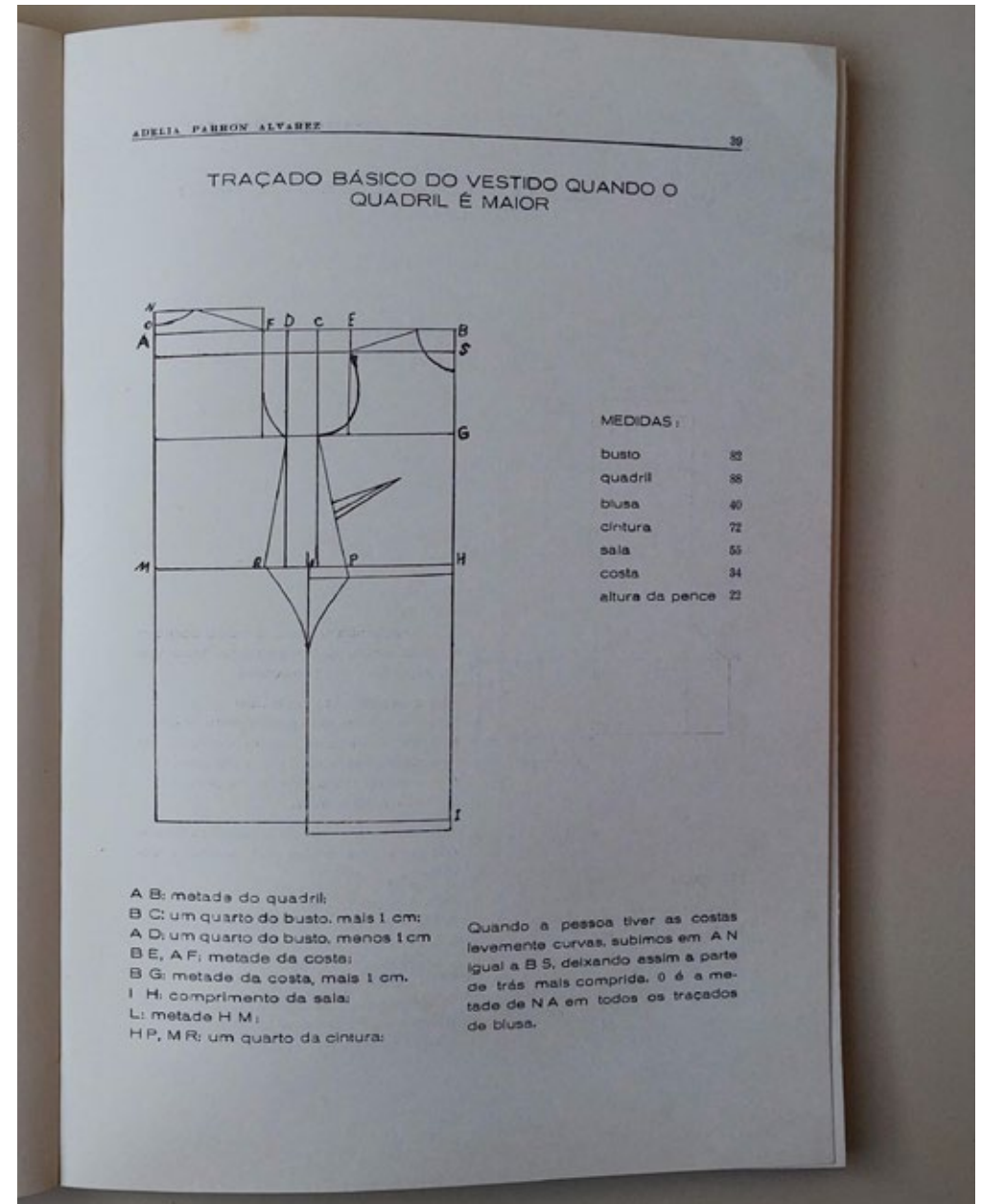
Ficha técnica Método Elite | FTME-L34

Ano	1979
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO
Página	38
Croqui	não possui
Medidas	busto, costa, blusa, saia, cintura, quadril, Pence A
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Traçamos a blusa como na lição anterior. Continuamos passando o comprimento da saia em continuação da blusa: aumentamos na saia, a mesma medida que foi aumentada na blusa (na parte da frente).</p> <p>Portanto, se deixamos 3 cm. de pence, descemos 3 cm na cintura e 3 cm na saia.</p> <p>Colocamos a linha que separa frente e costa da saia no meio. O aumento do busto deixamos somente na blusa. Usaremos este traçado quando busto e quadril tiverem a mesma medida. Ex.: busto 105, quadril 105. Quando o quadril for maior, usamos o traçado da pág. 39.</p> <p>As pences da saia e a altura dos quadris faremos na medida do ombro.</p>



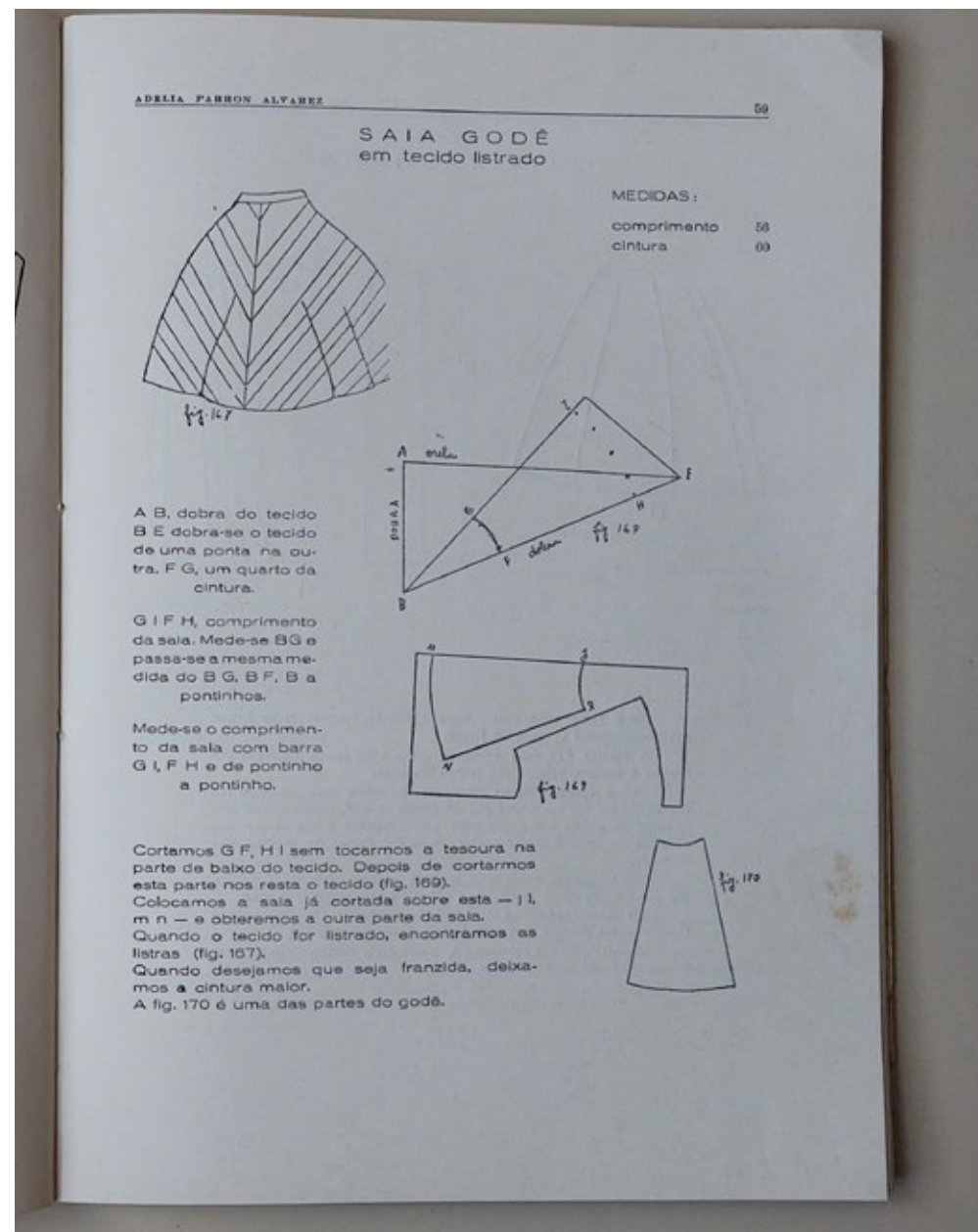
Ficha técnica Método Elite | FTME-L35

Ano	1969
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO QUANDO O QUADRIL É MAIOR
Página	39
Croqui	não possui
Medidas	busto, quadril, blusa, cintura, saia, costa, altura da pence
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB: metade do quadril. BC: um quarto do busto, mais 1 cm; AD: um quarto do busto menos 1 cm BE, AF: metade da costa; BG: metade da costa, mais 1 cm. IH: comprimento da saia; L: metade HM; HP, MR; um quarto da cintura;</p> <p>Quando a pessoa tiver as costas levemente curvas, subimos AN igual a BS, deixando assim a parte de trás mais comprida. O é a metade de NA em todos os traçados de blusa.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L36

Ano	1979
Lição Título	SAIA GODÊ em tecido listrado
Página	59
Croqui	1
Medidas	comprimento, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>AB, dobra do tecido. BE dobra-se o tecido de uma ponta na outra. FG, um quarto da cintura.</p>
	<p>G I F H, comprimento da saia. Mede-se BG e passa-se a mesma medida do BG, BF, B a pontinhos.</p>
	<p>Mede-se o comprimento da saia com barra GI, FH e de pontinho a pontinho.</p>
	<p>Cortamos GF, HI, sem tocarmos a tesoura na parte de baixo do tecido. Depois de cortarmos esta parte nos resta o tecido (fig.169).</p>
	<p>Colocamos a saia já cortada sobre esta - JL, MN - e obteremos a outra parte da saia. Quando o tecido for listrado, encontramos as listras (fig. 167). Quando desejamos que seja franzida, deixamos a cintura maior. A fig.170 uma das partes do godê.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L37

Ano	1979
Lição Título	SAIA TALHADA
Página	60
Croqui	1
Medidas	comprimento, quadril, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2

Texto

Para fazer uma saia talhada temos que fazer primeiramente uma saia justa.

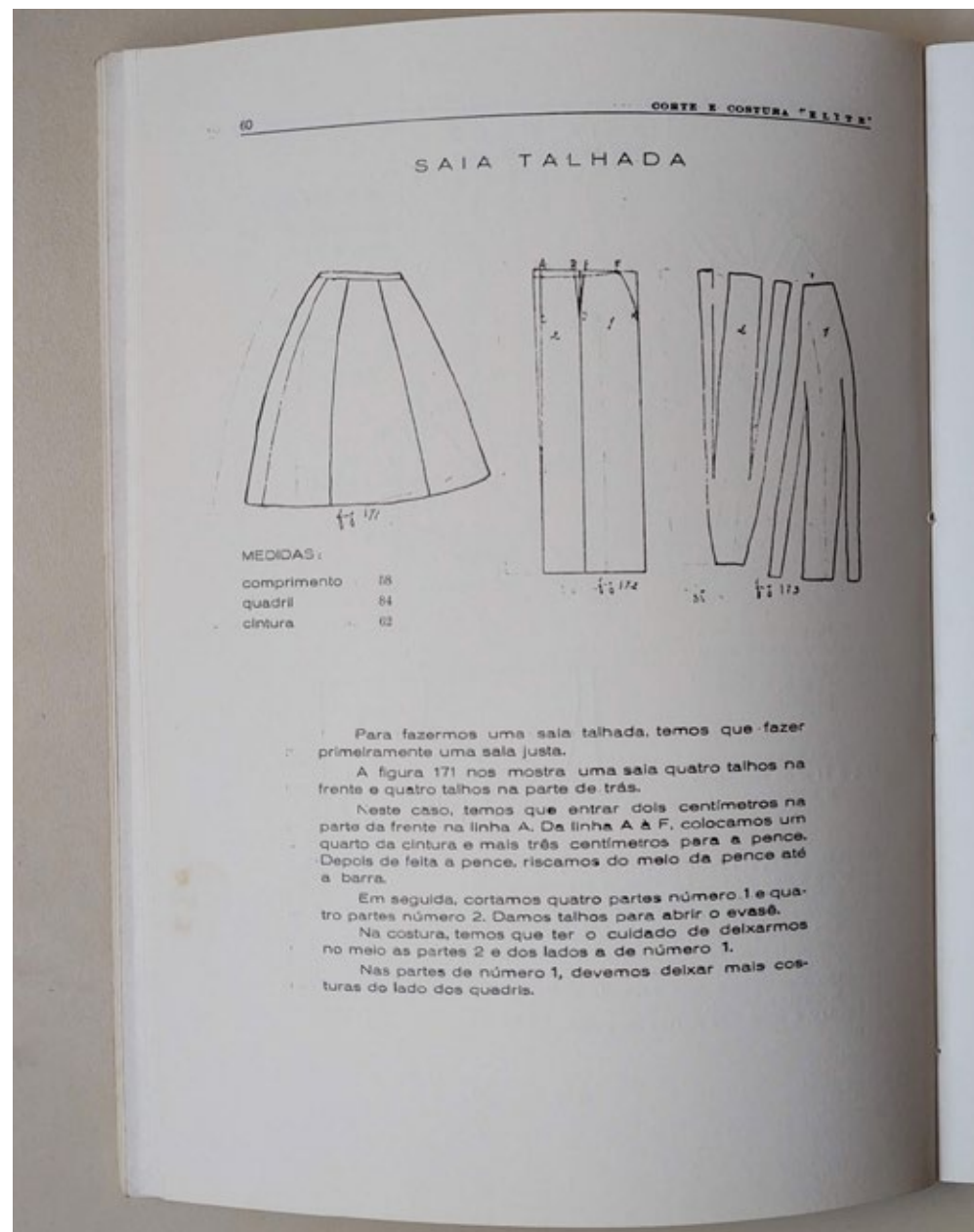
A figura 171 nos mostra uma saia quatro talhos na frente e quatro talhos na parte de trás.

Neste caso, temos que entrar dois centímetros na parte da frente na linha A. Da linha A à F, colocamos um quarto da cintura e mais três centímetros para a pence. Depois de feita a pence, riscamos do meio da pence até a barra.

Em seguida, cortamos quatro partes número 1 e quatro partes número 2. Damos talhos até abrir o evasê.

Na costura, temos que ter o cuidado de deixarmos no meio as partes 2 e dos lados a de número 1.

Nas partes de número 1, devemos deixar mais costuras do lado dos quadris.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L38

Ano	1979
Lição Título	SAIA GODÊ
Página	61
Croqui	1
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2

Texto

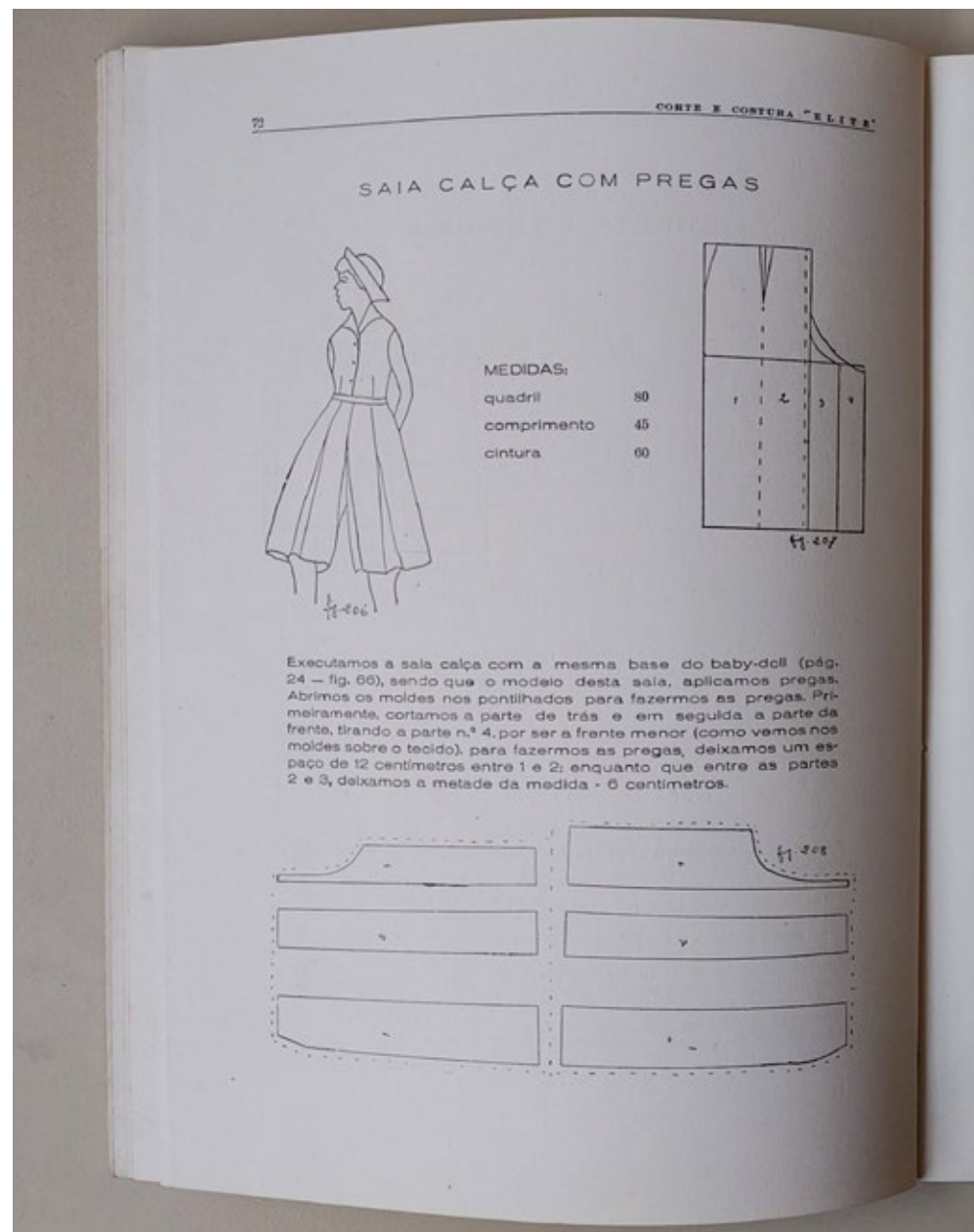
Primeiramente, fazemos uma saia justa com ou sem pence. O modelo que vemos não leva pence. Se quisermos fazer as pencas do godê, traçamos nos moldes. Cortamos a saia (fig.175) colocando na dobra do papel, a parte AB, para obtermos a frente inteira.

Cortamos nos pontilhados e no meio (fig.176) os moldes esplanados no tecido. Abrimos os moldes de acordo com a largura que desejamos. Se quisermos bem rodada, deixamos reta na dobra até a orela. Observamos sempre se a cintura está bem redonda, medindo do canto A até o molde, como se fosse um decote redondo. Quando o tecido é estreito, notamos que uma parte dos moldes fica fora do tecido (ponto E). Depois de cortarmos a saia, cortamos a emenda que faltou. A emenda, devemos fazer com orela, para ficar uma costura perfeita.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L39

Ano	1979
Lição Título	SAIA CALÇA COM PREGAS
Página	72
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	Executamos a saia calça com a mesma base do baby-doll (pág. 24 - fig.66), sendo que o modelo desta saia, aplicamos pregas. Abrimos os moldes nos pontilhados para fazermos as pregas. Primeiramente, cortamos a parte de trás e em seguida a parte da frente, tirando a parte nº 4, por ser a frente menor (como vemos nos moldes sobre o tecido). para fazermos as pregas, deixamos um espaço de 12 centímetros entre 1 e 2; enquanto que entre as partes 2 e 3, deixamos metade da medida - 6 centímetros.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L40

Ano	1979
Lição Título	SAIA CALÇA GODÊ
Página	80
Croqui	não possui
Medidas	cinto, quadril, comprimento
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2

Texto

Para a confecção de uma saia calça godê, usamos tecido enfiado de 1,40 a 1,60 m, dependendo do comprimento da saia, para não levar emenda.

AB: dobra do tecido enviesado, para o godê;

CL: afastamos de 10 a 12 cm, dependendo da Tabela Cava (pág.6), para fazermos a parte de trás;

EF: um quarto da cintura, mais 2cm;

EG: um quarto da cintura, menos 2cm;

FH: Tabela Divisória (pág. 16);

HI: um quarto do quadril;

DI: Tabela Cava (pág.6);

IM: Igual DI.

Traçamos uma linha de M a D.

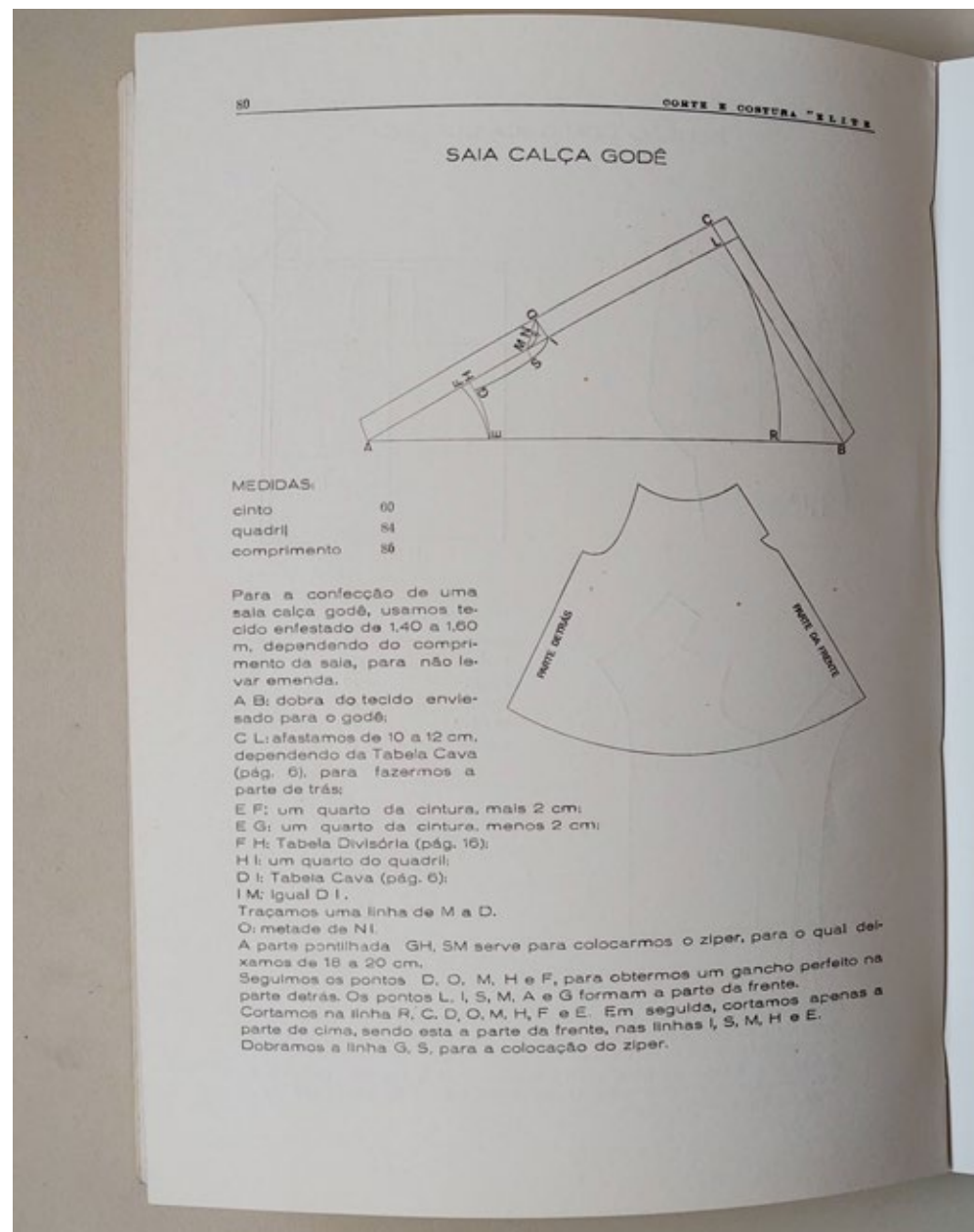
O: metade de NI.

A parte pontilhada GH, SM serve para colocarmos o zíper, para o qual deixamos de 18 a 20 cm.

Seguimos os pontos D, O, M, H e F, para obtermos um gancho perfeito na parte de trás. Os pontos L, I, S, M, A e G formam a parte da frente.

Cortamos na linha R, C, D, O, M, H, F e E. Em seguida, cortamos apenas a parte de cima, sendo esta a parte da frente, nas linhas I, S, M, H e E.

Dobramos a linha G, S, para a colocação do zíper.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L41

Ano	1979
Lição Título	COLOCAÇÃO DE PENCES E QUANDO DEVEMOS USÁ-LOS
Página	81
Croqui	não possui
Medidas	
Tabela de medidas	
Legenda explicando pontos	
Desenho técnico molde	
Texto	<p>Usar as pences é uma arte, como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da cliente e o modelo escolhido.</p> <p>A) Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, acompanhada de um recorte ou pregas (como nos moldes das páginas 43, 49, 57, etc).</p> <p>B) Usamos a pence B a partir do manequim 42. Deixamos o aumento na cintura e na barra, para que quando costurada, não fique curta a parte da frente.</p> <p>C) Usamos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como nos casos de costa pequena e busto saliente. Aumentamos nos pontilhados, para que ao fechar, a cava não fique pequena.</p> <p>D) Podemos usar a pence no ombro quando a freguesa tem busto saliente e alto. Neste caso, aumentamos na linha da cava - nos pontilhados.</p> <p>E) Obtemos a pence E, quando notarmos que a costa é levemente curva. Marcamos o meio do ombro, desenhamos a pence com o comprimento da metade do ombro e espessura de dois centímetros. Aumentamos nos pontilhados do lado da cava.</p> <p>F) Quando levar costura nas costas, usamos a pence F, tanto em vestidos como tailleurs.</p>

G) Quando o modelo levar recorte, aproveitamos a pence G para o ajuste.

Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como podemos variar os recortes, aproveitando as pences. Sempre que cortamos tailleurs, casacos e mesmo vestidos em fazendas pesadas, devemos subir a metade do decote em IH.

Se a pessoa for corcunda, desenhamos o decote na linha S. Nos moldes anteriores, traçamos o decote na parte de trás, evitamos de correr o risco do ombro cair para trás, dependendo da estatura da cliente.

Obtemos estes detalhes, somente com a prática de alguns anos de serviço.

As medidas das pences podem variar conforme as medidas de bustos e ombros: Exemplo -

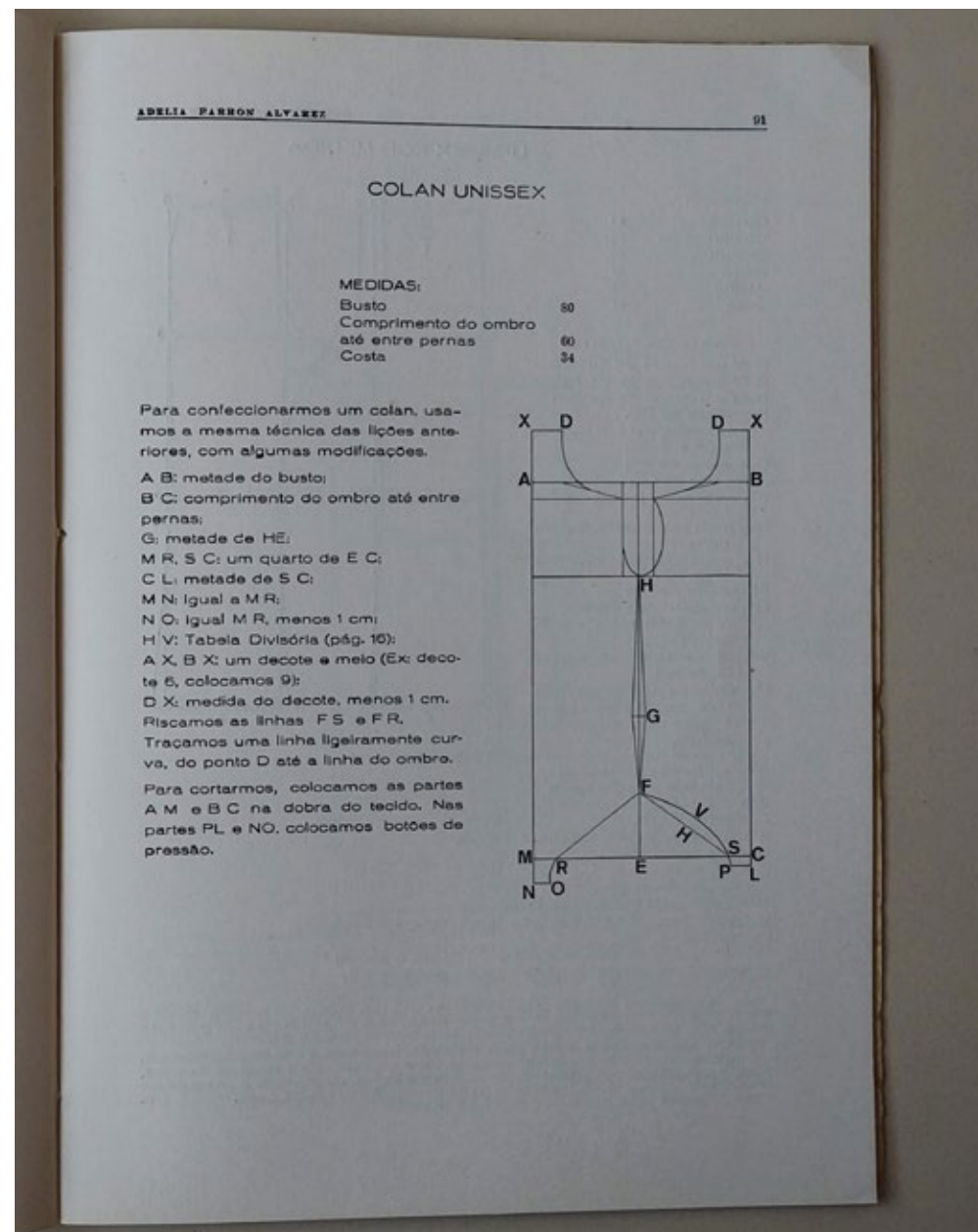
busto de 80 à 90 cm, pence 3 cm;

busto de 100 à 120 cm, pence 4 cm.

No comprimento usamos a medida do ombro.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L42

Ano	1979
Lição Título	COLAN UNISSEX
Página	91
Croqui	não possui
Medidas	busto, comprimento do ombro até entre pernas, costa
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Para confeccionarmos o colan, usamos a mesma técnica das lições anteriores, com algumas modificações.</p> <p>AB: metade do busto; BC: comprimento do ombro até entre pernas; G: metade de HE; MR, SC: um quarto de EC; CL: metade de SC; MN: igual a MR; NO: igual MR, menos 1 cm; HV: Tabela Divisória (pág. 16); AX, BX: um decote e meio (Ex: decote 6, colocamos 9); DX: medida do decote, menos 1 cm. Riscamos as linhas FS e FR. Traçamos uma linha ligeiramente curva, do ponto D até a linha do ombro.</p> <p>Para cortarmos, colocamos as partes AM e BC na dobra do tecido. Nas partes PL e NO, colocamos botões de pressão.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L43

Ano	1979
Lição Título	CALÇA UNISSEX SOB MEDIDA
Página	92
Croqui	não possui
Medidas	quadril, comprimento, cintura, barra, joelho, coxa.
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Parte da frente BA: um quarto do quadril; BC: comprimento da calça; BD: um quarto do quadril; X: metade de DC; XP: aumenta para o lado D, de 4 a 6cm; O: metade de RP; J: metade de LC; ST: metade do joelho, menos 1cm; NM: metade da barra, menos 1 cm; HI: meia Tabela Divisória (pag. 16) E: metade de AB; GF: um quarto da cintura, mais 3cm. (para a pence). (*) VF: de 6 a 8cm (para botões ou fecho). (*) Quando o modelo não leva pence, deixamos apenas um quarto da cintura.</p> <p>Parte detrás AB: um quarto do quadril; BC: comprimento da calça; BD: um quarto do quadril; X: metade de DC; XP: aumentar para o lado D, 4 a 6cm; O: metade de PR;</p>

J: metade de LC;
TS: metade do joelho, mais 1cm;
MN: metade da barra, mais 1cm;
HI: conforme Tabela Cava (pág. 6) ou metade de AB;
E: metade de AB;
GF: um quarto da cintura, mais 3cm (para a pence) *
AG: conforme Tabela Divisória ou a 6.a parte de AB;
IZ: dois centímetros.

Para as calças de homem colocamos em BD, um quarto do quadril, menos 2cm. Podemos também tirar o comprimento da perna, linha NI, na parte da frente. O que sobrar do comprimento será a medida da vista.

Quando desejarmos a calça justa na coxa, tomamos a medida da mesma, como tiramos de barra e joelho. Ao traçarmos, colocamos a medida da coxa, 10 a 12cm abaixo da linha HD. Na parte da frente, colocamos a metade da medida da coxa, menos 3cm e na parte de trás, a metade da coxa, mais 3cm. Para crianças colocamos a metade da medida.

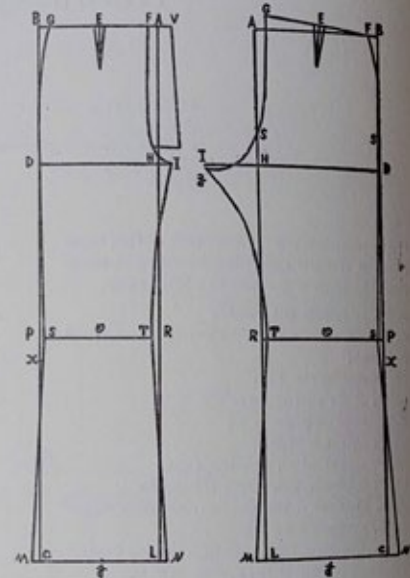
A UNISSEX SOB MEDIDA

MEDIDAS:

Quadril	80
Comprimento	85
Cintura	60
Barra	45
Joelho	38
Coxa	40

PARTE DA FRENTE:

- B A: um quarto do quadril;
 B C: comprimento da calça;
 B D: um quarto do quadril;
 X: metade de DC;
 XP: aumenta para o lado D,
 de 4 a 6 cm;
 O: metade de RP;
 J: metade de LC;
 ST: metade do joelho, menos
 1 cm;
 NM: metade da barra, menos
 1 cm;
 H I: meia Tabela Divisória
 (pag. 10)
 E: metade de AB;
 GF: um quarto da cintura,
 mais 3 cm. (para a pen-
 ce). (*)
 VF: de 6 a 8 cm (para botões
 ou fecho).
 (*) Quando o modelo não
 leva pence, deixamos
 apenas um quarto da
 cintura.



PARTE DE TRÁS

- AB: um quarto do quadril;
 BC: comprimento da calça;
 BD: um quarto do quadril;
 X: metade de DC;
 XP: aumentar para o lado D, 4 a 6 cm;
 O: metade de RP;
 J: metade de LC;
 TS: metade do joelho, mais 1 cm;
 MN: metade da barra, mais 1 cm;
 H I conforme Tabela Cava (pág. 6) ou metade de AB;
 E: metade de AB;
 GF: um quarto da cintura, mais 3 cm. (para a pence) *
 AG: conforme Tabela Divisória ou a 6.ª parte de AB;
 I Z: dois centímetros.

Para as calças de homem colocamos em BD, um quarto do quadril, menos 2 cm. Podemos também tirar o comprimento da perna, linha NI, na parte da frente. O que sobrar do comprimento será a medida da vista.
 Quando desejarmos a calça justa na coxa, tomamos a medida da mesma, como tiremos de barra e joelho. Ao traçarmos, colocamos a medida da coxa, 10 a 12 cm abaixo da linha HD. Na parte da frente, colocamos a metade da medida da coxa, menos 3 cm e na parte de trás, a metade da coxa, mais 3 cm. Para crianças colocamos a metade da medida.

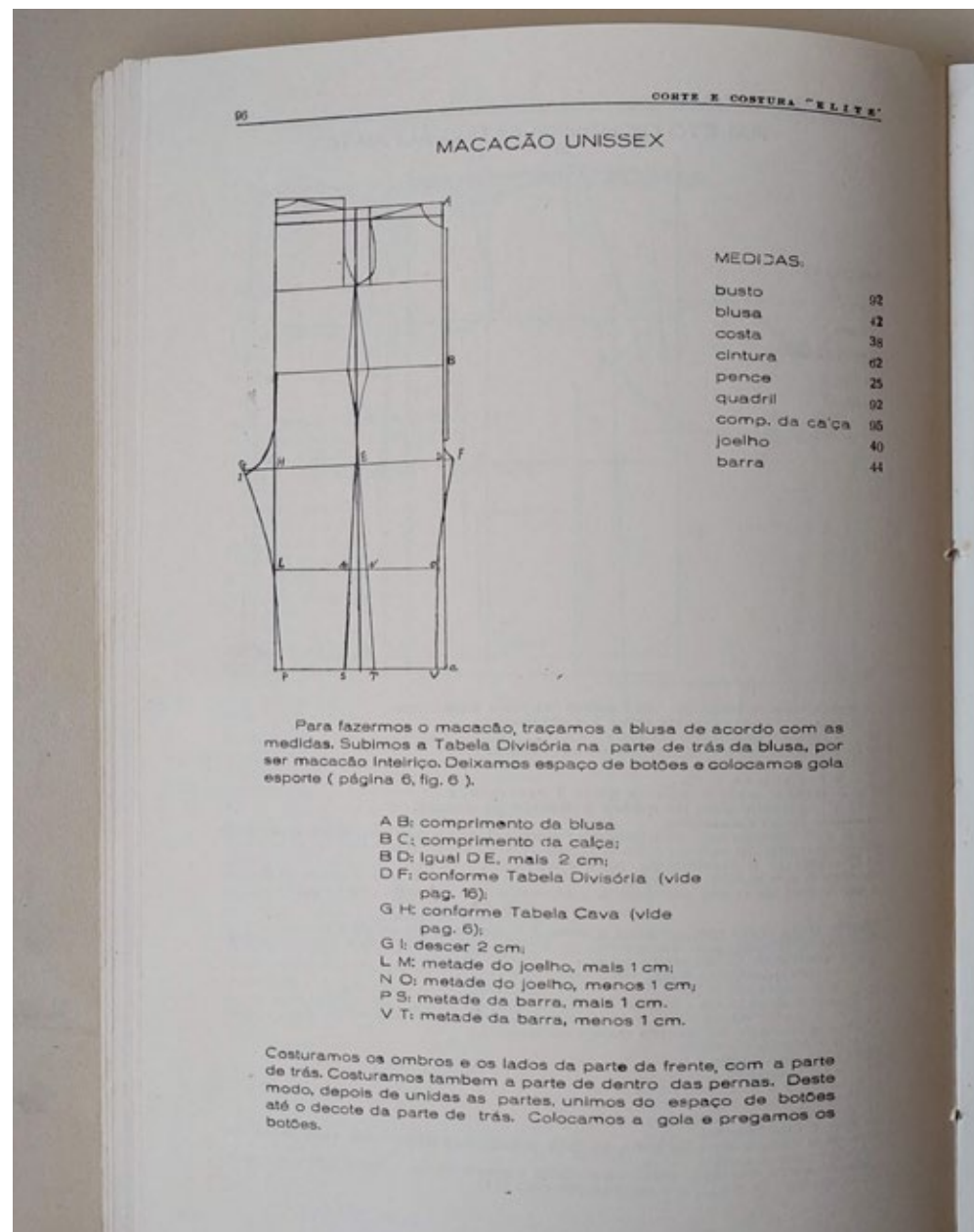
Ficha técnica Método Elite | FTME-L44

Ano	1979
Lição Título	MACACÃO UNISSEX
Página	96
Croqui	não possui
Medidas	busto, blusa, costa, cintura, pence, quadril, comprimento da calça, joelho, barra.
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1

Para fazermos o macacão, traçamos a blusa de acordo com as medidas. Subimos a Tabela Divisória na parte de trás da blusa, por ser macacão inteiriço. Deixamos espaço de botões e colocamos gola esporte (página 6, fig. 6).

AB: comprimento da blusa
 BC: comprimento da calça;
 BD: igual DE, mais 2cm;
 DF: conforme Tabela Divisória (vide pag. 16);
 GH: conforme Tabela Cava (vide pag. 6);
 GI: descer 2 cm;
 LM: metade do joelho, mais 1 cm;
 NO: metade do joelho, menos 1 cm;
 PS: metade da barra, mais 1 cm;
 VT: metade da barra, menos 1 cm;

Costuramos os ombros e os lados da parte da frente, com a parte de trás. Costuramos também a parte de dentro das pernas. Deste modo, depois de unidas as partes, unimos do espaço de botões até o decote da parte de trás. Colocamos a gola e pregamos os botões.



COLOCAÇÃO DE PENCES E QUANDO DEVEMOS USÁ-LOS

Usar as pences é uma arte como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da cliente e o modelo escolhido. A) Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, sozinha, acompanhada de um recorte ou pregas (como nos moldes das páginas 43, 49, 57, etc).

B) Usamos a pence B a partir do manequim 42. Deixamos o aumento na cintura e na barra, para que quando costurada, não fique curta a parte da frente.

C) Usamos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como nos casos de costa pequena e busto saliente. Aumentamos nos pontilhados, para que ao fechar, a cava não fique pequena.

D) Podemos usar a pence no ombro quando a freguesa tem busto saliente e alto. Neste caso, aumentamos na linha da cava — nos pontilhados.

E) Obtemos a pence E, quando notarmos que a costa é levemente curva. Marcamos o meio do ombro, desenhamos a pence com o comprimento da metade do ombro e espessura de dois centímetros. Aumentamos nos pontilhados do lado da cava.

F) Quando levar costura nas costas, usamos a pence F, tanto em vestidos como tailleurs.

G) Quando o modelo levar recorte, aproveitamos a pence G para o ajuste. Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como podemos variar os recortes, aproveitando as pences.

Sempre que cortamos tailleurs, casacos e mesmo vestidos em fazendas pesadas, devemos subir a metade do decote em I H.

Se a pessoa for corcunda, desenhamos o decote na linha S.

Nos moldes anteriores, traçamos o decote e a linha do ombro nos pontilhados. Subindo sempre a metade do decote na parte de trás, evitamos de correr o risco do ombro cair para trás, dependendo da estatura da cliente.

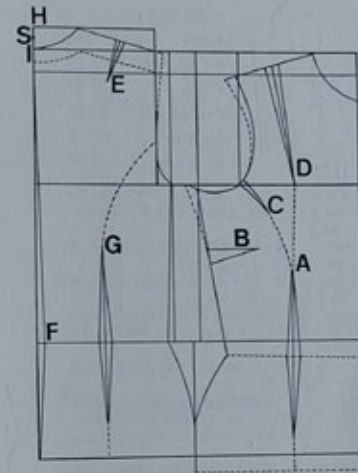
Obtemos estes detalhes, somente com a prática de alguns anos de serviço.

As medidas de pences variam conforme as medidas de busto e ombros. Exemplo -

busto de 80 a 90 cm, pence 3 cm;

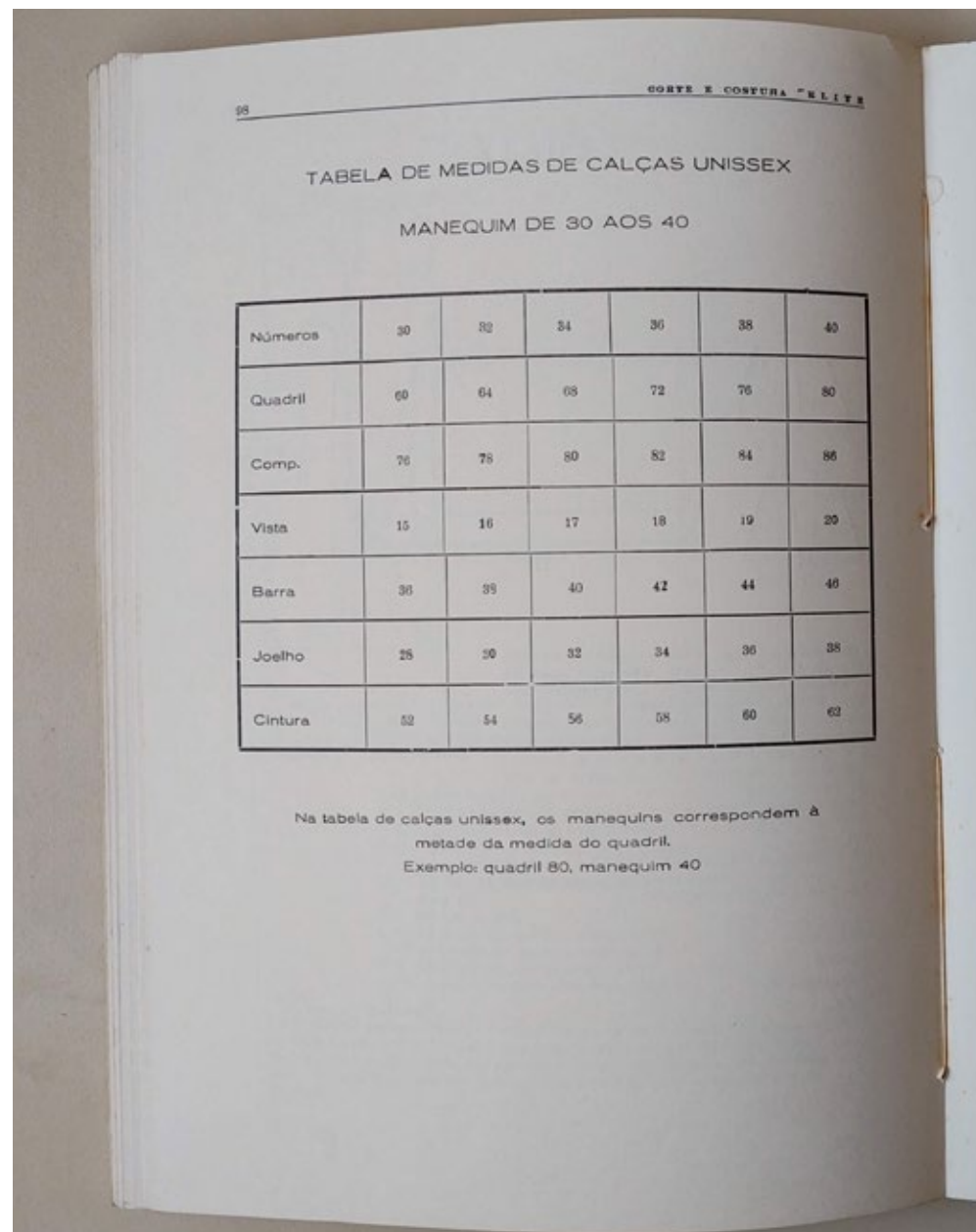
busto de 100 a 120 cm, pence 4 cm.

No comprimento usamos a medida do ombro.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L45

Ano	1979
Lição Título	TABELA DE MEDIDAS DE CALÇA UNISSEX - MANEQUIM DE 30 AOS 40
Página	98
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	Na tabela de calças unissex, os manequins correspondem à metade da medida do quadril. Exemplo: quadril 80, manequim 40



Ficha técnica Método Elite | FTME-L46

Ano	1979
Lição Título	TABELA DE MEDIDAS DE CALÇA UNISSEX - MANEQUIM DE 42 AOS 60
Página	101
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	-

ADELTA FARRON ALVARES 101

TABELA DE MEDIDAS DE CALÇAS UNISSEX
MANEQUIM DE 42 aos 60

Números	42	44	46	48	50	52	54	56	58	60
Quadril	84	88	92	96	100	104	108	112	116	120
Comprimento	90	94	98	100	102	104	106	108	110	112
Vista	21	22	23	23	23	24	24	25	25	26
Barra	48	50	52	54	56	58	60	62	64	66
Joselho	40	42	44	46	48	50	52	54	56	58
Cintura	70	72	74	76	78	80	82	84	86	88

Ficha técnica Método Elite | FTME-L47

Ano	1979
Lição Título	TABELA DE MEDIDAS - DESDE O MANEQUIM 30 AO 54
Página	102
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	Os manequins correspondem a metade da medida do busto.

102

CORTES E COSTURAS "ELITE"

TABELA DE MEDIDAS - DESDE O MANEQUIM 30 AO 54

Manequim	30	32	34	36	38	40	42	44	46	48	50	52	54
Busto	60	64	68	72	76	80	84	88	92	96	100	104	108
Blusa	32	34	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46
Costa	24	26	27	29	31	34	35	36	37	38	39	40	41
Cintura	52	56	60	66	68	70	72	74	76	78	80	82	84
Sala	50	52	54	56	58	60	62	64	66	68	70	72	74
Quadril	60	64	68	72	76	82	86	92	98	102	106	112	114
Manga comp.	41	42	43	45	46	48	50	54	58	60	61	62	64
Manga curta	10	12	14	16	18	19	20	21	22	23	24	25	26
Punho m. comprida	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	28
m. curta	19	20	21	22	23	24	26	27	28	29	30	32	34
Altura quadril	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	20
Comprimento da calcinha	19	20	22	23	24	26	27	28	30	32	34	36	38

Os manequins correspondem a metade da medida do busto

Ficha técnica Método Elite | FTME-L48

Ano	1979
Lição Título	Como tirar medidas do vestido
Página	104
Croqui	2, um de frente (principal) e um de costas (menor)
Medidas	busto, costas, cintura, quadris, comprimento da blusa, comprimento da saia, comprimento da manga, punho
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui

Antes de tomarmos as medidas, é conveniente observarmos a ilustração para termos compreensão exata da maneira de tirarmos-las.

A - BUSTO: Obtemos esta medida, colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar de 4 a 5 cm.

B - COSTAS: Esta medida, devemos tirar colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

C - CINTURA: Como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente ajustada.

D - QUADRIL: Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais alta (levemente justo acrescentando de 2 a 4 cm).

E - COMPRIMENTO DA BLUSA: Colocamos a fita métrica na parte da frente, junto ao pescoço, na linha da costura - do ombro até a cintura.

F - COMPRIMENTO DA SAIA: Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.

G - COMPRIMENTO DA MANGA: Tomamos o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava (passando pelo cotovelo) até o fim do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.

H - PUNHO: Conseguimos a medida do punho, tomando a circunferência do mesmo.

COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO

Antes de tomarmos as medidas, é conveniente observarmos a ilustração para termos compreensão exata da maneira de tirarmolas.



A - BUSTO: Obtemos esta medida, colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar de 4 a 5 cm.

B - COSTAS: Esta medida, devemos tirar colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

C - CINTURA: Como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deve ser levemente ajustada.

D - QUADRIL: Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais alta (levemente justo acrescentando de 2 a 4 cm).

E - COMPRIMENTO DA BLUSA: Colocamos a fita métrica na parte da frente, junto ao pescoço, na linha da costura - do ombro até a cintura.

F - COMPRIMENTO DA SAIÁ: Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.

G - COMPRIMENTO DA MANGA: Tomamos o comprimento da manga com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava (passando pelo cotovelo) até o fim do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.

H - PUNHO: Conseguimos a medida do punho, tomando a circunferência do mesmo.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L49

Ano	1987
Lição Título	COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO
Página	9, 10
Croqui	2, com modelo, frente e costas
Medidas	busto, costas, cintura, quadril, comprimento da blusa, comprimento da saia, comprimento da manga, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui

A - Busto	E - Comprimento da Blusa
B - Costas	F - Comprimento da Saia
C - Cintura	G - Comprimento da Manga
D - Quadril	H - Punho

Texto

A - Busto: Obtemos essa medida colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar de 4 a 5 centímetros.

B - Costas: Devemos tirar esta medida, colocando-se a fita métrica de ombro a ombro

C - Cintura: Como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deixamos levemente ajustada.

D - Quadril: Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais saliente (levemente ajustada e acrescentando de 2 a 4 centímetros).

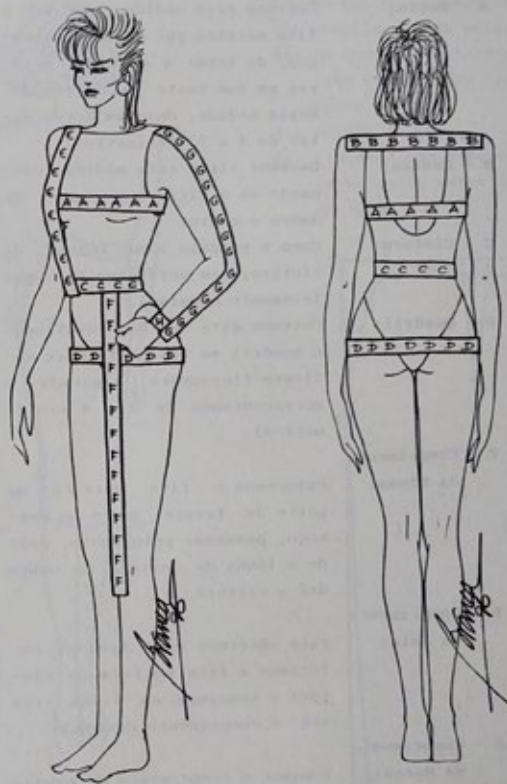
E - Comprimento da Blusa: Colocamos a fita métrica na parte da frente, junto ao pescoço, passando pelo busto, desde a linha da costura do ombro até a cintura.

F - Comprimento da Saia: Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.

G - Comprimento da Manga: Tomamos o comprimento da manga, com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava (passando pelo cotovelo) até ao final do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.

H - Punho: Conseguimos a medida do punho, tomando sua circunferência.

COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO



- | | |
|-------------|--------------------------|
| A - Busto | E - Comprimento da Blusa |
| B - Costas | F - Comprimento da Saia |
| C - Cintura | G - Comprimento da Manga |
| D - Quadril | H - Punho |

- A - Busto:** Obtemos esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar de 4 a 5 centímetros.
- B - Costas:** Devemos tirar esta medida, colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.
- C - Cintura:** Como o próprio nome indica, da cintura, sem acréscimo. Deixamos levemente ajustada.
- D - Quadril:** Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais saliente (levemente ajustada e acrescentando de 2 a 4 centímetros).
- E - Comprimento da Blusa:** Colocamos a fita métrica na parte da frente, junto ao pescoço, passando pelo busto, desde a linha da costura do ombro até a cintura.
- F - Comprimento da Saia:** Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.
- G - Comprimento da Manga:** Tomamos o comprimento da manga, com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava (passando pelo cotovelo) até ao final do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.
- H - Punho:** Conseguimos a medida do punho, tomando sua circunferência.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L50

Ano	1987
Lição Título	SAIA JUSTA
Página	11, 12, 13
Croqui	1 frente (principal) e 1 costas (menor)
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3

AB: um quarto do quadril;
BC: comprimento da saia;
BE: um quarto da cintura, mais três centímetros para a pence (*);
H: metade de BE;
EF: traçamos com a Régua Elite na parte curva lateral da saia.

() Fazemos a pence de acordo com a estatura da pessoa, cabendo aos números de quadril igual ou maior que cem centímetros: quatro centímetros de largura e doze centímetros de comprimento; e aos menores: três centímetros de largura e dez centímetros de comprimento.*

Texto

Caso o modelo da saia seja afunilado, entramos dois centímetros na lateral da saia, na altura da barra, para ficar mais justa.

Descemos dois centímetros na linha BG, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente. Esta correção evita que o cóis enrole na altura da cintura.

Confeccionamos o cóis da saia, usando a medida da cintura mais oito centímetros para o comprimento, e de oito a nove centímetros de largura. Nesta medida já está incluído o espaço para a costura.

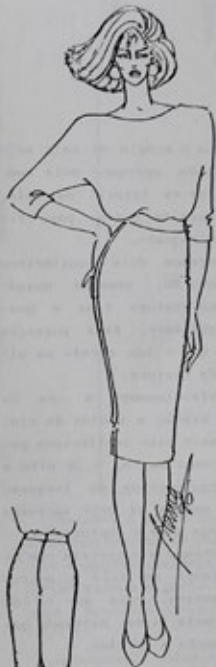
Cortamos a entretela com uma largura de três a quatro centímetros, para que o cóis fique mais firme, evitando que este venha a enrolar.

Cortamos a parte da frente na dobra do tecido, deixando dois centímetros de costura na lateral, um centímetro na cintura e quatro centímetros na barra. Para cortarmos a parte detrás usamos a parte da frente, deixando três centímetros para a abertura atrás.

Arrematamos todas as partes com ziguezague, overloque ou à mão. Costuramos na parte detrás, entre o zíper e a abertura da saia. Deixamos de quinze a vinte centímetros na cintura de acordo com o tamanho do zíper. Na abertura da barra deixamos vinte e cinco centímetros, já com a barra, ou de acordo com o gosto pessoal.

Costuramos o zíper; fechamos as laterais e pences; entretelamos e pregamos o cóis. Passamos a saia, abrindo as costuras com o ferro; e finalmente, fazemos a barra e colocamos o gancho no cóis.

SAIA JUSTA



AB: um quarto do quadril;
 BC: comprimento da saia;
 BE: um quarto da cintura, mais três centímetros para a pence (*);
 H: metade de BE;
 EF: traçamos com a Régua Elíptica na parte curva lateral da saia.

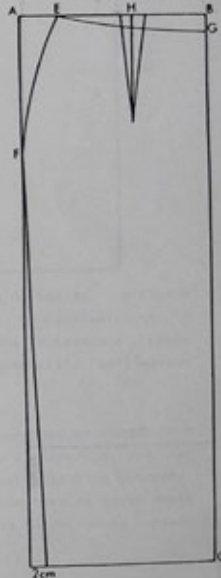
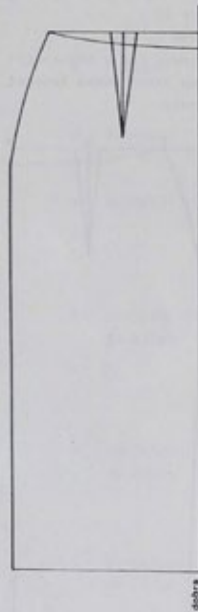


Tabela números 36 e 48

Quadril	88	112
Comprimento	62	76
Cintura	64	84

(*) Fazemos a pence de acordo com a estatura da pessoa, cabendo aos números de quadril igual ou maior que cem centímetros; quatro centímetros de largura e doze centímetros de comprimento; e aos menores: três centímetros de largura e dez centímetros de comprimento.

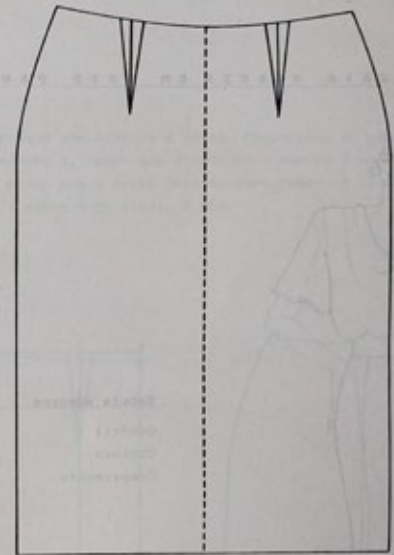


Caso o modelo da saia seja afunilado, entramos dois centímetros na lateral da saia, na altura da barra, para ficar mais justa.

Descemos dois centímetros na linha BG, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente. Esta correção evita que o cós enrole na altura da cintura.

Confeccionamos o cós da saia, usando a medida da cintura mais oito centímetros para o comprimento, e de oito a nove centímetros de largura. Nesta medida já está incluído o espaço para a costura.

Cortamos a entretela com uma largura de três a quatro centímetros, para que o cós fique mais firme, evitando que este venha a enrolar.



Cortamos a parte da frente na dobra do tecido, deixando dois centímetros de costura na lateral, um centímetro na cintura e quatro centímetros na barra. Para cortarmos a parte de trás usamos a parte da frente, deixando três centímetros para a abertura atrás.

Arrematamos todas as partes com ziguezague, overlocke ou à mão. Costuramos na parte de trás, entre o zíper e a abertura da saia. Deixamos de quinze a vinte centímetros na cintura, de acordo com o tamanho do zíper. Na abertura da barra deixamos vinte e cinco centímetros, já com a barra, ou de acordo com o gosto pessoal.

Costuramos o zíper; fechamos as laterais e pences; entretelamos e pregamos o cós. Passamos a saia, abríndo as costuras com o ferro; e finalmente, fazemos a barra e colocamos o gancho no cós.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L51

Ano	1987
Lição Título	SAIA SEREIA EM SEIS PANOS
Página	14, 15
Croqui	1, com modelo, de frente
Medidas	quadril, cintura, comprimento
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 46
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: um quarto do quadril; BC: comprimento da saia; BD: um quarto da cintura mais três centímetros; E: um terço de BD; BF: colocamos um centímetro.</p> <p>Cortamos quatro partes número 1, abrindo nos pontilhados. Cortamos duas partes número 2 na dobra e abrimos igual a número 1. Marcamos o meio (G), colocando de oito a dez centímetros de cada lado, deixando a mesma medida na parte número 2.</p> <p>Cortamos com costura e barra. Costuramos as partes número 1 na número 2, sendo que colocamos a número 2 no meio. Fazemos o mesmo com a parte detrás, costuramos as laterais, colocamos o zíper e no final, o cócs.</p>

SAIA SEREIA EM SEIS PANOS

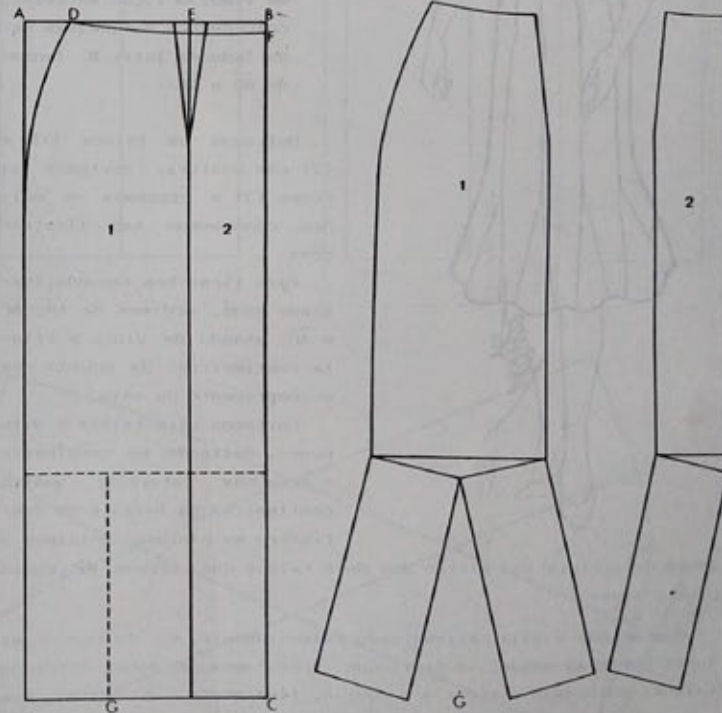


Tabela números	36	e 46
Quadril	88	106
Cintura	64	84
Comprimento	64	74

AB: um quarto do quadril;
 BC: comprimento da saia;
 BD: um quarto da cintura mais três centímetros;
 E: um terço de BD;
 BF: colocamos um centímetro.

Cortamos quatro partes número 1, abrindo nos pontilhados.
 Cortamos duas partes número 2 na dobra e abrimos igual a número 1. Marcamos o meio (G), colocando de oito a dez centímetros de cada lado, deixando a mesma medida na parte número 2.

Cortamos com costura e barra. Costuramos as partes número 1 na número 2, sendo que colocamos a número 2 no meio. Fazemos o mesmo com a parte detrás, costuramos as laterais, colocamos o zíper e no final, o cós.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L52

Ano	1987
Lição Título	SAIA TALHADA COM BARRA EM CONES
Página	16, 17
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 38 e 50
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>AB: um quarto do quadril; D: metade de AB; EF: um quarto da cintura mais três centímetros para a pence, ou quatro - conforme vimos na lição anterior, colocando a metade para cada lado da letra D, formando DE e DF.</p> <p>Deixamos os talhos (1) e (2) com costura; cortamos os cones (3) e cruzamos os moldes, como vemos nas ilustrações. Para ficar bem redondo, formando godê, medimos de AB, AC e AD, usando de vinte a trinta centímetros, de acordo com o comprimento da saia.</p> <p>Cortamos oito talhos e oito cones, deixando um centímetro e meio nas laterais; quatro centímetros na barra e um centímetro na cintura. Deixamos o dobro de costura nas partes dos dois talhos que servem de apoio para o zíper.</p> <p>Costuramos a saia, arrematando primeiramente os talhos e os cones com ziguezague ou overloque. Costuramos os cones entre os talhos; colocamos o zíper e o cóis; e, finalmente, a barra. Com este mesmo modelo podemos fazer a saia tipo sereia e a saia talhada, como vimos nos moldes número 1 e 2 na lição anterior.</p>

SAIA TALHADA COM BARRA EM CONES



Tabela números 38 e 50

Quadril	92	116
Comprimento	64	76
Cintura	68	92

\overline{AB} : um quarto do quadril;

D : metade de \overline{AB} ;

\overline{EF} : um quarto da cintura mais três centímetros para a pence, ou quatro - conforme vimos na lição anterior, colocando a metade para cada lado da letra D , formando \overline{DE} e \overline{DF} .

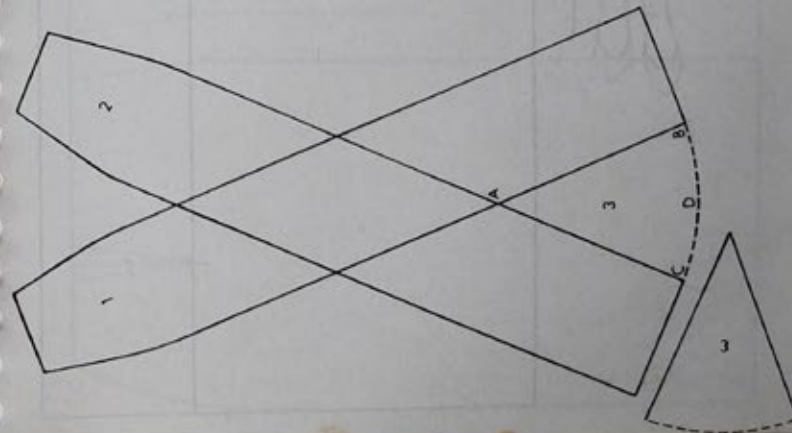
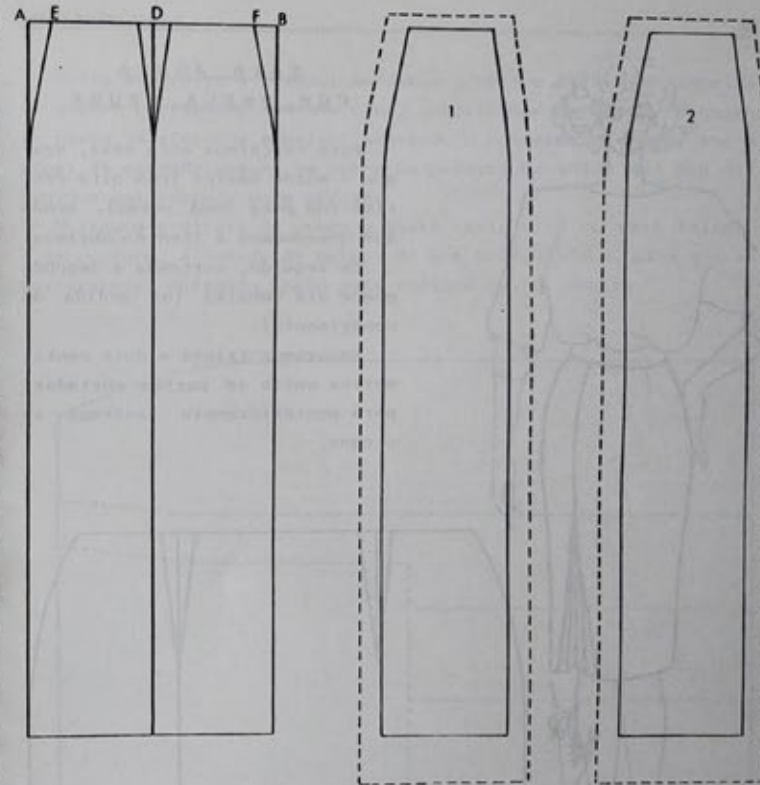
Deixamos os talhos (1) e (2) com costura; cortamos os cones (3) e cruzamos os moldes, como vemos nas ilustrações.

Para ficar bem redondo, formando godê, medimos de \overline{AB} , \overline{AC} e \overline{AD} , usando de vinte a trinta centímetros, de acordo com o comprimento da saia.

Cortamos oito talhos e oito cones, deixando um centímetro e meio nas laterais; quatro centímetros na barra e um centímetro na cintura. Deixamos o

dobro de costura nas partes dos dois talhos que servem de apoio para o zíper.

Costuramos a saia, arrematando primeiramente os talhos e os cones com ziguezague ou overloque. Costuramos os cones entre os talhos; colocamos o zíper e o cós; e, finalmente, a barra. Com este mesmo modelo podemos fazer a saia tipo sereia e a saia talhada, como vimos nos moldes números 1 e 2 na lição anterior.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L53

Ano	1987
Lição Título	SAIA JUSTA COM PREGA LEQUE
Página	18, 19
Croqui	1, com modelo
Medidas	não indica
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	não possui
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para traçarmos esta saia, usamos o molde básico (com oito centímetros para cada prega), sendo que desenhemos a frente e abrimos.</p> <p>Em seguida, cortamos a segunda pence até embaixo (na medida do comprimento).</p> <p>Separamos trinta e dois centímetros entre as partes cortadas, para posteriormente fazermos as pregas.</p> <p>Neste espaço para as pregas, marcamos o meio e dividimos embaixo em quatro partes. No lado de cima, pontilhamos na metade da quarta parte já efetuada embaixo, seguindo o contorno do molde até o final da segunda pence, em ambos os pedaços de molde que são divididos pelo espaço para pregas.</p> <p>Deixamos a altura da prega a gosto (mais alta ou mais baixa); e de costura, a medida da metade de sua profundidade, para que, ao costurarmos, deixemos apoio para costura-la por dentro.</p>

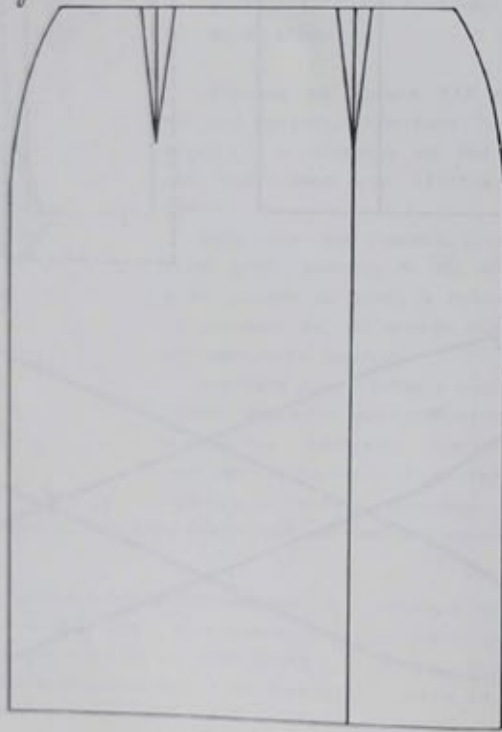
SAIA JUSTA COM PREGA LEQUE



Para traçarmos esta saia, usamos o molde básico (com oito centímetros para cada prega), sendo que desenhamos a frente e abrimos.

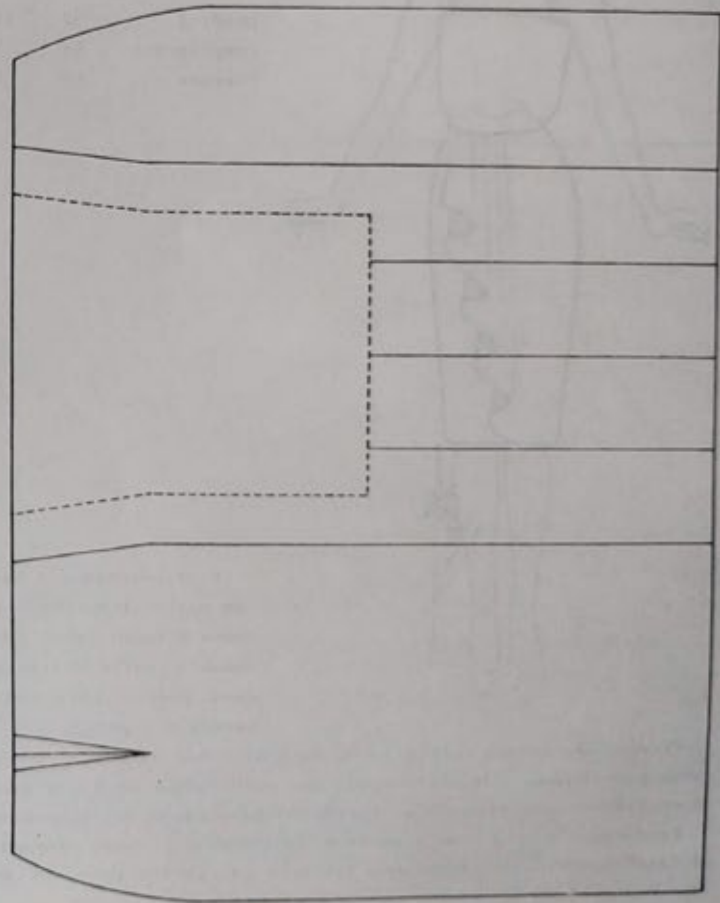
Em seguida, cortamos a segunda pence até embaixo (na medida do comprimento).

Separamos trinta e dois centímetros entre as partes cortadas, para posteriormente fazermos as pregas.



Neste espaço para pregas, marcamos o meio e dividimos embaixo em quatro partes. No lado de cima, pontilhamos na metade da quarta parte já efetuada embaixo, seguindo o contorno do molde até o final da segunda pence, em ambos os pedaços de molde que são divididos pelo espaço para pregas.

Deixamos a altura da prega a gosto (mais alta ou mais baixa); e de costura, a medida da metade de sua profundidade, para que, ao costurarmos, deixemos apoio para costurá-la por dentro.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L54

Ano	1987
Lição Título	SAIA COM PANOS DRAPEADOS
Página	20, 21
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, cintura, comprimento
Tabela de medidas	sim, manequim 38 e 48
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para cortarmos a saia com panos drapeados, usamos o molde base. Cortamos a parte detrás em duas partes para colocarmos o zíper.</p> <p>Tiramos uma frente inteira. Cortamos mais uma frente e recortamos para darmos o drapê, abrindo nos pontilhados de dez a quinze centímetros, dependendo do tecido ou quantidade de drapeados.</p> <p>Costuramos a saia como a anterior, colocando o pano drapeado na lateral e cintura. Franzimos levemente a cintura para dar melhor caimento ao drapeado.</p>

SAIA COM PANOS DRAPEADOS



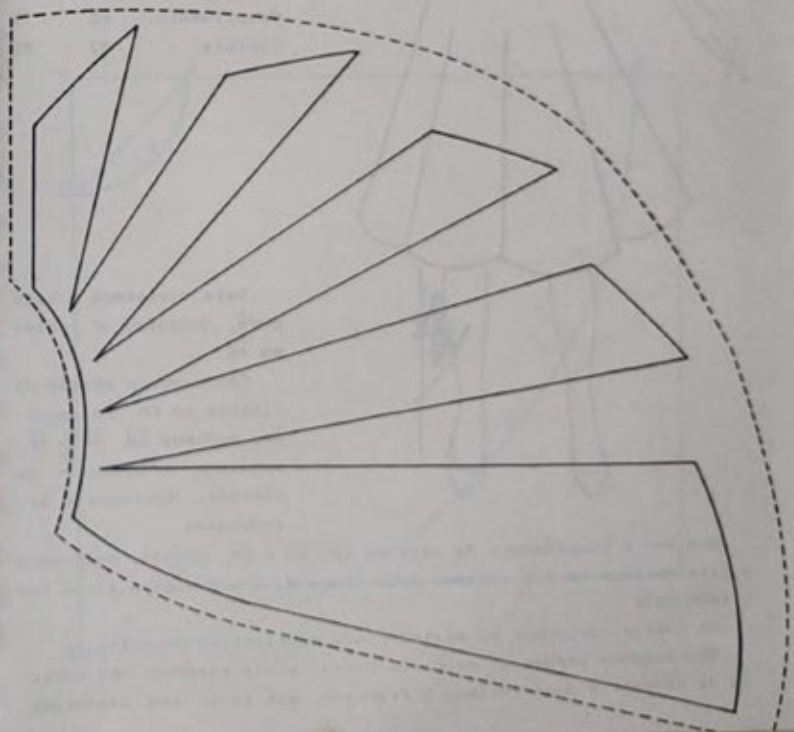
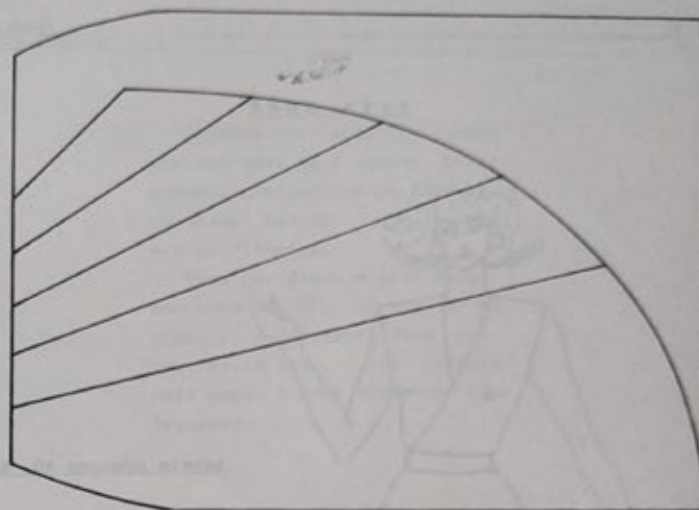
Tabela números 38 e 48

Quadril	92	112
Comprimento	64	74
Cintura	68	84

Para cortarmos a saia com panos drapeados, usamos o molde base. Cortamos a parte detrás em duas partes para colocarmos o zíper.

Tiramos uma frente inteira. Cortamos mais uma frente e recortamos para darmos o drapê, abrindo nos pontilhados de dez a quinze centímetros, dependendo do tecido ou quantidade de drapeados.

Costuramos a saia como a anterior, colocando o pano drapeado na lateral e cintura. Franziomos levemente a cintura para dar melhor caimento ao drapeado.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L55

Ano	1987
Lição Título	SAIA GODÊ
Página	22, 23
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 40 e 46
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>Para cortarmos a saia godê, dobramos o tecido em AE. Colocamos a metade da cintura em CD. Em seguida, medimos AD, AB e AC, seguindo o contorno da cintura, deixando-a arredondada.</p> <p>Medimos o comprimento da saia em DH, BG e CE. Depois, colocamos a fita métrica em A e rodamos pelas letras H, G e E - para ficar bem arredondada.</p> <p>Ao cortar, deixamos no máximo cinco centímetros de barra. Não fazemos pregas ao marcar a barra, e sim passamos uma costura de franzir e distribuimos o franzido até ficar bem assentada.</p> <p>Fazemos este godê com apenas uma costura. Se o tecido tiver noventa centímetros de largura, colocamos emenda, como vemos nos pontilhados.</p> <p>Para cortarmos o godê duplo, marcamos em CD, um quarto da cintura, e cortamos duas partes. Neste caso, ele ficará mais amplo e com costuras nas laterais.</p>

SAIA GODÊ



Tabela números 40 e 46

Quadril	96	108
Comprimento	66	72
Cintura	72	80

Para cortarmos a saia godê, dobramos o tecido em \overline{AE} .

Colocamos a metade da cintura em \overline{CD} . Em seguida, medimos \overline{AD} , \overline{AB} e \overline{AC} , seguindo o contorno da cintura, deixando-a arredondada.

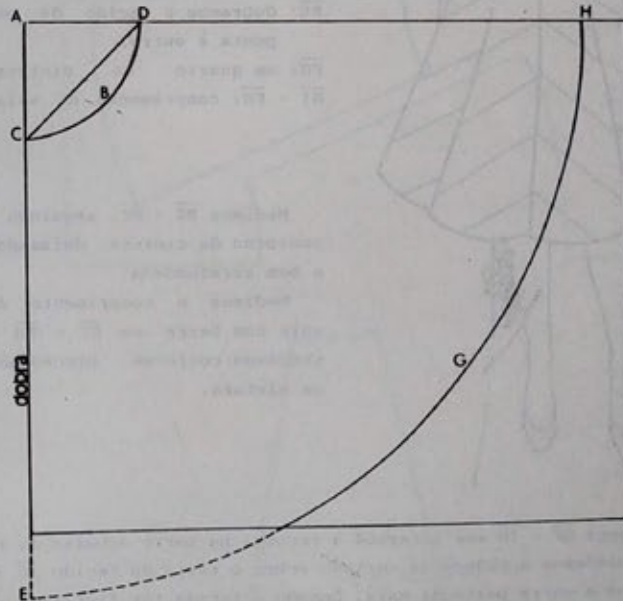
Medimos o comprimento da saia em \overline{DH} , \overline{BG} e \overline{CE} . Depois, colocamos a fita métrica em A e rodamos pelas letras H, G e E - para ficar bem arredondada.

Ao cortar, deixamos no máximo cinco centímetros de barra.

Não fazemos pregas ao marcar a barra, e sim passamos uma costura de franzir e distribuímos o franzido, até ficar bem assentada.

Fazemos este godê com apenas uma costura. Se o tecido tiver noventa centímetros de largura, colocamos emenda, como vemos nos pontilhados.

Para cortarmos o godê duplo, marcamos em \overline{CD} , um quarto da cintura, e cortamos duas partes. Neste caso, ele ficará mais amplo e com costuras nas laterais.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L56

Ano	1987
Lição Título	SAIA GODÊ EM 4 PANOS
Página	24, 25
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>AB: dobra do tecido; BE: dobramos o tecido de uma ponta à outra; FG: um quarto da cintura; G I - F H: comprimento da saia.</p> <p>Medimos BG - BF, seguindo o contorno da cintura, deixando-a bem arredondada.</p> <p>Medimos o comprimento da saia com barra em GI - FH e traçamos conforme procedemos na cintura.</p> <p>Cortamos GF - IH, sem tocarmos a tesoura na parte de baixo do tecido. Colocamos o pedaço já cortado sobre o resto do tecido JL, MN e obtemos a outra parte da saia. Quando o tecido for listrado, encontraremos as listras. Quando desejarmos que seja franzida, deixaremos a cintura maior.</p>

SAIA GODÊ EM 4 PANOS

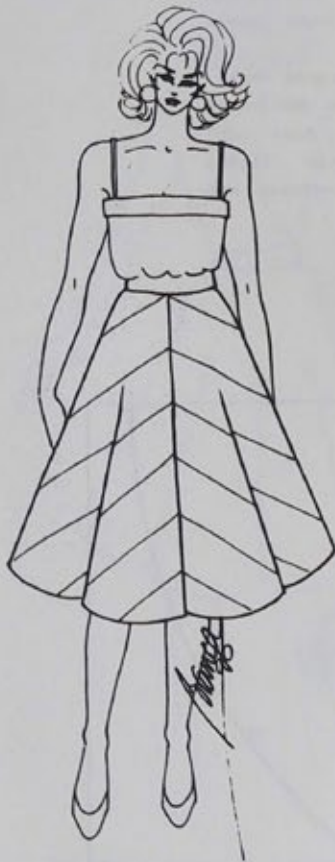


Tabela números 36 e 48

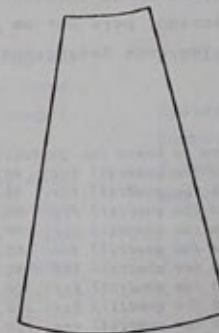
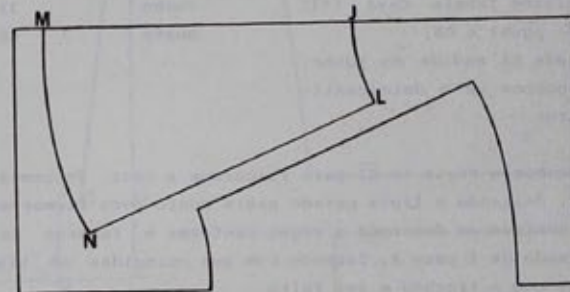
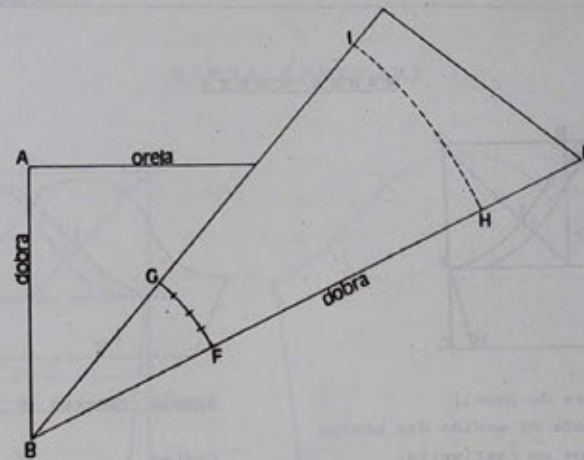
Quadril	88	112
Comprimento	62	76
Cintura	64	84

\overline{AB} : dobra do tecido;
 \overline{BE} : dobramos o tecido de uma ponta à outra;
 \overline{FG} : um quarto da cintura;
 $\overline{GI} - \overline{FH}$: comprimento da saia.

Medimos $\overline{BG} - \overline{BF}$, seguindo o contorno da cintura, deixando-a bem arredondada.

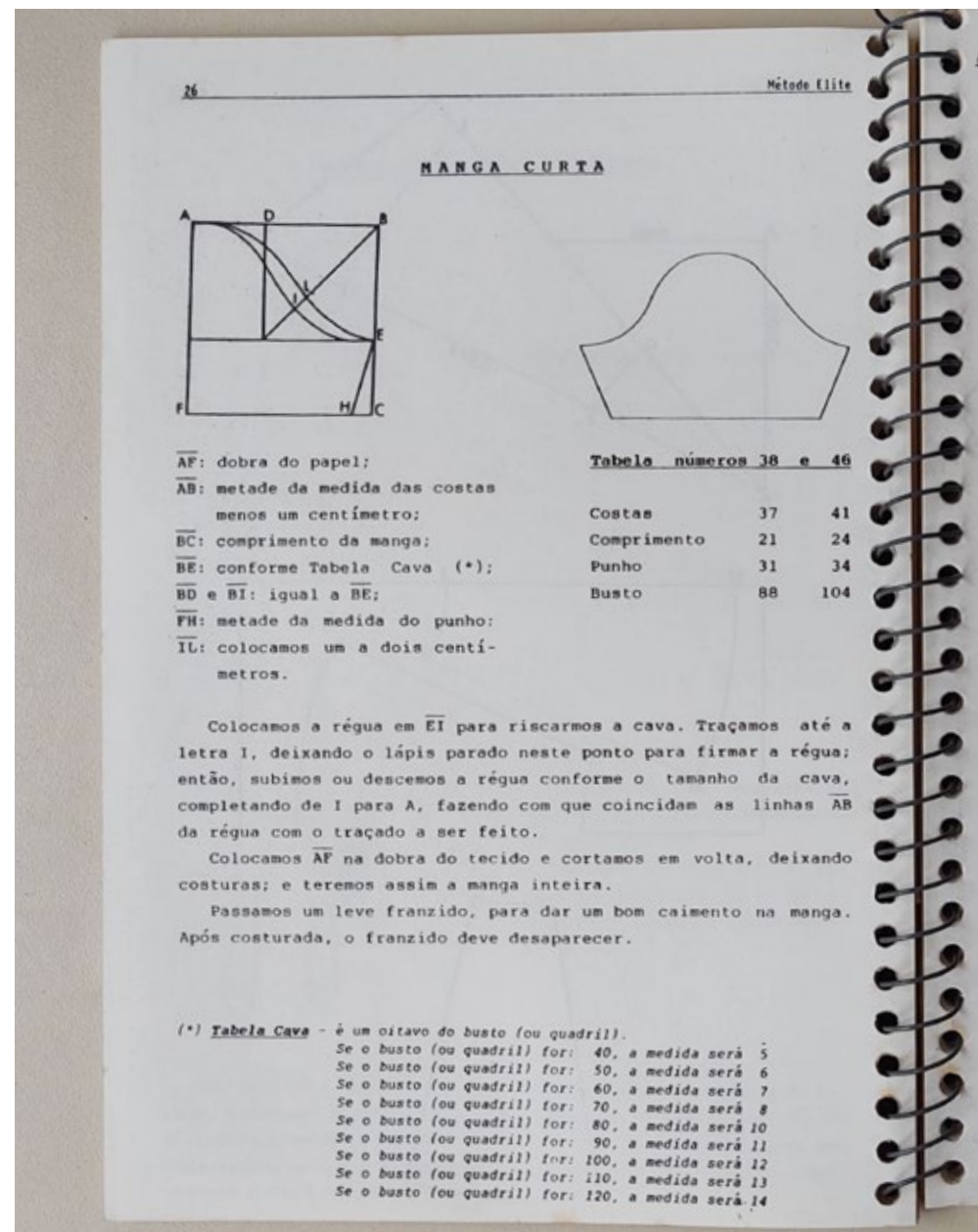
Medimos o comprimento da saia com barra em $\overline{GI} - \overline{FH}$ e traçamos conforme procedemos na cintura.

Cortamos $\overline{GF} - \overline{IH}$ sem tocarmos a tesoura na parte debaixo do tecido. Colocamos o pedaço já cortado sobre o resto do tecido \overline{JL} , \overline{MN} e obtemos a outra parte da saia. Quando o tecido for listrado, encontraremos as listras. Quando desejarmos que seja franzida, deixaremos a cintura maior.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L57

Ano	1987
Lição Título	MANGA CURTA
Página	26
Croqui	não possui
Medidas	costas, comprimento, punho, busto
Tabela de medidas	sim, manequim 38 e 46
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
	<p>AF: dobra do papel; AB: metade da medida das costas menos um centímetro; BC: comprimento da manga; BE: conforme Tabela Cava (*); BD e BI: igual a BE; FH: metade da medida do punho; IL: colocamos um a dois centímetros.</p>
Texto	<p>Colocamos a régua em EI para riscarmos a cava. Traçamos até a letra I, deixando o lápis parado neste ponto para firmar a régua; então, subimos ou descemos a régua conforme o tamanho da cava, completando de I para A, fazendo com que coincidam as linhas AB da régua com o traçado a ser feito.</p> <p>Colocamos AF na dobra do tecido e cortamos em volta, deixando costuras; e teremos assim a manga inteira.</p> <p>Passamos um leve franzido, para dar um bom caimento na manga. Após costurada, o franzido deve desaparecer.</p>

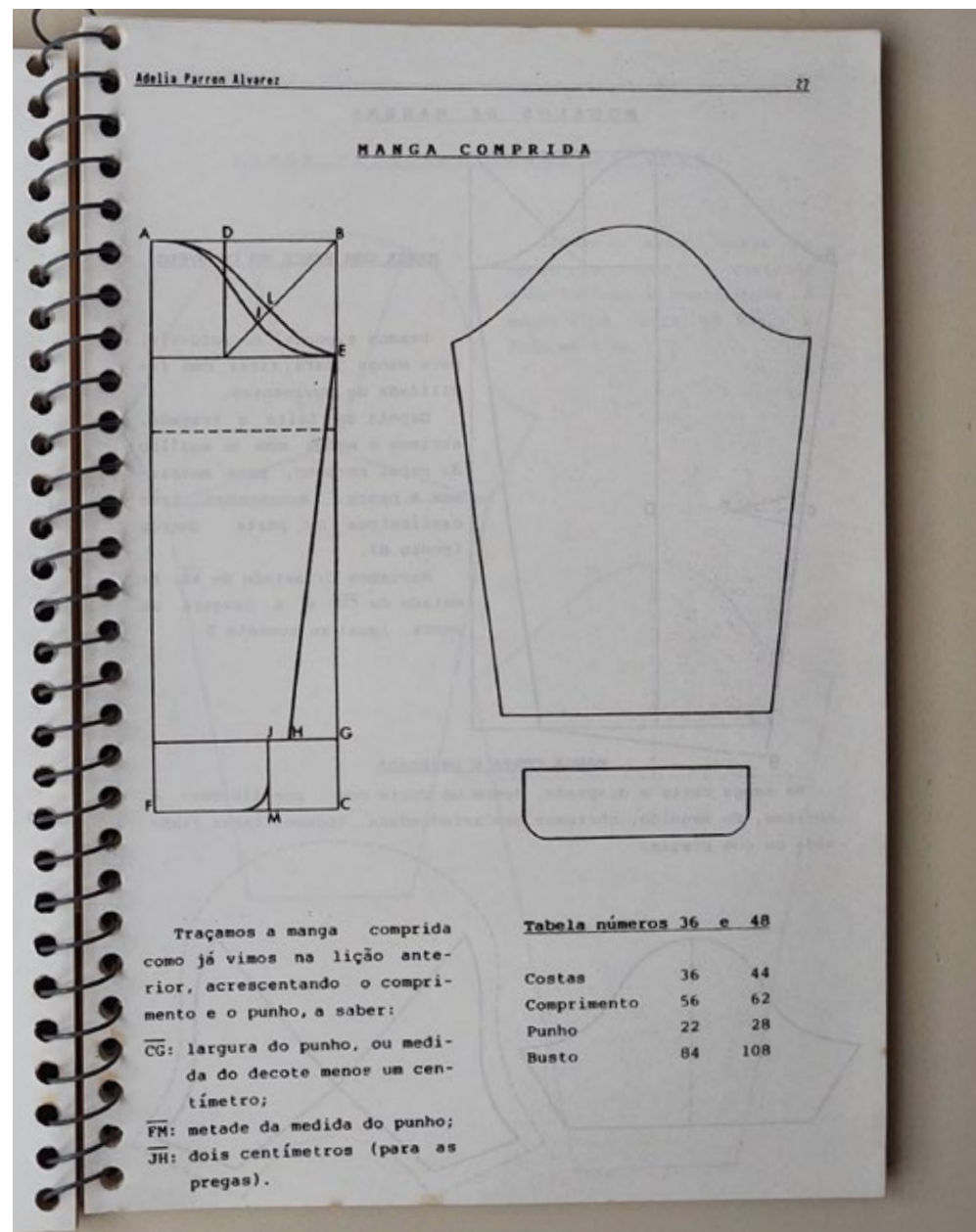


Ficha técnica Método Elite | FTME-L58

Ano	1987
Lição Título	TABELA CAVA
Página	26
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	<p>TABELA CAVA é um oitavo da medida do busto (ou quadril).</p> <p>Se o busto (ou quadril) for: 40 cm, a medida será 5 cm Se o busto (ou quadril) for: 50 cm, a medida será 6 cm Se o busto (ou quadril) for: 60 cm, a medida será 7 cm Se o busto (ou quadril) for: 70 cm, a medida será 8 cm Se o busto (ou quadril) for: 80 cm, a medida será 10 cm Se o busto (ou quadril) for: 90 cm, a medida será 11 cm Se o busto (ou quadril) for: 100 cm, a medida será 12 cm Se o busto (ou quadril) for: 110 cm, a medida será 13 cm Se o busto (ou quadril) for: 120 cm, a medida será 14cm</p>

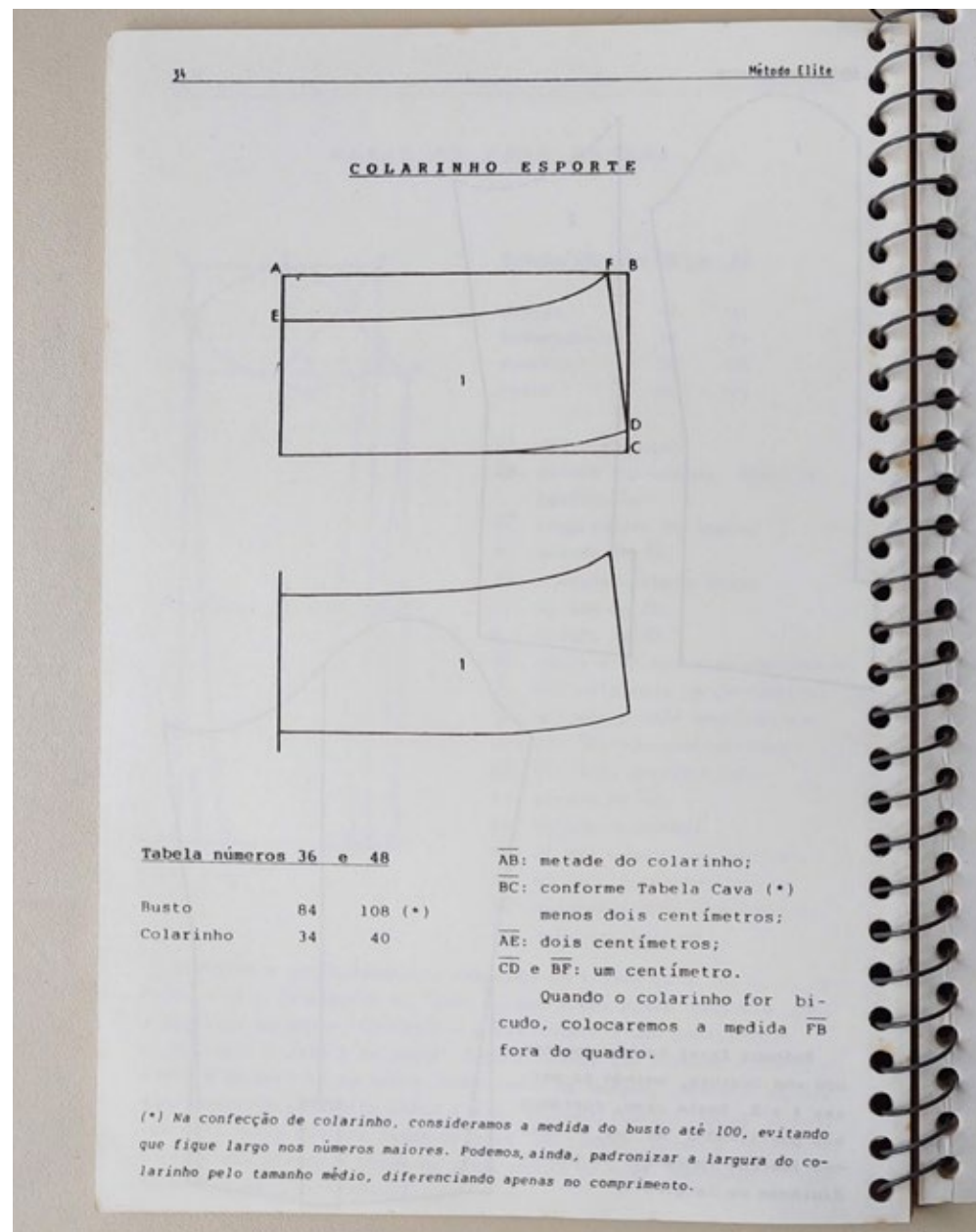
Ficha técnica Método Elite | FTME-L59

Ano	1987
Lição Título	MANGA COMPRIDA
Página	27
Croqui	não possui
Medidas	costas, comprimento, punho, busto
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	Traçamos a manga comprida como já vimos na lição anterior, acrescentando o comprimento e o punho, a saber: CG: largura do punho, ou medida do decote menos um centímetro; FM: metade da medida do punho; JH: dois centímetros (para as pregas).



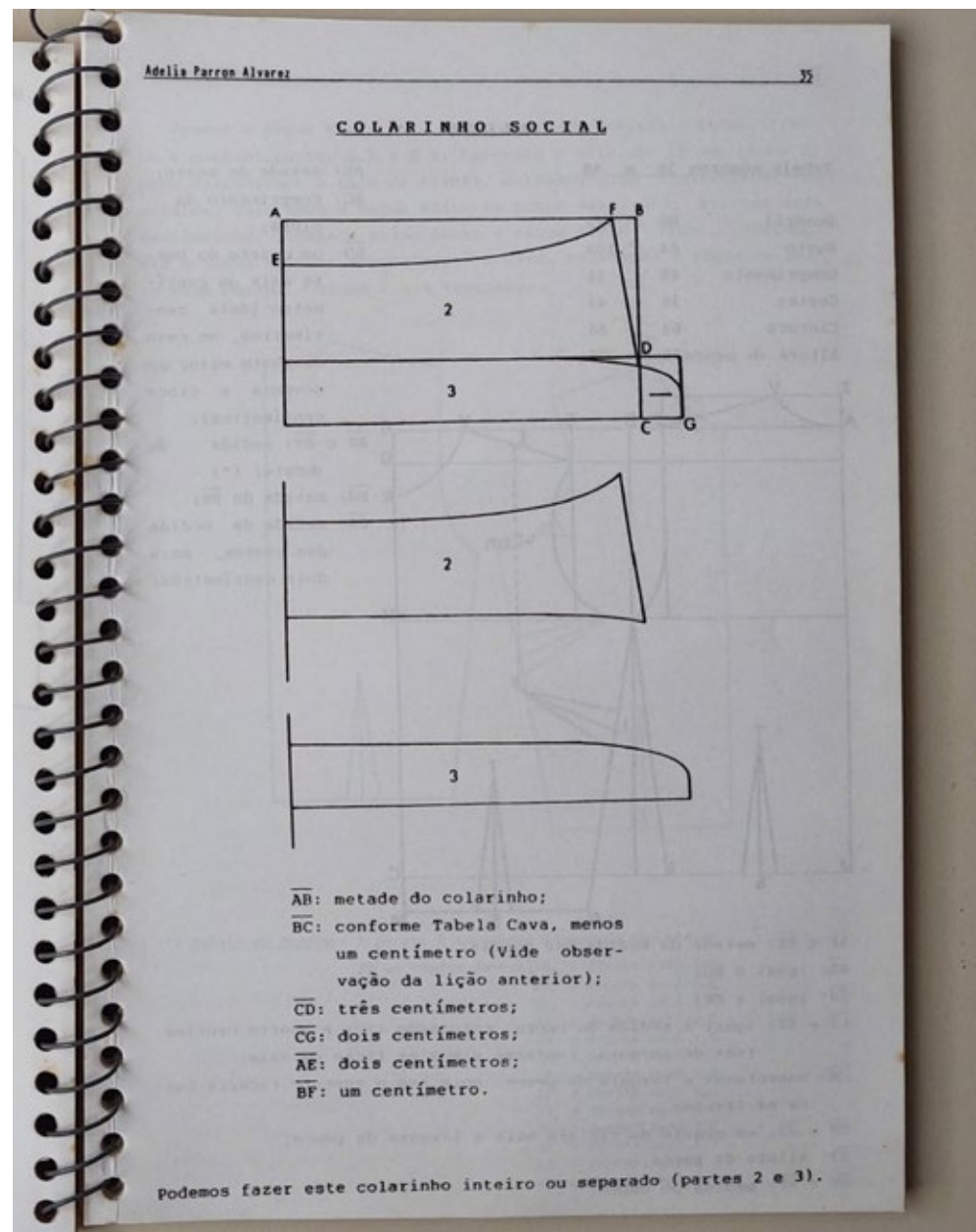
Ficha técnica Método Elite | FTME-L60

Ano	1987
Lição Título	COLARINHO ESPORTE
Página	34
Croqui	não possui
Medidas	busto, colarinho
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: metade do colarinho; BC: conforme Tabela Cava (*) menos dois centímetros; AE: dois centímetros; CD e BF: um centímetro.</p> <p>Quando o colarinho for bicudo, colocaremos a medida FB fora do quadro.</p> <p>(*) Na confecção de colarinho, consideramos a medida do busto até 100, evitando que fique largo nos números maiores. Podemos, ainda, padronizar a largura do colarinho pelo tamanho médio, diferenciando apenas no comprimento.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L61

Ano	1987
Lição Título	COLARINHO SOCIAL
Página	35
Croqui	não possui
Medidas	não indica
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: metade do colarinho; BC: conforme Tabela Cava, menos um centímetro (Vide observação da lição anterior); CD: três centímetros; CG: dois centímetros; AE: dois centímetros; BF: um centímetro.</p> <p>Podemos fazer este colarinho inteiro ou separado (partes 2 e 3).</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L62

Ano	1987
Lição Título	BLUSA
Página	36, 37
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento, costas, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2

Texto

AB: metade do busto;
BC: comprimento da blusa;
BD: um quarto do busto, mais um centímetros (dois centímetros, no caso de busto maior que noventa e cinco centímetros);
BR e BV: medida do decote; (*)
BH: metade da medida das costas, mais dois centímetros;
AF e BE: metade da medida das costas;
AZ: igual a BG;
ZV: igual a BR;
LT e ST: igual à medida do ombro, colocando três a quatro centímetros de largura, conforme vimos na lição da saia;
CM: aumentamos a largura da pence, pois sem o aumento ficaria curta na frente;
MN e JI: um quarto da cintura mais a largura da pence;
XT: altura da pence;
EV e VF: medida do ombro.

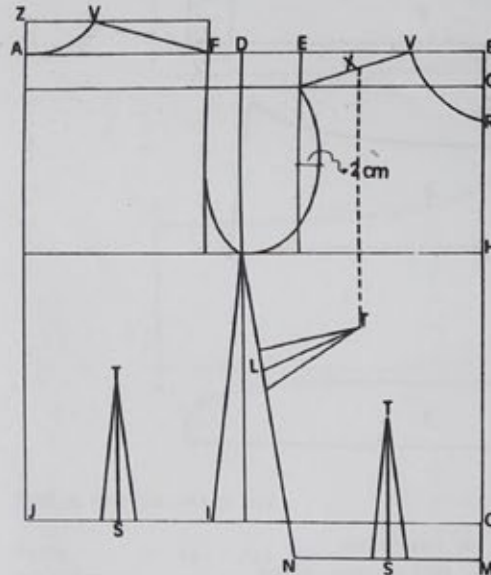
Usamos a Régua Elite para desenharmos os decotes e cavas (frente e costas), pontos V R e A V. Marcamos o meio de GH na linha E, para desenharmos a cava da frente, entrando dois centímetros.

Em seguida, colocamos a Régua Elite no ponto mais alto, até aos dois centímetros; firmamos nesse ponto a régua com o lápis, descendo até a linha H. Para completarmos a cava, colocamos a régua na parte cava detrás - linha F - e traçamos.

BLUSA

Tabela números 36 e 48

Quadril	88	112
Busto	84	108
Comprimento	40	46
Costas	36	44
Cintura	64	84
Altura da pence	23	26



\overline{AF} e \overline{BE} : metade da medida das costas;

\overline{AZ} : igual a \overline{BG} ;

\overline{ZV} : igual a \overline{BR} ;

\overline{LT} e \overline{ST} : igual à medida do ombro, colocando três a quatro centímetros de largura, conforme vimos na lição da saia;

\overline{CM} : aumentamos a largura da pence, pois sem o aumento ficaria curta na frente;

\overline{MN} e \overline{JI} : um quarto da cintura mais a largura da pence;

\overline{XT} : altura da pence;

\overline{EV} e \overline{VF} : medida do ombro.

\overline{AB} : metade do busto;

\overline{BC} : comprimento da blusa;

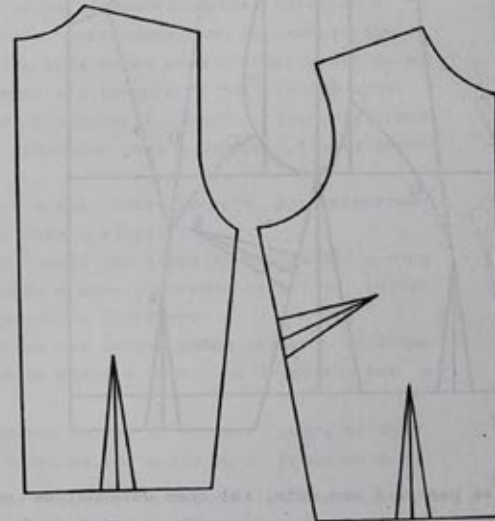
\overline{BD} : um quarto do busto mais um centímetro (dois centímetros, no caso de busto maior que noventa e cinco centímetros);

\overline{BR} e \overline{BV} : medida do decote; (*)

\overline{BG} : metade de \overline{BR} ;

\overline{BH} : metade da medida das costas, mais dois centímetros;

Usamos a Régua Elite para desenharmos os decotes e cavas (frente e costas), pontos V R e A V . Marcamos o meio de \overline{GH} na linha E , para desenharmos a cava da frente, entrando dois centímetros. Em seguida, colocamos a Régua Elite no ponto mais alto, até aos dois centímetros; firmamos nesse ponto a régua com o lápis, descendo até a linha H . Para completarmos a cava, colocamos a régua na parte cava detrás - linha F - e traçamos.



(*) Tabela do Decote - O decote é um quinto da medida das costas.

Se as costas forem: 18, o decote será 3,5

20, o decote será 4,0

22, o decote será 4,5

24, o decote será 4,5

26, o decote será 5,0

28, o decote será 5,5

30, o decote será 6,0

32, o decote será 6,5

34, o decote será 6,5

36, o decote será 7,0

38, o decote será 7,5

40, o decote será 8,0

42, o decote será 8,0

Ficha técnica Método Elite | FTME-L63

Ano	1987
Lição Título	TABELA DO DECOTE
Página	37
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	<p>(*) <i>Tabela do Decote -</i></p> <p><i>O decote é um quinto da medida das costas.</i></p> <p><i>Se as costas forem:</i></p> <p><i>18, o decote será 3,5</i></p> <p><i>20, o decote será 4,0</i></p> <p><i>22, o decote será 4,5</i></p> <p><i>24, o decote será 4,5</i></p> <p><i>26, o decote será 5,0</i></p> <p><i>28, o decote será 5,5</i></p> <p><i>30, o decote será 6,0</i></p> <p><i>32, o decote será 6,5</i></p> <p><i>34, o decote será 6,5</i></p> <p><i>36, o decote será 7,0</i></p> <p><i>38, o decote será 7,5</i></p> <p><i>40, o decote será 8,0</i></p> <p><i>42, o decote será 8,0</i></p>

Ficha técnica Método Elite | FTME-L64

Ano	1987
Lição Título	COLOCAÇÃO DE PENCES
Página	38, 39
Croqui	não possui
Medidas	
Tabela de medidas	
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	5
Texto	<p>Usar as pences é uma arte, tal como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da pessoa e o molde escolhido.</p> <p>Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, sozinha, acompanhada de um recorte ou pregas.</p> <p>Usamos a pence B para dar forma ao busto, aumentando a cintura e barra, para não encurtar na frente após costurada. Quando esta pence não se enquadrar no modelo, fecharemos a mesma, transportando-a para a cava, conforme vemos no recorte C (figura número 1); para o decote, conforme o recorte F (figura número 2); ou no ombro, de acordo com o recorte D (figura número 3). Quando o modelo não permitir nem um dos exemplos citados, usaremos o número 4, sendo que o aumento da abertura tiraremos nas cavas, como indicam os pontilhados.</p> <p>Utilizaremos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como no caso de costas pequenas e busto saliente. Poderemos usar a pence D, quando a pessoa tiver busto saliente e alto; podendo também, encaixá-la no recorte, unindo com a cintura.</p>

Optaremos pela pence E, quando notarmos que as costas sejam levemente curvas. Marcaremos o meio do ombro, cortaremos como no exemplo número 4, sendo que esta pence terá o comprimento da metade do ombro e a largura de dois centímetros.

Usaremos o recorte F, quando transportarmos pences ou franzidos para o decote (figura número 2).

Quando o modelo levar recorte, aproveitaremos a pence G, para o ajuste.

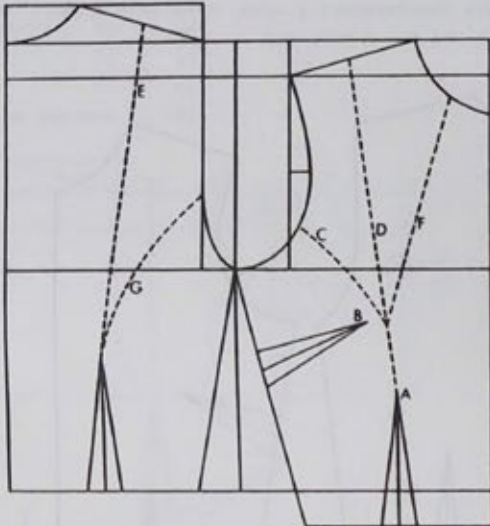
Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como poderemos variar os recortes, aproveitando as pences.

As medidas das pences podem variar conforme as medidas de busto e ombro, ou de acordo com o modelo.

Exemplo: Busto de 80 a 90 cm = pence de 3 cm;
Busto de 100 a 120 cm = pence de 4 cm.

No comprimento usamos a medida do ombro.

COLOCAÇÃO DE PENCES



Usar as pences é uma arte, tal como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da pessoa e o modelo escolhido.

Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, sozinha, acompanhada de um recorte ou pregas.

Usamos a pence B para dar forma ao busto, aumentando a cintura e barra, para não encurtar na frente após costurada. Quando esta pence não se enquadrar no modelo, fecharemos a mesma, transportando-a para a cava, conforme vemos no recorte C (figura número 1); para o decote, conforme o recorte F (figura número 2); ou no ombro, de acordo com o recorte D (figura número 3). Quando o modelo não permitir nem um dos exemplos citados, usaremos o número 4, sendo que o aumento da abertura tiraremos nas cavas, como indicam os pontilhados.

Utilizaremos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como no caso de costas pequenas e busto saliente.

Poderemos usar a pence D, quando a pessoa tiver busto saliente e alto; podendo também, encaixá-la no recorte, unindo com a cintura.

Optaremos pela pence E, quando notarmos que as costas sejam levemente curvas. Marcaremos o meio do ombro, cortaremos como no exemplo número 4, sendo que esta pence terá o comprimento da metade do ombro e a largura de dois centímetros.

Usaremos o recorte F, quando transportarmos pences ou franzidos para o decote (figura número 2).

Quando o modelo levar recorte, aproveitaremos a pence G, para o ajuste.

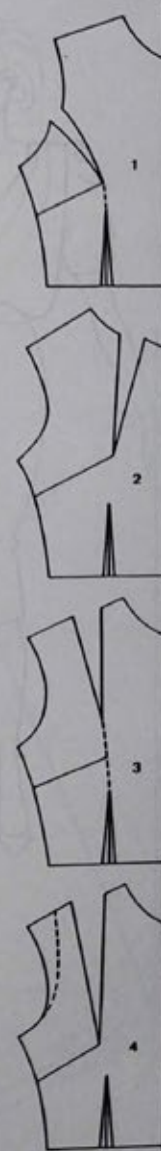
Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como poderemos variar os recortes, aproveitando as pences.

As medidas das pences podem variar conforme as medidas de busto e ombro, ou de acordo com o modelo.

Exemplo: Busto de 80 a 90 cm = pence de 3cm;

Busto de 100 a 120 cm = pence de 4cm.

No comprimento usamos a medida do ombro.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L65

Ano	1987
Lição Título	CAMISA FEMININA
Página	44, 45, 46, 47
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento da blusa, comprimento total, costas, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 40 e 46
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4
Texto	<p>AB: Metade do quadril BC: Comprimento total. BJ: Comprimento da blusa. BD: Um quarto do busto mais um centímetro. AI: Um quarto do busto menos um centímetro. BH: Metade das costas mais dois centímetros. BE e AF: Metade da medida das costas. BR e BV: Medida do decote menos um centímetro (*). RN: Colocamos dois centímetros para espaço de botões. BG e AZ: Metade do decote. ZV: Igual a BV. SU, OP e QR: Espaçamos dois centímetros. JK e CM: Aumentamos a largura da pence. XT: Altura da pence. LT: Igual a medida do ombro VF, menos dois centímetros, colocando de três a quatro centímetros de largura (conforme já vimos). a: Metade de zC. No quadril, usamos a Régua Curva Elite. S: Metade da linha GH.</p> <p>Depois de traçarmos a camisa, cortamos, separando a parte da frente da parte detrás. Procedemos o ajuste, conforme</p>

vimos na lição da blusa. Tiramos a parte detrás na dobra do tecido. Quando a camisa for esporte, dobraremos a orela até ao decote. Podemos cortar as costas inteiras ou com pala separada. Se não quisermos que apareça a pence, abrimos um talho de X a T e fechamos a pence LT, sendo que ao fecharmos a pence, o talho se abrirá, aumentando o tamanho do ombro; e deste aumento formado pelo talho diminuímos e cortamos na cava.

Aplicamos o molde sobre o tecido, conforme a explanação abaixo. Colocamos a parte detrás na dobra do tecido, deixando costura de um centímetro ao redor (vide pontilhados). Colocamos a parte da frente sobre o tecido dobrado em apenas quatro centímetros, deixando também costura.

Cortamos a camisa, fechando os ombros com overloque, máquina ziguezague ou com costura inglesa. Costuramos as mangas e em seguida fazemos a abertura dos punhos. Fechamos as mangas e as laterais; colocamos os punhos, o colarinho, e finalmente, a barra, as casas e os botões.

CAMISA FEMININA

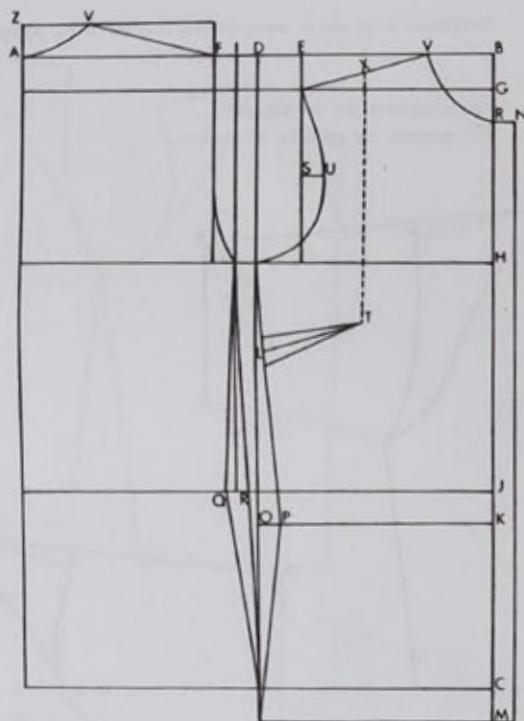


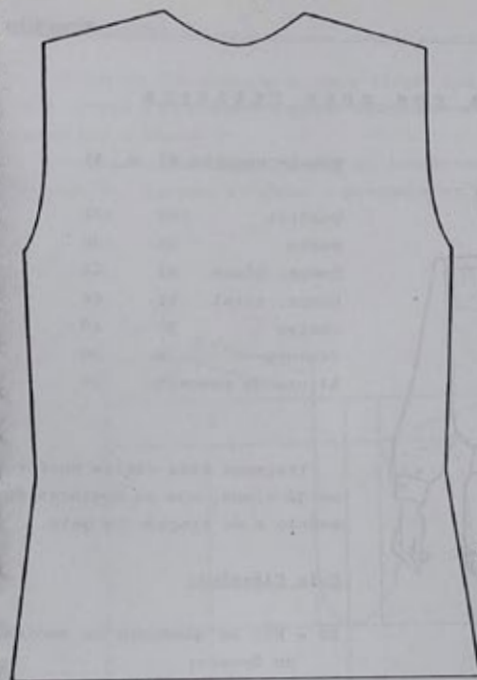
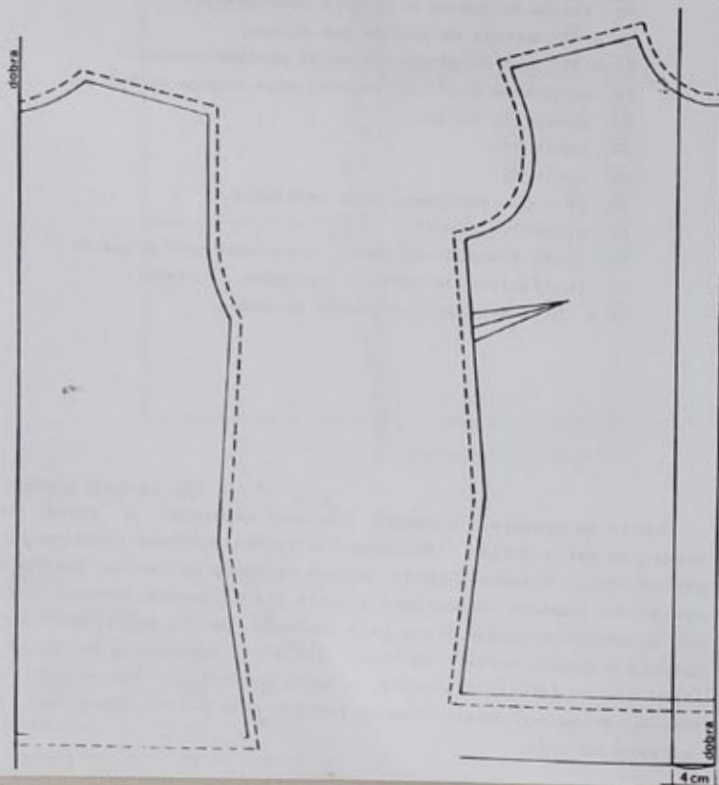
Tabela números 40 e 46

			Ana
Quadril	96	108	103
Busto	92	104	96
Compr. blusa	42	45	42
Compr. total	60	66	70
Costas	38	42	40
Cintura	72	80	72
Altura da pence	24	25	26

- \overline{AB} : metade do quadril;
- \overline{BC} : comprimento total;
- \overline{BJ} : comprimento da blusa;
- \overline{BD} : um quarto do busto mais um centímetro;
- \overline{AI} : um quarto do busto menos um centímetro;
- \overline{BH} : metade das costas mais dois centímetros;
- \overline{BE} e \overline{AF} : metade da medida das costas;
- \overline{BR} e \overline{BV} : medida do decote menos um centímetro;
- \overline{RN} : colocamos dois centímetros para espaço de botões;
- \overline{BG} : metade do decote;
- \overline{ZV} : igual \overline{BV} ;
- \overline{AZ} : igual \overline{BG} ;
- \overline{SU} , \overline{OP} e \overline{QR} : espaçamos dois centímetros;
- \overline{XT} : altura da pence;
- \overline{LT} : igual à medida do ombro, colocando três a quatro centímetros de largura (conforme já vimos);
- \overline{JK} e \overline{CM} : aumentamos a largura da pence.

Depois de traçarmos a camisa, cortamos separando a parte da frente da parte detrás. Procedemos o ajuste conforme vimos na lição da blusa. Tiramos a parte detrás na dobra do tecido. Quando a camisa for esporte, dobraremos a orela até ao decote. Podemos cortar as costas inteiras ou com pala separada. Se não quisermos que apareça a pence, abrimos um talho de X a T e fechamos a pence LT, sendo que ao fecharmos a pence, o talho se abrirá, aumentando o raminho do ombro; e deste aumento formado pelo talho diminuímos e cortamos na cavá.

Aplicamos o molde sobre o tecido conforme explanação abaixo. Colocamos a parte detrás na dobra do tecido, deixando costura de um centímetro ao redor (vide pontilhados). Colocamos a parte da frente sobre o tecido dobrado em apenas quatro centímetros, deixando também costura.

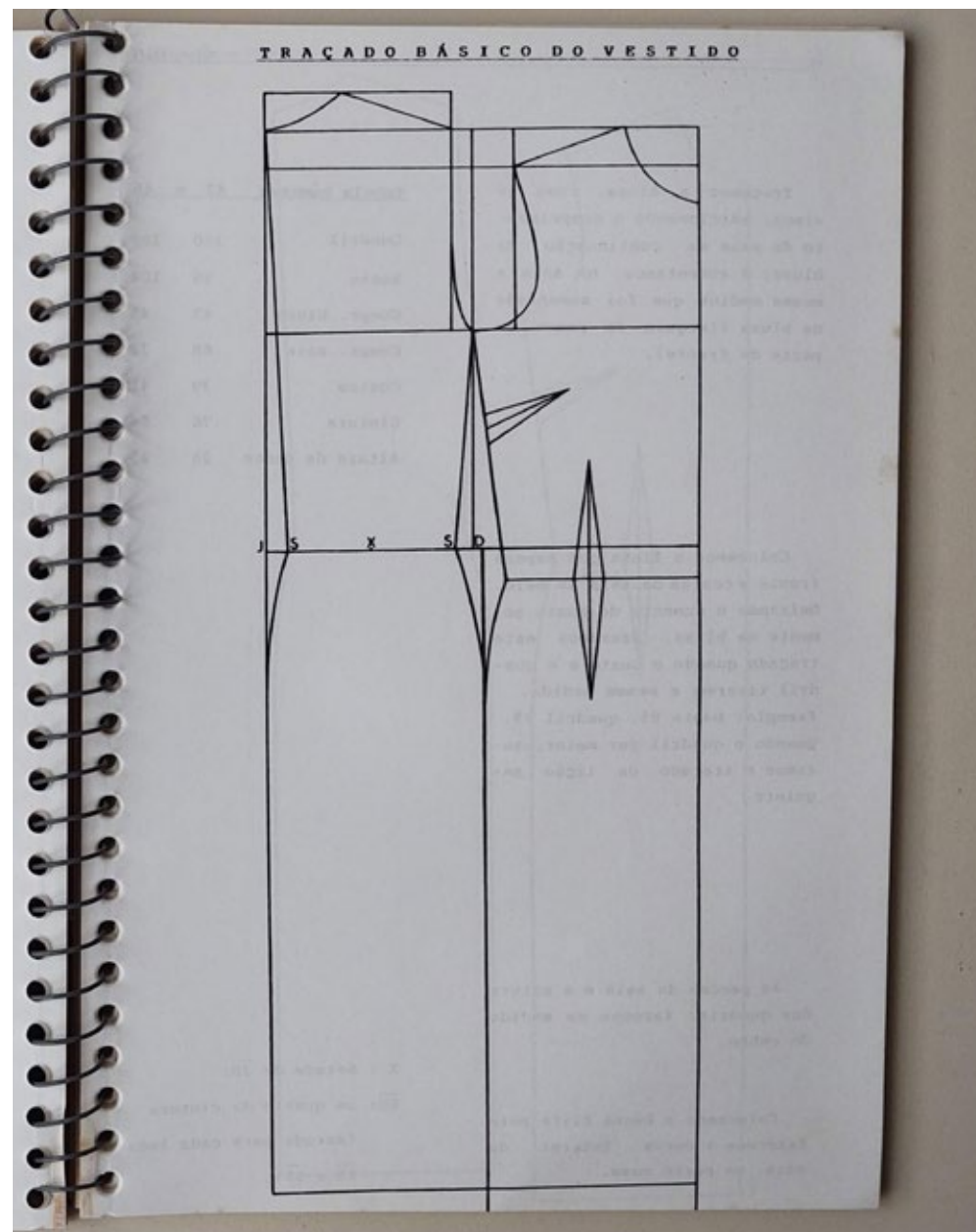


Cortamos a camisa, fechando os ombros com overloque, máquina ziguezague ou com costura inglesa.

Costuramos as mangas e em seguida fazemos a abertura dos punhos. Fechamos as mangas e as laterais; colocamos os punhos, o colarino, e finalmente, a barra, as casas e os botões.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L66

Ano	1987
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO
Página	61, 62, 63
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento blusa, comprimento saia, costas, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 42 e 46
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Traçamos a blusa, como já vimos, adicionando o comprimento da saia em continuação da blusa; e aumentamos na saia a mesma medida que foi aumentada na blusa (largura da pence na parte da frente).</p> <p>Colocamos a linha que separa frente e costas da saia no meio. Deixamos o aumento do busto somente na blusa. Usaremos este traçado quando o busto e o quadril tiverem a mesma medida. Exemplo: busto 95, quadril 95.</p> <p>Quando o quadril for maior, usaremos o traçado da lição seguinte.</p> <p>As pences da saia e a altura dos quadris, faremos na medida do ombro.</p> <p>Colocamos a Régua Elite para fazermos a curva lateral da saia, na parte cava.</p> <p>X: metade de JD; SS: um quarto da cintura (metade para cada lado XS e SX).</p>



Traçamos a blusa, como já vimos, adicionando o comprimento da saia em continuação da blusa; e aumentamos na saia a mesma medida que foi aumentada na blusa (largura da pence na parte da frente).

Colocamos a linha que separa frente e costas da saia no meio. Deixamos o aumento do busto somente na blusa. Usaremos este traçado quando o busto e o quadril tiverem a mesma medida. Exemplo: busto 95, quadril 95. Quando o quadril for maior, usaremos o traçado da lição seguinte.

As pences da saia e a altura dos quadris, faremos na medida do ombro.

Colocamos a Régua Elite para fazermos a curva lateral da saia, na parte cava.

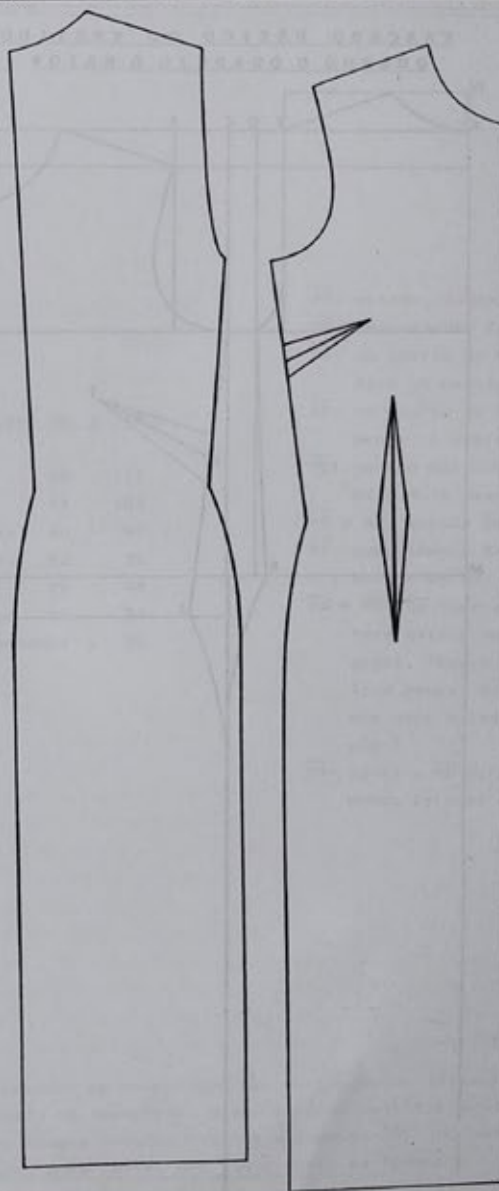
Tabela números 42 e 46

Quadril	100	108
Busto	96	104
Compr. blusa	43	45
Compr. saia	68	72
Costas	39	41
Cintura	76	84
Altura da pence	24	25

X : metade de \overline{JD} ;

\overline{SS} : um quarto da cintura
(metade para cada lado

\overline{XS} e \overline{SX}).



Ficha técnica Método Elite | FTME-L67

Ano	1987
Lição Título	TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO QUANDO O QUADRIL É MAIOR
Página	64, 65
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento blusa, comprimento saia, costas, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1
Texto	<p>AB: metade do quadril; BH: comprimento da blusa; BC: um quarto do busto, mais um centímetro; AD: um quarto do busto menos um centímetro; BG: metade das costas, mais dois centímetros; BE e AF: metade das costas; HI: comprimento da saia; L: metade de HM; PJ e MR: um quarto da cintura mais a medida da pence. (Neste caso não leva pence, mas aumentamos para deixar mais amplo.) IO: igual a HP (aumento da pence lateral LT).</p> <p>Quando desenhamos um modelo que não leva a pence lateral, fechamos a mesma depois de desenhada. Exemplo: para vestidos soltos, blusões e casacos, sempre devemos colocar o aumento HP, IO, mesmo que o modelo não tenha, para evitar que fique curto na frente.</p>

TRAÇADO BÁSICO DO VESTIDO
QUANDO O QUADRIL É MAIOR

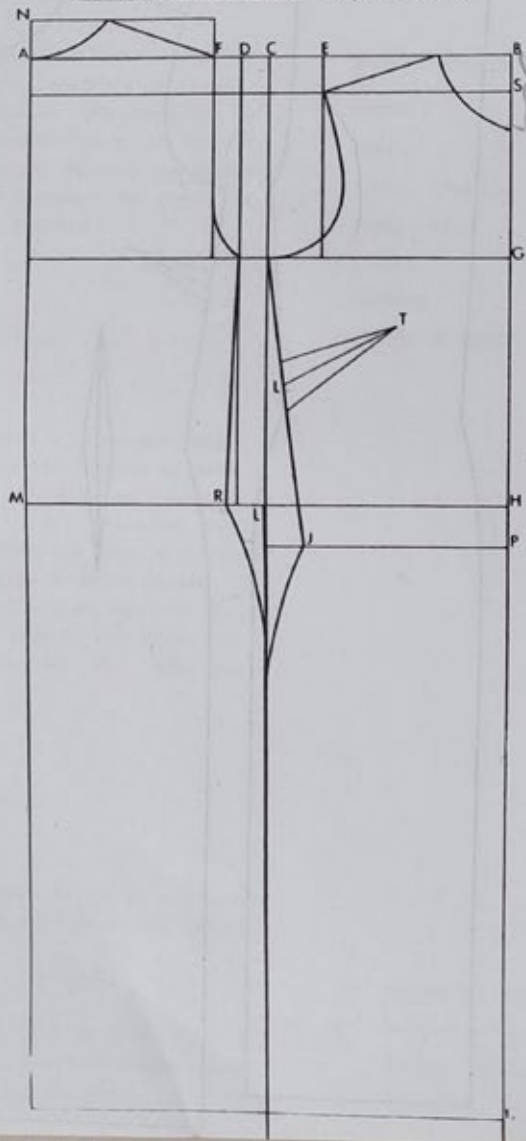


Tabela números 36 e 48

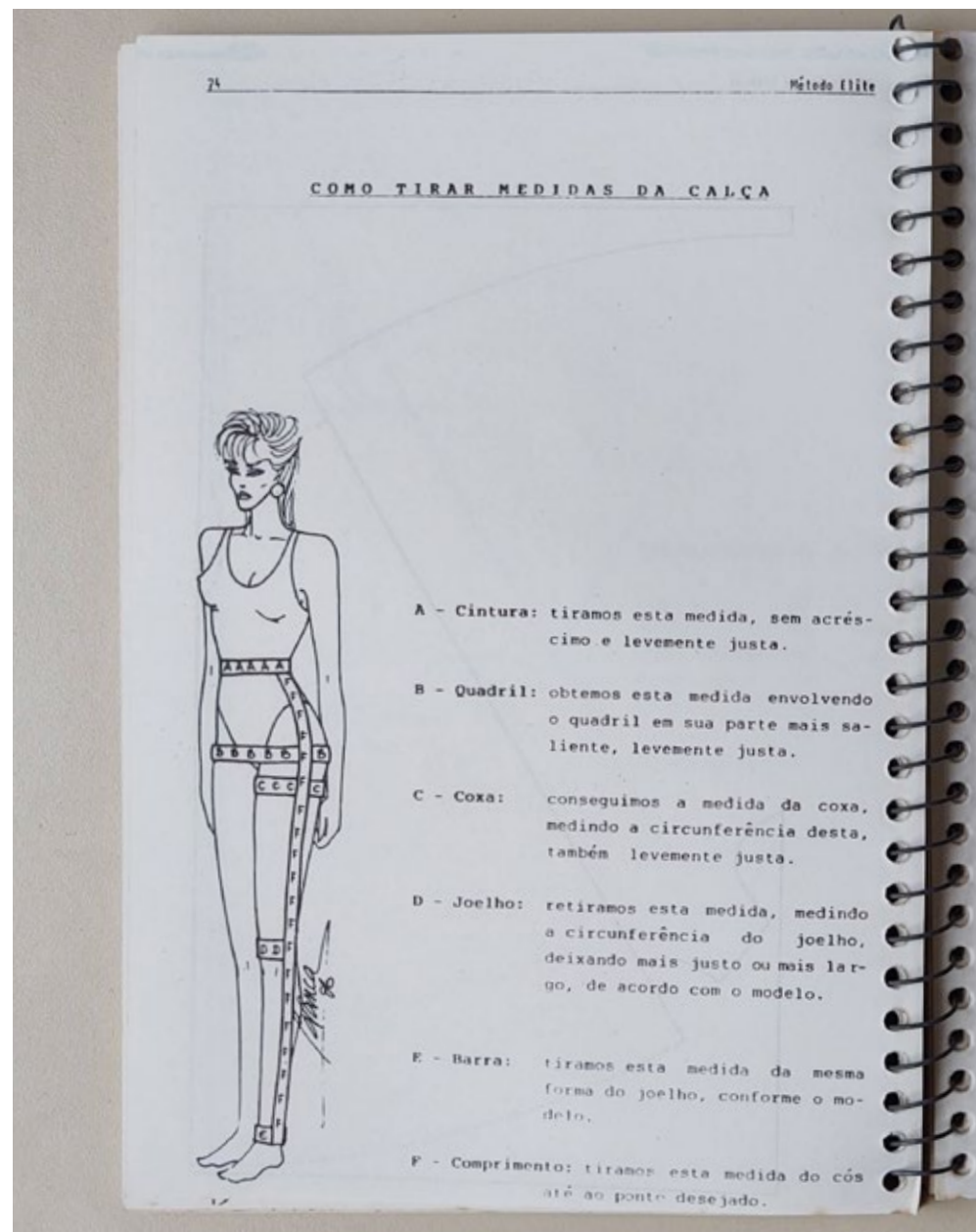
Quadril	88	112
Busto	84	108
Compr. blusa	40	46
Compr. saia	62	76
Costas	36	44
Cintura	64	84
Altura da pence	23	26

- \overline{AB} : metade do quadril;
 \overline{BH} : comprimento da blusa;
 \overline{BC} : um quarto do busto, mais um centímetro;
 \overline{AD} : um quarto do busto, menos um centímetro;
 \overline{BG} : metade das costas, mais dois centímetros;
 \overline{BE} e \overline{AF} : metade das costas;
 \overline{HI} : comprimento da saia;
 L : metade de \overline{HM} ;
 \overline{PJ} e \overline{NR} : um quarto da cintura mais a medida da pence. (Neste caso não leva pence, mas aumentamos para deixar mais amplo.)
 \overline{IO} : igual a \overline{HP} (aumento da pence lateral \overline{LT}).

Quando desenhamos um modelo que não leva a pence lateral, fechamos a mesma depois de desenhada. Exemplo: para vestidos soltos, blusas e casacos, sempre devemos colocar o aumento \overline{HP} , \overline{IO} , mesmo que o modelo não tenha, para evitar que fique curto na frente.

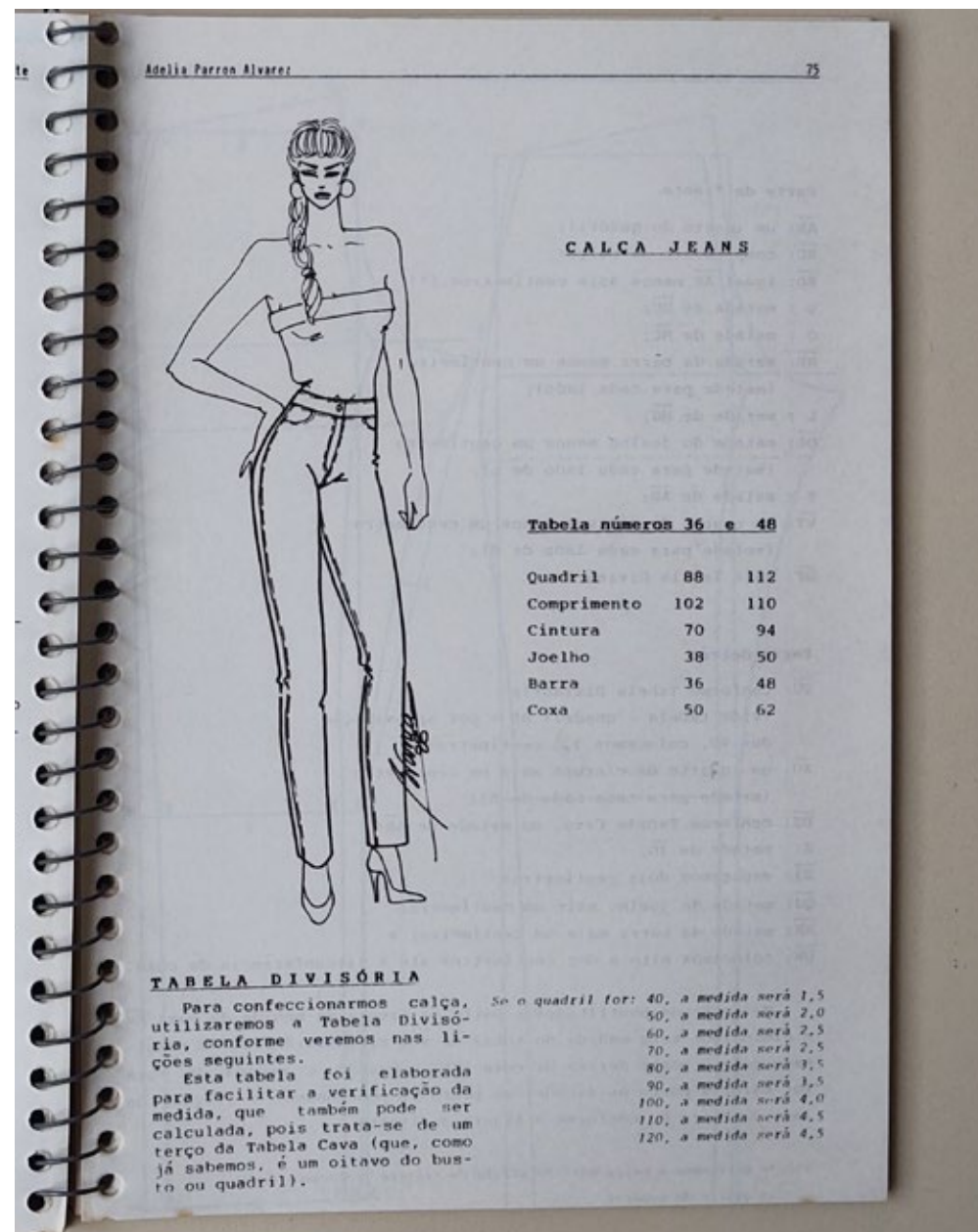
Ficha técnica Método Elite | FTME-L68

Ano	1987
Lição Título	COMO TIRAR MEDIDAS DA CALÇA
Página	74
Croqui	1, com modelo
Medidas	cintura, quadril, coxa, joelho, barra, comprimento
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui
Texto	<p>A - Cintura: tiramos esta medida, sem acréscimo e levemente justa.</p> <p>B - Quadril: obtemos esta medida envolvendo o quadril em sua parte mais saliente, levemente justa.</p> <p>C - Coxa: conseguimos a medida da coxa, medindo a circunferência desta, também levemente justa.</p> <p>D - Joelho: retiramos esta medida, medindo a circunferência do joelho, deixando mais justo ou mais largo, de acordo com o modelo.</p> <p>E - Barra: tiramos esta medida da mesma forma do joelho, conforme o modelo.</p> <p>F - Comprimento: tiramos esta medida do cós até o ponto desejado.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L69

Ano	1987
Lição Título	TABELA DIVISÓRIA
Página	75
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
	TABELA DIVISÓRIA
	Para confeccionarmos calça, utilizaremos a Tabela Divisória, conforme veremos nas lições seguintes. Esta tabela foi elaborada para facilitar a verificação da medida, que também pode ser calculada, pois trata-se de um terço da Tabela Cava (que, como já sabemos, é um oitavo do busto ou quadril).
Texto	Se o quadril for: 40, a medida será 1,5 cm 50, a medida será 2,0 cm 60, a medida será 2,5 cm 70, a medida será 2,5 cm 80, a medida será 3,5 cm 90, a medida será 3,5 cm 100, a medida será 4,0 cm 110, a medida será 4,5 cm 120, a medida será 4,5 cm



Ficha técnica Método Elite | FTME-L70

Ano	1987
Lição Título	CALÇA JEANS
Página	75, 76, 77, 78, 79, 80
Croqui	1, com modelo, de frente
Medidas	quadril, comprimento, cintura, joelho, barra, coxa
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4

Texto

Parte da frente
AB: um quarto do quadril;
BC: comprimento da calça;
BD: igual a AB menos dois centímetros (*);
G: metade de DC;
O: metade de MC;
NP: metade da barra menos um centímetro (metade para cada lado);
L: metade de HG;
QE: metade do joelho menos um centímetro (metade para cada lado de L);
S: metade de AB;
VT: um quarto da cintura menos um centímetro (metade para cada lado de S);
DF: meia Tabela Divisória;

Parte detrás
TU: conforme Tabela Divisória (vide tabela - quadril 88 - por aproximação dos 90, colocamos 3,5 centímetros);
XU: um quarto da cintura mais um centímetro (metade para cada lado de S);
DZ: conforme Tabela Cava, ou metade de AB;
Z: metade de IG;
ZI: espaçamos dois centímetros;

QJ: metade do joelho mais um centímetro;
NR: metade da barra mais um centímetro; e
DW: colocamos oito a dez centímetros até a circunferência da coxa.

Medimos nos pontilhados a parte da frente da medida da coxa KW e diminuimos esta medida do total de sua circunferência. O resultado será a parte detrás da coxa (KY). Quando a medida da coxa for maior a ponto de exceder ao ponto Y, continuamos o traçado do lado da letra K, conforme figura à direita.

(*)Se quisermos a calça mais na altura da cintura, colocamos em BD - um quarto do quadril.

Depois de abirmos os moldes (frente e costas), desenhemos o modelo (partes número 1 e 2). A vista da calça pode ser separada ou inteira (figura número 2). Aumentamos de seis a oito centímetros para fazer a vista. Ao cortar, dobramos o molde dobrado na cintura, que como vemos, fica mais alto. Se cortamos sem dobrar, não alcançará na cintura, onde pregamos o cóis.

Colocamos os moldes sobre o tecido e cortamos com costura. Cortamos duas partes de cada, pois conforme vemos no encaixe de moldes, o tecido deve ficar duplo.

Aplicamos o forro (parte número 4) do bolso neste encaixe, simplesmente para melhor visualização, mas devemos cortá-lo em tecido fino (próprio para forro) para evitarmos que a costura fique grossa.



CALÇA JEANS

Tabela números 36 e 48

Quadril	88	112
Comprimento	102	110
Cintura	70	94
Joelho	38	50
Barra	36	48
Coxa	50	62

TABELA DIVISÓRIA

Para confeccionarmos calça, utilizaremos a Tabela Divisória, conforme veremos nas lições seguintes.
Esta tabela foi elaborada para facilitar a verificação da medida, que também pode ser calculada, pois trata-se de um terço da Tabela Cava (que, como já sabemos, é um oitavo do busto ou quadril).

Se o quadril for:	40, a medida será 1,5
	50, a medida será 2,0
	60, a medida será 2,5
	70, a medida será 2,5
	80, a medida será 3,5
	90, a medida será 3,5
	100, a medida será 4,0
	110, a medida será 4,5
	120, a medida será 4,5

Parte da frente

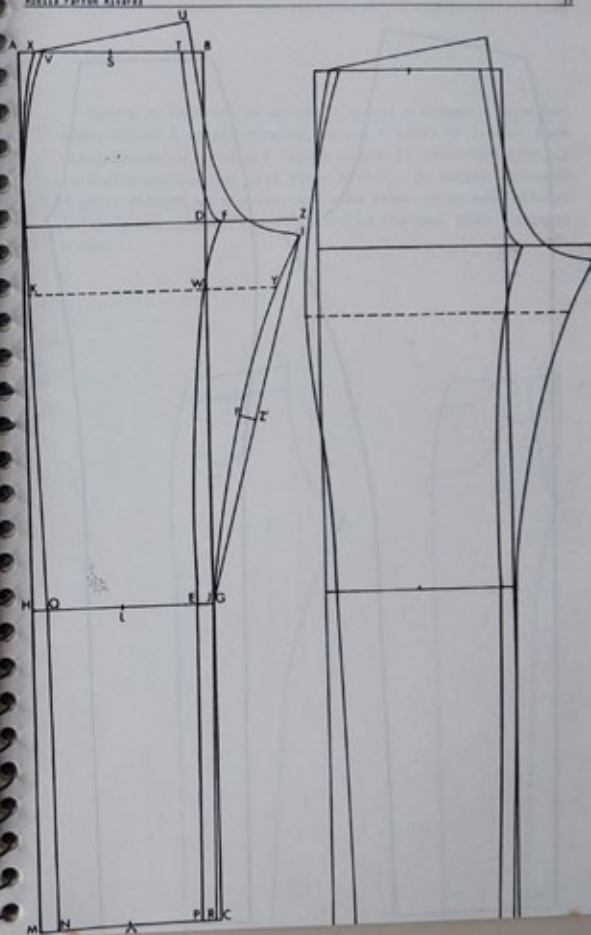
- \overline{AB} : um quarto do quadril;
- \overline{BC} : comprimento da calça;
- \overline{BD} : igual \overline{AB} menos dois centímetros; (*)
- \overline{G} : metade de \overline{DC} ;
- \overline{O} : metade de \overline{MC} ;
- \overline{NP} : metade da barra menos um centímetro (metade para cada lado);
- \overline{L} : metade de \overline{HG} ;
- \overline{QE} : metade do joelho menos um centímetro (metade para cada lado de \overline{L});
- \overline{S} : metade de \overline{AB} ;
- \overline{VT} : um quarto da cintura menos um centímetro (metade para cada lado de \overline{S});
- \overline{DF} : meia Tabela Divisória;

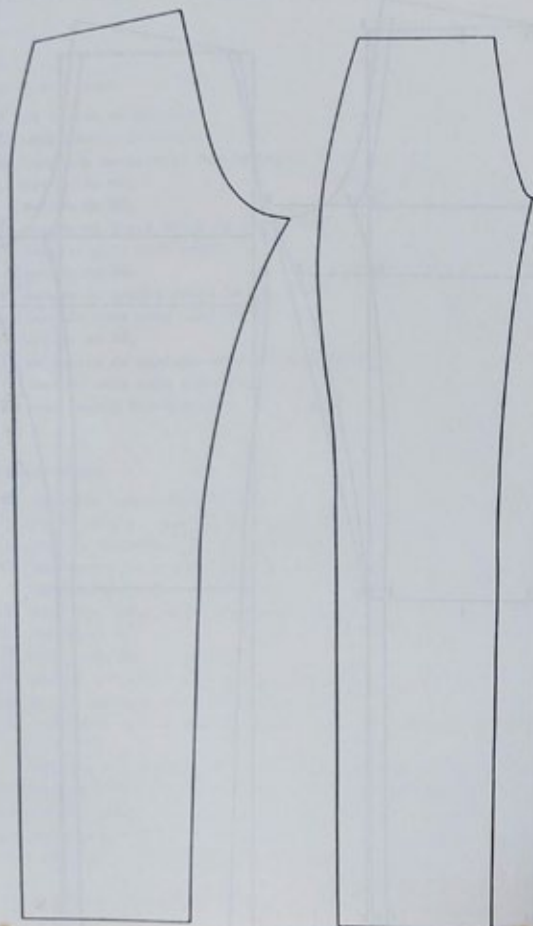
Parte de trás

- \overline{TU} : conforme Tabela Divisória (vide tabela - quadril 88 - por aproximação dos 90, colocamos 3,5 centímetros);
- \overline{XU} : um quarto da cintura mais um centímetro (metade para cada lado de \overline{S});
- \overline{DZ} : conforme Tabela Cava, ou metade de \overline{AB} ;
- \overline{Z} : metade de \overline{IG} ;
- \overline{ZI} : espaçamos dois centímetros;
- \overline{QJ} : metade do joelho mais um centímetro;
- \overline{NR} : metade da barra mais um centímetro; e
- \overline{DW} : colocamos oito a dez centímetros até a circunferência da coxa.

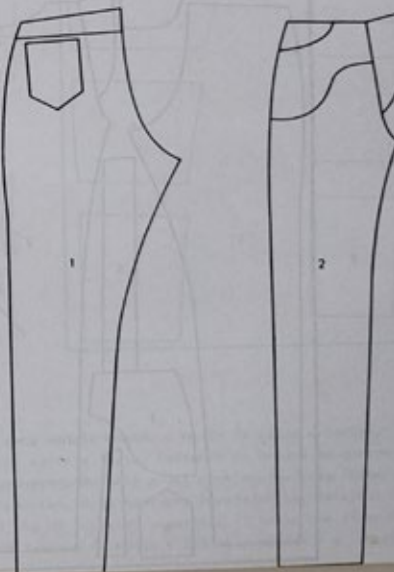
Medimos nos pontos marcados a parte da frente da medida da coxa \overline{KW} e diminuímos esta medida do total de sua circunferência. O resultado será a parte de trás da coxa (\overline{KY}). Quando a medida da coxa for maior a ponto de exceder ao ponto \overline{Y} , continuamos o traçado do lado da letra \overline{K} , conforme a figura à direita.

(*) Se quisermos a calça mais na altura da cintura, colocamos em \overline{BD} um quarto do quadril.



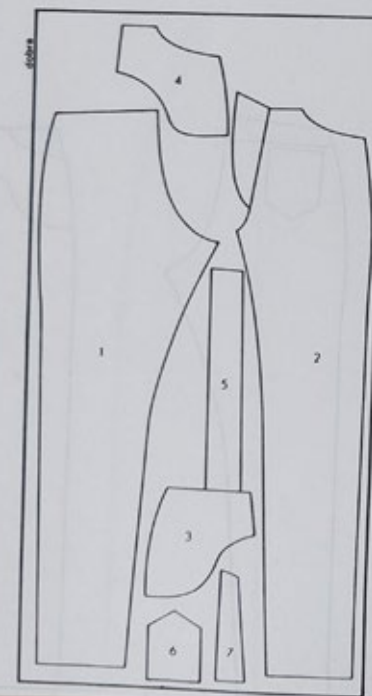


Depois de abrimos os moldes (frente e costas), desenhamos o modelo (partes números 1 e 2). A vista da calça pode ser separada ou inteira (figura número 2). Aumentamos de 8 cm a oito centímetros para fazer a vista. Ao cortar, dobramos o molde dobrado na cintura, que como vemos, fica mais alto. Se cortamos sem dobrar, não alcançará na cintura, onde pregamos o cós.



Colocamos os moldes sobre o tecido e cortamos com costura. Cortamos duas partes de cada, pois como vemos no encaixe de moldes, o tecido deve ficar duplo.

Aplicamos o forro (parte número 4) do bolso neste encaixe, simplesmente para melhor visualização, mas devemos cortá-lo em tecido fino (próprio para forro) para evitarmos que a costura fique grossa.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L71

Ano	1987
Lição Título	SAIA CALÇA GODÊ
Página	96, 97
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para a confecção de uma saia calça godê, usamos tecido enfiado de 1,40 a 1,50 metros - dependendo do comprimento da saia - para não levar emenda.</p> <p>AB: dobra do tecido enviesado, para o godê; CL: afastamos de dez a doze centímetros, dependendo da Tabela Cava, para fazermos a parte detrás.</p> <p>Parte da frente: EH: um quarto da cintura mais dois centímetros; AH e AE: rodamos a fita métrica para ficar bem arredondada; HL: comprimento da saia, mais quatro centímetros de barra (colocamos a fita métrica no ponto A, passando pelo L, rodando até o ponto R, deixando-a arredondada). HI: um quarto do quadril mais dois centímetros; GH: entramos quatro centímetros (espaço para pregar zíper).</p> <p>Parte detrás: ID: conforme Tabela Cava; HF: conforme Tabela Divisória; EF: um quarto da cintura mais dois centímetros.</p> <p>Colocamos a Régua Elite - Gancho 2 - do ponto D ao F e traçamos.</p>

SAIA CALÇA GODÊ



Tabela números 36 e 48

Quadril	88	112
Comprimento	62	76
Cintura	64	84

Para a confecção de uma saia calça godê, usamos tecido enfiado de 1,40 a 1,50 metros - dependendo do comprimento da saia - para não levar emenda.

\overline{AB} : dobra do tecido enviesado, para o godê;

\overline{CL} : afastamos de dez a doze centímetros, dependendo da Tabela Cava, para fazermos a parte detrás.

Parte da frente:

\overline{EH} : um quarto da cintura mais dois centímetros;

\overline{AH} e \overline{AE} : rodamos a fita métrica para ficar bem arredondada;

\overline{HL} : comprimento da saia, mais quatro centímetros de barra (colocamos a fita métrica no ponto A, passando pelo L, rodando até ao ponto R, deixando-a arredondada).

\overline{HI} : um quarto do quadril mais dois centímetros;

\overline{GH} : entramos quatro centímetros (espaço para pregarmos zíper).

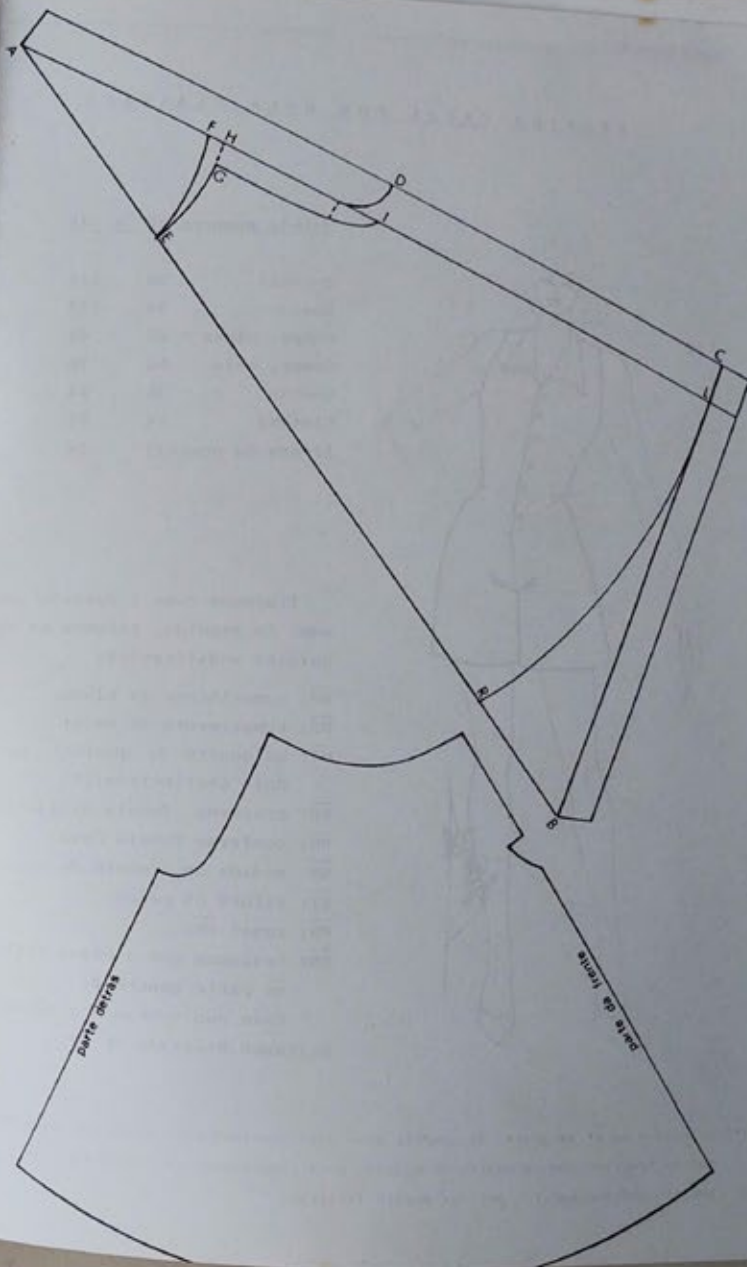
Parte detrás:

\overline{ID} : conforme Tabela Cava;

\overline{HF} : conforme Tabela Divisória;

\overline{EF} : um quarto da cintura mais dois centímetros.

Colocamos a Régua Elite - Gancho 2 - do ponto D ao F e traçamos.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L72

Ano	1987
Lição Título	TABELAS DE MEDIDAS
Página	132, 133
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	manequim 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	Tabelas de medidas: saia, blusa, vestido, manga, calça jeans e malha para ginástica.

Tabelas de medidas

<u>Saia</u>	36	38	40	42	44	46	48	50
Quadril	88	92	96	100	104	108	112	116
Comprimento	62	64	66	68	70	72	74	76
Cintura	64	68	72	76	80	84	88	92

<u>Blusa</u>	36	38	40	42	44	46	48	50
Busto	84	88	92	96	100	104	108	112
Comprimento	40	41	42	43	44	45	46	47
Costas	36	37	38	39	40	41	42	43
Altura da pence	23	23	24	24	25	25	26	26

<u>Vestido</u>	36	38	40	42	44	46	48	50
Quadril	88	92	96	100	104	108	112	116
Comp. Blusa	40	41	42	43	44	45	46	47
Comp. Saia	62	64	66	68	70	72	74	76
Busto	84	88	92	96	100	104	108	112
Costas	36	37	38	39	40	41	42	43
Cintura	64	68	72	76	80	84	88	92
Altura da pence	23	23	24	24	25	25	26	26

<u>Manga</u>	36	38	40	42	44	46	48	50
Costas	36	37	38	39	40	41	42	43
Comp. manga	56	57	58	59	60	61	62	63
Manga curta	16	17	18	19	20	21	22	23
Punho manga curta	30	31	32	33	34	35	36	37
Punho manga comp.	22	23	24	25	26	27	28	29

<u>Calça jeans</u>	36	40	40	42	44	46	48	50
Quadril	88	92	96	100	104	108	112	116
Comprimento	100	102	104	106	108	110	112	114
Joelho	40	42	44	46	48	50	52	54
Barra	38	40	42	44	46	48	50	52
Coxa	56	58	60	62	64	66	68	70
Cintura	64	68	72	76	80	84	88	92

<u>Malha para ginástica</u>	P	M	G	SG
Quadril	70	74	82	86
Busto	62	66	74	78
Blusa	31	35	39	43
Comprimento	81	85	89	93
Barra	18	20	22	24
Joelho	30	32	34	36
Coxa	34	38	42	46
Cintura	52	60	68	76

Ficha técnica Método Elite | FTME-L73

Ano	1987
Lição Título	RÉGUA ELITE
Página	-
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	2
Texto	

Ficha técnica Método Elite | FTME-L74

Ano	2014
Lição Título	COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO
Página	8, 9
Croqui	2, com modelo, frente e costas
Medidas	busto, costas, cintura, quadril, comprimento da blusa, comprimento da saia, comprimento da manga, punho
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui

A - Busto E - Comprimento da blusa
B - Costas F - Comprimento da saia
C - Cintura G - Comprimento da manga
D - Quadril H - Punho

Texto

A - Busto: Obtemos essa medida colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar entre quatro a cinco centímetros.

B - Costas: Devemos tirar esta medida, colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

C - Cintura: Como o próprio nome indica: da cintura, sem nenhum acréscimo. Deixamos levemente ajustada.

D - Quadril: Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais saliente, levemente ajustada e acrescentando entre dois a quatro centímetros.

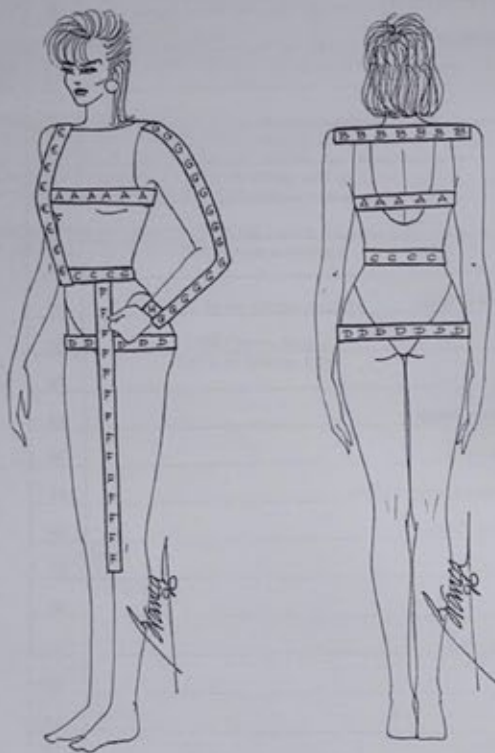
E - Comprimento da blusa: Colocamos a fita métrica na parte da frente, , junto ao pescoço, passando pelo busto, desde a linha da costura do ombro até a cintura.

F - Comprimento da saia: Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.

G - Comprimento da manga: Tomamos o comprimento da manga, com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava - passando pelo cotovelo - até ao final do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.

H - Punho: Tomamos a circunferência, levemente ajustada, na linha do punho.

COMO TIRAR MEDIDAS DO VESTIDO



A - Busto	E - Comprimento da blusa
B - Costas	F - Comprimento da saia
C - Cintura	G - Comprimento da manga
D - Quadril	H - Punho

A - Busto:

Obtemos esta medida colocando a fita métrica por baixo dos braços, de forma a envolver o tórax em sua parte mais elevada. Nesta medida, devemos acrescentar entre quatro a cinco centímetros.

B - Costas:

Devemos tirar esta medida, colocando-se a fita métrica de ombro a ombro.

C - Cintura:

Como o próprio nome indica: da cintura, sem nenhum acréscimo. Deixamos levemente ajustada.

D - Quadril:

Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais saliente, levemente ajustada e acrescentando entre dois a quatro centímetros.

E - Comprimento da blusa:

Colocamos a fita métrica na parte da frente, junto ao pescoço, passando pelo busto, desde a linha da costura do ombro até a cintura.

F - Comprimento da saia:

Para obtermos esta medida, colocamos a fita métrica na cintura e seguimos em linha reta até o comprimento desejado.

G - Comprimento da manga:

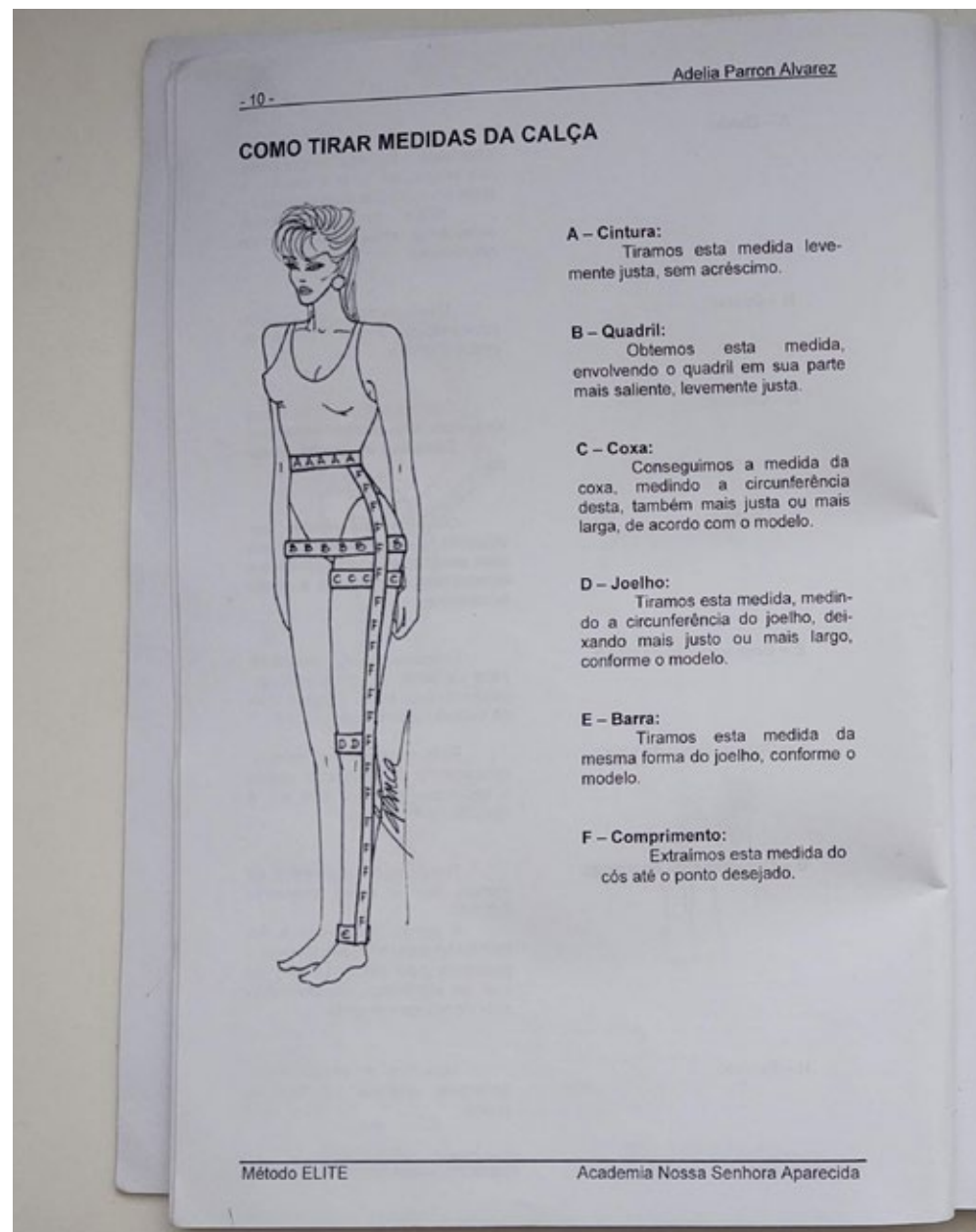
Tomamos o comprimento da manga, com o braço levemente dobrado. A seguir, colocamos a fita métrica na parte mais alta da cava - passando pelo cotovelo - até ao final do antebraço, quando tratarmos de manga comprida.

H - Punho:

Tomamos a circunferência, levemente ajustada, na linha do punho.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L75

Ano	2014
Lição Título	COMO TIRAR MEDIDAS DA CALÇA
Página	10
Croqui	1, com modelo, frente
Medidas	cintura, quadril, coxa, joelho, barra, comprimento
Tabela de medidas	não
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	não possui
Texto	<p>A - Cintura: Tiramos esta medida levemente justa, sem acréscimo.</p> <p>B - Quadril: Obtemos esta medida, envolvendo o quadril em sua parte mais saliente, levemente justa.</p> <p>C - Coxa: Conseguimos a medida da coxa, medindo a circunferência desta, também mais justa ou mais larga, de acordo com o modelo.</p> <p>D - Joelho: Tiramos esta medida, medindo a circunferência do joelho, deixando mais justo ou mais largo, conforme o modelo.</p> <p>E - Barra: Tiramos esta medida da mesma forma do joelho, conforme o modelo.</p> <p>F - Comprimento: Extraímos esta medida do cós até o ponto desejado.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L76

Ano	2014
Lição Título	SAIA JUSTA
Página	11, 12, 13
Croqui	1 frente (principal) e 1 costas (menor)
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3

Texto

AB: Um quarto do quadril.
BC: Comprimento da saia.
BE: Um quarto da cintura, mais três centímetros para a pence (*).
H: Metade de BE.
EF: Traçamos com o esquadro ELITE na parte curva lateral da saia.
(*). Fazemos a pence de acordo com a estatura da pessoa, cabendo aos números de quadril igual ou maior que cem centímetros: quatro centímetros de largura e doze centímetros de comprimento; e aos menores: três centímetros de largura e dez centímetros de comprimento.

Caso o modelo da saia seja afunilado, entramos dois centímetros na lateral da saia, na altura da barra, para ficar mais justa.

Descemos dois centímetros na linha BG, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente.

Com esta correção evitamos que o cóis enrole na altura da cintura.

Marcamos o meio com pontilhado, sendo um centímetro na frente e dois centímetros na parte detrás.

Confeccionamos o cóis da saia, usando a medida da cintura mais oito centímetros para o comprimento, e de oito a nove

centímetros de largura.

Nesta medida já temos incluído o espaço para a costura. Cortamos a entretela com uma largura de três a quatro centímetros, para que o cóis fique mais firme, evitando que este venha a enrolar.

Cortamos a parte da frente na dobra do tecido, deixando dois centímetros de costura na lateral, um centímetro na cintura e quatro centímetros na barra. Para cortarmos a parte detrás, usamos a parte da frente, deixando três centímetros para a abertura atrás.

Arrematamos todas as partes com ziguezague, overloque ou à mão. Costuramos na parte detrás, entre o zíper e a abertura da saia.

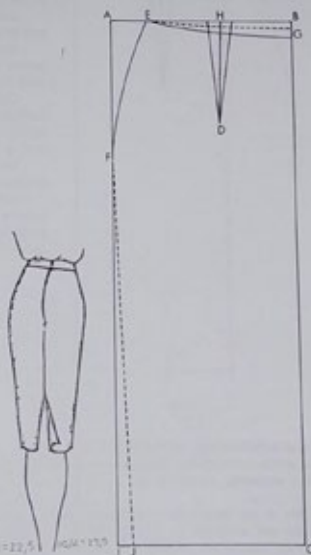
Deixamos entre quinze a vinte centímetros na cintura de acordo com o tamanho do zíper. Na abertura da barra deixamos vinte e cinco centímetros, já com a barra, ou de acordo com o gosto pessoal.

Costuramos o zíper; fechamos as laterais e as pences; entretelamos e pregamos o cóis. Passamos a saia, abrindo as costuras com ferro. Finalmente, fazemos a barra e colocamos o gancho no cóis.

SAIA JUSTA



MEDIDAS	36	48
Quadril	90	114
Comprimento	54	62
Cintura	68	92



- AB:** Um quarto do quadril. $\frac{90}{4} = 22,5$ $\frac{114}{4} = 28,5$
- BC:** Comprimento da saia. $\frac{54}{4} = 13,5$ $\frac{62}{4} = 15,5$
- BE:** Um quarto da cintura, mais três centímetros para a pence (*). $\frac{68}{4} = 17 + 3 = 20$
- H:** Metade de **BE**. $\frac{20}{2} = 10$
- EF:** Traçamos com o esquadro ELITE na parte curva lateral da saia.
- (*) Fazemos a pence de acordo com a estatura da pessoa, cabendo aos números de quadril igual ou maior que cem centímetros: quatro centímetros de

largura e doze centímetros de comprimento; e aos menores: três centímetros de largura e dez centímetros de comprimento.

Caso o modelo da saia seja afunilado, entramos dois centímetros na lateral da saia, na altura da barra, para ficar mais justa.

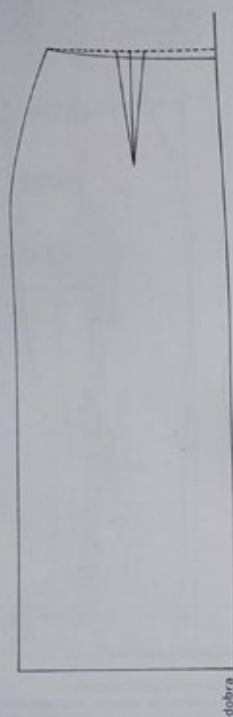
Descemos dois centímetros na linha **BC**, somente quando notamos cintura fina e quadril saliente.

Com esta correção evitamos que o cós enrole na altura da cintura.

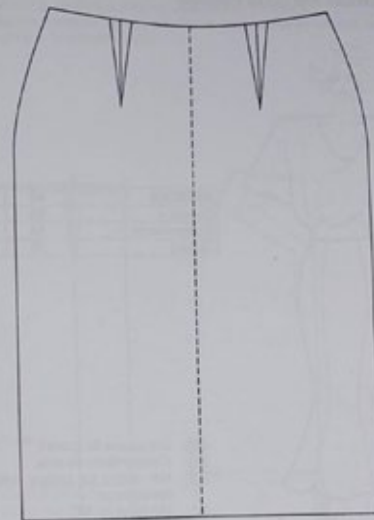
Marcamos o meio com pontilhado, sendo um centímetro na frente e dois centímetros na parte atrás.

Confeccionamos o cós da saia, usando a medida da cintura mais oito centímetros para o comprimento, e de oito a nove centímetros de largura. Nesta medida já temos incluído o espaço para a costura.

Cortamos a entretela com uma largura de três a quatro centímetros, para que o cós fique mais firme, evitando que este venha a enrolar.



dobra



Cortamos a parte da frente na dobra do tecido, deixando dois centímetros de espaço para costura na lateral, um centímetro na cintura e quatro centímetros na barra. Para cortamos a parte atrás, usamos a parte da frente, deixando três centímetros para a abertura atrás.

Arrematamos todas as partes com ziguezague, overlocke ou à mão.

Costuramos na parte atrás, entre o zíper e a abertura da saia. Deixamos entre quinze a vinte centímetros na cintura, de acordo com o tamanho do zíper. Na abertura da barra deixamos vinte e cinco centímetros, já com a barra, ou de acordo com o gosto pessoal.

Costuramos o zíper; fechamos as laterais e as pences; entretelamos e pregamos o cós. Passamos a saia, abrindo as costuras com ferro. Finalmente, fazemos a barra e colocamos o gancho no cós.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L77

Ano	2014
Lição Título	SAIA SEREIA EM SEIS PANOS
Página	14, 15
Croqui	1, com modelo, de frente
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 40 e 44
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: Um quarto do quadril. BC: Comprimento da saia. BD: Um quarto da cintura mais quatro centímetros. E: Um terço de BD. BF: Colocamos um centímetro.</p> <p>Desenhamos a altura que abrimos os moldes, ou seja, na altura do joelho, como indica os pontilhados. Cortamos quatro partes número 1, abrindo nos pontilhados. Cortamos duas partes número 2 na dobra e abrimos igual a número 1. Marcamos o meio (G), colocando entre oito a dez centímetros de cada lado, deixando a mesma medida na parte número 2.</p> <p>Cortamos com espaço para costura e barra. Costuramos as partes número 1 na número 2, sendo que colocamos a número 2 no meio. Fazemos o mesmo com a parte detrás, costuramos as laterais, colocamos o zíper na lateral e, finalmente, o cós.</p>

SAIA SEREIA EM SEIS PANOS

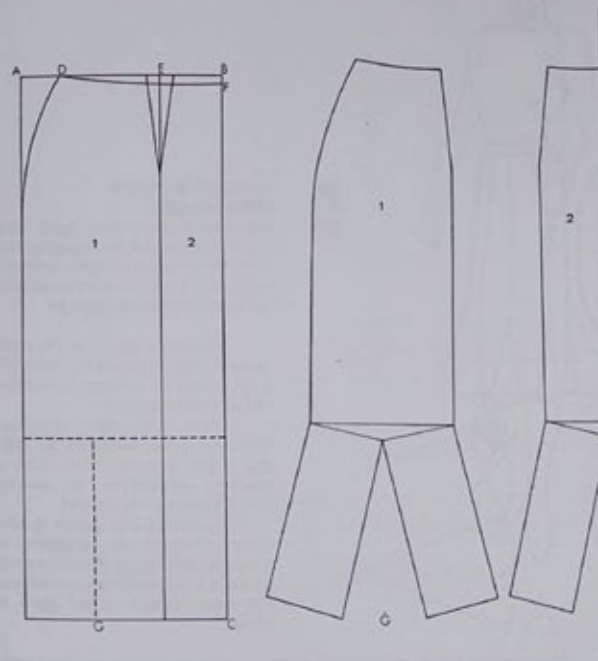


MEDIDAS	40	44
Quadril	98	106
Comprimento	58	62
Cintura	76	84

- AB:** Um quarto do quadril. $\frac{98}{4} = 24,5$
- BC:** Comprimento da saia.
- BD:** Um quarto da cintura mais quatro centímetros. $\frac{76}{4} + 4 = 23$
- E:** Um terço de **BD**. $\frac{23}{3} = 7,6$
- BF:** Colocamos um centímetro.

Desenhamos a altura que abrimos os moldes, ou seja, na altura do joelho, como indica os pontilhados.
 Cortamos quatro partes número 1, abrindo nos pontilhados.
 Cortamos duas partes número 2 na dobra e abrimos igual a número 1.
 Marcamos o meio (G), colocando entre oito a dez centímetros de cada lado, deixando a mesma medida na parte número 2.

Cortamos com espaço para costura e barra. Costuramos as partes número 1 na número 2, sendo que colocamos a número 2 no meio.
 Fazemos o mesmo com a parte detrás, costuramos as laterais, colocamos o zíper na lateral e, finalmente, o cós.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L78

Ano	2014
Lição Título	SAIA TALHADA COM BARRA EM CONES
Página	16, 17
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>AB: Um quarto do quadril; D: Metade de AB; EF: Um quarto da cintura mais três centímetros para a pence, ou quatro - conforme vimos na lição anterior, colocando a metade para cada lado da letra D, formando DE e DF.</p> <p>Deixamos os talhos (1) e (2) com costura; cortamos os cones (3) e cruzamos os moldes, como vemos nas ilustrações. Para ficar bem redondo, formando godê, medimos de AB, AC e AD, usando entre trinta a quarenta centímetros, de acordo com o comprimento da saia.</p> <p>Cortamos oito talhos e oito cones, deixando um centímetro e meio nas laterais; dois centímetros na barra e um centímetro na cintura. Podemos também cortar godê e plissar.</p> <p>Costuramos a saia, arrematando primeiramente os talhos e os cones com ziguezague ou overloque.</p> <p>Costuramos os cones entre os talhos; colocamos o zíper e o cós; e finalmente: a barra.</p> <p>Com este mesmo molde podemos fazer a saia tipo sereia e a saia talhada, como vimos nos moldes números 1 e 2 na lição anterior.</p>

SAIA TALHADA COM BARRA EM CONES

MEDIDAS	36	48
Quadril	90	114
Comprimento	62	74
Cintura	68	92



- AB:** Um quarto do quadril. $\frac{90}{4} = 22,5$
- D:** Metade de **AB**. $\frac{22,5}{2}$
- EE:** Um quarto da cintura mais três centímetros para a pence, ou quatro – conforme vimos na lição anterior, colocando a metade para cada lado da letra **D**, formando **DE** e **DF**. $\frac{68}{4} = 17 + 3$

Deixamos os talhos (1) e (2) com costura; cortamos os cones (3) e cruzamos os moldes, conforme vemos nas ilustrações.

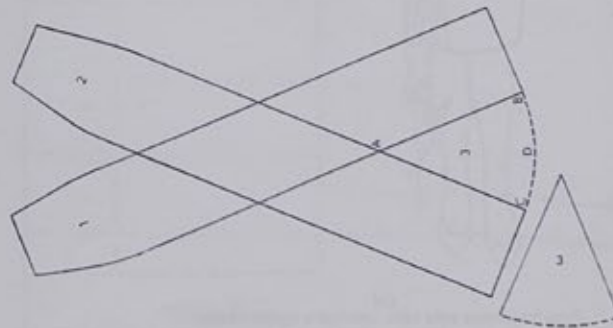
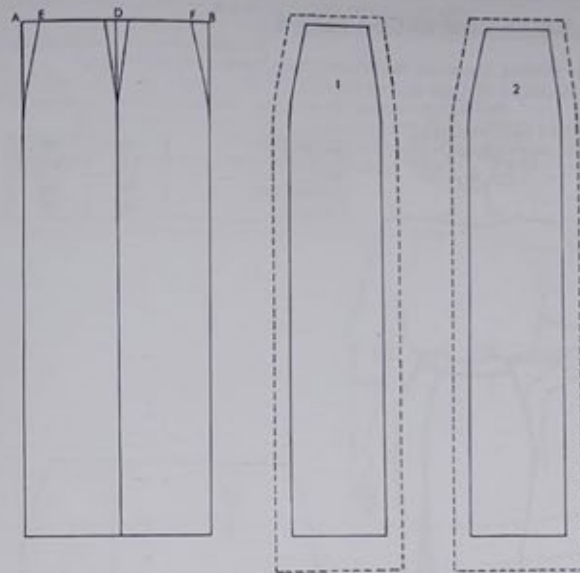
Para ficar bem redondo, formando godê, medimos de **AB**, **AC** e **AD**, usando entre trinta a quarenta centímetros, de acordo com o comprimento da saia.

Cortamos oito talhos e oito cones, deixando um centímetro e meio nas laterais; dois centímetros na barra e um centímetro na cintura. Podemos também cortar godê e plissar.

Costuramos a saia, arrematando primeiramente os talhos e os cones com ziguezague ou overloque.

Costuramos os cones entre os talhos; colocamos o zíper e o cós; e finalmente: a barra.

Com este mesmo molde podemos fazer a saia tipo sereia e a saia talhada, como vimos nos moldes números 1 e 2 na lição anterior.



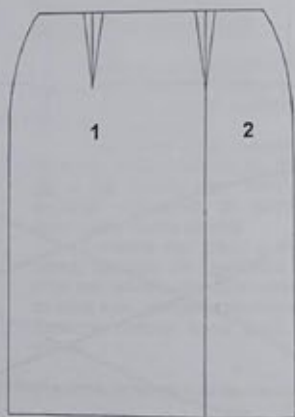
Ficha técnica Método Elite | FTME-L79

Ano	2014
Lição Título	SAIA JUSTA COM PREGA LEQUE
Página	18, 19
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 46 e 50
Legenda explicando pontos	não possui
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para traçarmos esta saia, usamos o molde básico. Sempre que um lado for diferente do outro, teremos que abrir o molde, ficando a saia inteira.</p> <p>Em seguida, cortamos a segunda pence até embaixo (na medida do comprimento).</p> <p>Separamos trinta e dois centímetros entre as partes 1 e 2, para posteriormente fazermos as pregas, de oito centímetros cada.</p> <p>Neste espaço para pregas, marcamos o meio e dividimos embaixo em quatro partes, na altura desejada.</p> <p>No lado de cima, pontilhamos na metade da quarta parte já efetuada embaixo, seguindo o contorno do molde até o final da segunda pence, em ambos os pedaços de molde que são divididos pelo espaço para pregas.</p> <p>Deixamos a altura da prega a gosto (mais alta ou mais baixa); e de costura, a medida da metade de sua profundidade, para que, ao costurarmos, deixemos apoio para costurá-la por dentro (vide pontilhados).</p>

SAIA JUSTA COM PREGA LEQUE



MEDIDAS	46	50
Quadril	110	118
Comprimento	64	68
Cintura	88	96



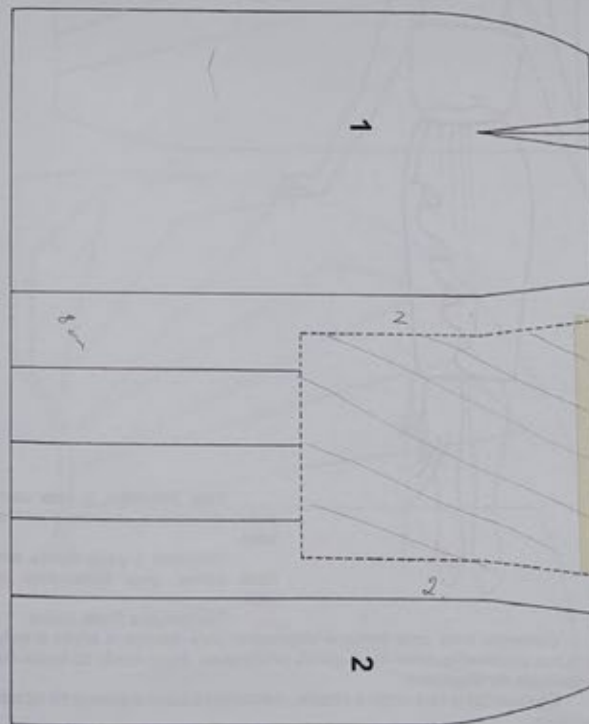
Para traçarmos esta saia, usamos o molde básico.
 Sempre que um lado for diferente do outro, teremos que abrir o molde, ficando a saia inteira.
 Em seguida, cortamos a segunda pence até embaixo (na medida do comprimento).

Separamos trinta e dois centímetros entre as partes 1 e 2, para posteriormente fazermos as pregas, de oito centímetros cada.

Neste espaço para pregas, marcamos o meio e dividimos embaixo em quatro partes, na altura desejada.

No lado de cima, pontilhamos na metade da quarta parte já efetuada embaixo, seguindo o contorno do molde até o final da segunda pence, em ambos os pedaços de molde que são divididos pelo espaço para pregas.

Deixamos a altura da prega a gosto (mais alta ou mais baixa); e de costura, a medida da metade de sua profundidade, para que, ao costurarmos, deixemos apoio para costurá-la por dentro (vide pontilhados).



Ficha técnica Método Elite | FTME-L80

Ano	2014
Lição Título	SAIA COM PANOS DRAPEADOS
Página	20, 21
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	não
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para cortarmos a saia com panos drapeados, usamos o molde base.</p> <p>Cortamos a parte detrás em duas partes, para colocarmos o zíper.</p> <p>Tiramos uma frente inteira.</p> <p>Cortamos mais uma frente e recortamos para darmos o efeito drapê, abrindo nos pontilhados entre dez a quinze centímetros, dependendo do tecido ou da quantidade de drapeados.</p> <p>Costuramos a saia como a anterior, colocando o pano drapeado na lateral e na cintura.</p> <p>Franzimos levemente a cintura para termos um melhor caimento do drapeado.</p>

SAIA COM PANOS DRAPEADOS

MEDIDAS	36	48
Quadri	90	114
Comprimento	62	74
Cintura	68	92



Para cortarmos a saia com panos drapeados, usamos o molde base.

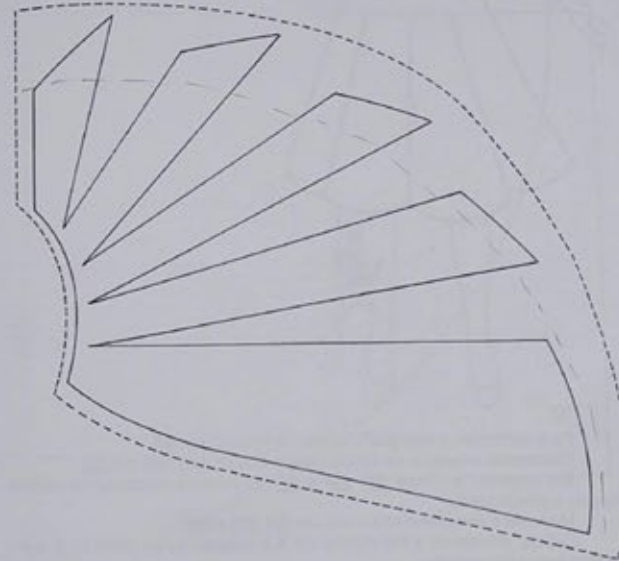
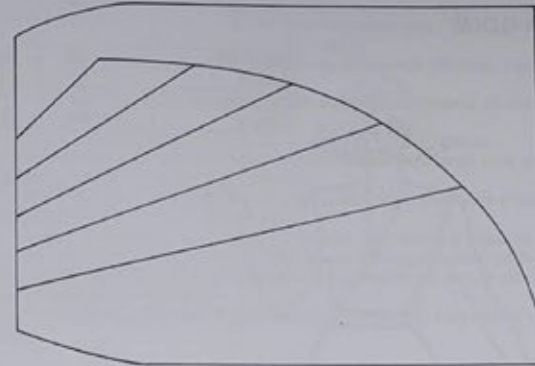
Cortamos a parte detrás em duas partes, para colocarmos o zíper.

Tiramos uma frente inteira.

Cortamos mais uma frente e recortamos para darmos o efeito drapê, abrindo nos pontilhados entre dez a quinze centímetros, dependendo do tecido ou da quantidade de drapeados.

Costuramos a saia como a anterior, colocando o pano drapeado na lateral e na cintura.

Franzimos levemente a cintura para termos um melhor caimento do drapeado.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L81

Ano	2014
Lição Título	SAIA GODÊ
Página	22, 23
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1

Texto

Para cortarmos a saia godê, dobramos o tecido em AE. Colocamos a metade da cintura menos dois centímetros em CD. Em seguida, medimos AD, AB e AC, seguindo o contorno da cintura, deixando-a arredondada. Medimos o comprimento da saia em DH, BG e CE. Depois, colocamos a fita métrica em A e rodamos pelas letras H, G e E - para ficar bem arredondada. Ao cortarmos, podemos deixar no máximo: cinco centímetros de barra.

Não fazemos pregas ao marcar a barra, e sim: passamos uma costura de franzir e distribuimos o franzido, até ela ficar bem assentada. Fazemos este godê com apenas uma costura. Se o tecido não tiver largura o suficiente, colocamos emenda, conforme vemos nos pontilhados. Para cortarmos o godê duplo, marcamos em CD, um quarto da cintura, e cortamos duas partes. Neste caso, deixamos mais amplo e com costuras nas laterais. Depois de cortarmos o tecido, devemos deixar pendurado pela cintura, para soltar as pontas, e em seguida cortarmos. O melhor meio para cortarmos, é colocando o tecido na mesa e medindo sem esticar (como se estivesse pendurado).

Podemos também, vestindo no manequim, colocarmos a régua no chão, e medirmos em toda a sua volta. Exemplo: Colocamos a régua no chão, partindo do número um, (supondo-se que a parte mais curta seja quarenta) marcamos sempre quarenta e recortamos as sobras. A medida do tecido para o godê é do comprimento da saia mais a metade da cintura.

SAIA GODÊ

MEDIDAS	36	48
Quadril	90	114
Comprimento	62	74
Cintura	68	92



Para cortarmos a saia godê, dobramos o tecido em **AE**.
Colocamos a metade da cintura menos dois centímetros em **CD**, $(C/2 = 34 - 2 = 32)$.
Em seguida, medimos **AD**, **AB** e **AC**, seguindo o contorno da cintura, deixando-a arredondada.
Medimos o comprimento da saia em **DH**, **BG** e **CE**.
Depois, colocamos a fita métrica em **A** e rodamos pelas letras **H**, **G** e **E** para ficar bem arredondada.
Ao cortarmos, podemos deixar no máximo: cinco centímetros de barra.

Não fazemos pregas ao marcarmos a barra, e sim: passamos uma costura de franzir e distribuimos o franzido, até ela ficar bem assentada.

Fazemos este godê com apenas uma costura.

Se o tecido não tiver largura suficiente, colocamos emenda, conforme vemos nos pontilhados.

Para cortarmos o godê duplo, marcamos em **CD**, um quarto da cintura, e cortamos duas partes.

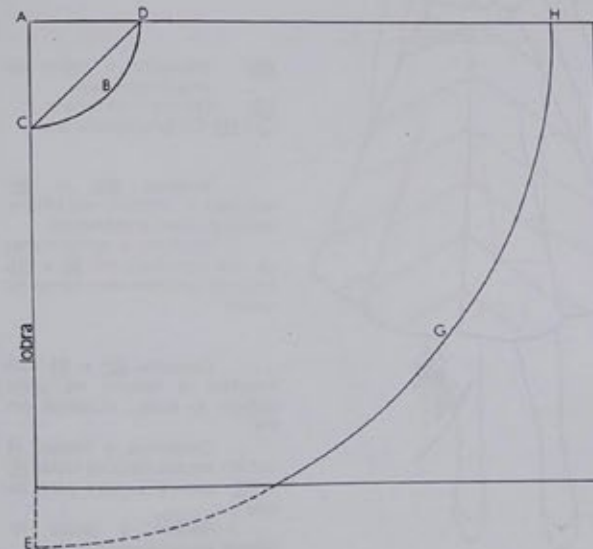
Neste caso, deixamos mais amplo e com costuras nas laterais.

Depois de cortarmos o tecido, devemos deixar pendurado pela cintura, para soltar as pontas, e em seguida cortarmos.

O melhor meio para cortarmos, é colocando o tecido na mesa e medindo sem esticar (como se estivesse pendurado).

Podemos também, vestindo no manequim, colocarmos a régua no chão, e medirmos em toda a volta. Exemplo: Colocamos a régua no chão, partindo do número um, (supondo-se que a parte mais curta seja quarenta) marcamos sempre quarenta e recortamos as sobras.

A medida do tecido para o godê é do comprimento da saia mais a metade da cintura.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L82

Ano	2014
Lição Título	SAIA GODÊ EM 4 PANOS
Página	24, 25
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 42
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	3
Texto	<p>BE: Dobramos o tecido de uma ponta à outra; FG: Um quarto da cintura; G I e F H: Comprimento da saia.</p> <p>Medimos BG e BF, seguindo o contorno da cintura, deixando-a bem arredondada. Medimos o comprimento da saia com barra em GI e FH, traçando conforme procedemos na cintura.</p> <p>Cortamos GF e IH sem tocarmos a tesoura na parte debaixo do tecido. Cortamos em FH. Colocamos o pedaço já cortado sobre o resto do tecido JL e MN, obtendo a outra parte da saia. Quando o tecido for listrado, encontraremos as listras. No caso de desejarmos que seja franzida, deixaremos a cintura maior.</p>

SAIA GODÊ EM QUATRO PANOS



MEDIDAS	36	42
Quadril	90	102
Comprimento	54	60
Cintura	68	80

BE: Dobramos o tecido de uma ponta à outra.
FG: Um quarto da cintura.
GI e FH: Comprimento da saia.

Medimos **BG** e **BF**, seguindo o contorno da cintura, deixando-a bem arredondada.

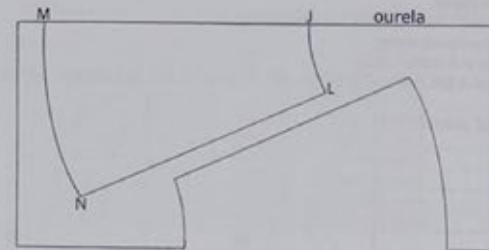
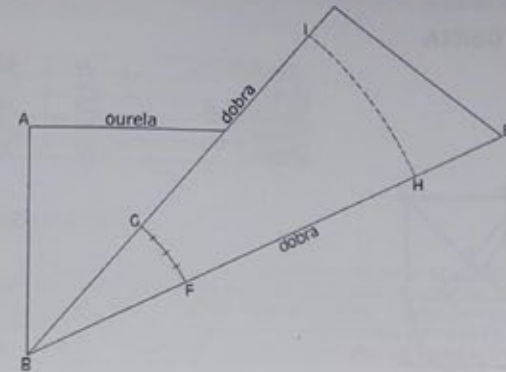
Medimos o comprimento da saia com barra em **GI** e **FH**, traçando conforme procedemos na cintura.

Cortamos **GF** e **IH** sem tocarmos a tesoura na parte de baixo do tecido. Cortamos em **FH**.

Colocamos o pedaço já cortado sobre o resto do tecido **JL** e **MN**, obtendo a outra parte da saia.

Quando o tecido for listrado, encontraremos as listras.

No caso de desejarmos que seja franzida, deixaremos a cintura maior.

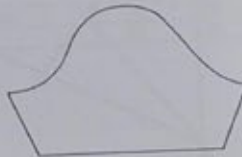
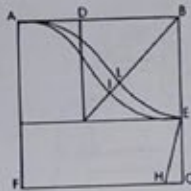


Ficha técnica Método Elite | FTME-L83

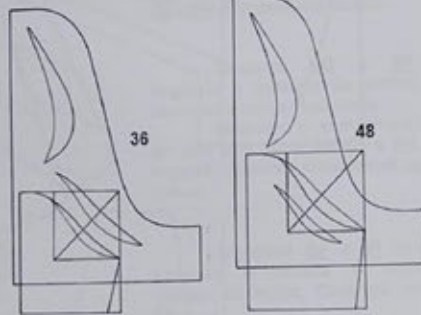
Ano	2014
Lição Título	MANGA CURTA
Página	26, 27
Croqui	não possui
Medidas	busto, comprimento, costas, punho
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4
Texto	<p>AF: Dobra do papel. AB: Metade das costas menos um centímetro. BC: Comprimento da manga. BE: Conforme a Tabela Cava. BD e BI: Igual a BE (até o manequim 42). A partir do 44, diminuímos em BI: um centímetro. FH: Metade do punho. I: Frente L: Costas</p> <p>Utilizamos o Esquadro Elite para traçarmos as cavas da frente e das costas da manga. Nos exemplos acima, temos os números 36 e 48.</p> <p>Para riscarmos o formato da cava, encaixamos o Esquadro Elite sobre o ponto E - e riscamos - para formarmos o desenho EI e EL da fig. 1. Ao riscarmos LA e IA, estaremos produzindo as partes frente e costas da manga. Cortamos a manga (ainda dobrada) em FH, HE, EL e LA. Em seguida, abrimos a dobra e cortamos apenas em E, I e A, para formarmos a cava da frente, que é mais profunda que a das costas.</p>

MANGA CURTA

MEDIDAS	36	48
Busto	84	108
Comprimento	20	26
Costas	36	42
Punho	30	36



- AF: Dobra do papel.
 AB: Metade das costas menos um centímetro.¹⁰
 BC: Comprimento da manga.¹⁰
 BE: Conforme a Tabela Cava.
 BD e BI: Igual a BE (até o manequim 42). A partir do 44, diminuímos em BI: um centímetro.
 FH: Metade do punho.
 I: Frente.
 L: Costas.



Utilizamos o Esquadro Elite para traçarmos as cavas da frente e das costas da manga. Nos exemplos acima, temos os números 36 e 48.

Para riscarmos o formato da cava, encaixamos o Esquadro Elite sobre o ponto E - e riscamos - para formarmos o desenho EI e EL da fig. 1. Ao riscarmos LA e IA, estaremos produzindo as partes frente e costas da manga. Cortamos a manga (ainda dobrada) em FH, HE, EL e LA. Em seguida, abrimos a dobra e

cortamos apenas em E, I e A, para formarmos a cava da frente, que é mais profunda que a das costas.

TABELA CAVA

A Tabela Cava é baseada na oitava parte do busto ou quadril. Usamos a Tabela Cava para fazermos as cavas das mangas e ganchos das calças. Para confeccionarmos blusas, camisas, casacos, vestidos e colarinhos (a medida do busto usada na tabela não pode passar de 100), é usada a medida do busto. Para calças, bermudas, ou qualquer peça com gancho, usamos a medida do quadril.

A Tabela Cava é um oitavo da medida do busto (ou quadril).

Se o busto (ou quadril) for	40 cm	A medida será	5 cm
Se o busto (ou quadril) for	50 cm	A medida será	6 cm
Se o busto (ou quadril) for	60 cm	A medida será	7 cm
Se o busto (ou quadril) for	70 cm	A medida será	8 cm
Se o busto (ou quadril) for	80 cm	A medida será	10 cm
Se o busto (ou quadril) for	90 cm	A medida será	11 cm
Se o busto (ou quadril) for	100 cm	A medida será	12 cm
Se o busto (ou quadril) for	110 cm	A medida será	13 cm
Se o busto (ou quadril) for	120 cm	A medida será	14 cm

Exemplo: Usamos as medidas da Tabela Cava por aproximação. Se o busto medir entre 80 a 85, a medida será 10, mas se estiver entre 86 e 90, a medida será 11.

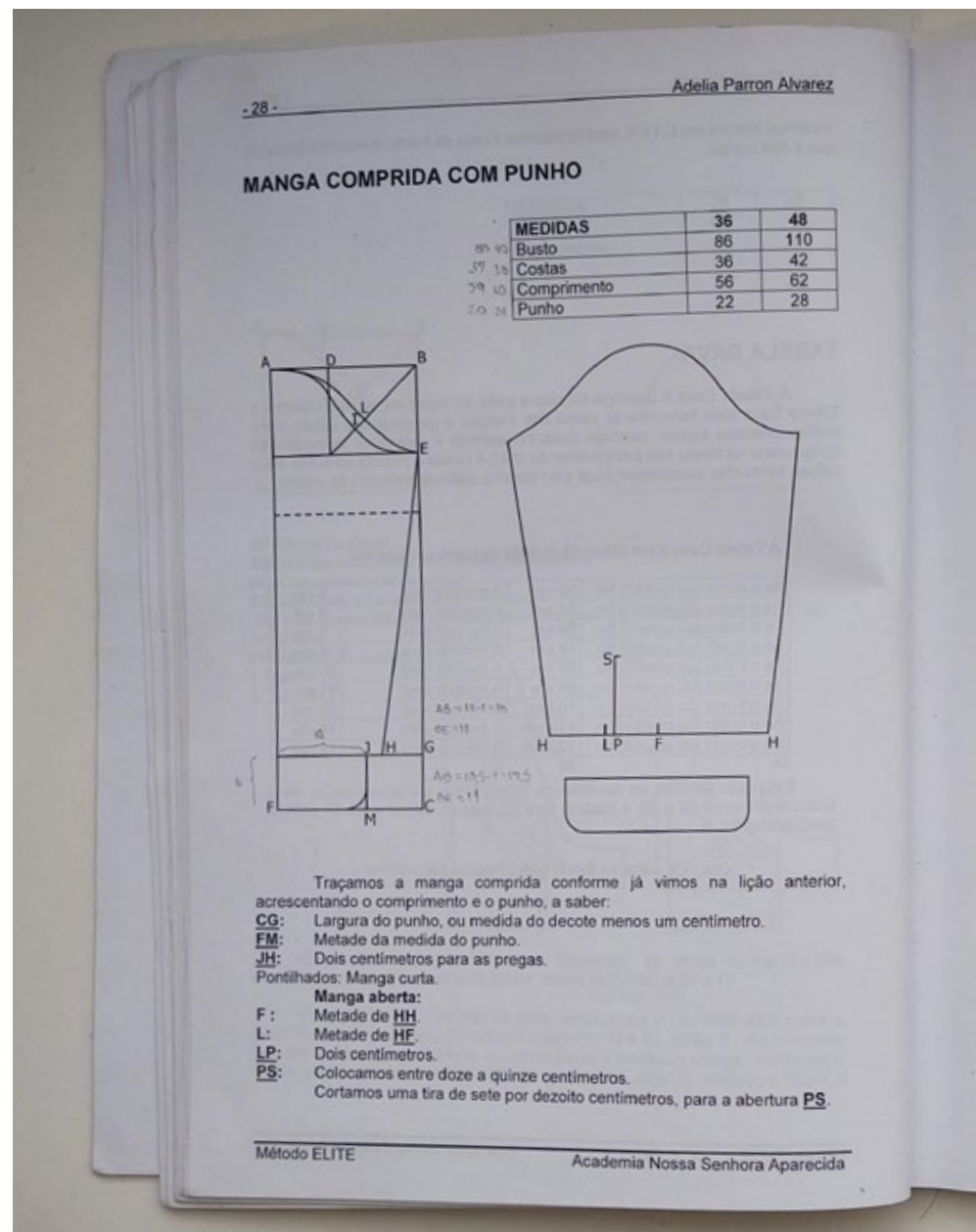
Obs.: Os números foram arredondados para menor.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L84

Ano	2014
Lição Título	TABELA CAVA
Página	27
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	<p>TABELA CAVA</p> <p>A Tabela Cava é baseada na oitava parte do busto ou quadril. Usamos a Tabela Cava para fazermos as cavas das mangas e ganchos das calças. Para confeccionarmos blusas, camisas, casacos, vestidos e colarinhos (a medida do busto usada na tabela não pode passar de 100), é usada a medida do busto. Para calças, bermudas, ou qualquer peça com gancho, usamos a medida do quadril.</p> <p>A Tabela Cava é um oitavo da medida do busto (ou quadril). Se o busto (ou quadril) for: 40 cm, a medida será 5 cm Se o busto (ou quadril) for: 50 cm, a medida será 6 cm Se o busto (ou quadril) for: 60 cm, a medida será 7 cm Se o busto (ou quadril) for: 70 cm, a medida será 8 cm Se o busto (ou quadril) for: 80 cm, a medida será 10 cm Se o busto (ou quadril) for: 90 cm, a medida será 11 cm Se o busto (ou quadril) for: 100 cm, a medida será 12 cm Se o busto (ou quadril) for: 110 cm, a medida será 13 cm Se o busto (ou quadril) for: 120 cm, a medida será 14 cm</p> <p>Exemplo: Usamos as medidas da Tabela Cava por aproximação. Se o busto medir entre 80 a 85, a medida será 10, mas se estiver entre 86 e 90, a medida será 11. Obs.: Os números foram arredondados para menor.</p>

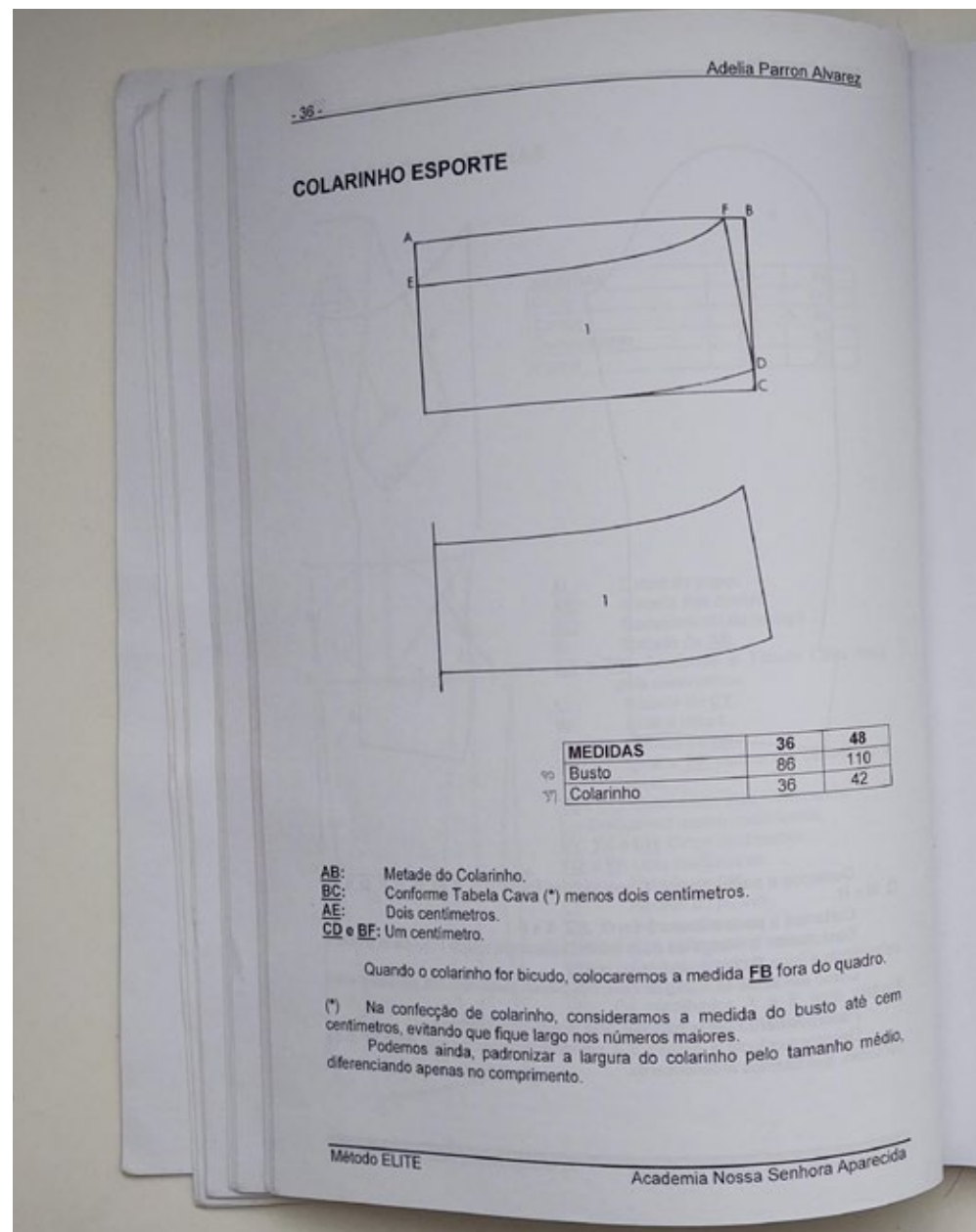
Ficha técnica Método Elite | FTME-L85

Ano	2014
Lição Título	MANGA COMPRIDA COM PUNHO
Página	28
Croqui	não possui
Medidas	busto, costas, comprimento, punho
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Traçamos a manga comprida como já vimos na lição anterior, acrescentando o comprimento e o punho, a saber:</p> <p>CG: Largura do punho, ou medida do decote menos um centímetro.</p> <p>FM: Metade da medida do punho.</p> <p>JH: Dois centímetros para as pregas.</p> <p>Pontilhados: Manga curta.</p> <p>Manga aberta:</p> <p>F: Metade de HH.</p> <p>L: Metade de HF.</p> <p>LP: Dois centímetros.</p> <p>PS: Colocamos entre doze a quinze centímetros.</p> <p>Cortamos uma tira de sete por dezoito centímetros, para a abertura PS.</p>



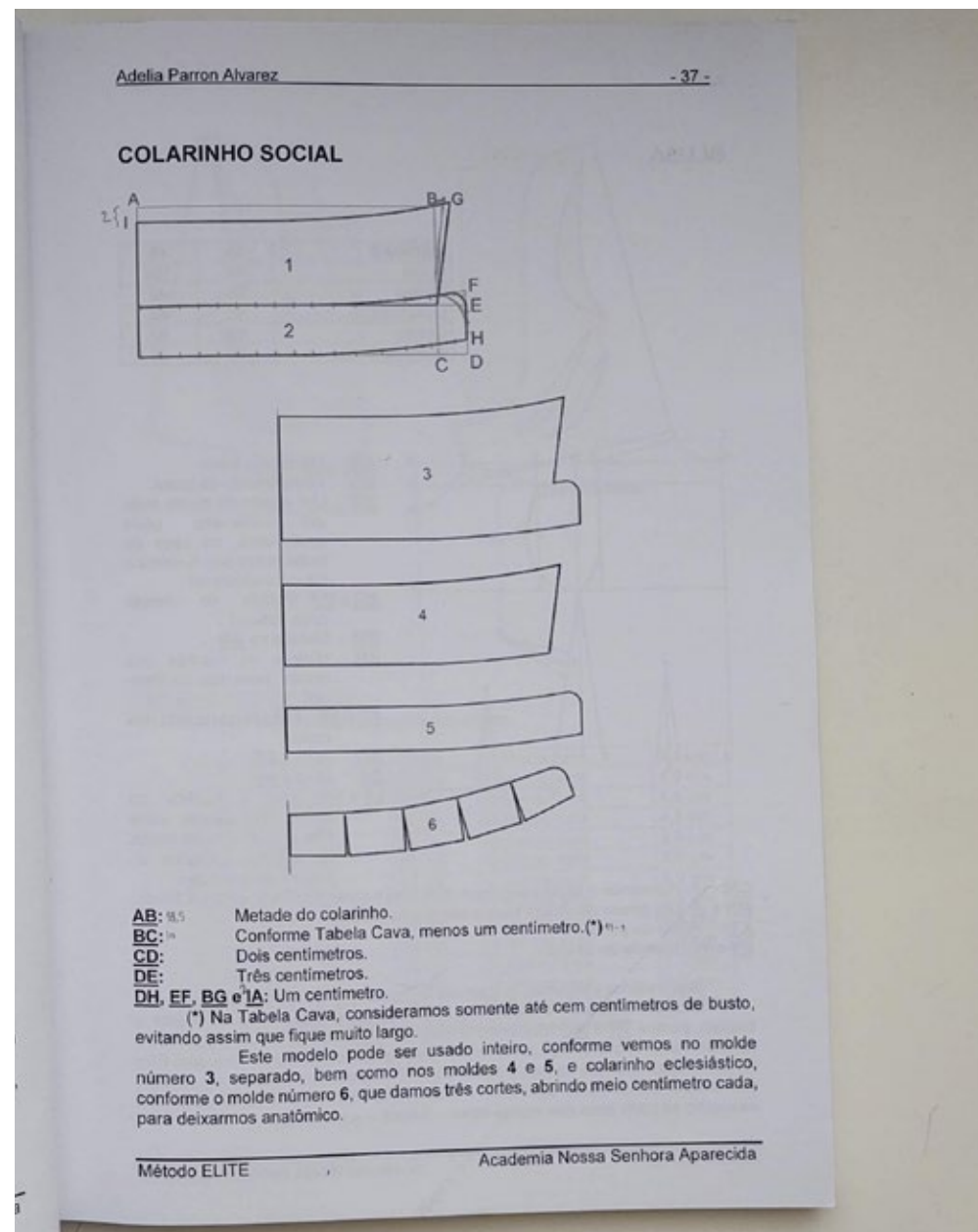
Ficha técnica Método Elite | FTME-L86

Ano	2014
Lição Título	COLARINHO ESPORTE
Página	36
Croqui	não possui
Medidas	busto, colarinho
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>AB: Metade do Colarinho BC: Conforme Tabela Cava (*) menos dois centímetros. AE: Dois centímetros. CD e BF: Um centímetro.</p> <p>Quando o colarinho for bicudo, colocaremos a medida FB fora do quadro.</p> <p>(*) Na confecção de colarinho consideramos a medida do busto até cem centímetros, evitando que fique largo nos números maiores. Podemos ainda, padronizar a largura do colarinho pelo tamanho médio, diferenciando apenas no comprimento.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L87

Ano	2014
Lição Título	COLARINHO SOCIAL
Página	37
Croqui	não possui
Medidas	não indica
Tabela de medidas	não possui
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4
Texto	<p>AB: Metade do colarinho. BC: Conforme Tabela Cava, menos um centímetro (*). CD: Dois centímetros. DE: Três centímetros. DH, EF, BG e IA: Um centímetro.</p> <p>(*) Na Tabela Cava, consideramos somente até cem centímetros de busto, evitando assim que fique muito largo. Este modelo pode ser usado inteiro, conforme vemos no molde número 3, separado, bem como nos moldes 4 e 5, e colarinho eclesiástico, conforme o molde número 6, que damos três cortes, abrindo meio centímetro cada, para deixarmos anatômico.</p>



Ficha técnica Método Elite | FTME-L88

Ano	2014
Lição Título	BLUSA
Página	38, 39
Croqui	não possui
Medidas	busto, costas, comprimento, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2

Texto

AB: Metade do busto.
BC: Comprimento da blusa.
BD: Um quarto do busto mais um centímetro (dois centímetros, no caso de busto maior que noventa e cinco centímetros).
BR e BV: Medida do decote (vide Tabela).
BH: Metade da medida das costas, mais dois centímetros.
AF e BE: Metade da medida das costas.
AZ: Igual a BG.
ZV: Igual a BR.
LT e ST: Igual a medida do ombro. Colocamos entre três a quatro centímetros de largura, conforme vimos na lição da saia.
CM: Aumentamos a largura da pence, pois sem o aumento ficaria curta na frente.
MN e JI: Um quarto da cintura mais a largura da pence.
XT: Altura da pence.
EV e VF: Medida do ombro.

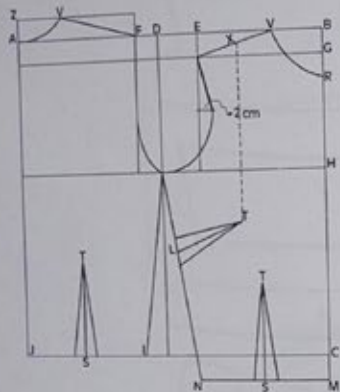
Nas medidas pequenas, colocamos na pence LT: menos dois centímetros.

Usamos o Esquadro Elite para traçarmos os decotes e cavas (frente e costas), pontos VR e AV. Marcamos o meio de GH na linha E, para traçarmos a cava da frente, entrando dois centímetros. Em seguida, colocamos o Esquadro Elite no

ponto mais alto, até aos dois centímetros. Firmamos nesse ponto o esquadro com o lápis, descendo até a linha H. Para completarmos a cava, colocamos o esquadro na parte cava das costas verso - linha F - e traçamos.

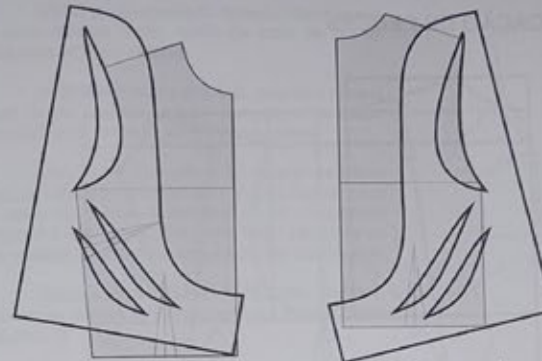
BLUSA

MEDIDAS	36	48
Busto	84	108
Costas	36	42
Comprimento	40	46
Cintura	68	92
Altura da pence	23	29



- AB:** Metade do busto.
- BC:** Comprimento da blusa.
- BD:** Um quarto do busto mais um centímetro (dois centímetros, no caso de busto maior que noventa e cinco centímetros).
- BR e BV:** Medida do decote (vide Tabela).
- BG:** Metade de **BR**.
- BH:** Metade da medida das costas, mais dois centímetros.
- AF e BE:** Metade da medida das costas.
- AZ:** Igual a **BG**.
- ZV:** Igual a **BR**.
- LT e ST:** Igual a medida do ombro. Colocamos entre três a quatro centímetros de largura, conforme vimos na lição da saia.
- CM:** Aumentamos a largura da pence, pois sem o aumento ficaria curta na frente.
- MN e JI:** Um quarto da cintura mais a largura da pence.
- XT:** Altura da pence.
- EV e VF:** Medida do ombro.

Nas medidas pequenas, colocamos na pence **LT**: menos dois centímetros. Usamos o Esquadro Elite para traçarmos os decotes e cavas (frente e costas), pontos **VR** e **AV**. Marcamos o meio de **GH** na linha E, para traçarmos a cava da frente, entrando dois centímetros. Em seguida, colocamos o Esquadro Elite no ponto mais alto, até aos dois centímetros. Firmamos nesse ponto o esquadro com o lápis, descendo até a linha H. Para completarmos a cava, colocamos o esquadro na parte cava das costas verso - linha F - e traçamos.



Cava da frente

Cava traseira

TABELA DO DECOTE

O decote é um quinto da medida das costas.

Se as costas forem	18 cm	O decote será	3,5 cm
Se as costas forem	20 cm	O decote será	4,0 cm
Se as costas forem	22 cm	O decote será	4,5 cm
Se as costas forem	24 cm	O decote será	4,5 cm
Se as costas forem	26 cm	O decote será	5,0 cm
Se as costas forem	28 cm	O decote será	5,5 cm
Se as costas forem	30 cm	O decote será	6,0 cm
Se as costas forem	32 cm	O decote será	6,5 cm
Se as costas forem	34 cm	O decote será	6,5 cm
Se as costas forem	36 cm	O decote será	7,0 cm
Se as costas forem	38 cm	O decote será	7,5 cm
Se as costas forem	40 cm	O decote será	8,0 cm
Se as costas forem	42 cm	O decote será	8,0 cm

Obs: Os números foram arredondados para menor.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L89

Ano	2014
Lição Título	TABELA DO DECOTE
Página	39
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
Texto	<p>TABELA DO DECOTE</p> <p><i>O decote é um quinto da medida das costas.</i></p> <p><i>Se as costas forem 18 cm, o decote será 3,5 cm</i> <i>Se as costas forem 20 cm, o decote será 4,0 cm</i> <i>Se as costas forem 22 cm, o decote será 4,5 cm</i> <i>Se as costas forem 24 cm, o decote será 4,5 cm</i> <i>Se as costas forem 26 cm, o decote será 5,0 cm</i> <i>Se as costas forem 28 cm, o decote será 5,5 cm</i> <i>Se as costas forem 30 cm, o decote será 6,0 cm</i> <i>Se as costas forem 32 cm, o decote será 6,5 cm</i> <i>Se as costas forem 34 cm, o decote será 6,5 cm</i> <i>Se as costas forem 36 cm, o decote será 7,0 cm</i> <i>Se as costas forem 38 cm, o decote será 7,5 cm</i> <i>Se as costas forem 40 cm, o decote será 8,0 cm</i> <i>Se as costas forem 42 cm, o decote será 8,0 cm</i></p> <p>Obs.: Os números foram arredondados para menor.</p>

Ficha técnica Método Elite | FTME-L90

Ano	2014
Lição Título	COLOCAÇÃO DE PENCES
Página	40, 41
Croqui	não possui
Medidas	
Tabela de medidas	
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	6

Texto

Usar as pences é uma arte, tal como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da pessoa e o modelo escolhido.

Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, sozinha, acompanhada de um recorte ou pregas.

Usamos a pence B para darmos forma ao busto, aumentando a cintura e barra, para não encurtarmos na frente, depois de costurarmos. Quando esta pence não se enquadrar no modelo, fecharemos a mesma, transportando-a para a cava, conforme vemos no recorte C (figura número 1); para o decote, conforme o recorte F (figura número 2); ou no ombro, de acordo com o recorte D (figura número 3).

Quando o modelo não permitir nenhum dos exemplos citados, usaremos o número 4, sendo que o aumento da abertura: tiraremos nas cavas, como indicam os pontilhados.

Na figura número 5, temos o mesmo efeito da figura número 4, porém, sem alterarmos as cavas, cortando na lateral.

Utilizaremos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como no caso de costas pequenas e busto saliente.

Poderemos usar a pence D, quando a pessoa tiver busto saliente e alto; poderemos também, encaixá-la no recorte, unindo com a cintura.

Optaremos pela pence E, quando notarmos que as costas

sejam levemente curvas. Marcaremos o meio do ombro, cortaremos como no exemplo número 4, sendo que esta pence terá o comprimento da metade do ombro e a largura de dois centímetros.

Usaremos o recorte F, quando transportarmos as pences ou franzidos para o decote (figura número 2).

Quando o modelo levar recorte, aproveitaremos a pence G, para o ajuste.

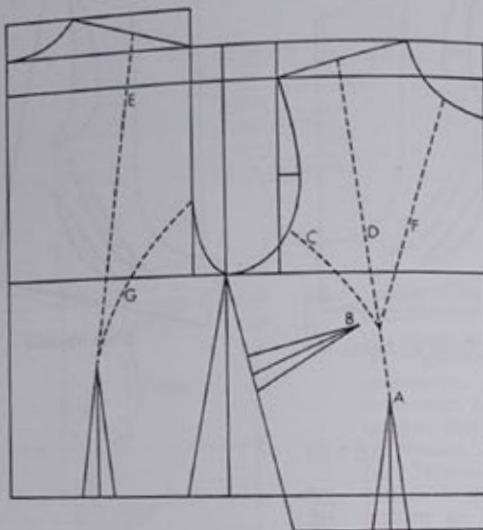
Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como poderemos variar os recortes, aproveitando as pences.

Podemos variar as medidas das pences conforme as medidas de busto e de ombro, ou de acordo com o modelo.

Exemplo: Busto de 80 a 90 cm = pence de 3 cm; e
Busto de 100 a 120 cm = pence de 4 cm.

No comprimento: usamos a medida do ombro.

COLOCAÇÃO DE PENCES



Usar as pences é uma arte, tal como desenhar um modelo, pois devemos observar sempre o tecido, a estatura da pessoa e o modelo escolhido.

Servimo-nos da pence A, para ajustarmos a cintura, sozinha, acompanhada de um recorte ou pregas.

Usamos a pence B para darmos forma ao busto, aumentando a cintura e barra, para não encurtarmos na frente, depois de costurarmos. Quando esta pence não se enquadrar no modelo, fecharemos a mesma, transportando-a para a cava, conforme vemos no recorte C (figura número 1); para o decote, conforme o recorte F (figura número 2); ou no ombro, de acordo com o recorte D (figura número 3).

Quando o modelo não permitir nenhum dos exemplos citados, usaremos o número 4, sendo que o aumento da abertura: tiraremos nas cavas, como indicam os pontilhados.

Na figura número 5, temos o mesmo efeito da figura número 4, porém, sem alterarmos as cavas, cortando na lateral.

Utilizaremos a pence C, quando notarmos que a cava abre-se muito, como no caso de costas pequenas e busto saliente.

Poderemos usar a pence D, quando a pessoa tiver busto saliente e alto; poderemos também, encaixá-la no recorte, unindo com a cintura.

Optaremos pela pence E, quando notarmos que as costas sejam levemente curvas. Marcaremos o meio do ombro, cortaremos como no exemplo número 4, sendo que esta pence terá o comprimento da metade do ombro e a largura de dois centímetros.

Usaremos o recorte F, quando transportarmos as pences ou franzidos para o decote (figura número 2).

Quando o modelo levar recorte, aproveitaremos a pence G, para o ajuste.

Os pontilhados que ligam as pences dão o exemplo de quando e como podemos variar os recortes, aproveitando as pences.

Podemos variar as medidas das pences conforme as medidas de busto e de ombro, ou de acordo com o modelo.

Exemplo: Busto de 80 a 90 cm = pence de 3 cm; e Busto de 100 a 120 cm = pence de 4 cm. No comprimento: usamos a medida do ombro.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L91

Ano	2014
Lição Título	CAMISA FEMININA
Página	46, 47, 48, 49
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento da blusa, comprimento total, costas, cintura, altura da pence, manga comprida, punho, colarinho
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4

Texto

AB: Metade do quadril
BC: Comprimento total.
BJ: Comprimento da blusa.
BD: Um quarto do busto mais um centímetro.
AI: Um quarto do busto menos um centímetro.
BH: Metade das costas mais dois centímetros.
BE e AF: Metade da medida das costas.
BR e BV: Medida do decote menos um centímetro (*).
RN: Colocamos dois centímetros para espaço de botões.
BG e AZ: Metade do decote.
ZV: Igual a BV.
SU, OP e QR: Espaçamos dois centímetros.
JK e CM: Aumentamos a largura da pence.
XT: Altura da pence.
LT: Igual a medida do ombro VF, menos dois centímetros, colocando de três a quatro centímetros de largura (conforme já vimos).
a: Metade de zC. No quadril, usamos a Régua Curva Elite.
S: Metade da linha GH.

Depois de traçarmos a camisa, cortamos, separando a parte da frente da parte detrás.

Procedemos o ajuste, conforme vimos na lição da blusa. Quando a camisa for esporte, dobraremos a orela até o decote. Podemos cortar as costas inteiras ou com pala separada. Se não quisermos que apareça a pence, usaremos um dos recursos da lição sobre colocação de pences (vide pences: página 40).

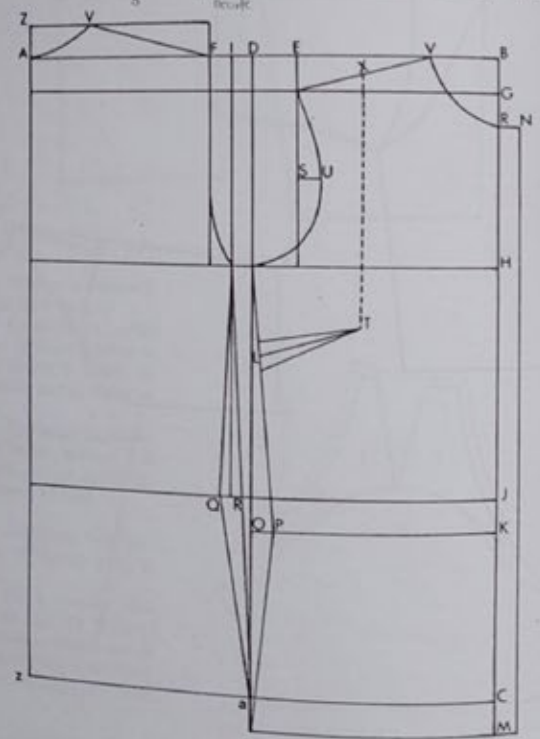
(* Menos um centímetro: somente para camisas de colarinho.

Aplicamos o molde sobre o tecido, conforme a explanação abaixo. Colocamos a parte detrás na dobra do tecido, deixando espaço para costura de um centímetro ao redor (vide pontilhados). Colocamos a parte da frente sobre o tecido dobrado em apenas quatro centímetros, deixando também espaço para costura.

Costuramos a camisa, fechando os ombros com interloque, ziguezague com costura inglesa ou francesa. Costuramos as mangas e em seguida fazemos a abertura dos punhos. Fechamos as mangas e as laterais; colocamos os punhos, o colarinho, e finalmente: a barra, as casas e os botões.

CAMISA FEMININA

MEDIDAS		36	48
90	94	94	118
86	86	86	110
40	40	40	46
58	58	58	64
36	36	36	42
70	70	70	94
23	23	23	29
56	56	56	62
22	22	22	28
36	36	36	42

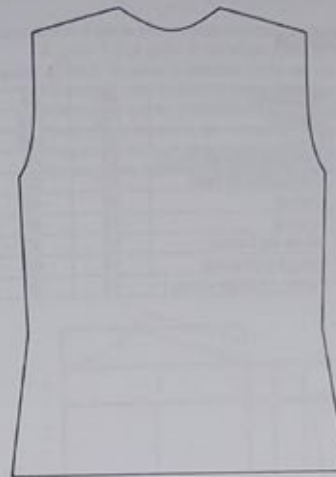
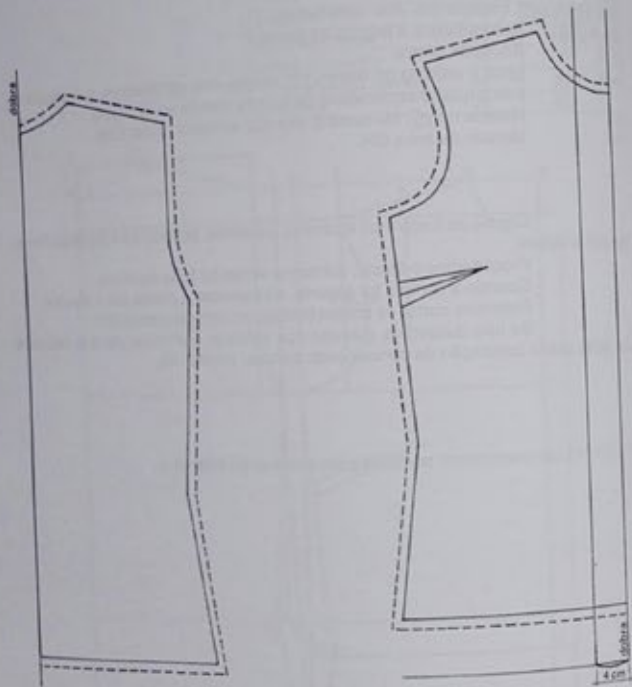


- AB:** Metade do quadril.
- BC:** Comprimento total.
- BJ:** Comprimento da blusa.
- BD:** Um quarto do busto mais um centímetro.
- AI:** Um quarto do busto menos um centímetro.
- BH:** Metade das costas mais dois centímetros.
- BE e AF:** Metade da medida das costas.
- BR e BV:** Medida do decote menos um centímetro (*).
- RN:** Colocamos dois centímetros para espaço de botões.
- BG e AZ:** Metade do decote.
- ZV:** Igual a **BV**.
- SU, OP e QR:** Espaçamos dois centímetros.
- JK e CM:** Aumentamos a largura da pence.
- XT:** Altura da pence.
- LT:** Igual a medida do ombro **VE**, menos dois centímetros, colocando de três a quatro centímetros de largura (conforme já vimos).
- a:** Metade de **zC**. No quadril, usamos a Régua Curva Elite.
- S:** Metade da linha **GH**.

Depois de traçarmos a camisa, cortamos, separando a parte da frente da parte detrás.
 Procedemos o ajuste, conforme vimos na lição da blusa.
 Quando a camisa for esporte, dobraremos a orela até o decote.
 Podemos cortar as costas inteiras ou com pala separada.
 Se não quisermos que apareça a pence, usaremos um dos recursos da lição sobre colocação de pences (vide pences: página 40).

(*) Menos um centímetro: somente para camisas de colarinho.

Aplicamos o molde sobre o tecido, conforme a explanação abaixo.
 Colocamos a parte detrás na dobra do tecido, deixando espaço para costura de um centimetro ao redor (vide pontilhados).
 Colocamos a parte da frente sobre o tecido dobrado em apenas quatro centimetros, deixando também espaço para costura.



Costuramos a camisa, fechando os ombros com interloque, máquina ziguezague com costura inglesa ou francesa.
 Costuramos as mangas e em seguida fazemos a abertura dos punhos.
 Fechamos as mangas e as laterais; colocamos os punhos, o colarinho, e finalmente: a barra, as casas e os botões.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L92

Ano	2014
Lição Título	VESTIDO BÁSICO
Página	62, 63
Croqui	não possui
Medidas	quadril, busto, comprimento da blusa, comprimento da saia, costas, cintura, altura da pence
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	1

Texto

AB: Metade do quadril.
BH: Comprimento da blusa.
HI: Comprimento da saia.
BC: Um quarto do busto mais um centímetro.
AD: Um quarto do busto menos um centímetro.
BR e BV: Medida do decote.
BG: Metade da medida das costas mais dois centímetros.
BE e AF: Metade da medida das costas.
U: Metade de SG.
BS e AN: Metade do decote;
UJ: Dois centímetros. Encaixamos o Esquadro Elite, fazendo coincidir os pontos.
NZ: Medida do decote.
K: Metade de HM (na parte da saia).
IO: Igual a medida HP (aumento da pence lateral LT).
PJ: Um quarto da cintura mais a medida da pence. O comprimento das pences tem a medida do ombro (ZF).
X: Metade de MJ.
RQ: Um quarto da cintura, colocando a metade para cada lado de X. Nos pontilhados, tiramos um centímetro para cima e um centímetro para baixo.

Ao traçarmos um modelo de vestido que não possua pence

lateral (busto), fechamos a mesma, antes de transferirmos o molde para o tecido.

Exemplo: Para vestidos soltos, blusões e casacos, os aumentos de HP e IO devem ser colocados no molde, para evitarmos que a peça fique curta na frente, devido ao volume do busto.

VESTIDO BÁSICO

MEDIDAS	36	48
106 Quadril	90	114
85 Busto	84	108
41 Comprimento da blusa	40	46
52 Comprimento da saia	54	66
39 Costas	36	42
76 Cintura	68	92
23 Altura da pence	23	29

36 manga
18 punho
3 decote

- 36 AB: Metade do quadril.
- 41 BH: Comprimento da blusa.
- 36 HI: Comprimento da saia.
- 23 BC: Um quarto do busto mais um centímetro.
- 41 AD: Um quarto do busto menos um centímetro.
- 8 BR e BV: Medida do decote.
- 39 BG: Metade da medida das costas mais dois centímetros.
- 113 BE e AF: Metade da medida das costas.
- U: Metade de SG.
- 4 BS e AN: Metade do decote;
- UJ: Dois centímetros. Encaixamos o Esquadro Elite, fazendo coincidir os pontos.
- 4 NZ: Medida do decote;
- 36 K: Metade de HM (na parte da saia).

IO: Igual a medida HP (aumento da pence lateral LT).

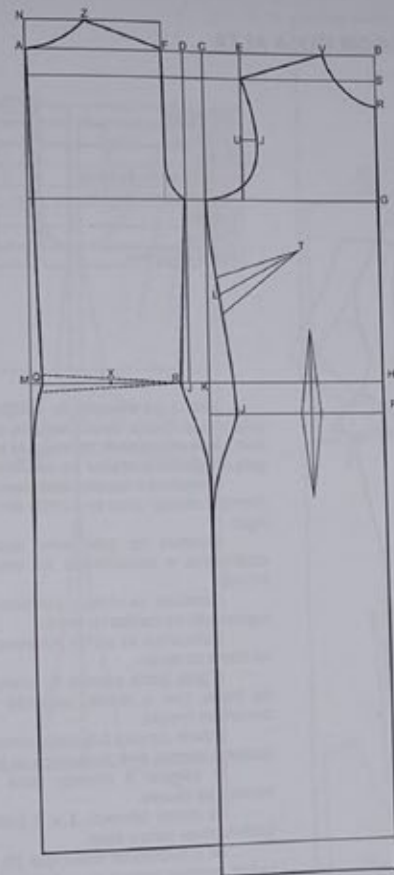
PJ: Um quarto da cintura mais a medida da pence. O comprimento das pences tem a medida do ombro (ZF).

X: Metade de MJ.

RQ: Um quarto da cintura, colocando a metade para cada lado de X. Nos pontilhados, tiramos um centímetro para cima e um centímetro para baixo.

Ao traçarmos um modelo de vestido que não possua pence lateral (busto), fechamos a mesma, antes de transferirmos o molde para o tecido.

Exemplo:
Para vestidos soltos, blusões e casacos, os aumentos de HP e IO devem ser colocados no molde, para evitarmos que a peça fique curta na frente, devido ao volume do busto.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L93

Ano	2014
Lição Título	CALÇA
Página	90, 91, 92, 93
Croqui	1, com modelo, de frente
Medidas	quadril, comprimento, cintura, joelho, barra, coxa
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	4

Texto

Parte da frente
AB: Um quarto do quadril.
BC: Comprimento da calça.
BD: Igual a AB menos dois centímetros.
T: Metade de DC.
TV: Subimos cinco centímetros.
N, M e G: Meio entre as linhas A e B.
PO: Metade da barra menos um centímetro (colocamos a metade para cada lado de N).
UV: Metade do joelho menos um centímetro (metade para cada lado de M).
DF e DR: Meia Tabela Divisória
LH: Um quarto da cintura menos um centímetro (metade para cada lado de G).
Ligamos FV e O, e LU e P, completando a frente.
Colocamos o Esquadro Elite em F, R e H.

Observação: Para calça justa, colocamos em DF: meia Tabela Divisória e para calça mais ampla com prega, colocamos a Tabela Divisória inteira.
Podemos fazer a vista da calça, inteira na parte de cima, com uma medida entre quinze a vinte centímetros de comprimento e cinco centímetros de largura na linha HB, subindo um centímetro.

Parte detrás

BJ e AK: Tabela Divisória.

JL: Tabela Divisória menos um centímetro.

IS: Um quarto da cintura mais um centímetro. Quando o modelo leva pence aumentamos de dois a três centímetros. Traçamos uma linha reta em UK.

DE: Tabela Cava. (para calça justa, colocamos Tabela Cava menos 2 centímetros).

UX: Metade do joelho mais dois centímetros.

PC: Metade da barra mais dois centímetros.

Medimos em V e F, passando a mesma medida em X e Z. A diferença, descemos em EZ. Colocamos o Esquadro Elite onde lemos: gancho da calça, em Z e I, obedecendo os tamanhos P, M ou G.

As linhas VF, XZ, L e S, usamos a régua levemente curva.

Cortamos o molde da parte detrás. Passamos este molde em outro papel e cortamos a frente em O, V, F, R, H, L, U e P.

Para as pessoas obesas ou de quadril saliente, colocamos em BJ e AK, metade da Tabela Cava.

Passamos este molde em outro papel e cortamos a frente em O, V, F, R, H, L, U e P. Para as pessoas obesas ou de quadril saliente, colocamos em BJ e AK, metade da Tabela Cava.

Depois de abirmos os moldes (frente e costas), desenhemos o modelo (partes número 1 e 2). Para modelo de calça baixa, tiramos entre quatro a seis centímetros na cintura. Podemos fazer a vista da calça separada ou inteira (figura número 2). Aumentamos entre cinco a seis centímetros para fazermos a vista. Ao cortarmos, dobramos o molde (em XY), na cintura, que conforme vemos, deixamos mais alto. Se cortássemos sem dobrar, não alcançaria na cintura, onde temos que pregar o cós.

Colocamos os moldes sobre o tecido e cortamos com costura.

Cortamos duas partes de cada, pois conforme vemos no encaixe de moldes, usamos tecido duplo. Aplicamos o forro (parte número 4) do bolso neste encaixe, simplesmente para melhor visualização, mas devemos cortá-lo em tecido fino (próprio para forro) para evitarmos que a costura fique grossa. Usamos o Esquadro Elite em F, R, H e em ZI, fazendo coincidir os pontos, obedecendo tamanhos P, M, G.

CALÇA



MEDIDAS	36	48
Quadril	90	114
Comprimento	104	109
Cintura	68	92
Joelho	38	50
Barra	36	48
Coxa	50	62

Parte da frente

- AB:** Um quarto do quadril.
- BC:** Comprimento da calça.
- BD:** Igual a **AB** menos dois centímetros.
- T:** Metade de **DC**.
- TV:** Subimos cinco centímetros.
- N, M e G:** Meio entre as linhas **A** e **B**.
- PO:** Metade da barra menos um centímetro (colocamos a metade para cada lado de **N**).
- UV:** Metade do joelho menos um centímetro (metade para cada lado de **M**).
- DF e DR:** Meia Tabela Divisória.
- LH:** Um quarto da cintura menos um centímetro (metade para cada lado de **G**).
Ligamos **FV** e **O**, e **LU** e **P**, completando a frente.
Colocamos o Esquadro Elite em **F, R** e **H**.

TABELA DIVISÓRIA

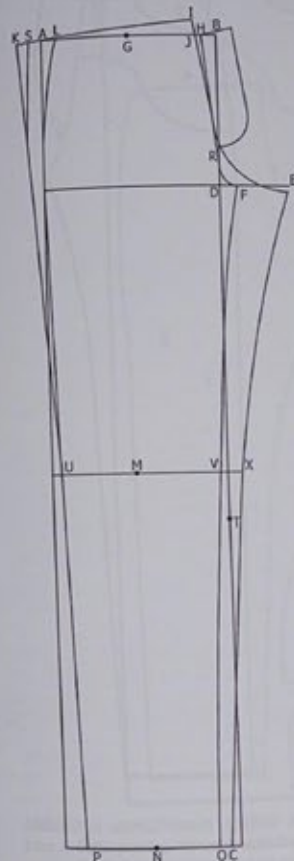
Um terço da Tabela Cava.

Se o quadril for:	A medida será:
40 cm	1,5 cm
50 cm	2,0 cm
60 cm	2,5 cm
70 cm	2,5 cm
80 cm	3,5 cm
90 cm	3,5 cm
100 cm	4,0 cm
110 cm	4,5 cm
120 cm	4,5 cm

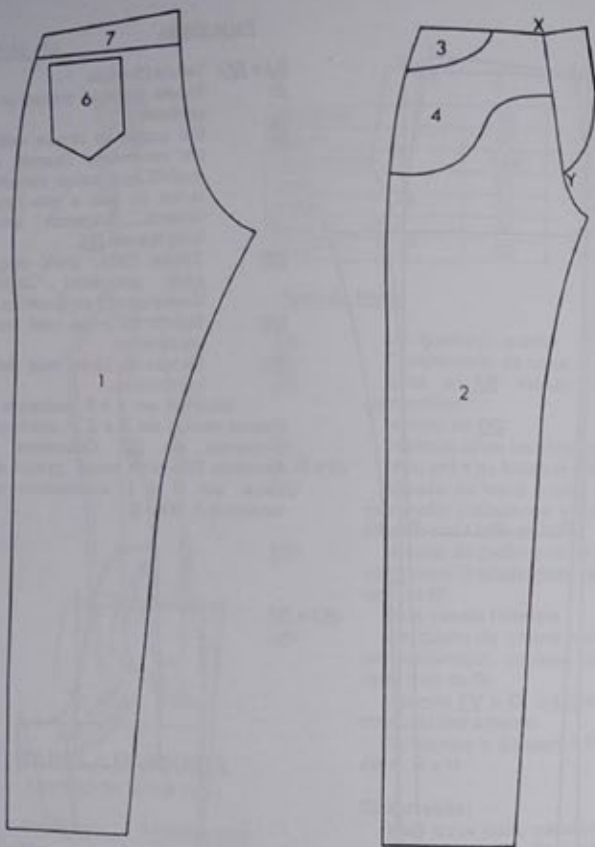
Obs.: Os números foram arredondados para menor.

Parte detrás

- BJ e AK:** Tabela Divisória.
 - JL:** Tabela Divisória menos um centímetro.
 - IS:** Um quarto da cintura mais um centímetro. Quando o modelo leva pence aumentamos de dois a três centímetros. Traçamos uma linha reta em **UK**.
 - DE:** Tabela Cava. (para calça justa, colocamos Tabela Cava menos 2 centímetros).
 - UX:** Metade do joelho mais dois centímetros.
 - PC:** Metade da barra mais dois centímetros.
- Medimos em **V** e **F**, passando a mesma medida em **X** e **Z**. A diferença, descemos em **EZ**. Colocamos o Esquadro Elite onde lemos: gancho da calça, em **Z** e **I**, obedecendo os tamanhos **P, M** ou **G**.



As linhas **VF, XZ, L** e **S**, usamos a régua levemente curva.
Cortamos o molde da parte detrás. Passamos este molde em outro papel e cortamos a frente em **O, V, F, R, H, L, U** e **P**.
Para as pessoas obesas ou de quadril saliente, colocamos em **BJ e AK**, metade da Tabela Cava.



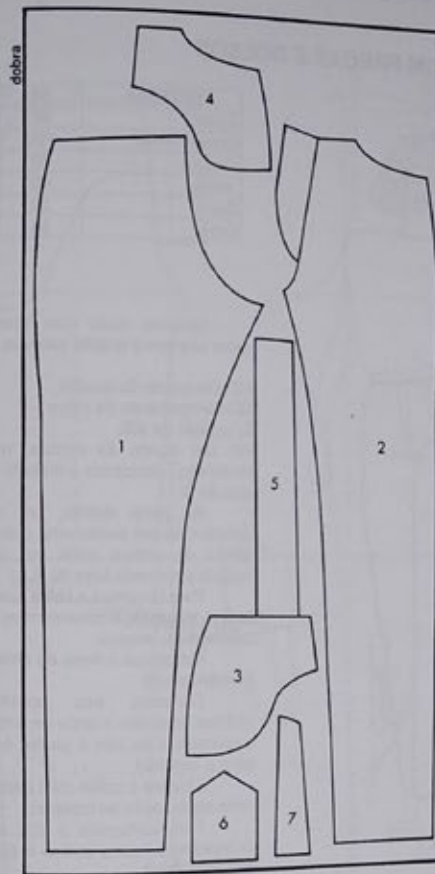
Depois de abrimos os moldes (frente e costas), desenhamos o modelo (partes números 1 e 2). Para modelo de calça baixa, tiramos entre quatro a seis centímetros na cintura.

Podemos fazer a vista da calça separada ou inteira (figura número 2).

Aumentamos entre cinco a seis centímetros para fazermos a vista.

Ao cortarmos, dobramos o molde (em X Y), na cintura, que conforme vemos, deixamos mais alto.

Se cortássemos sem dobrar, não alcançaria na cintura, onde temos que pregar o cós.



Colocamos os moldes sobre o tecido e cortamos com costura. Cortamos duas partes de cada, pois conforme vemos no encaixe de moldes, usamos tecido duplo.

Aplicamos o forro (parte número 4) do bolso neste encaixe, simplesmente para melhor visualização, mas devemos cortá-lo em tecido fino (próprio para forro) para evitarmos que a costura fique grossa.

Usamos o Esquadro Elite em F, R, H e em ZI, fazendo coincidir os pontos, obedecendo os tamanhos P, M ou G.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L94

Ano	2014
Lição Título	TABELA DIVISÓRIA
Página	90
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	-
	TABELA DIVISÓRIA
	Um terço da Tabela Cava.
Texto	Se o quadril for: A medida será:
	40 cm 1,5 cm
	50 cm 2,0 cm
	60 cm 2,5 cm
	70 cm 2,5 cm
	80 cm 3,5 cm
	90 cm 3,5 cm
	100 cm 4,0 cm
	110 cm 4,5 cm
	120 cm 4,5 cm
	Obs.: Os números foram arredondados para menor.

Ficha técnica Método Elite | FTME-L95

Ano	2014
Lição Título	SAIA CALÇA GODÊ
Página	120, 121
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	2
Texto	<p>Para a confecção de uma saia calça godê, usamos um tecido infestado de 1,40m a 1,50 metros - dependendo do comprimento da saia - para não termos emenda.</p> <p>AB: Dobra do tecido enviesado, para o godê. CL: Afastamos entre dez a doze centímetros, dependendo da Tabela Cava, para fazermos a parte detrás.</p> <p>Parte da frente: EH: Um quarto da cintura mais dois centímetros. AH e AE: Rodamos a fita métrica para ficar bem arredondada. HL: Comprimento da saia, mais quatro centímetros de barra (colocamos a fita métrica no ponto A, passando pelo L, rodando até o ponto R, deixando-a arredondada). HI: Um quarto do quadril mais dois centímetros. GH: Entramos quatro centímetros (espaço para pregarmos o zíper e formarmos o gancho da frente).</p> <p>Parte detrás: ID: Conforme a Tabela Cava. HF: Conforme a Tabela Divisória menos um centímetro. EF: Um quarto da cintura mais dois centímetros.</p> <p>Colocamos o Esquadro Elite - gancho 2 - do ponto D ao F e traçamos.</p>

SAIA CALÇA GODÊ



MEDIDAS	36	48
Quadril	90	114
Comprimento	62	76
Cintura	68	92

Para a confecção de uma saia calça godê, usamos um tecido infestado de 1,40m a 1,50m – dependendo do comprimento da saia – para não termos emenda.

AB: Dobra do tecido enviesado, para o godê.

CL: Afastamos entre dez a doze centímetros, dependendo da Tabela Cava, para fazermos a parte detrás.

Parte da frente:

EH: Um quarto da cintura mais dois centímetros.

AH e AE: Rodamos a fita métrica para ficar bem arredondada.

HL: Comprimento da saia, mais quatro centímetros de barra (colocamos a fita métrica no ponto **A**, passando pelo **L**, rodando até o ponto **R**, deixando-a arredondada).

HI: Um quarto do quadril mais dois centímetros.

GH: Entramos quatro centímetros (espaço para pregarmos o zíper e formarmos o gancho da frente).

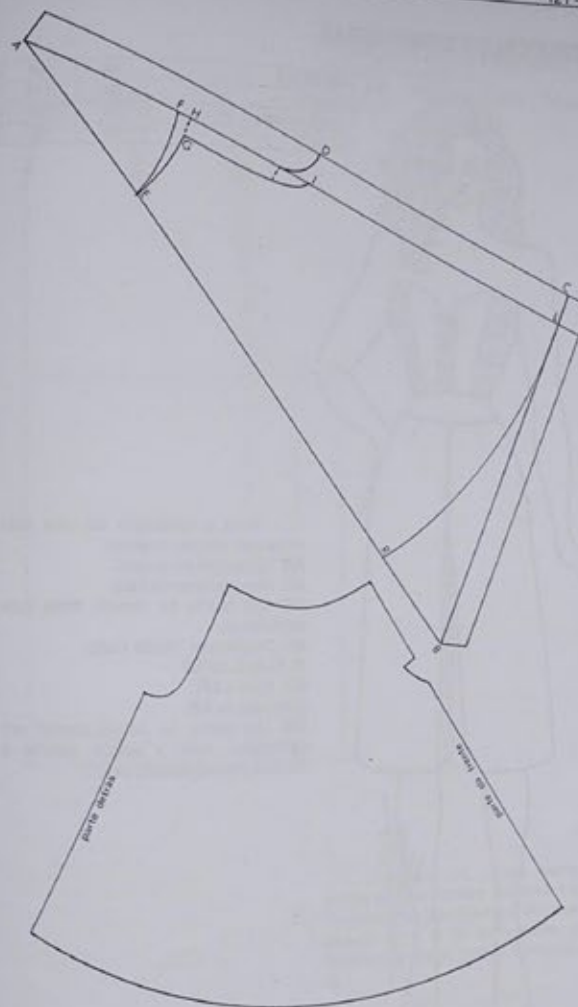
Parte detrás:

ID: Conforme a Tabela Cava.

HF: Conforme a Tabela Divisória menos um centímetro.

EF: Um quarto da cintura mais dois centímetros.

Colocamos o Esquadro Elite – gancho 2 – do ponto **D** ao **F** e traçamos.



Ficha técnica Método Elite | FTME-L96

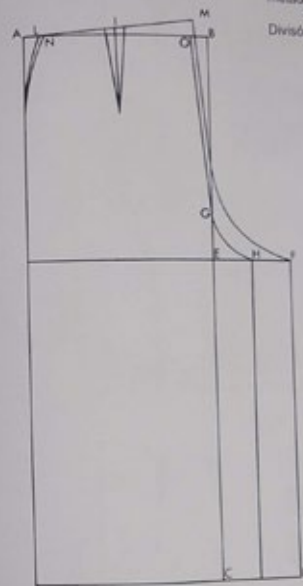
Ano	2014
Lição Título	SAIA CALÇA COM PREGAS
Página	122, 123, 124
Croqui	1, com modelo
Medidas	quadril, comprimento, cintura
Tabela de medidas	sim, manequim 36 e 48
Legenda explicando pontos	sim
Desenho técnico molde	5
Texto	<p>Para a confecção de uma saia calça com pregas, usamos:</p> <p>AB: Um quarto do quadril. BC: Comprimento da saia. BE: Um quarto do quadril, mais dois centímetros. EF: Conforme a Tabela Cava. H: Metade de EF. EG: Igual a EH. I: Metade de AB. NO: Um quarto da cintura menos um centímetro, mais a pence (sendo a metade para cada lado de I).</p> <p>LM: Um quarto da cintura mais um centímetro, mais a pence, sendo a metade de cada lado de I. BM: Subimos meia Tabela Divisória.</p> <p>Cortamos as partes frente e costas da saia (moldes números 1 e 2). Cortamos nos pontilhados e abrimos um espaço de 8 a 10 centímetros, para fazermos a prega (partes números 3 e 4).</p>

SAIA CALÇA COM PREGAS

MEDIDAS	36	48
Quadril	94	118
Comprimento	54	66
Cintura	68	92

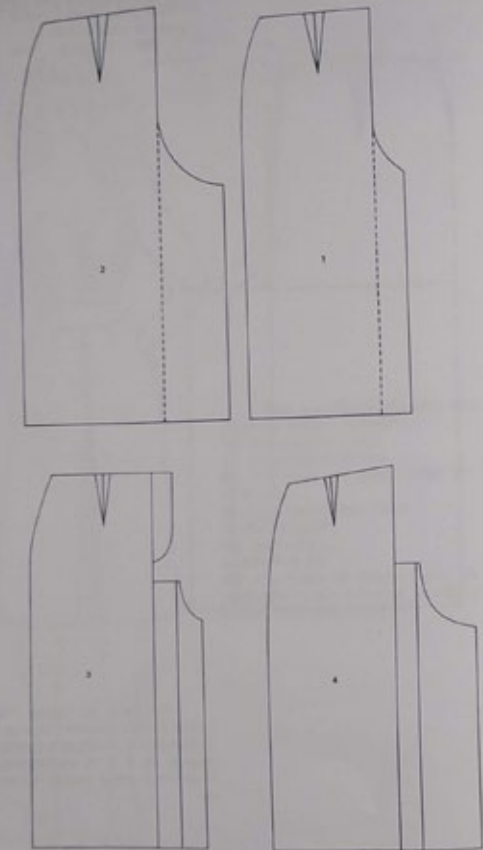


Para a confecção de uma saia calça com pregas, usamos:
AB: Um quarto do quadril.
BC: Comprimento da saia.
BE: Um quarto do quadril, mais dois centímetros.
EF: Conforme a Tabela Cava.
H: Metade de EF.
EG: Igual a EH.
I: Metade de AB.
NO: Um quarto da cintura menos um centímetro, mais a pence (sendo a metade para cada lado de I).



LM: Um quarto da cintura mais um centímetro, mais a pence, sendo a metade de cada lado de I.
BM: Subimos meia Tabela Divisória.

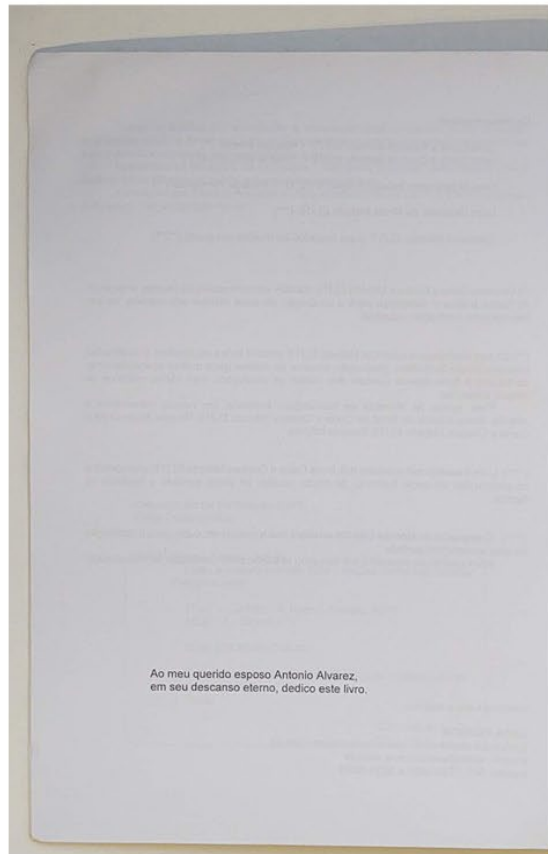
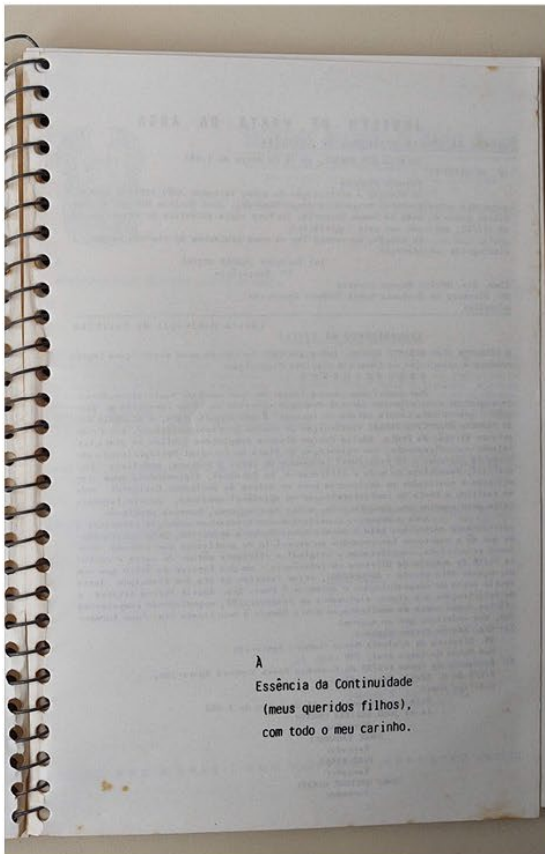
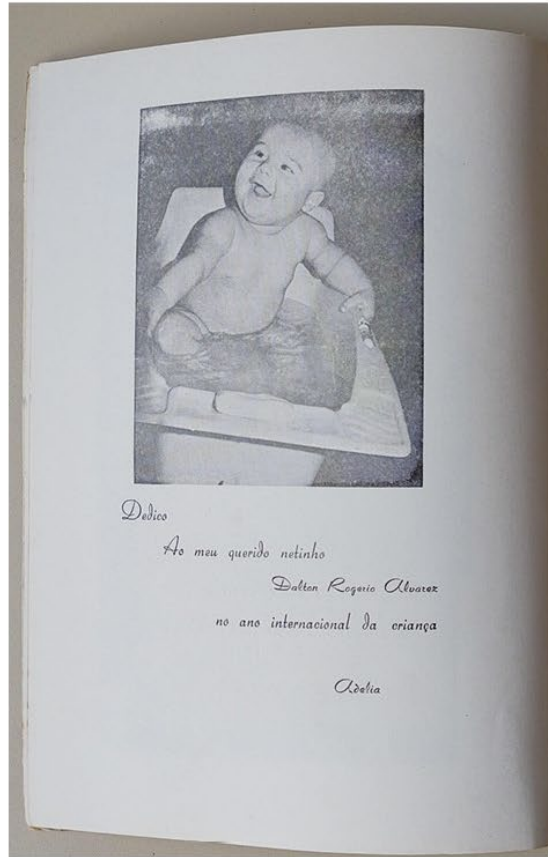
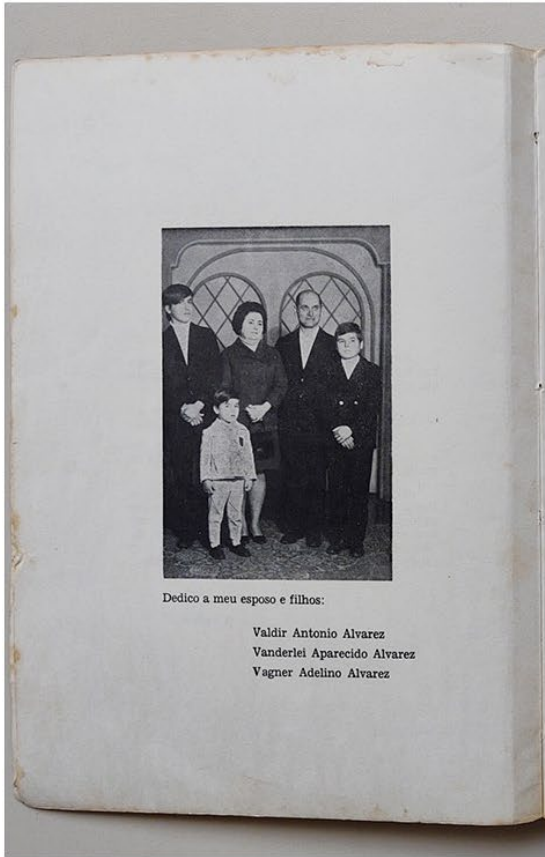
Cortamos as partes frente e costas da saia (moldes números 1 e 2).
 Cortamos nos pontilhados e abrimos um espaço de 8 a 10 centímetros, para fazermos a prega (partes números 3 e 4).



Ficha técnica Método Elite | FTME-L97

Ano	2014
Lição Título	ESQUADROS ELITE
Página	-
Croqui	-
Medidas	-
Tabela de medidas	-
Legenda explicando pontos	-
Desenho técnico molde	
Texto	

ANEXO A Dedicatórias



ANEXO B

Introduções primeira, segunda e quarta edições

INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

A idéia de meu livro surgiu quando encontrei as primeiras dificuldades para bem cumprir o programa de corte e costura de roupas de homens, senhoras e crianças, então registrados na minha Academia.

Entretanto confesso que foram dispendidos dois anos de estudo para reunir este livro que agora apresento.

O meu mais ardente desejo é que este modesto método, que é o "CORTE ELITE", possa contribuir para suavizar as tarefas de minhas alunas e caras colegas. Desejo também, que o seu manuseio seja útil às alunas, despertando-lhes o gosto e a admiração pela arte, no que ela tem de mais útil e interessante para a mulher moderna.

Entrego também ao julgamento de minhas caras patrietas e colegas este pequeno repositório de conhecimentos, dando-me por suficientemente recompensada se nele for encontrado algo de proveitoso e agradável.

A todos os que me animaram e me permitiram contribuir com pequenina parcela de orientação para o êxito das tarefas de ensino, o calor da minha gratidão.

A Autora

INTRODUÇÃO DA 2.ª EDIÇÃO

A aceitação que teve o meu modesto trabalho, superou todas as minhas expectativas, por mais otimistas que tivessem sido.

A primeira edição esgotou-se tão rapidamente, que me surpreendeu desarmada para dar início à segunda.

Assim sendo apresento-o hoje com nova feição, procurando corrigir muitas falhas, e enriquecendo-o em muitos sentidos.

Oxalá a modificação tenha concorrido para melhorar este trabalho ao qual venho dedicando o melhor de meus esforços. Confiando como sempre, entrego esta nova edição à proteção do Altíssimo e a rainha das rainhas "Nossa Senhora da Conceição Aparecida", esperando que continuem sempre me dar a sua proteção.

A Autora.

PREFÁCIO

É bom trazer à memória que em 1957, iniciei com muito orgulho a tarefa de ensinar a arte do bem vestir, continuando com o mesmo ânimo até hoje.

Não foi fácil principiar: tentar atingir uma meta, sem orientação, com poucos recursos monetários e conseguir uma escola com direitos reservados, etc. Sabia que tinha uma montanha para escalar. Com fé em Deus, em minha protetora Nossa Senhora Aparecida e em mim, creio que consegui.

A idéia de meu livro surgiu quando encontrei as primeiras dificuldades para bem cumprir o programa de Corte e Costura de roupas para homens, senhoras e crianças, então registrados na minha Academia.

Entretanto, confesso que foram dispendidos dois anos de pesquisas, para reunir este livro que agora apresento.

O meu mais ardente desejo é que este modesto método, que é o "CORTE E COSTURA ELITE", possa contribuir para suavizar as tarefas de meus alunos. Desejo também, que o seu manuseio seja útil aos aprendizes - despertando-lhes o gosto e a admiração pela arte - no que ela tem de mais útil e interessante para o homem moderno.

Tem sido intenso o meu contentamento, ao saber que muitos fizeram do Método Elite, suas profissões, tanto na costura como no ensino. Afinal, era exatamente o objetivo desejado. Labutando há tantos anos no ensino, tive oportunidade de entrar em contato com alunos e professores, mesmo em bancas examinadoras e em todas as ocasiões tenho observado, que são unânimes em reclamar a existência de um completo programa de ensino de Corte e Costura.

Esta edição foi melhorada e ampliada, com um completo e atualizado programa de ensino de Corte e Costura. Espero que sirva de estímulo a todos que se dedicam a este honroso ofício.

Entrego também, ao julgamento de meus caros alunos, este pequeno repertório de conhecimentos, dando-me por suficientemente recompensada se nele for encontrado algo de proveitoso e agradável.

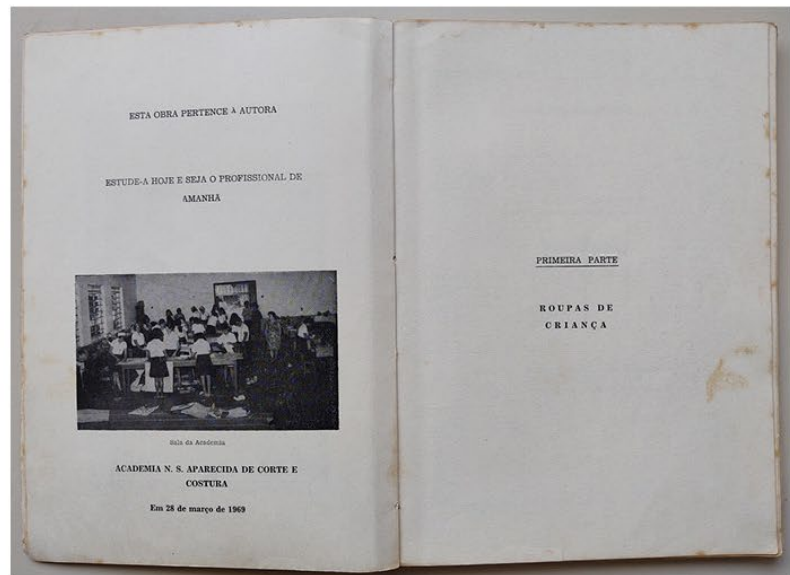
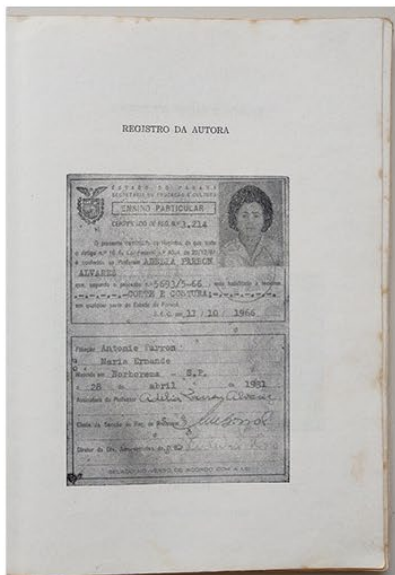
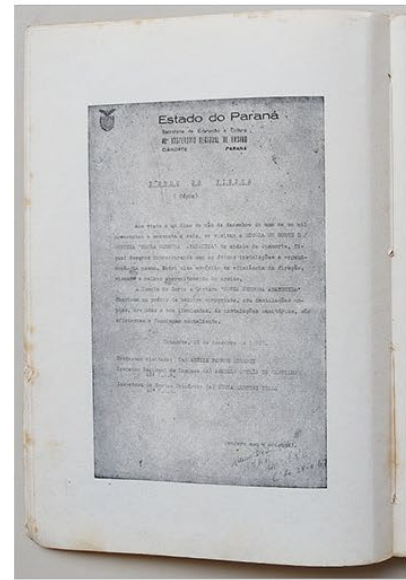
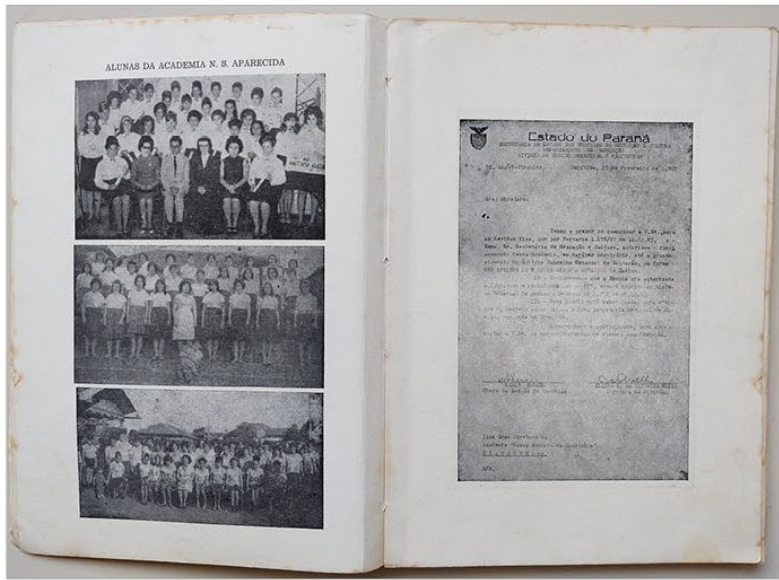
A todos os que me incentivaram e me permitiram contribuir com pequenina parcela de orientação - para o êxito das tarefas de ensino - o calor de minha gratidão.

Curitiba, 28 de fevereiro de 1979

A Autora

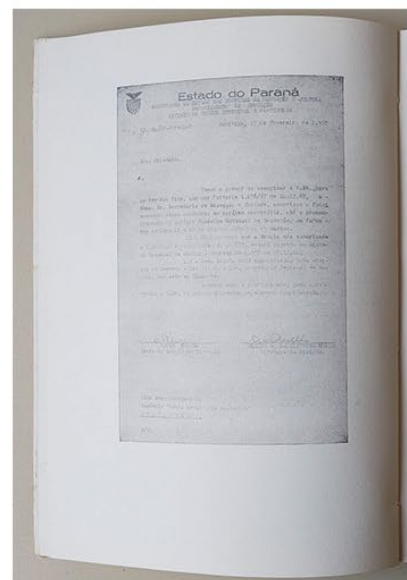
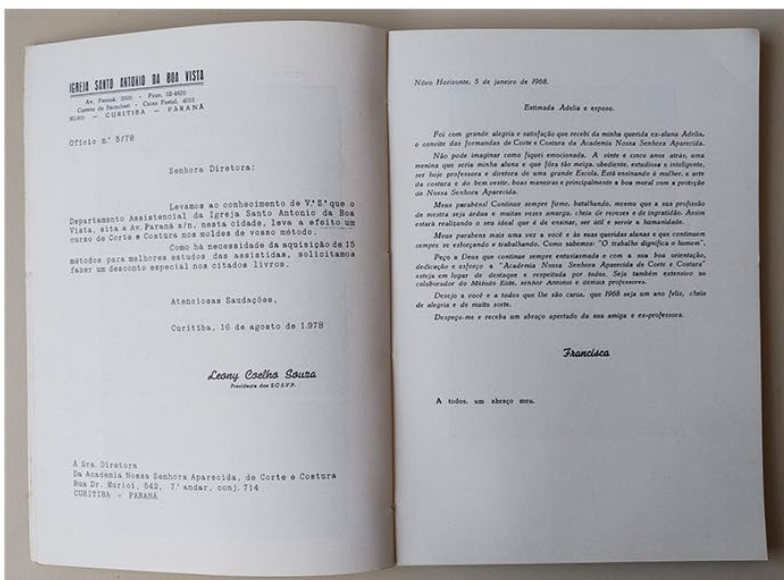
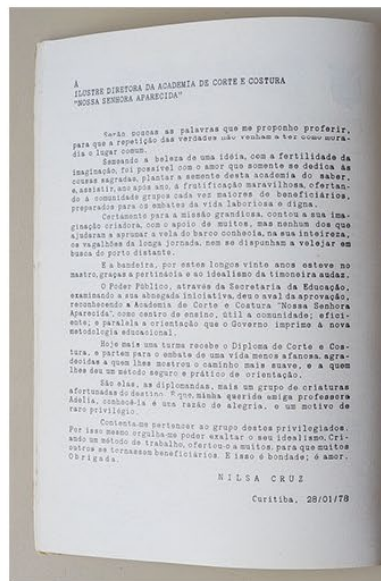
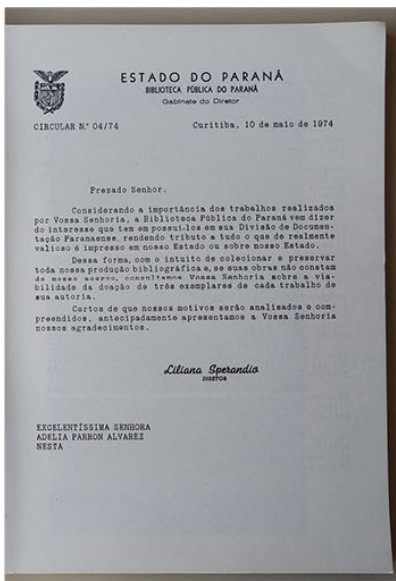
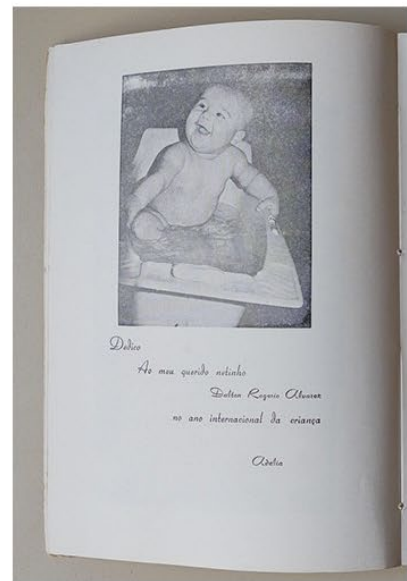
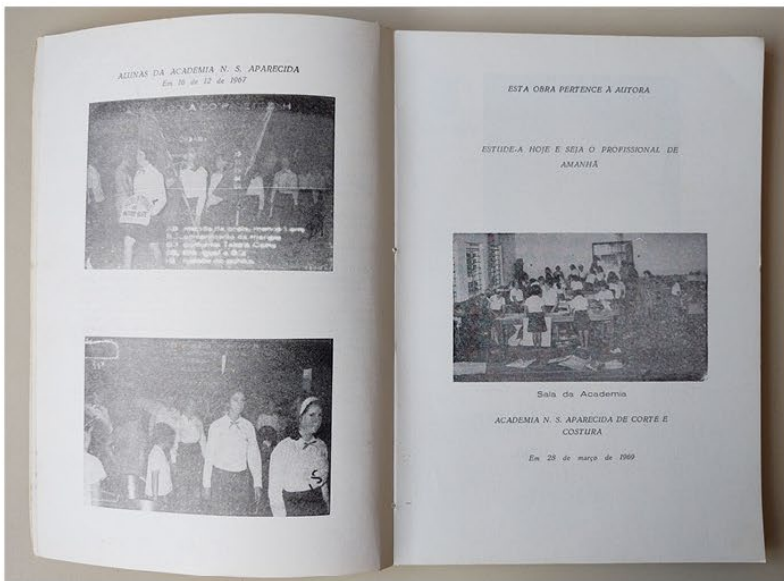
ANEXO C

Documentos imagéticos e textuais da segunda edição



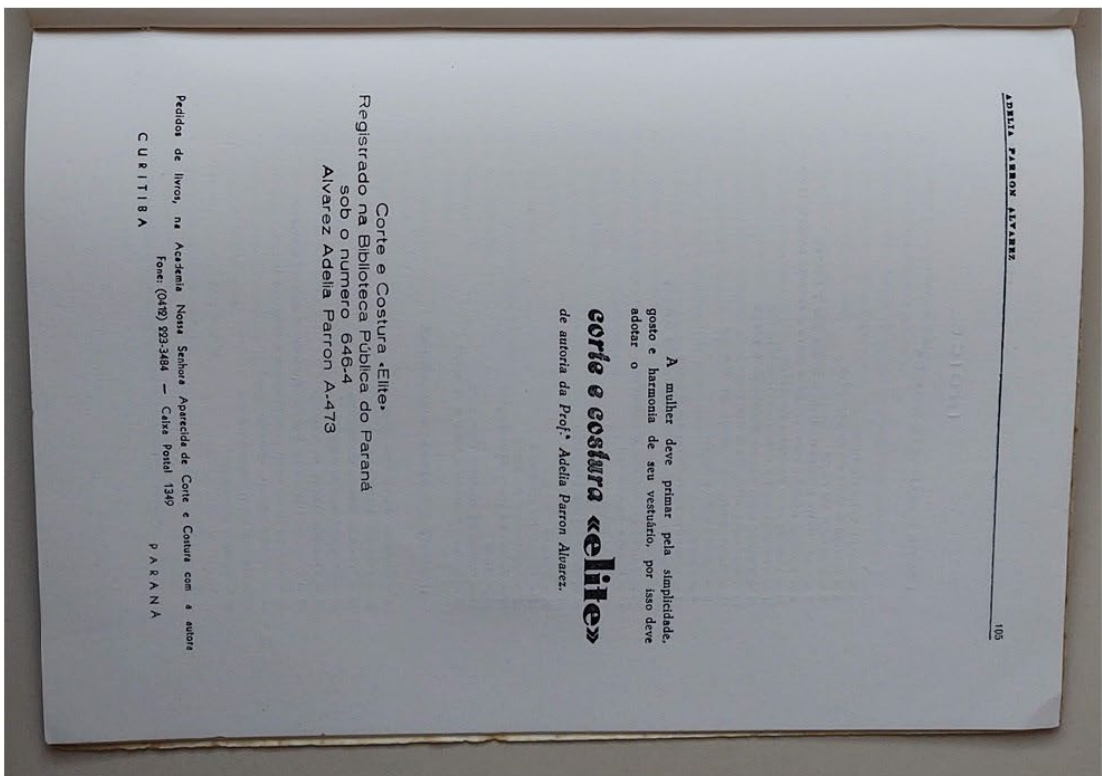
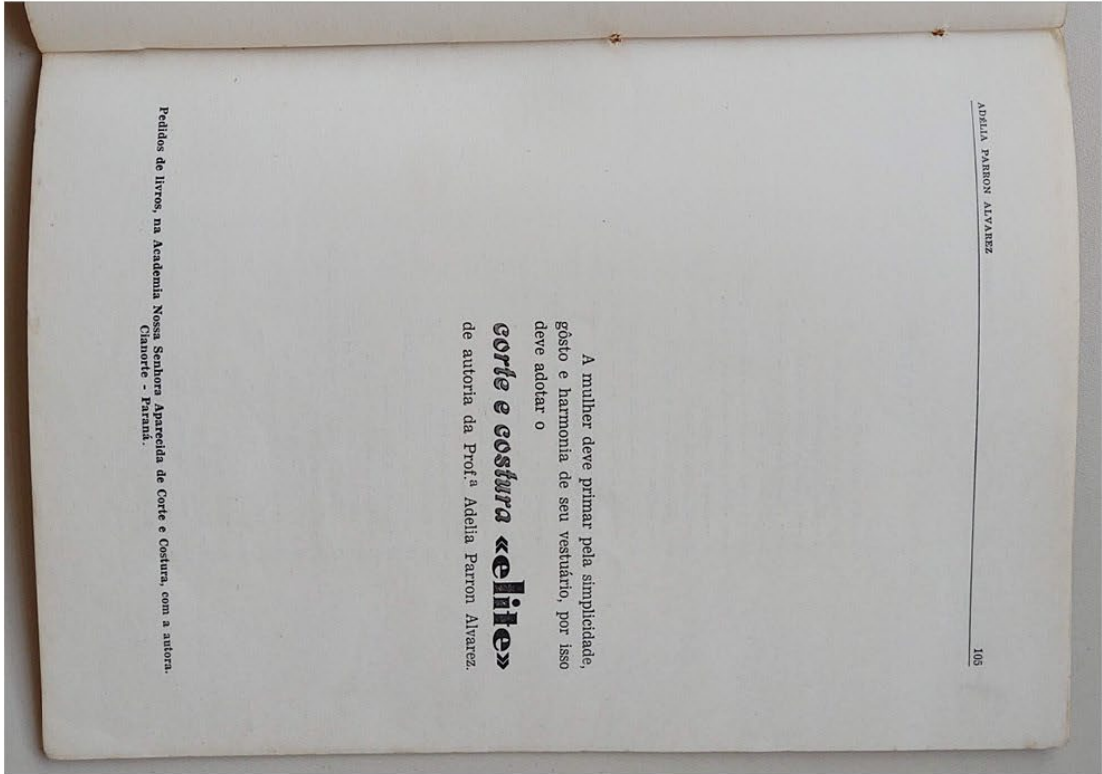
ANEXO D

Documentos imagéticos e textuais da quarta edição



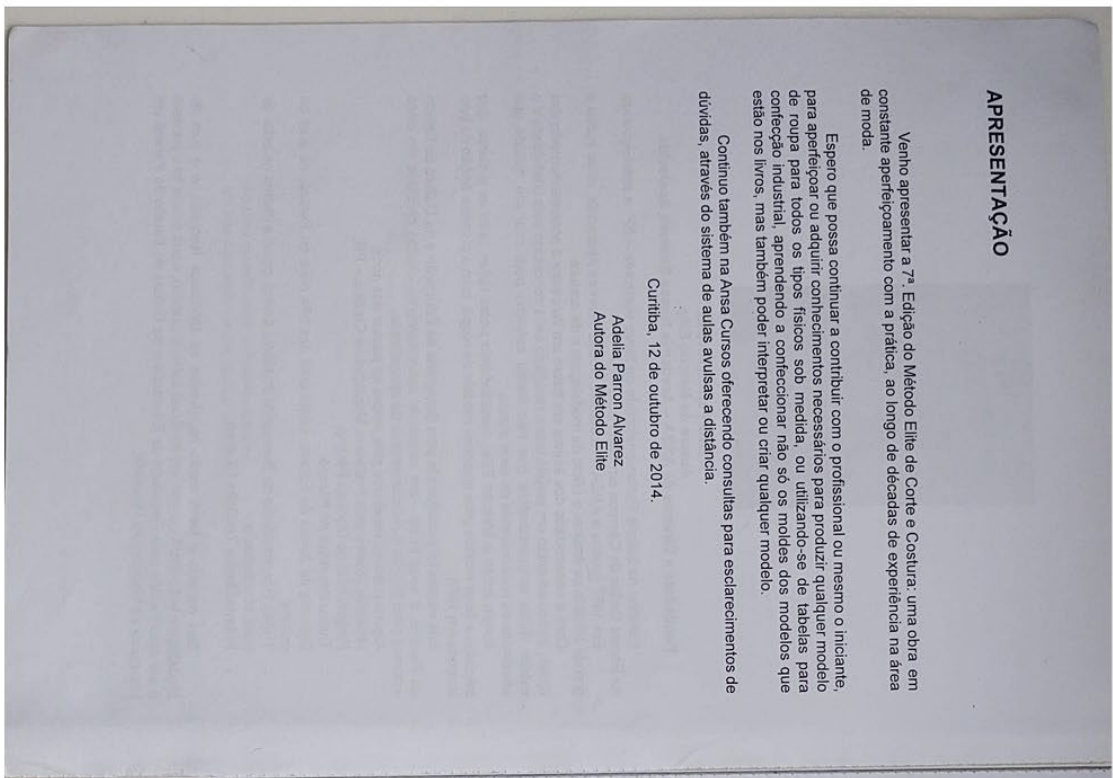
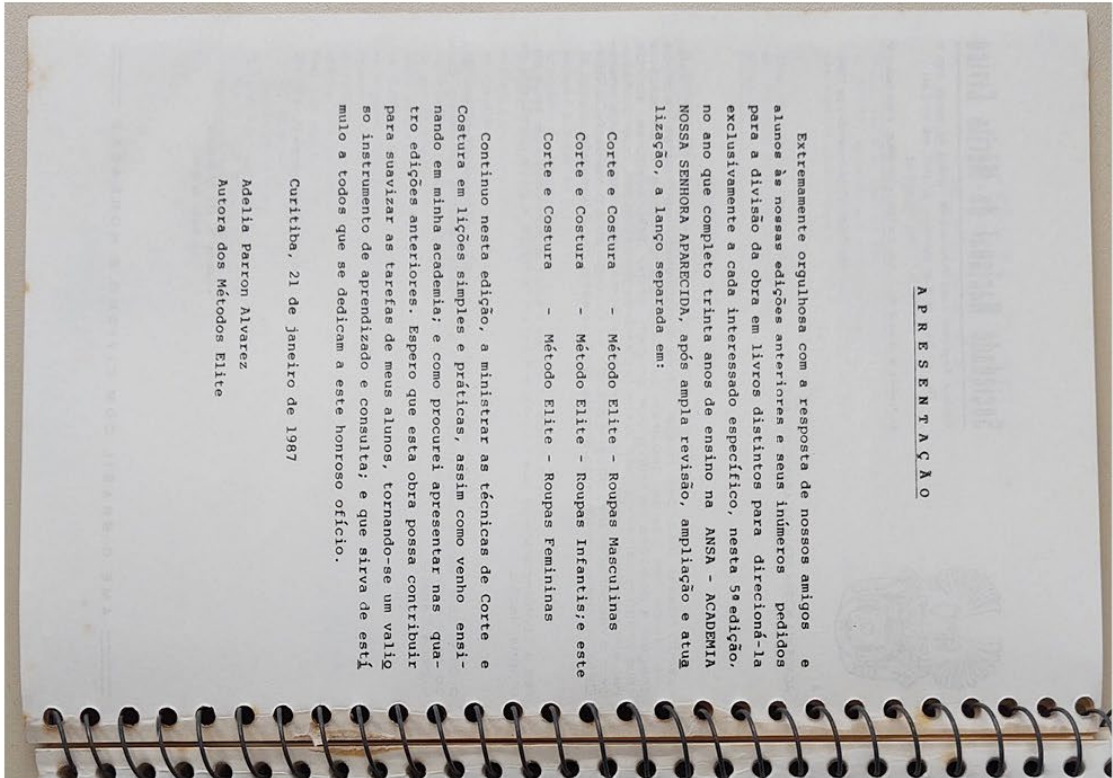
ANEXO E

Encerramento da segunda e quarta edições



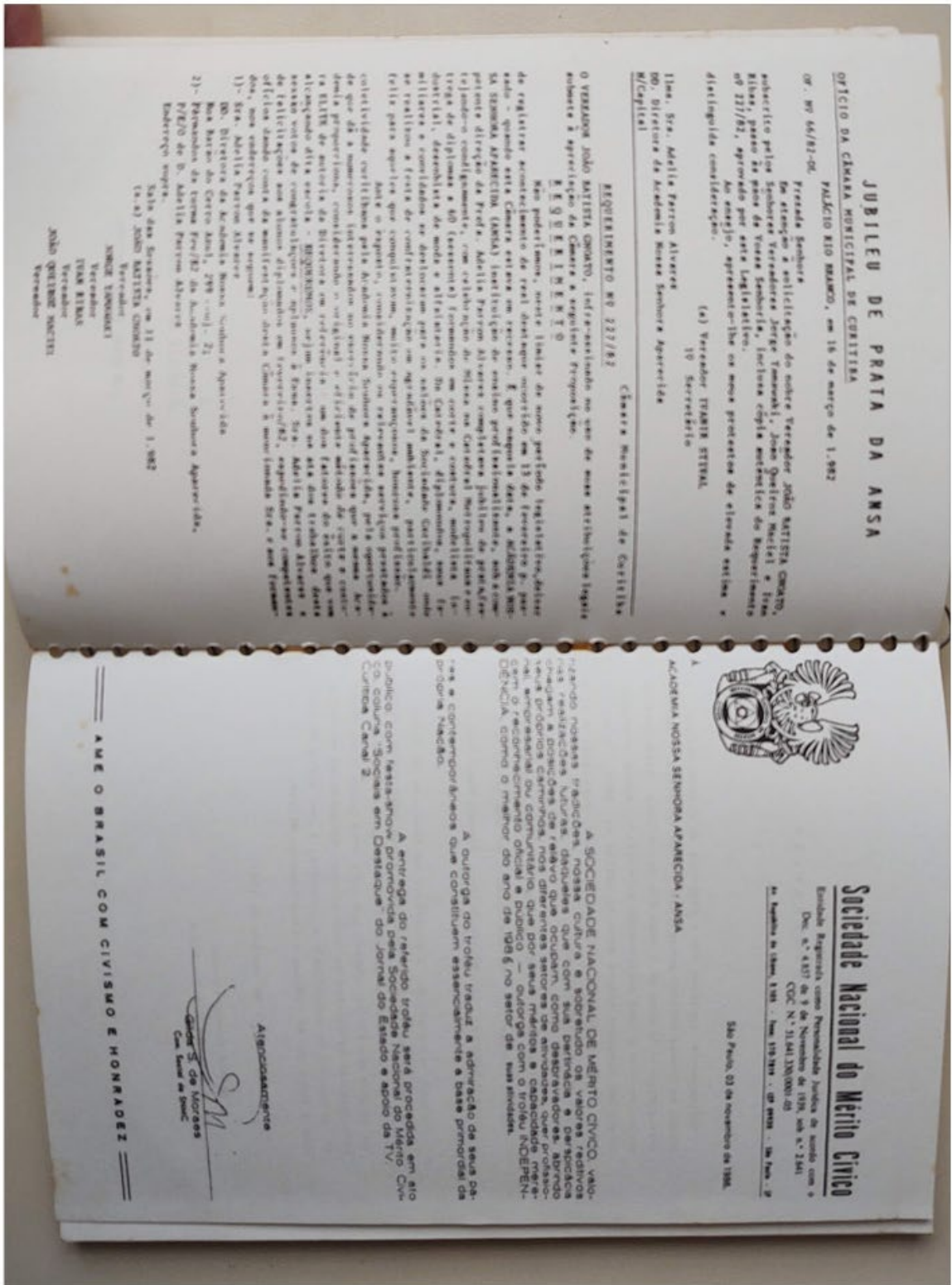
ANEXO F

Apresentações da quinta e sétima edições



ANEXO G

Documentos textuais da quinta edição



JUBILEU DE PRATA DA ANSA
OFÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA
PALESTRA EIO MALMÖ, em 16 de março de 1.982

Présida Senhora
 De atenção a solicitação do nobre Vereador João MATTEIA ORATO, subscrito pelas Senhoras Vereadoras Jorgete Tomazelli, Jozan Quintana Maciel e Izam Ribas, passu da pena de Vossa Senhoria, inclusa cópia autenticada do Requerimento nº 227/82, aprovado por este Legislativo.

Ao encargo, apresento-lhe os meus parabéns de elevada estima e distinguida consideração.

(a) Vereador THAMIR STEFAL
10 Secretário

Ilmo. Sr. Adalberto Ferron Alvarez
 DR. Diretor da Academia Nossa Senhora Aparecida
 R/Capital

REGULAMENTO Nº 227/82
Câmara Municipal de Curitiba

O VEREADOR JOÃO MATTEIA ORATO, infundando no uso de suas atribuições legais submete a aprovação da Câmara a seguinte Proposição:

F E Z E M O R T O

Nos entendemos, neste ínterim de novo período legislativo, julgar de regular reconhecimento de real destaque merecido em 13 de fevereiro p. passado, quando esta Câmara esteve em sessão. É que naquela data, a ACADEMIA NOSSA SENHORA APARECIDA (ANSA) instituição de ensino profissionalizante, sob a sã direção de Prof. Adalberto Ferron Alvarez, completava jubileu de pratas e conseqüentemente, com celebração de missas na Catedral Metropolitana e entrega de diplomas a 60 (sessenta) formandos em corte e coroa, medalhas honoríficas, demonstrativa de apreço e reconhecimento. Os Cardeais, diplomados, sem falta e com louros se destacaram por os alunos de São João Batista, onde se realizou a festa de confraternização no agruário municipal, participaram todos para aqueles que compoem o nome, muito oportuno, honroso e gratificante.

Neste o presente, considerando os relevantes serviços prestados a coletividade Curitiba pela Academia Nossa Senhora Aparecida, pela oportunidade que dá a numerosos integrantes do meio-fim de professores que a mesma Academia prepara, considerando o trabalho e esforços feitos de parte a parte e considerando dita escola - MENSURANDO, sejam lançadas as seguintes medidas de reconhecimento aos alunos diplomados em fevereiro/82, expedindo-se diplomas oficiais dando conta da menção em seus nomes e mencionada Sr. e sua família.

1) - Sr. Adalberto Ferron Alvarez
 DR. Diretor da Academia Nossa Senhora Aparecida

2) - Apresentação de termos Fv/82 da Academia Nossa Senhora Aparecida, Embargos supra.

Sala das Sessões, em 11 de março de 1.982

(a) Sr. JOÃO MATTEIA ORATO
 Vereador
 SIMONE TAVAREZI
 Vereador
 IVAN RIBAS
 Vereador
 JOÃO QUINTERO MACIEL
 Vereador



Sociedade Nacional do Mérito Cívico

Estabelecida como Personalidade Jurídica de acordo com o Dec. nº 4.537 de 9 de Novembro de 1956, sob nº 2.561
 CDEC Nº 21.641.230/000-20
 na Rua de São Paulo, 1141 - Fone 159.319 - CEP 05098 - São Paulo - SP

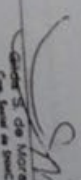
São Paulo, 03 de novembro de 1986.

ACADEMIA NOSSA SENHORA APARECIDA - ANSA

A SOCIEDADE NACIONAL DO MÉRITO CÍVICO, valorizando nossas raízes, nossa cultura e sobretudo os valores redimidos das realizações urbanas, daqueles que com sua dedicação e serviços prestados, em diferentes setores de atividades, quer profissionais, quer domésticas, em suas vidas e em suas famílias, tenham contribuído para o bem-estar da comunidade e do país, vem o reconhecimento oficial e público do Sr. João Batista ORATO, como o melhor do ano de 1986 no setor de sua indústria.

A outorga ao referido valde a adoração de seus pais e conterrâneos que constituem essencialmente a base primordial da grande Nação.

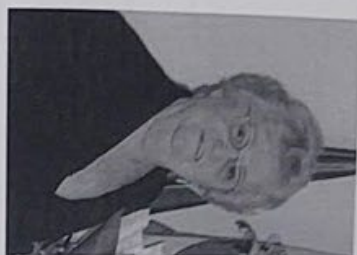
A entrega do referido troféu será procedida em ato público com festa honorífica promovida pela Sociedade Nacional do Mérito Cívico, com a "Sociedade em Destaque" do Jornal do Estado e apoio da TV-Curitiba Canal 2

Atenciosamente

 João de Moraes
 Com Honor e Poder

AME O BRASIL COM CIVISMO E HONRADEZ

ANEXO H

Apresentação de Adelia Parron na sétima edição



Adelia Parron Alvarez
Autora do Método Elite.
Fundadora e Diretora da ANSA – Academia Nossa Senhora Aparecida.

Estudou na Escola Profissionalizante de Novo Horizonte – SP, e aperfeiçoou-se na Escola Carlos de Campos em São Paulo – SP.

Em 1957 fundou a ANSA – Academia Nossa Senhora Aparecida, onde iniciou a grande jornada de ensinar o ofício da modelagem e da costura.

Com a necessidade dos alunos em terem um livro para o acompanhamento das lições, iniciou-se então um projeto que o resultado seria concebido pela criatividade e o estudo desta empreendedora que não mediu esforços para criar um método que atendesse as necessidades de seus alunos.

Surgiu então o Método Elite, caracterizado pelas lições práticas e claras, que ensinam a fazer moldes para qualquer modelo de roupa, com a primeira edição do livro lançada em 1965.

Sua escola foi reconhecida pela Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Paraná, e seus livros - em constante aprimoramento - estão divididos em cinco volumes para facilitar o direcionamento do aprendizado.

Alguns prêmios recebidos pela autora ao passar dos anos:

- Utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Curitiba – PR;
- Pergaminho de Ouro do Paraná;
- Troféu Imprensa do Paraná;
- Diploma do Jornal do Estado, como uma das três mais do Paraná, na área da cultura;
- Troféu Independência da Sociedade do Mérito Cívico, como a melhor no setor de suas atividades; e
- Prêmio Master Tradição 50 Anos.

Seu método e livros estão registrados na Biblioteca Nacional, e o livro de Modelagem Industrial foi o primeiro no Brasil sobre o assunto, e sua escola foi a primeira a ser reconhecida pela Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Paraná em seu curso de Modelagem Industrial.

Ao meu querido esposo Antonio Alvarez,
em seu descanso eterno, dedico este livro.